

**Nivia Ivette Núñez de la Paz**

# *Comunidade Canção Nova*

os novos tipos de evangelização na contemporaneidade





**Nivia Ivette Núñez de la Paz**

# **Comunidade Canção Nova**

**os novos tipos de evangelização na contemporaneidade**

**São Leopoldo**



© Editora Karywa – 2014

Rua Serafim Vargas, 66

São Leopoldo – RS

Cep: 93030-210

editorakarywa@gmail.com

editorakarywa.wordpress.com

**Conselho Editorial:**

Dra. Adriana Schmidt Dias (UFRGS – Brasil)

Dra. Cândida Graciela Chamorro (UFGD – Brasil)

Dr. Cristóbal Gnecco (Universidad del Cauca – Colômbia)

Dr. Eduardo Santos Neumann (UFRGS – Brasil)

Dr. Raúl Fornet-Betancourt (Aachen – Alemanha)

**Diagramação e arte-finalização:** Rogério Sávio Link

N575c Núñez de la Paz, Nivia Ivette.

Comunidade Canção Nova: os novos tipos de evangelização na contemporaneidade. [ebook] / Nivia Ivette Núñez de la Paz. São Leopoldo: Karywa, 2015.

16x23cm; 223 p.

ISBN: 978-85-68730-06-5

1. Canção Nova; 2. Eclesiologia; 3. Carismatismo católico; 4. Identidade; I. Nivia Ivette Núñez de la Paz.

CDD 260

## Sumário

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I. CANÇÃO NOVA: FENÔMENO RELIGIOSO- CARISMÁTICO-MIDIÁTICO.....	13
1. DO MUNDO PARA O BRASIL.....	13
1.1. <i>O mundo, berço da comunidade</i> .....	13
1.2. <i>O Brasil que gera</i> .....	15
1.3. <i>Contexto Eclesial: Protestante e católico</i> .....	18
1.4. <i>Renovação Carismática Católica</i> .....	21
2. COMUNIDADE CANÇÃO NOVA .....	26
2.1. <i>Um bispo, um retiro e documentos importantes</i> .....	26
2.2. <i>Padre Jonas Abib</i> .....	31
2.3. <i>A Canção Nova que nasce</i> .....	37
2.4. <i>Comunidade Canção Nova hoje</i> .....	40
3. DO BRASIL PARA O MUNDO.....	47
3.1. <i>Casas de missão da Canção Nova</i> .....	47
3.2. <i>Casas de missão no Brasil</i> .....	50
3.3. <i>Casas de missão no exterior</i> .....	51
3.4. <i>Um percurso diferente na evangelização?</i> .....	53
4. A MODO DE CONCLUSÃO.....	55
CAPÍTULO II. ENTRECruzAMENTO EVANGELIZAÇÃO- COMUNICAÇÃO .....	58
1. EVANGELIZAÇÃO .....	59
1.1. <i>Uma Nova Evangelização</i> .....	62
1.2. <i>Evangelização sob o prisma da contemporaneidade</i> .....	65
2. COMUNICAÇÃO .....	72
2.1. <i>Ciências da Comunicação</i> .....	74
2.2. <i>Estudos Culturais</i> .....	79
3. COMUNICAÇÃO RELIGIOSA .....	85
3.1. <i>As Igrejas, os meios e a evangelização</i> .....	88
3.2. <i>A mídia e a mídia católica</i> .....	94
4. ENTRECruzANDO EVANGELIZAÇÃO-COMUNICAÇÃO NA CANÇÃO NOVA ....	98
4.1. <i>Canção Nova e os meios</i> .....	99
4.2. <i>Canção Nova e os projetos de evangelização</i> .....	103
5. A MODO DE CONCLUSÃO.....	108

CAPÍTULO III. COMUNIDADE CANÇÃO NOVA: UM NOVO	
JEITO DE SER IGREJA? .....	112
1. IGREJA: CONSTATAÇÕES A PARTIR DA PLURALIDADE DE UM CONCEITO ....	112
1.1. <i>A teologia Católico-Romana e a Canção Nova</i> .....	117
1.2. <i>Canção Nova não é uma nova Igreja!</i> .....	127
2. GÊNERO: NOS MEIOS E NA IGREJA.....	129
2.1. <i>Gênero nos meios</i> .....	131
2.2. <i>Gênero na Canção Nova</i> .....	133
3. LITURGIA: OS MEIOS E A CANÇÃO NOVA!.....	136
3.1. <i>As missas na Tv Canção Nova</i> .....	142
3.2. <i>O discurso nos meios cançonovistas: Uma outra liturgia?</i> .....	146
4. IGREJA PNEUMÁTICA: O ESPÍRITO SANTO E A CANÇÃO NOVA .....	149
4.1. <i>O Espírito Santo e a igreja</i> .....	151
4.2. <i>Espírito Santo na Canção Nova</i> .....	154
5. A MODO DE CONCLUSÃO .....	157
CAPÍTULO IV. UM NOVO JEITO DE SER IGREJA: NOVOS JEITOS DE	
COMUNIDADE, NOVOS JEITOS DE FAMÍLIA, NOVOS	
JEITOS DE IDENTIDADES .....	159
1. CANÇÃO NOVA: CONSTATAÇÕES E DESCOBERTAS NA PESQUISA DE CAMPO. ....	159
1.1. <i>Cachoeira Paulista</i> .....	161
1.2. <i>Canção Nova</i> .....	164
2. CANÇÃO NOVA: UM NOVO JEITO DE SER IGREJA!.....	175
2.1. <i>Outras cinco histórias importantes</i> .....	179
2.2. <i>Igreja com novo jeito</i> .....	182
3. NOVOS JEITOS DE COMUNIDADE.....	184
3.1. <i>Sobre o conceito e outras apreciações...</i> .....	184
3.2. <i>Comunidade Canção Nova</i> .....	187
4. NOVOS JEITOS DE FAMÍLIA.....	189
4.1. <i>Sobre o conceito e outras apreciações...</i> .....	189
4.2. <i>Família Canção Nova</i> .....	193
5. NOVOS JEITOS DE IDENTIDADE .....	195
5.1. <i>Sobre o conceito e outras apreciações...</i> .....	195
5.2. <i>Identidade Canção Nova</i> .....	200
6. A MODO DE CONCLUSÃO .....	203
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
REFERÊNCIAS .....	212

## Índice das ilustrações

<i>Figura 1: Evolução da população urbana e rural no Brasil 1940-2000 .....</i>	<i>17</i>
<i>Figura 2: Foto do Padre Jonas Abib .....</i>	<i>32</i>
<i>Figura 3: Logotipo da Canção Nova .....</i>	<i>38</i>
<i>Figura 4: Logotipo comemorativo dos 25 anos do projeto Clube do Ouvinte.....</i>	<i>104</i>
<i>Figura 5: Logotipo do Projeto Daí-me Almas .....</i>	<i>105</i>
<i>Figura 6: Logotipo do Projeto Coração Solidário .....</i>	<i>105</i>
<i>Figura 7: Logotipo do Projeto Porta a Porta .....</i>	<i>106</i>
<i>Figura 8: Imagem ilustrativa do Projeto Companhia da Arte .....</i>	<i>106</i>
<i>Figura 9: Logotipo do Projeto Ser Canção Nova é Bom D+!.....</i>	<i>107</i>
<i>Figura 10: Foto dos padres celebrando .....</i>	<i>144</i>
<i>Figura 11: Foto dos fiéis se abençoando .....</i>	<i>145</i>
<i>Figura 12: Foto da adoração do Santíssimo.....</i>	<i>145</i>
<i>Figura 13: Foto do espaço litúrgico no Novo Rincão .....</i>	<i>146</i>
<i>Figura 14: Foto do Rincão do Meu Senhor (mistura o tradicional ao moderno) ...</i>	<i>146</i>

## Introdução

O contato com integrantes do PPG das Ciências da Comunicação da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS) fez surgir o interesse por esta investigação. Nos encontros do grupo, coordenados pelo professor Dr. Antonio Fausto Neto, estudantes de mestrado e doutorado apresentavam seus projetos de pesquisa para análise e, também, debatiam artigos ou livros que possuíam uma estreita relação com o tema Mídia e Religião. O fato de ter trabalhado na pesquisa de mestrado com referenciais teóricos das ciências da comunicação acentuou ainda mais minha curiosidade em relação às investigações que eles realizam.

Através delas, soube da existência da Comunidade Carismática Católica Canção Nova. Aqueceu o meu interesse investigativo, desde a teologia, o fato de ser uma comunidade de vida (católico-carismática) que, sem romper com a igreja tradicional, apresentava uma característica diferente: ser por excelência midiática. Tratava-se de uma Comunidade que nascia no Brasil (1978) e que possuía casas de missão espalhadas não só no país, mas também no exterior.

Inicialmente, quis fazer um estudo da Comunidade Canção Nova para investigar a relação entre a Revelação e a Comunicação, interesse que foi descartado ao perceber que Canção Nova tinha, como cerne, *a evangelização através dos meios de comunicação*. Logo após, quis entendê-la como fenômeno religioso carismático que emerge da mídia e gera uma “nova igreja”, no estilo das recentes igrejas neopentecostais também midiáticas. Ao fazer o levantamento histórico e analítico, constatei, no entanto, que tal hipótese não poderia ser sustentada. A Comunidade, mesmo sendo midiática por excelência, tem como embasamento e sustento a teologia Católica Romana, não podendo ser, assim, catalogada como uma nova Igreja.

Depois de um período de pesquisa bibliográfica extensa e, principalmente, com embasamento nas constatações da pesquisa de campo, percebi que, mesmo em se tratando da Igreja Católica, a Comunidade Canção Nova tinha características muito próprias. Não era uma comunidade de vida fechada em si; era um desenho diferente de comunidade, uma nova forma de ser católico-romano, de re-criar o catolicismo. Tratava-se, aparentemente, de um “Novo Jeito de Ser igreja”. Com tais constatações, a investigação foi direcionada para procurar argumentos que corroborassem com a seguinte suspeita: “Comunidade

Canção Nova: Um Novo Jeito de Ser Igreja a partir do entrecruzamento evangelização-comunicação”.

De maneira que a presente tese tem como objetivo principal demonstrar, a partir de argumentos que emergem do entrecruzamento Evangelização-Comunicação, que a *Comunidade Canção Nova* representa um “Novo Jeito de Ser Igreja” dentro do catolicismo romano. Os argumentos que denotam, balizam e sustentam tal afirmação são: os *novos jeitos de comunidades*, os *novos jeitos de famílias* e os *novos jeitos de identidades* que convivem nesse fenômeno religioso-carismático-midiático. Esses argumentos afloraram da pesquisa do cotidiano da Comunidade, especificamente do entrecruzamento contínuo e único entre evangelização e comunicação. Com essa demonstração, propõe-se intencionalmente que, na atualidade, o entrecruzamento Evangelização-Comunicação representa um fator importante para manter a igreja “em movimento”, em sintonia com seu tempo.

A estrutura, composta de quatro capítulos, reflete o percurso investigativo seguido na pesquisa. Apresentando a gestação, o surgimento e posterior desenvolvimento da Comunidade como um trajeto no qual o contexto desempenha um papel determinante, o primeiro capítulo realiza o levantamento histórico. Corrobora, ademais, que Canção Nova representa um fenômeno religioso, carismático e midiático novo na contemporaneidade. Fenômeno religioso que surge inspirado por uma Renovação Carismática Católica incipiente que provinha dos Estados Unidos. Fenômeno religioso que se desenvolve no Brasil e que sai para “evangelizar” em outros países, especificamente, do Hemisfério Norte. Ancorado nessas constatações, surge a interrogação: tal fenômeno poderia ser considerado uma nova igreja?

O segundo capítulo procura responder essa questão apoiando-se no estudo do entrecruzamento evangelização-comunicação que caracteriza a Comunidade. Um amplo levantamento do conceito evangelização e suas diferentes compreensões, assim como também, do conceito comunicação tendo como eixo as Ciências da Comunicação, foram necessários para entender e apreender melhor como se dá essa inter-relação entre comunicação e evangelização na Canção Nova.

No terceiro capítulo, embasado na pesquisa bibliográfica, quis demonstrar que o entrecruzamento gera “um novo jeito de ser igreja” e não uma nova igreja. Dessa forma, trabalhou-se com alguns elementos que emergiram da própria investigação e poderiam definir esse novo jeito, a saber, o *gênero*, a *liturgia* e a *ênfases pneumatológica*. No entanto, reconheceu-se que tais elementos não conferiam uma peculiaridade à Comunidade.

O quarto capítulo, ao narrar parte das observações da pesquisa de campo e fazer uma análise dos dados à luz das bibliografias antes trabalhadas, chega à conclusão de que Canção Nova representa “um novo jeito de ser igreja” em função da dinâmica com que constrói e recria “comunidades”, da forma com que fomenta e vivencia o convívio “familiar” e da singularidade e criatividade com que define sua “identidade”. “Identidade” que, misturada aos distintos tipos de “comunidades” e as diversas formas de “família” encontradas, estaria emergindo do entrecruzamento Evangelização-Comunicação.

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho esteve dividida fundamentalmente em três pontos: 1) *seleção de informações e narrativas religiosas* contidas na literatura cançonovista (incluindo materiais audiovisuais); 2) *Observações participantes* na sede da Canção Nova na cidade de Cachoeira Paulista e em casas de pessoas católicas sócio-colaboradoras da Comunidade, dando especial atenção ao cotidiano nessas realidades; 3) *Análise dos dados*, tendo como embasamento teórico-analítico a literatura das ciências sociais, da antropologia, da história e da teologia que, de maneira particular, em função do objeto, ficou mais circunscrita à produção da Igreja Católica Romana.

A Comunidade Canção Nova nasceu no Brasil em 1978, no seio da Igreja Católica Romana. Fundada pelo padre Jonas Abib, teve como objetivo principal, desde seus inícios, a evangelização através dos meios de comunicação social. A sede encontra-se situada em Cachoeira Paulista. Entre membros e sócios, somam ao todo 600 mil pessoas como integrantes da comunidade. Reconhecida como a precursora das Comunidades de Vida no Brasil, mantém, até hoje, a característica de “viverem homens e mulheres juntos”, característica que é um marco distintivo na história do catolicismo.

Além da sede, Canção Nova administra 24 casas filiais de missão, distribuídas em 13 estados do Brasil, assim como também fora do território brasileiro, em Portugal, Estados Unidos, Israel, França e Itália. As Casas de Missão constituem os centros por excelência para a evangelização. Nessas casas são implementados programas e projetos de evangelização similares àqueles que a Comunidade mantém na sede ao longo de todo o ano.

Com efeito, a evangelização na Canção Nova se dá por meio do complexo sistema comunicacional que possui. Para a manutenção da evangelização através dos meios de comunicação cançonovistas, os sócios ativos contribuem, em média, com quinze reais por mês. Esse dinheiro é aplicado na difusão dos programas transmitidos a partir da sede. Canção Nova tem hoje 27 rádios AM, FM e SW, operando, também, via satélite, 24 horas por dia, para todo o Brasil. A Rádio Canção Nova é uma das

principais da Rede Católica de Rádio e geradora de programação para 191 emissoras.

Cachoeira Paulista tem se transformado num dos lugares mais importantes de peregrinação católica no país. O município chega a abrigar, em datas comemorativas religiosas ou retiros espirituais, mais de setenta mil fiéis. Pelo fato de que nem todas as pessoas conseguem ficar alojadas na sede, muitas casas particulares da região têm sido convertidas em pousadas, oferecendo serviços durante os dias de eventos. Isso, logicamente, gera uma renda extra no orçamento familiar e movimentada, em certa medida, a economia da cidade. Pode-se afirmar que, na última década, Canção Nova tem se tornado um fenômeno de comunicação de massas. O desenvolvimento dessa comunidade é oposto, em proporção, ao comportamento do crescimento da religião católica romana no Brasil. Segundo dados do IBGE, entre 1991 e 2000, os católicos passaram de 83% para 73% do total da população brasileira. No entanto, os Católicos Carismáticos superam a cifra de 15% que é o total de protestantes.

Sem dúvida, estamos na presença de um fenômeno religioso-carismático-midiático. Fenômeno que nasce no Brasil, mas que emerge da inspiração de uma Renovação Carismática Católica que chega procedente do Hemisfério Norte (Estados Unidos). Fenômeno, também, que, partindo da experiência no Brasil, sai para “evangelizar”, precisamente, esse Hemisfério Norte (Portugal, Itália, Estados Unidos, Israel, França). Tal percurso torna-se factível pela utilização aguçada dos meios de comunicação.

Um conceito chave na investigação foi o Cotidiano. Com o intuito de compreendê-lo e apreendê-lo tomamos como embasamento as definições das autoras Ivone Gebara e Maria Odília Leite da Silva Dias. Gebara<sup>1</sup> entende Cotidiano como: o “combate” para viver diariamente, para encontrar trabalho, encontrar o que cozinhar, lugar onde se trocam gestos de amor. Seria o que se conhece como o mundo doméstico, o mundo das relações breves, da rotina, dos hábitos de cada dia. O espaço da família, filhos, vizinhos e as relações que dentre eles vão se tecendo. Nossas histórias pessoais, nossos sentimentos, nossas reações ante o rádio e a tevê. Leite da Silva Dias<sup>2</sup>, por sua vez, descreve cotidiano como categoria que escapa ao normativo, ao prescrito, ao institucional, sinalizando mais o

---

<sup>1</sup> Cf. GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Ort. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121s.

<sup>2</sup> Cf. DIAS, Maria Odília Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: Uma hermenêutica das diferenças. *Estudos Feministas*. n. 2, Rio de Janeiro, 1994. p.375.

vivido, o ponderável, aquilo “não dito”. Na nossa pesquisa, tomamos Cotidiano como categoria de análise porque permite fazer uma “epistemologia do cotidiano” ou, como Gebara o denomina, “epistemologia da vida ordinária”. Uma epistemologia que permite, segundo a autora, encontrar o lugar “ordinário” da Teologia, o lugar da experiência humana, o lugar no qual se celebra a vida e onde se estabelecem as mais diversas relações com o sagrado. O lugar originário da Teologia antes mesmo dela ser assim nomeada.

Especialmente nas últimas quatro décadas, tem-se discutido muito sobre os conceitos Evangelização e Comunicação, ambos centrais na nossa pesquisa: No caso da *evangelização*, pelo fantasma da secularização que, enganosamente, perpassou o discurso teológico desse período; já a *comunicação*, pelo papel preponderante que os meios de comunicação têm assumido na contemporaneidade.

Alguns autores, como veremos no desenvolvimento do trabalho, utilizam os termos *evangelização* e *missão* como se tivessem significado igual. Outros, por sua vez, os percebem diferentes, ainda que inter-relacionados. Como ferramenta investigativa, opta-se pela posição daqueles que situam a evangelização como parte essencial da missão, mas compreendem a missão como uma esfera muito mais ampla. Tal opção investigativa parte da compreensão que, como autora, tenho sobre missão e evangelização; é a partir dela que se tenciona a evangelização no cotidiano da Comunidade Canção Nova. Optar pelo conceito “Evangelização” e fazer uso dessa terminologia, também, foi uma eleição fundamentada no objeto pesquisado.

A comunicação social constitui um tema relevante no mundo contemporâneo; mais do que nunca, ela envolve o mundo todo. Especialmente nos *Estudos Culturais* – apresentados na década de 1960, pela Escola de Birmingham, na Inglaterra – o processo comunicacional é observado de forma mais ampla e complexa, procurando ser compreendido com base na cultura, ao mesmo tempo em que estabelece uma ruptura com o que se entendia por comunicação mediatizada. Mais que um processo ideológico ou de dominação, como percebiam as teorias anteriores, os Estudos Culturais abordavam a comunicação como um processo embasado na negociação, na qual os receptores não são mais tidos como objetos e sim como sujeitos. Na pesquisa, optou-se pelo referencial teórico dos Estudos Culturais por entender e compreender a comunicação como processo e não de maneira linear. Nesse processo, além do emissor, do meio e do receptor, há múltiplas mediações interagindo. Essas mediações são chaves para nos aproximar da compreensão dos

sentidos construídos pelas pessoas. Na comunicação como processo, a cultura tem um papel fundamental.

O período de análise escolhido para o recorte investigativo vai desde as décadas de 1960 e 1970 até fevereiro de 2008. Nesta última data, em que a Comunidade comemorou seus 30 anos com o lema “Ser Canção Nova é bom demais....!”<sup>3</sup>, congregaram-se milhares de pessoas na sede para celebrar o acontecimento, patentear seu vínculo com a proposta cançonovista e se somar à nova campanha lançada, qual seja, fazer a “revolução” da evangelização e formar parte do “exército de evangelizadores”!

Na tese, há uma diferença que deve ser destacada aqui quando se fala em *Comunidade Canção Nova* ou quando aparece somente *Canção Nova*. Cada uma delas é usada em correspondência com aquilo que se quer transmitir. *Canção Nova* alude ao fenômeno religioso em si, o que é dito para fazer referência a uma realidade que assim se nomeia. Enquanto que *Comunidade Canção Nova* sinaliza mais o que acontece, o que se vivencia, o que foi criado pela própria Canção Nova. Também foi uma opção, nesta pesquisa, fazer sempre alusão ao fundador da Comunidade como padre e não como monsenhor. Tal escolha se fundamenta no fato de que, na maior parte do período pesquisado, assim ele era nomeado; é só no final do ano 2007 que o título de monsenhor lhe foi outorgado.

Uma outra escolha diz respeito ao uso da terminologia “meios de comunicação social” e não “meios de comunicação de massa”. Isso é decorrência, em primeiro lugar, do próprio objeto pesquisado. Meios de Comunicação Social é a terminologia que adota a igreja católica para se afastar do vocábulo “massas” que era, comumente, atribuído aos movimentos de esquerda; movimentos que faziam uma crítica contundente aos meios de comunicação. Em segundo lugar, a escolha foi embasada na compreensão da comunicação como processo, no qual o termo social se encaixa mais com a ideia de um “receptor sujeito”, enquanto que, “na massa”, se perderia, ele deixaria de ser sujeito.

Neste trabalho, a expressão “um novo jeito de ser igreja”, que surgiu para fazer alusão às mudanças que as Comunidades Eclesiais de Base proporcionavam na vida eclesial, é retomada com sentido similar, só que denotando mudanças em direção a uma realidade diferente. O objetivo de demonstrar que a Comunidade Canção Nova representa um novo jeito de ser igreja dentro do catolicismo de nenhuma maneira invalida ou questiona o “novo jeito” das Comunidades Eclesiais de Base. O interesse é,

---

<sup>3</sup> Algumas vezes, é utilizada essa formulação.

precisamente, destacar “os novos jeitos”, esse plural que convive sob o guarda-chuva institucional católico, aparentemente muito bem arranjado.

É importante salientar ainda que a presente investigação não está ancorada na procura de o que os textos midiáticos cançonovistas *dizem* e *sim como* fazem para dizer o que dizem. Deve-se ressaltar, além disso, que foi uma opção intercalar, mesmo que a tese tenha sido escrita, dependendo do contexto, na terceira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural, alguns itens também na primeira pessoa do singular. Isso se fez quando a narração era muito pessoal como no caso do envolvimento com o grupo de pesquisa da UNISINOS e, principalmente, nas vivências da pesquisa de campo.

Não se pretende, com a tese, fazer apologia da Comunidade Canção Nova, dizer que esse seria “o” modelo que “as igrejas devem seguir” ou que “dessa forma daria certo” na eclesiologia contemporânea. No entanto, quer se destacar, sim, um fenômeno religioso que é importante e representativo dentro do catolicismo atual. Quer se destacar um fenômeno religioso que, no intuito de “evangelizar”, busca ininterruptamente a “renovação”. Quer se destacar um fenômeno religioso que, ao fazer uso dos meios de comunicação e, principalmente, pela forma como trabalham com esses meios, marca uma distinção na história do cristianismo. Quer se destacar um fenômeno religioso que, de maneira *sui generis*, constitui Um Novo Jeito de Ser Igreja.

O vento sopra onde quer, e ouve-se o barulho que faz, mas não se sabe de onde vem nem para onde vai. O mesmo acontece com todos os que nascem do Espírito.

(João 3.8)

# Capítulo I. Canção Nova: Fenômeno Religioso-Carismático-Midiático

## 1. Do mundo para o Brasil

### 1.1. O mundo, berço da comunidade

O início da segunda metade do século XX desvendava um mundo dividido entre capitalismo e socialismo. Era o mundo bipolar que vivia sob o planejamento e execução do que se conheceu como Guerra Fria. Essa guerra tinha como paradigma central, mais enfaticamente, não a questão militar, nem a questão política ou econômica, antes foi uma batalha pela mente dos seres humanos, uma batalha de ideias.

Tratava-se de uma guerra “justa”, na qual podiam ser utilizados todos os meios, inclusive o que se conheceu como “a mentira necessária”<sup>1</sup>. Justificavam-se os atos, por mais inumanos que fossem, com “estar preparados” pelo perigo palpável que representava o lado contrário. As superpotências – Estados Unidos da América (EUA) e a União de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – assim como os demais governos aliados, de ambas partes, converteram a casa de todos num campo de batalha sem tréguas. Immanuel Wallerstein observa que essa antinomia, “wilsoniana versus leninismo”, teria nascido já em 1917 com a revolução russa. Os dois lados disputavam “quem controlaria os processos políticos na periferia do sistema mundial”<sup>2</sup>.

Especificamente a década de 1960 foi marcada por profunda efervescência social, política e cultural no mundo todo. Movimentos estudantis, movimentos de reivindicação dos direitos civis, movimentos de lutas feministas, movimentos de combate à segregação racial, movimentos pacifistas, entre muitos outros se desenvolveram nesse período. Nos apontamentos de Daniel A. Reis Filho,

O planeta tornava-se uma *aldeia global*: os tiros dos soldados norte-americanos nas selvas do Vietnã escoavam nas salas de jantar das cidades brasileiras [pela televisão], assim como as mulheres norte-

---

<sup>1</sup> SAUNDERS, Frances Stonor. *La CIA y la Guerra Fría Cultural*. Ciudad de la Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2003. p. ix.

<sup>2</sup> Cf. WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo*: Em busca da reconstrução do mundo. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 23, 117.

americanas queimando sutiã, e os negros queimando cidades, e os protestos dos estudantes franceses contra a repressão sexual, e as pernas das garotas londrinas com suas mini-saias, o os Beatles cabeludos com sua irreverência (...) e os guardinhas vermelhos (...) agitando o livrinho vermelho do grande timoneiro. Eram barricadas por toda parte: de tijolos e ideias, de sonhos, e propostas de aventuras, exprimindo um mal-estar difuso, mas palpável como a utopia quando ela parece ao alcance da mão.<sup>3</sup>

Especialmente na América Latina, os anos precedentes e subseqüentes a 1970 foram muito conturbados. Implantação de governos ditatoriais e com eles repressão, exclusão, perseguição, tortura e morte, que unidos à pobreza, miséria e desemprego já existentes no “pátio do mundo”, constituíram o cotidiano<sup>4</sup> latino-americano. Essa situação foi defendida a partir da ideologia do progresso. Dizia-se que, para haver progressos nos países latino-americanos, seria necessário haver um cerceamento das liberdades. Contrapondo essa ideia, alguns intelectuais afirmam que o sistema capitalista acentuou as diferenças sociais. Para Wallerstein, por exemplo, as condições de vida no século XX seriam piores do que a 500 anos atrás<sup>5</sup>. No entanto, ao mesmo tempo, manifestaram-se e consolidaram-se, nos diversos países, movimentos de libertação e reivindicação que fizeram a denúncia e o contraponto a tais situações sociais<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. 1968, o curto ano de todos os desejos. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, V. 10, N<sup>o</sup> 2, p. 25-35, outubro de 1998. p. 31.

<sup>4</sup> Entende-se Cotidiano como sendo “o combate para viver hoje, para encontrar trabalho, para ter o que cozinhar, (...) para trocar gestos de amor, para encontrar um sentido imediato para a vida. O cotidiano é o mundo doméstico, o mundo das relações breves, das relações mais diretas, que são, às vezes, capazes de mudar as relações mais amplas. (...) é a rotina, os hábitos de cada dia, a família, os filhos, os vizinhos do bairro, tudo isso que faz parte da trama mais imediata de nossa vida. (...) O cotidiano são nossas histórias pessoais, nossos sentimentos diante dos acontecimentos, nossas reações diante do noticiário da rádio ou da televisão, ou ainda nossas reações perante os múltiplos problemas da atualidade. É neste meio particular que nascemos, que sofremos, amamos e morremos. (...) aparece como um lugar em que a história se faz e onde as mais variadas formas de opressão e de produção do mal se manifestam sem serem suficientemente reconhecidas”. GEBARA, 2000, p. 121s. “O estudo do cotidiano nas sociedades em transformação, ao resvalar por experiências de vida, escapa ao normativo, ao institucional, ao dito, ao prescrito e aponta para o vir a ser, para papéis informais, para o provisório e o improvisado, em geral para o vivido, o concreto, o imponderável e o não-dito, sobre tudo quando confrontado com regras, valores herdados e papéis prescritos”. DIAS, 1994, p. 375.

<sup>5</sup> Cf. WALLERSTEIN, Immanuel. *O capitalismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 83ss.

<sup>6</sup> Com linguagem novelesca e não por isso menos profunda e detalhada, Eduardo Galeano, nos presenteou com *Las venas abiertas de América Latina*, livro que retrata cruamente a situação

Gustavo Gutierrez referindo-se a esse período afirma:

A realidade latino-americana começa a aparecer em toda sua crueza. Não se trata unicamente – nem primordialmente – de um baixo índice cultural, de uma atividade econômica restrita, de uma ordem legal deficiente, de limites ou carências de instituições políticas. Trata-se, isto sim, de um estado de coisas que não leva em conta as mais elementares exigências da dignidade do homem [ser humano]: sua própria subsistência biológica e seus direitos primordiais como ser livre e responsável. A miséria, a injustiça, a situação de alienação e exploração do homem pelo homem (...).<sup>7</sup>

Um mundo em plena ebulição e um continente latino-americano governamentalmente servil, ao mesmo tempo que manipulado pelo desejo de conquista das superpotências, foi o chão em que, de certa forma, fecundou-se o projeto Canção Nova. Vejamos, na continuação, como era o cotidiano no país que lhe viu nascer. A grandes rasgos, resgataremos suas características.

### **1.2. O Brasil que gera**

O Brasil, submerso desde 1964 num regime de ditadura militar<sup>8</sup>, vive na década de 1970 um convulsivo tempo de conspiração, clandestinidade, manifestações e lutas. Realidade esta que decorre dos acontecimentos vivenciados, principalmente, no ano de 1968<sup>9</sup>. Nesse ano, o governo militar, como resposta e neutralização ao cotidiano latente, suspendeu todas as garantias constitucionais por meio do que denominou Ato

---

neste período. Galeano asseverou que o subdesenvolvimento da América Latina foi produto direto do desenvolvimento dos países ricos e que eles intervieram, quando necessário, para garantir essa relação. Cf. GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América latina*. Ciudad de la Habana: Editorial Casa de las Américas. 2000. p. 484-488.

<sup>7</sup> GUTIERREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes. 1984. p. 45

<sup>8</sup> A ditadura militar no Brasil – não sendo das mais cruéis, se comparadas com as instituídas nos países vizinhos, como Argentina, por exemplo – “reunia a espada, a cruz, a propriedade e o dinheiro. E o medo, um medo muito grande, de que gentes indistintas pudessem cobrar força e virar o país de ponta-cabeça (...)”. REIS FILHO, 1998, p. 26.

<sup>9</sup> O ano de 1968 constituiu, tanto no Brasil quanto no mundo, um ano marcante em todo sentido, seja pela explosão das forças reprimidas durante os anos que lhe antecedem e, com isso, estaríamos na presença do fechamento de um ciclo histórico, seja na gestação de novos sonhos, idéias, atos que se misturam e salpicam até nossos dias, no cotidiano. Para maiores informações sobre o referido ano, indica-se a leitura dos diversos artigos que compõem a coletânea publicada em 1998 a qual contem vários artigos que trabalham desde diferentes perspectivas os acontecimentos vividos durante esse ano. Cf. *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, V. 10, N<sup>o</sup> 2, outubro de 1998.

Institucional No 5 (AI-5)<sup>10</sup>. Assim como cada efeito tem sua causa, não há causa sem efeito, mesmo que, por vezes, esse efeito seja muito diferente do esperado ou almejado. A posição e oposição de trabalhadores, sindicalistas, operários, estudantes, intelectuais no campo político, econômico, social e eclesial veio confirmar que tal situação seria insustentável por muito mais tempo.

Na primeira metade da década de 1970, o país experimentou um crescimento econômico de grande magnitude conhecido como o “milagre brasileiro”<sup>11</sup>. Esse crescimento decorreu da acumulação do capital nas mãos de poucos em detrimento de muitos e foi a causa de diversos conflitos e protestos que serviram para uma reorganização de trabalhadores rurais e urbanos. O crescimento foi sucedido por uma recessão inflacionária que atingiu principalmente a classe média e os setores populares<sup>12</sup>. Francisco Carlos Teixeira da Silva afirma que

Embora levando o país a um crescimento econômico próximo aos 10% ao ano, com o desenvolvimento de um vasto parque industrial, o regime militar não conseguiu, bem pelo contrário, diminuir as injustiças sociais. Tratava-se de um processo de concentração econômica que prenunciava uma crise social bem mais ampla.<sup>13</sup>

Nesta época, a maior parte da população brasileira passou a ser urbana, como pode ser observado no gráfico abaixo. Isso foi produto de uma política governista que expulsou os pequenos proprietários de suas terras e os obrigou a migrar, compondo mão-de-obra barata nas grandes cidades<sup>14</sup>. Cidades que, por sua vez, cresceram desordenadamente por não

---

<sup>10</sup> Para informações sobre AI-5, cf. ANDRADE, Regis de Castro. Trabalho e Sindicalismo: memória dos 30 anos do movimento de Osasco (entrevista). *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, V. 10, N° 2, outubro de 1998. p. 37-49.

<sup>11</sup> Cf. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. A democratização autoritária: do golpe militar à redemocratização 1964/1984. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História geral do Brasil*. 9 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990. p. 363.

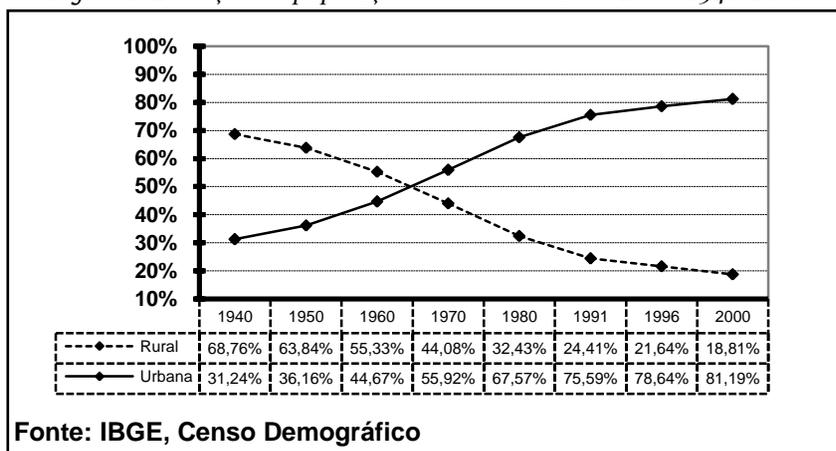
<sup>12</sup> Cf. DREHER, Martin. *A igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 213.

<sup>13</sup> SILVA, 1990, p. 374.

<sup>14</sup> Para ter uma visão mais ampla sobre o tema da inversão que acontece entre a população urbana e rural no Brasil, especificamente finais da década de 1960 e inícios de 1970, onde se inicia a diminuição da população rural ao mesmo tempo em que se observa um crescimento acelerado da população urbana, cf. LINK, Rogério Sávio. *Luteranos em Rondônia: O processo migratório e o acompanhamento da Igreja de Confissão Luterana no Brasil (1967-1987)*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 40-43. O gráfico, por sua vez, foi tirado da tese do mesmo autor. Cf. LINK, Rogério Sávio. *Especialistas na Migração: Luteranos na Amazônia, o processo migratório e a formação do Sínodo da Amazônia 1967-1997*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Faculdades EST/PPG, 2008. p. 103.

comportar uma estrutura adequada para receber tamanho fluxo migratório. Tal situação redundou numa serie de calamidades em todos os níveis, desde o social, institucional até o pessoal.

Figura 1: Evolução da população urbana e rural no Brasil 1940-2000



Galeano desnuda a situação brasileira com a seguinte frase: “[...] Brasil había continuado siendo un país donde cada día quedan cien obreros lisiados por accidentes de trabajo y donde, cada diez niños, cuatro nacen obligados a convertirse en mendigos, ladrones o magos”<sup>15</sup>. Triste e cruel realidade para um país abençoado pela natureza, que possuiria todo o necessário para oferecer uma vida digna à totalidade de seus habitantes.

E as Igrejas? Qual a posição das igrejas perante esses acontecimentos no solo brasileiro? As Igrejas protestantes, conforme sua pluralidade, mantiveram atitudes contraditórias, não só entre as diferentes denominações, mas também internamente<sup>16</sup>, mostraram-se, em alguns momentos, complacentes e em outros, assumiram uma oposição radical. No âmbito católico, especificamente, acontece uma reviravolta nos púlpitos. A “Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que abençoara a instauração da ditadura, denunciava cada vez mais seus excessos. Inspirando-se no processo de atualização da Igreja (...) uma corrente *progressista* destacou-se, apoiando e dando abrigo a estudantes e

<sup>15</sup> “[...] Brasil continua sendo um país no qual a cada dia cem obreiros ficam aleijados por acidentes de trabalho e onde, de cada dez crianças, quatro nascem obrigadas a converter-se em mendigos, ladrões ou magos”. GALEANO, 2000, p. 476.

<sup>16</sup> Para ter uma idéia da postura assumida pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), pode ser lida a tese Rogério Link. Cf. LINK, 2008. p. 262ss.

intelectuais”<sup>17</sup>. A seguir nos ocuparemos mais detalhadamente desses contextos eclesiais, não só no Brasil senão também na América como um todo.

### **1.3. Contexto Eclesial: Protestante e católico**

É referindo-se ao âmbito religioso das décadas de 1960 e 1970 que o historiador Martin Dreher declara:

(...) nota-se uma acelerada mutação no campo religioso latino-americano. Em determinadas regiões, o catolicismo antes hegemônico passou a representar menos da metade da população. Verdade é também que a mutação religiosa verificada não deve ser creditada exclusivamente ao pentecostalismo. Grupos religiosos paracristãos (mórmons, testemunhas de Jeová), sincretistas, africanos e milenaristas, de origem oriental, novos e antigos esoterismos também se fazem presentes, disputando o mercado religioso. (...) desde a década de 1960, pode-se verificar no pentecostalismo a renovação da religião popular. (...) O pentecostalismo é, na América latina, em realidade, um catolicismo popular de substituição (...) [Nele] o povo simples reconhece que sua religião foi relegada pela romanização católica e pelo protestantismo histórico.<sup>18</sup>

O pentecostalismo apresentou um extraordinário crescimento na década de 1960. Seu crescimento está associado com as profundas mudanças sociais que o povo latino-americano enfrentava<sup>19</sup>. Na década de 1970, iniciou-se uma nova série de campanhas de evangelização, principalmente por iniciativa norte-americana. Essas campanhas tinham uma clara mensagem ideológica: a conversão é a alternativa contra o comunismo<sup>20</sup>.

O movimento evangelical (Aliança Evangélica Mundial, 1923) e o movimento ecumênico (Conselho Mundial de Igrejas, 1948), segundo Luiz Longuini Neto, articularam, também na década de 1960, uma proposta de renovação da eclesiologia da América Latina. Isso se deu no campo da relação entre igreja e sociedade levando ao redimensionamento do conceito e da prática missiológica-pastoral das igrejas protestantes. Para

---

<sup>17</sup> REIS FILHO, 1998, p. 32s.

<sup>18</sup> DREHER, 1999, p. 198.

<sup>19</sup> Cf. DROOGERS, Andrés. Visiones paradógicas sobre uma religião paradógica: modelos explicativos Del pentecostalismo em Brasil y Chile. In: BOUNDEWIJNSE, B.; DROOGERS, A.; KAMSTEEG, F. (Ed.). *Algo más que ópío: una lectura antropológica del pentecostalismo Latinoamericano y caribeño*. San José: DEL, 1991. p. 19s.

<sup>20</sup> Cf. DROOGERS, 1991, p. 21ss.

tal, o movimento ecumênico articulou suas propostas com o termo “pastoral”, terminologia rechaçada pelos evangélicos que optaram pelo termo “missão”. Interessante perceber que Longuini Neto, ao analisar o movimento ecumênico, trabalha desde os paradigmas de *cooperação, desenvolvimento, revolução, ecumenismo, liberação e solidariedade*, enquanto que o movimento evangélico ele analisa a partir dos paradigmas *evangelização, fundamentalismo e conscientização*<sup>21</sup>. Fica conotada, dessa forma, a polarização em que comumente eram percebidos e emoldurados ambos movimentos.

Vários congressos evangélicos foram celebrados neste período. A nível mundial, pode-se citar: Congresso sobre Missão Mundial (Wheaton-1966); Congresso Mundial de Evangelização (Berlín-1966) e o Congresso de Evangelização Mundial (Lausane-1974). Especificamente na América Latina: CLADE I (Bogotá-1969) e CLADE II (Lima-1979). Todos eles manifestam o interesse na importância da evangelização para as igrejas cristãs.

Da parte dos católicos, temos o Concílio Vaticano II, convocado no dia 25 de dezembro de 1961 e conhecido também como *Aggionamento católico*, que realizou-se em Roma de 1962 a 1965. Esse acontecimento, considerado o maior da Igreja Católica no século XX, promoveu uma série de reformas estruturais, teológicas e organizacionais que perpassaram a instituição, *ecclesia*, como um todo. Entre as principais, encontram-se a reforma interna da Igreja Católica Romana, a união das Igrejas Cristãs e a presença profética da Igreja no mundo. O Vaticano II marcou o fim da Contra-Reforma e o encontro da Igreja com a modernidade<sup>22</sup>.

O desejo comum de “renovar a vida da igreja e dos batizados a partir de um retorno às origens cristãs<sup>23</sup>” foi levado ao Concílio pelos movimentos litúrgicos, bíblicos, ecumênicos, entre outros<sup>24</sup>. Classificado como o Concílio do Espírito Santo, o Vaticano II traz consigo uma abertura geral da Igreja Católica Romana para o mundo moderno, modificando-se a

---

<sup>21</sup> Cf. LONGUINI NETO, Luiz. *El nuevo rostro de la misión: los movimientos ecuménicos y evangélicos en el protestantismo latinoamericano*. Traducción: Roselí Schrader Giese. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006. p. 108.

<sup>22</sup> Cf. VILLAR, Evaristo. A los 40 años del Vaticano II. *Revista Signos de Vida*. Quito: CLAI, n 38, diciembre 2005. p. 32-35.

<sup>23</sup> RENOVAÇÃO Carismática Católica. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrasil.org.br>>. Acesso em: 20/03/2005.

<sup>24</sup> Para uma maior informação sobre os diferentes movimentos e as reivindicações que apresentaram no Concílio Vaticano II, cf. GUIMARÃES, Almir Ribeiro. *Comunidades de Base no Brasil: Uma nova maneira de ser em Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 102-114, 146-195.

relação de Roma com as outras igrejas cristãs. Aliás, pela primeira vez na história da Igreja Romana o concílio explicitamente toma posição sobre as religiões universais. Outra questão a ser destacada é o fato dos leigos serem chamados também à missão conjuntamente com os missionários e a hierarquia da igreja, como foi corroborado na encíclica *Lumen Gentium* (nº 33-34)<sup>25</sup>.

Neto afirma que,

A nova postura de setores relevantes da igreja Católica Apostólica Romana, influenciados pelos ventos liberalizantes do Concílio Vaticano II (1962-65) e pelas Conferências Episcopais Latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979), e a decorrente “opção pelos pobres”, possibilitaram um diálogo criativo entre a teologia e as ciências sociais e a elaboração dos referentes teológicos da teologia da libertação, a qual tem a sua expressão pastoral e eclesial nas CEBs.<sup>26</sup>

É nesse contexto que nasce a Teologia da Libertação. Ela apresentava, pela primeira vez no continente, uma reflexão encarnada e própria dos povos latino-americanos<sup>27</sup>. Nesse sentido, a década de 1970 foi cenário de um conjunto de debates acerca de “quem é o pobre?”. Essa teologia não vinha propor uma nova temática e sim um novo método “no fazer teológico”, tratava-se de uma teologia crítica a partir da práxis, cujo eixo hermenêutico era a libertação<sup>28</sup>.

Com relação à Teologia da Libertação, Dreher aponta:

O período entre 1970 e 1975 deve ser visto como um tempo de livre expansão da Teologia da Libertação. A época é caracterizada por diversos congressos. (...) O movimento popular e as comunidades eclesiais de base assumiram os pensamentos da Teologia da Libertação, especialmente no Brasil, mas também no México, El Salvador, Perú, Chile e Bolívia.<sup>29</sup>

No final da década de 1970 e durante a década de 1980, podem ser percebidas dificuldades e um certo declínio na experiência e vivência das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) no Brasil. Nas palavras de Enrique

---

<sup>25</sup> Cf. LIENEMANN-PERRIN, Christine. *Missão e Diálogo inter-religioso*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2005. p.67, 68s.

<sup>26</sup> LONGUINI NETO, 2006, p. 9.

<sup>27</sup> Cf. OLIVEIROS, Roberto. Historia de la teologia de la liberación. In: ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon (Ed.). *Mysterium liberationis: conceptos fundamentales de la teologia de la liberación*. V.1. Madrid: Trotta, 1990. p 25.

<sup>28</sup> Cf. OLIVEIROS, 1990. p 25- 38.

<sup>29</sup> DREHER, 1999, p. 194s.

Dussel “(...) aos poucos, a igreja oficial consegue ir enquadrando as experiências dentro da vida paroquial tradicional e o elã dos anos 60 e 70 começa a se perder”<sup>30</sup>.

Outro fator a ser destacado é o surgimento, no continente americano, da Renovação Carismática Católica, no final da década de 1960. Há quem afirme que a Renovação Carismática Católica, ao mesmo tempo em que surge com o intuito de pôr fim à “paralisia da Igreja católica Romana”, vai à procura do grande número de pessoas católicas que “emigravam” para as fileiras do pentecostalismo<sup>31</sup>. Outros a colocam como uma contestação ou reação às próprias CEB’s. Pela importância que a Renovação Carismática Católica tem em relação ao nosso objeto de pesquisa, vamos dedicar-lhe uma atenção especial no tópico seguinte.

#### ***1.4. Renovação Carismática Católica***

A Renovação Carismática Católica (RCC) ou, como foi inicialmente conhecida, *Pentecostalismo Católico*, teve sua origem no ano de 1967. Um retiro espiritual realizado nos dias 17, 18 e 19 de fevereiro, na Universidade de Duquesne (Pittsburgh, Pensilvânia, EUA), é referenciado como o início do movimento. No entanto, a própria Renovação Carismática Católica reconhece que experiências similares já aconteciam em outros países<sup>32</sup>. Na percepção de Marcos Volcan, presidente do Conselho Nacional da Renovação Carismática Católica -Brasil, semelhante à Teologia da Libertação, o movimento também se apóia no Vaticano II. Afirma ele:

Naqueles dias, ecoava ainda no coração de toda uma geração de filhos da Igreja o convite do Papa João XXIII para uma ampla reforma eclesial que culminou com o Concílio Ecumênico Vaticano II e que trouxe consigo o desejo e a realização de um novo Pentecostes para todo o povo de Deus.(...) Foi neste contexto e inspirando-se, ainda, no modelo de vida das primeiras comunidades cristãs – quando cheios do Espírito Santo (At 2,1-12), os seguidores de Jesus, “na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42), testemunhavam o cumprimento de sua promessa: “quem crê em mim fará as obras que eu faço, e fará ainda maiores” (Jo 4,12) –

---

<sup>30</sup> DUSSEL, Enrique. Sistema-Mundo, dominação e exclusão – Apontamentos sobre a história do fenômeno religioso no processo de globalização da América Latina. In: *Historia da Igreja na América Latina e no Caribe 1945-1995: O debate metodológico*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: CEHILA, 1995. p. 65.

<sup>31</sup> Para ler mais ao respeito, cf. OYAMA, Thaís; LIMA, Samarone. O novo catolicismo dos carismáticos. *Veja*. São Paulo: Abril, ano 31, n 14, edição 1541, p. 92-98, abr. 1998.

<sup>32</sup> Cf. *HISTÓRIA Mundial da Renovação Carismática Católica*. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrasil.org.br>>. Acesso em: 19/03/2005.

que aquele grupo de Duquesne buscou e experimentou um novo vigor para anunciar com coragem e determinação o Evangelho.<sup>33</sup>

O Primeiro Congresso Nacional é realizado nos Estados Unidos no ano de 1968, contando com a participação de 100 pessoas. Cinco anos mais tarde, em 1973, celebram o Primeiro Congresso Internacional, em South-Bend, Indiana, EUA, noticiando a cifra de 25 mil participantes<sup>34</sup>. A fim de evitar possíveis cismas e também com o intuito de diferenciá-la do próprio pentecostalismo, a Igreja de Roma estabeleceu três normas identitárias para a Renovação Carismática Católica, quais sejam: fidelidade à Liturgia Católica, reza do terço e culto mariano<sup>35</sup>.

Assim, a Renovação Carismática Católica percebe-se como um acontecimento estreitamente vinculado ao Concílio Vaticano II e apresenta, no centro da sua espiritualidade, a vivência dos dons do Espírito Santo, fruto da experiência de pentecostes narrada na Bíblia em Atos dos Apóstolos, capítulo 2<sup>36</sup>. Seus membros parecem empenhar-se em que sejam esses dons uma vivência mística proporcionada, principalmente, nos grupos de oração ou nos eventos de massa<sup>37</sup>.

Os denominados “Grupos de Oração” (GO) comportam a base da estrutura da Renovação Carismática Católica. Os Grupos de Oração são pequenas aglomerações de fiéis que se reúnem semanalmente – não necessariamente em paróquias – a fim de compartilhar as experiências de “oração no espírito”. Tendo como objetivo principal despertar os carismas latentes na Igreja, esses Grupos de Oração

Enfatizam a vivência do Espírito Santo (ES), o vínculo com a Igreja e seus sacramentos, a Igualdade do carisma entre leigos e sacerdotes, o dom de línguas, e a liderança leiga. Teologicamente, têm influência do movimento pietista norteamericano, com a ênfase na vida nova e

---

<sup>33</sup> VOLCAN, Marcos. *Renovação Carismática Católica: 40 anos de história*. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 16/02/2007.

<sup>34</sup> Cf. *HISTÓRIA Mundial da Renovação Carismática Católica*. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrasil.org.br>>. Acesso em: 19/03/2005.

<sup>35</sup> SCHULTZ, Adilson. Resenha da dissertação de mestrado em antropologia de Valdir Pedde: Carismáticos luteranos e católicos: Uma abordagem comparativa da performance dos rituais. In: TRENTINI, Ademir et alli. *Movimento de Renovação Espiritual: O Carismatismo na IECLB*. São Leopoldo: EST, 2002. p. 126.

<sup>36</sup> Cf. *RENOVAÇÃO Carismática Católica*. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrasil.org.br>>. Acesso em: 20/03/2005.

<sup>37</sup> Cf. CARRANZA, Brenda. “Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências”. In: ANJOS, Marcio Fabri dos (Org.). *Sob o Fogo do Espírito*. São Paulo: SOTER/Paulinas, 1998. p. 39-60.

no senhorio de Jesus Cristo. O Reino de Deus não está na vida depois da morte, mas já nesta, no coração do fiel.<sup>38</sup>

Há eventos maiores denominados “Seminários no Espírito” e é a partir das vivências nesses seminários que lideranças de Grupos de Oração, dizendo-se “renovados” e “enchidos do Espírito Santo” decidem formar ou fundar comunidades. A maior parte dessas comunidades se define como “Comunidade de Vida e de Aliança”. É importante salientar que Comunidades não fazem parte da estrutura do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC)<sup>39</sup>. Nas apreciações de Cecília Mariz, “ não são componentes necessários e essenciais ao movimento, como seriam os Grupos de Oração e outros órgãos de direção”. Há comunidades que tem autonomia própria, chegando, por vezes, a não se definir como parte da Renovação Carismática Católica, mesmo que tenham sido criadas a partir das experiências de suas lideranças na Renovação Carismática.

A Renovação Carismática Católica, como afirma Mariz, adotou um estilo organizacional próprio que, ainda estando sujeito à Igreja instituição, mantém, de certa forma, sua autonomia e tem contribuído abundantemente para seu sucesso e crescimento<sup>40</sup>. No entanto, alguns autores chamam a atenção para o fato de a Renovação Carismática Católica ter perdido a “liberdade do espírito” por estar sujeita a regras e condicionamentos que provém de Roma<sup>41</sup>. Essa posição de relativa dependência, adotada pela Renovação, advém da necessidade de legitimidade por parte da Igreja.

Os estatutos da Renovação Carismática Católica só foram aprovados pela Santa Sé no dia 8 de julho de 1993 e receberam o título de “Estatutos da International Catholic Charismatic Renewal Service” (ICCRS)<sup>42</sup>. Já o

---

<sup>38</sup> SCHULTZ, 2002, p. 126.

<sup>39</sup> É importante destacar o fato com relação às terminologias Renovação Carismática Católica e Movimento de Renovação Carismática Católica. Há relação entre elas, mas também existe uma grande tensão. Renovação Carismática Católica é o nome que, desde um princípio, assume e define a Renovação Carismática Católica, já Movimento é o substantivo outorgado pela Igreja à Renovação Carismática Católica. No entanto, como explica Mariz, “a Renovação não quer ser um movimento a mais dentro da Igreja, mas sim transformar a própria Igreja: ser uma nova Igreja”. Por tal razão, não gosta, nem assume essa categorização de movimento como próprio. MARIZ, Cecília Loreto. A Renovação Carismática Católica. In: Afro-brasileiros, pentecostais e católicos. *Civitas*. p. 169-186. V. 3, N 1, jun. 2003. p. 173.

<sup>40</sup> MARIZ, 2003, p. 173s.

<sup>41</sup> Cf. *HISTÓRIA da Renovação Carismática Católica no Brasil*. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrazil.org.br>>. Acesso em: 20/03/2005.

<sup>42</sup> Cf. *HISTÓRIA da Renovação Carismática Católica no Brasil*. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrazil.org.br>>. Acesso em: 20/03/2005.

decreto de reconhecimento foi expedido, através do Pontifício Conselho para os leigos, no dia 14 de setembro do mesmo ano. Especificamente na América Latina, já em 1972 foi criado o “Conselho Carismático Católico Latino Americano” (CONCCLAT), que convoca cada dois anos para o Encontro Carismático Católico Latino Americano (ECCLA) e tem sua sede na cidade de México.

Fazendo parte da Renovação, mas com similar abrangência mundial, comportando mais de 50 comunidades em diferentes países, foi criada o 30 de novembro de 1990 a “Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowship” (CFCCCF)<sup>43</sup>. Essa fraternidade teve seus Estatutos reconhecidos pelo Pontifício Conselho para os Leigos em novembro de 1990.

No caso específico do Brasil, a Renovação Carismática Católica teve suas origens com os padres Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty, na cidade de Campinas. Mesmo não se registrando uma data exata, os documentos e depoimentos aludem ao final da década de 1960, pouco depois de ter surgido a Renovação nos Estados Unidos. Já no ano de 1970, o padre Daniel Kiakarski, que conheceu a Renovação nos EUA, a introduziu em Telêmaco Borba, Paraná, e outros estados do Brasil foram se somando ao movimento de renovação consecutivamente. Entre os estados pioneiros encontram-se: Minas Gerais, Mato Grossos e Goiânia.

O livro “Sereis Batizados no Espírito” foi lançado em 1972 contendo orientações precisas para a realização dos retiros de “Experiência de Oração no Espírito”. Essa foi uma das primeiras obras sobre a Renovação Carismática Católica publicadas no Brasil e esteve sob a autoria do jesuíta americano e, como vimos, fundador do movimento Pe. Haroldo Rahm. Nas observações da pesquisadora Brenda Carranza, esse livro representou uma alavanca para a difusão da Renovação em todo o país<sup>44</sup>.

Em 1973, foi celebrado em Campinas o *I Congresso da Renovação Carismática Católica no Brasil* sendo coordenado pelo Pe. Rahm, pelo Pe. Dougherty e pela irmã Juliette Schuckenbrock. Esse evento contou com a participação de aproximadamente cinquenta líderes carismáticos. No entanto, é só a partir do ano de 1980 que a Renovação Carismática Católica vai se consolidar no solo brasileiro<sup>45</sup>.

---

<sup>43</sup> Fraternidade Católica das Comunidades de Aliança e Vida.

<sup>44</sup> Cf. *HISTÓRIA da Renovação Carismática Católica no Brasil*. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrazil.org.br>>. Acesso em: 20/03/2005.

<sup>45</sup> Cf. *HISTÓRIA da Renovação Carismática Católica no Brasil*. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrazil.org.br>>. Acesso em: 20/03/2005.

Atualmente, a Renovação Carismática Católica-Brasil é dirigida por um comitê no qual confluem vários ministérios. São eles: Ministério da Arte, da Comunicação Social, da Criança, da Cura e Libertação, da Família, de Fé e Política, de Formação, de Intercessão, de Jovens, de Pregação, de Promoção Humana, de Sacerdotes, de Seminaristas e de Universidades Reformadas. Este último tem como finalidade a evangelização nas instituições de ensino superior. Os vários ministérios trabalham sob a coordenação de um presidente, cujo cargo, em 2008, pertence ao sr. Marcos Volcam.

Similar a outras regiões do mundo, no Brasil, observa-se igual diversidade comportando a Renovação Carismática Católica, especialmente no tocante à institucionalização do movimento. Como exemplo disso, temos as Comunidades (de vida ou aliança) já anteriormente assinaladas. O fato da criação destas Comunidades ou de “complexos maiores<sup>46</sup>”, que ganham cada vez mais autonomia perante a Renovação Carismática Católica, tem trazido enfrentamentos entre pioneiros da Renovação Carismática Católica -Brasil, como o acontecido com o fundador Pe. Haroldo Joseph Rahm e o Pe. Jonas Abib<sup>47</sup>.

Para Haroldo a Renovação é – e tinha que ser sempre – consequência do agir do Espírito Santo, pelo que não podia, em nenhum momento, estar sujeita a esta ou aquela vontade humana, menos ainda ao planejamento de alguma instituição. Pe. Haroldo é um dos pioneiros que não concordavam com a ideia da Renovação converter-se num “movimento religioso<sup>48</sup>” dentro da Igreja, porque, no seu pensamento, a Renovação Carismática Católica nasceu com o intuito de renovar a igreja como um todo. Ao que parece o padre Jonas sentiu o “sopro do Espírito” em direção diferente, seu chamado foi para “ser sal e luz” de uma maneira talvez “inusitada-institucionalizada” dentro da Igreja como um todo.

A partir desses argumentos, pode ser afirmado que, mesmo estando sempre em constante relação, um evento é a Renovação Carismática Católica internacional e outro é a Renovação Carismática Católica no Brasil

---

<sup>46</sup> Um exemplo seria a sede da Canção Nova.

<sup>47</sup> Depoimento oferecido por Haroldo Joseph Rahm a participantes do curso de Ecumenismo do CESEP em São Paulo, Junho de 2007.

<sup>48</sup> No universo católico, chama-se de “movimento religioso” um tipo específico de organização que se insere na estrutura mais ampla da Igreja, mas sendo unificado, administrado internacionalmente e independente do clero local. Em geral, atua ou se dirige apenas a camadas ou setores específicos da Igreja ou da sociedade. Na maioria das vezes, tem práticas e estilos uniformes e muitas vezes possui um fundador reconhecido. Esse conceito é usado por diversos autores, como Oliveira (1997), Souza (2000), Boff (2000), Carranza (2000). Cf. MARIZ, 2003, p. 172.

que, ao estilo de outros países, possui características muito próprias. Ao mesmo tempo, a Renovação no Brasil está composta por uma diversidade muito grande de expressões de fé e manifestações dessa fé, pelo que a ideia de movimento homogêneo pode ser totalmente desterrada<sup>49</sup>. A seguir nos ocuparemos, especificamente, com nosso objeto de estudo: a Comunidade Canção Nova. Esta Comunidade é um fiel exemplo da tensão que várias instituições carismáticas mantêm em solo brasileiro, tensão entre o “pertencer” (no caso a RCC) e o próprio “ser”, ser Canção Nova.

## 2. Comunidade Canção Nova

### 2.1. *Um bispo, um retiro e documentos importantes*

No dia oito de dezembro de 1975, o Papa Paulo VI publicava a carta circular pontifícia “*Evangelii Nuntiandi*”. Esse documento versa sobre o compromisso evangelizador, especificamente no tocante à propagação do Evangelho no mundo contemporâneo. O padre Jonas Abib comenta sobre a importância desta encíclica para a gestação da *Canção Nova*:

(...) Dom Antônio Afonso de Miranda (...) me chamou em seu escritório; estava com o livro do “Evangelho Nuntiandi” (...) tinha acabado de lê-lo. Estava muito impressionado. Disse-me: “Padre Jonas, o que o papa disse aqui é totalmente verdade. É necessário evangelizar, a hora é de evangelização”. Realmente vi Dom Antônio tocado e inspirado. Tomou um artigo que já tinha separado e o leu para mim: “Verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para vários jovens e adultos que, tocados pela graça, descubram pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentem a necessidade de se entregar a Ele” (EM 44). (...) me disse: “Já que você trabalha com jovens, lhe é fácil fazer isso com eles. Comece com algumas coisas. Há muito para fazer. Mas temos que começar por alguma coisa. Então, comece pelos jovens”.<sup>50</sup> (tradução própria)

Dom Antonio Afonso de Miranda era o bispo de Lorena na época, diocese a qual o padre Jonas pertencia. Como vimos no item anterior, a direção da Igreja Católica Apostólica Romana almejava algo urgente, diferente e marcante, algo que trouxesse para a Igreja uma renovação expressa nos documentos do Concílio. Em situação similar, encontravam-

---

<sup>49</sup> Para ampliar esta afirmação, podem ser lidas as pesquisas feitas por Cecília Loreto Mariz, Brenda Carranza, Eliane Martins de Oliveira, Reginaldo Prandi, Emerson Sena Silveira, Valdir Pedde.

<sup>50</sup> ABIB, Jonas. *Mensaje*. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 12/04/2005.

se setores dentro da própria Igreja, que não simpatizavam muito com a corrente da Teologia da Libertação que frutificava nesses anos, nem com os movimentos pentecostais que também proliferavam. Desejavam uma Igreja diferente, na qual conseguissem identificar seu espaço. O padre Jonas conta que, depois de tomar um tempo para reflexão, apresentou sua proposta e a implementou.

Cada vez que volto a ler este artigo fico admirado de como isso aconteceu ao pé da letra. Disse a Dom Antônio que via em suas palavras uma inspiração, e mais ainda: “não sei o que fazer. Vou rezar e trago-lhe uma resposta”. (...) Parei e rezei. Voltei a ele com um esquema. Como me citou a palavra “catecumenato”, dei este nome ao curso que preparamos. Era realmente um curso de catequese. Não de catecismo de primeira comunhão, senão um curso de catequese para jovens. (...) Não me recordo exatamente se nossa conversa foi no final de 1975 ou no início de 1976. Graças a Deus, na Semana Santa, estávamos iniciando o que chamamos de “catecumenato”. Foi muito bonito. Ocupamos toda a Quinta-Feira Santa, a Sexta-Feira Santa e também o sábado com palestras. O salão do Instituto Salesiano esteve cheio. Na noite fizemos a vigília pascal. (...) Assim inauguramos o “catecumenato”. Durante os anos de 1976 e 1977, houve o catecumenato. Os pais, vendo a transformação que acontecia com seus filhos, também quiseram participar. Adultos também foram entrando. Aconteceu tudo ao pé da letra: “(...) tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de se entregar a Ele” (EN 44).<sup>51</sup> (tradução própria)

É assim que são narrados os fatos que antecederam o nascimento da Comunidade Canção Nova. O padre Jonas adjudica ao próprio Deus a condução no processo de formação. Ele acredita que foi Deus quem fez a experiência surgir, amadurecer e acontecer. Vejamos a seguir seu testemunho:

(...) Íamos ter um “catecumenato” interno, de um fim de semana em Queluz. Ia de trem de Lorena para Queluz. Pelo caminho, senti um forte desafio, mas me parecia absurdo: Quem ia querer deixar sua casa, sua família, seus estudos para viver junto comigo em uma comunidade? Quem se dedicaria ao trabalho que estávamos começando a fazer? Era tão absurdo que pensei: “vou lançar o desafio, não vão aceitar, e se aceitarem será sinal de que Deus quer”. Quando cheguei em Queluz, fiz o desafio e uma grande quantidade de jovens aceitou. Sinal de que realmente estavam experimentando a

---

<sup>51</sup> ABIB, Jonas. *Mensaje*. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 12/04/2005.

necessidade de se entregar a Cristo que começavam a descobrir. Na prática, na hora de deixar a família, de parar com o estudo, com o trabalho, com o namoro, nem todos aqueles que aceitaram puderam cumprir o compromisso. Mas, assim mesmo começamos. Éramos exatamente doze (...). Simplesmente fui dócil ao que Deus ia me mostrando. Deus levantou-me e empurrou-me muitas vezes.<sup>52</sup> (tradução própria)

Fazendo uma leitura da encíclica *Evangelii Nuntiandi*, pode-se apreciar a forte ênfase para o uso dos meios de comunicação por parte da Igreja. Isso denota uma mudança de paradigma. É importante lembrar que, em outros tempos, a posição da igreja com respeito a esses meios tinha sido voltada mais ao desprezo e à desqualificação<sup>53</sup>. Nesse documento, a Igreja não só enfatiza o caráter sempre atual da evangelização, senão que incita à procura e ao uso dos meios apropriados para essa evangelização, como aparece a seguir:

A busca de meios adaptados

40. A evidente importância do conteúdo da evangelização não deve esconder a importância das vias e dos meios da mesma evangelização.

Este problema do "como evangelizar" apresenta-se sempre atual, porque as maneiras de o fazer variam em conformidade com as diversas circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura, e lançam, por isso mesmo, um desafio em certo modo à nossa capacidade de descobrir e de adaptar.

A nós especialmente, Pastores da Igreja, incumbe o cuidado de remodelar com ousadia e com prudência e numa fidelidade total ao seu conteúdo, os processos, tornando-os o mais possível adaptados e eficazes, para comunicar a mensagem evangélica aos homens do nosso tempo. Limitar-nos-emos, nesta reflexão, a recordar algumas vias que, por um motivo ou por outro, se revestem de uma importância fundamental.

Utilização dos "mass media"

45. No nosso século tão marcado pelos "mass media" ou meios de comunicação social, o primeiro anúncio, a catequese ou o aprofundamento ulterior da fé, não podem deixar de se servir destes meios conforme já tivemos ocasião de acentuar.

Postos ao serviço do Evangelho, tais meios são susceptíveis de ampliar, quase até ao infinito, o campo para poder ser ouvida a Palavra de Deus e fazem com que a Boa Nova chegue a milhões de

---

<sup>52</sup> ABIB, Jonas. *Mensaje*. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 12/04/2005.

<sup>53</sup> Essa relação da Igreja com os meios receberá atenção especial no segundo capítulo de nossa pesquisa.

peças. A Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, se ela não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados. É servindo-se deles que ela "proclama sobre os telhados",<sup>(72)</sup> a mensagem de que é depositária. Neles encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito. Graças a eles consegue falar às multidões.

Entretanto, o uso dos meios de comunicação social para a evangelização comporta uma exigência a ser atendida: é que a mensagem evangélica, através deles, deverá chegar sim às multidões de homens, mas com a capacidade de penetrar na consciência de cada um desses homens, de se depositar nos corações de cada um deles, como se cada um fosse de fato o único, com tudo aquilo que tem de mais singular e pessoal, a atingir com tal mensagem e do qual obter para esta uma adesão, um compromisso realmente pessoal.

Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 8 de dezembro, solenidade da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria, do ano de 1975, décimo terceiro do nosso pontificado.

PAULUS PP. VI.<sup>54</sup>

Note-se que, no documento, a Igreja faz alusão aos meios como "meios de comunicação social" além de "meios de comunicação de massa" como eram mormente nomeados naquela época. Essa opção de falar de meios de comunicação social, descartando o vocábulo *massa*, responde a preocupação de evitar qualquer similaridade com os movimentos de Esquerda que faziam uma crítica contundente ao avanço e "poder" dos meios de comunicação de massa<sup>55</sup>.

Chega a ser impressionante a frase: "A Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, se ela não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados". Aparentemente, no texto, ela é quem cumpre a função simultânea de mandato/obediência, ela sintetiza uma dinâmica de sentido revelado/ocultado. São os meios os que têm que ser usados para a Igreja não "sentir-se" culpada, nada mais e nada menos que "perante Deus". O *mandato* da Igreja é que sejam usados os meios para evangelizar; a *obediência* corresponde às comunidades que adquirem sobre elas a responsabilidade de que a Igreja não se sinta culpada. De igual maneira, o sentido *revelado* está dado pelo conteúdo conotado na encíclica, a procura e utilização dos meios "poderosos" e "cada vez mais aperfeiçoados pela

---

<sup>54</sup> ENCÍCLICA EVANGELII NUNTIANDI. Disponível na Internet: <<http://www.gui.uva.es>>. Acesso em: 13/04/2005.

<sup>55</sup> Na nossa investigação, por trabalhar especificamente com o contexto desta Igreja temos optado por usar a terminologia "meios de Comunicação Social" toda vez que façamos referência aos mesmos.

inteligência humana”, já o sentido que tem sido *ocultado* descansa no interesse, ou melhor ainda, na urgência percebida pela Igreja em pôr esse “uso dos meios” em prática.

Revisando documentos da Igreja Católica Apostólica Romana pertencentes aos anos anteriores a 1975, comprovamos que não foi precisamente a encíclica *Evangelii Nuntiandii* quem marca uma nova aproximação da igreja com a mídia. Doze anos antes, o Vaticano, através do decreto *Inter Mirifica*, já tinha se pronunciado favoravelmente a respeito dos meios de comunicação social:

#### Importância dos meios de comunicação social

1. Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abriram novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens mas também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão meios de comunicação social.

#### Relação com a ordem moral

2. A mãe Igreja sabe que estes meios, retamente utilizados, prestam ajuda valiosa ao gênero humano, enquanto contribuem eficazmente para recrear e cultivar os espíritos e para propagar e firmar o reino de Deus; sabe também que os homens podem utilizar tais meios contra o desígnio do Criador e convertê-los em meios da sua própria ruína; mais ainda, sente uma maternal angústia pelos danos que, com o seu mau uso, se têm infligido, com demasiada freqüência, à sociedade humana.

Em face disto, o sagrado Concílio, acolhendo a vigilante preocupação de Pontífices e Bispos em matéria de tanta importância, considera seu dever ocupar-se das principais questões respeitantes aos meios de comunicação social. Confia, além disso, em que a sua doutrina e disciplina, assim apresentadas, aproveitarão não só ao bem dos cristãos, mas também ao progresso de toda a sociedade humana.

Vaticano, 4 de Dezembro de 1966.

PAPA PAULO VI.<sup>56</sup>

Um fator a ser destacado, a respeito deste documento, é o exposto por Carlos Valle<sup>57</sup>. Ele afirma que se esperava que do Vaticano II saísse um

---

<sup>56</sup> DECRETO INTER MIRIFICA. Disponível na Internet: <<http://www.gui.uva.es>>. Acesso em: 13/04/2005.

documento sobre comunicação que marcasse um novo rumo para a Igreja. No entanto, “Inter Mirifica” além de não ter sido recebida com satisfação, como documento, foi muito controversa, de modo que alguns anos depois a instrução pastoral “Communio et Progressio” (1971) retomou a discussão com o objetivo de ser mais explícita.

De igual maneira, não parece ter sido fruto do acaso que o padre Jonas Abib iniciasse uma comunidade com tais características ou que fosse o “escolhido de Deus” sem nenhum precedente. Constata-se que o padre Jonas tinha conhecido a Renovação Carismática Católica no ano de 1971, fato que, segundo ele, marcou definitivamente sua vida e ministério. Em suas palavras:

Foi a grande graça da minha vida. Eu estava no momento de maior crise existencial pela qual passei e Deus veio justamente me dando a graça, a partir de o que a Bíblia chama de “ser batizado no Espírito Santo”. Isso aconteceu no dia 2 de novembro de 1971. Naquele dia a minha vida se renovou (...).<sup>58</sup> (tradução própria)

De semelhante forma, a escolha feita pelo bispo Dom Antonio Afonso de Miranda, quando incentivou o padre Jonas a pôr em prática a intimação da carta pontifícia, tinha também seus precedentes. O pedido assentava-se sobre o ministério que o padre Jonas, durante anos, tinha desenvolvido com grupos de jovens. Também contava com o carisma pessoal de Jonas para atrair e trabalhar com esses grupos. Então, uma aproximação biográfica faz-se necessária, a fim de compreender como se deu esse processo de engajamento do padre e, por decorrência, o nascimento da Comunidade Canção Nova.

## **2.2. Padre Jonas Abib**

Jonas Abib nasceu no dia 21 de dezembro de 1936 em Elias Fausto, São Paulo<sup>59</sup>. Filho de Sérgio Abib, de descendência sírio-libanesa, e de Josepha Pacheco Abib, de descendência italiana, teve uma infância marcada pela pobreza. Seu pai trabalhava como pedreiro e sua mãe se

---

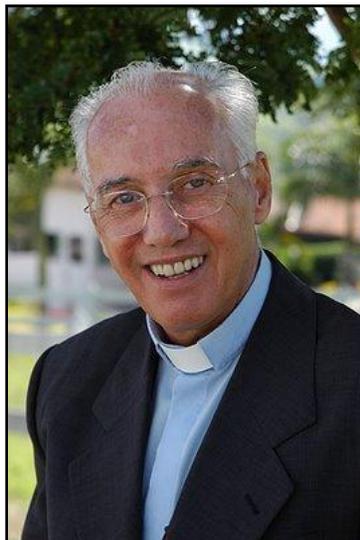
<sup>57</sup> Cf. VALLE, Carlos. *Comunicación y Misión en el laberinto de la Comunicación*. São Leopoldo: Sinodal; Londres: World Association of Christian Communication; Quito: CLAI, 2002. p 275.

<sup>58</sup> ABIB, Jonas. *Mensaje*. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 12/04/2005.

<sup>59</sup> Os dados a seguir foram tomados da Revista Canção Nova. Cf. ABIB, Jonas. Sou fruto da solidariedade, *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano iv, n 47, nov. 2004. p. 3. Cf. CORREIA, Nelsinho. 40 anos “tudo para todos”. *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano IV, N 48, dezembro 2004. p. 11. Cf. também FUNDADOR. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 12/04/2005.

dedicava à costura. Não era raro que, no ofício de Sergio, o salário nem sempre entrava na data certa, o que fazia com que, muitas vezes, dona Josepha tivesse que garantir a comida do lar, mesmo nos tempos em que esteve afetada pela tuberculose.

*Figura 2: Foto do Padre Jonas Abib*



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

Aos sete anos, iniciou o curso de primeiro grau no “Colégio padre Moye” que era dirigido pelas Irmãs da providência de Gap. Foram elas quem o encaminharam, depois de concluir o quarto ano primário, para os padres salesianos. Tinha doze anos quando passou a estudar no “Liceu Coração de Jesus” e a trabalhar nas oficinas de artes gráficas (setor de encadernação).

Um ano depois, aos 13, foi transferido para o “Ginásio São Manoel”, de Lavrinhas, São Paulo, com o objetivo de se integrar ao seminário salesiano. cursou o ensino médio no “Instituto do Coração Eucarístico” em Pindamonhangaba, São Paulo. Mais tarde, para estudar Filosofia, trasladou-se ao “Instituto Salesiano de Filosofia e Pedagogia”, situado em Lorena.

Estudou teologia no “Instituto Teológico Salesiano Pio XI” de São Paulo. Foi nos meses de conclusão dos estudos que lhe acometeu uma doença nos olhos, embaralhando sua visão, produzindo muita dor de cabeça e o impedindo de ler. Por esse motivo, em vistas da ordenação, teve que se submeter a provas orais como forma de avaliação. Por causa da enfermidade e sua demorada recuperação, Jonas foi trasladado a um

seminário menor que os salesianos tinham em Lavrinhas, no Vale da Paraíba.

Anos mais tarde, ao falar dessa doença, Jonas faz a seguinte ponderação: “eu ainda não havia entendido, mas era Deus me empurrando para aquilo que viria a ser *meu campo de ação* e me mostrando o lugar onde iria realizar o que Ele determinara”<sup>60</sup>. Foi nessa região que, a convite de uma irmã salesiana, participou, por primeira vez, de uma Mariápolis<sup>61</sup> e foi, nesse evento, que, segundo ele, teve seu “Encontro pessoal com Jesus”. Nas suas declarações, “compreendo hoje que foi da vontade de Deus que isso acontecesse antes da minha ordenação. Deus foi subversivo! Deu-me uma doença (...) o impressionante é que depois da ordenação desapareceram as dores de cabeça (...) tudo desapareceu”<sup>62</sup>.

Foi ordenado sacerdote em 1964, tendo escolhido o seguinte lema: “Feito tudo para todos”. Seu trabalho ministerial esteve voltado especialmente aos jovens, realizando encontros periódicos e retiros. Além disso, como professor, lecionava na Faculdade de Ciências e Letras de Lorena. Nesta época, começava a realização dos Cursinhos na região em São Paulo e foi participando de um deles que Jonas se sentiu “enviado” por Deus para a Missão<sup>63</sup>. Concretizou tal envio com a realização de Encontros quinzenais, ora com rapazes, ora com moças, nos quais o sentido principal recaía sobre o “Encontro pessoal com Cristo”. No entanto, Jonas sentia que alguma coisa faltava. Nas suas palavras, “pensava que fosse falta de fé. Então eu pedia: Senhor, dá-me fé (...) nessa busca, muitas vezes fui diante do Sacrário (...) pedir ao Senhor o que me faltava: fé”<sup>64</sup>.

No final de 1969, viu-se afastado dos Encontros que fazia com a juventude por ter contraído tuberculose e devido à progressão da doença foi necessária uma internação no sanatório de Campos do Jordão. Era um sanatório só para homens e na sua maioria jovens. Segundo testemunhas, a reclusão não foi sinônima de repouso; passado pouco tempo, já tinha criado, dentro do próprio sanatório, um grupo de reflexão, assumindo, ao mesmo tempo, o atendimento dos enfermos que precisavam de confissão ou orientação. Preocupado com a sua saúde e com o pouco tempo que dedicara a ela naquele lugar, seu superior o enviou para Lorena. Envio que

---

<sup>60</sup> ABIB, Jonas. *Canção Nova: Uma obra de Deus*. 6 Ed. São Paulo: Loyola/Editora Canção Nova, 2006. p.10.

<sup>61</sup> Mariápolis era o nome usado para denominar os Encontros que aconteciam durante toda uma semana, com palestras, testemunhos e músicas.

<sup>62</sup> ABIB, 2006, p. 11.

<sup>63</sup> Cf. ABIB, 2006, p. 12.

<sup>64</sup> ABIB, 2006, p. 13.

para Jonas teve o sabor de “exílio” por se ver afastado de todo o trabalho de Encontros que fazia com a juventude e, ainda mais, por ficar sabendo que já tinha substituído nesta tarefa que considerava dele<sup>65</sup>. Ele declarou: “com isso, infelizmente, meu ressentimento só aumentou, levando-me ao fundo do poço (...) então voltei a pedir a Deus aquilo que me faltava: fé (...) a Providência Divina cuidou de tudo”<sup>66</sup>.

Em 1971, padre Jonas conhece a Renovação Carismática Católica. “Padre Haroldo veio no dia 2 de novembro (...) falou-nos a respeito do que Deus estava fazendo no mundo por meio da Renovação Carismática católica. Explicou-nos ... fez o que foi possível em um único dia (...) realmente não entendi bem”<sup>67</sup>. Jonas conta que, ao final do retiro, ainda na sacristia, o padre Haroldo pediu para eles, padres também, permissão para impor as mãos sobre cada um pedindo a Efusão do Espírito Santo, “O que aconteceu com os outros eu não sei; sei o que aconteceu comigo, reconheço que naquele momento não senti nada! Porém, naquela noite comecei a orar como nunca antes tinha orado (...) a oração vinha de dentro (...) o vazio que existia estava inteiramente preenchido (...) comecei a sentir toda uma mudança em minha vida”<sup>68</sup>.

No ano de 1972, acompanhado por dez jovens, fez uma “Experiência de Oração” com o padre Haroldo e depois disto iniciou as primeiras “experiências de oração no Espírito Santo”, em Lorena. “Encontros de Jovens” que, segundo conta o padre Jonas, foram contagiando também adultos e, pela quantidade de pessoas que começaram a participar, vieram-se na necessidade de procurar um lugar mais apropriado para tais Encontros. Iniciava, assim, a oração e o trabalho de um grupo de pessoas na busca de um espaço próprio, essa trajetória está carregada do que Jonas denomina como “a entrada da Divina Providência” no seu projeto e nas suas vidas.

Este período é relatado por Jonas – também por aqueles que acompanharam o projeto – como uma caminhada de milagres, sob a total condução de Deus. Os fatos são narrados de maneira que, sempre depois de uma necessidade e uma fervente oração pedindo para suprir aquela necessidade, Deus, umas vezes de maneira mais rápida outra de maneira mais lenta, foi atendendo os pedidos e conduzindo aquele grupo segundo

---

<sup>65</sup> Cf. ABIB, 2006, p. 14.

<sup>66</sup> ABIB, 2006, p. 15.

<sup>67</sup> ABIB, 2006, p. 16.

<sup>68</sup> ABIB, 2006, p. 16.

os planos dEle. É assim, por exemplo, que Jonas relata a aquisição da Fazenda em Areias:

Numa Experiência de Oração [em Lorena], dona Bené, uma senhora muito amiga, pediu a Deus que nos desse uma casa, e eu, no fundo de meu coração, disse: “Amém!” (...) aconteceu algo muito interessante: Luzia me falou a respeito de uma casa de fazenda em Areias (...) Para mim, parecia uma coisa impossível. Sendo uma casa tão grande o dono não iria a cedê-la para nós (...) encontrei com Hécio Camarinha, que me falou de uma fazenda em Areias, que ele até tinha vontade de comprar (...) era propriedade do Gandur Zeraik, e provavelmente, ele cederia o lugar para que fizéssemos os encontros (...) mais uma vez aquilo “entrou por um ouvido e saiu pelo outro”. Mas...foi o tempo para Deus trabalhar em mim. Depois compreendi que a casa que aquele senhor me havia mostrado era a mesma de Luzia. Não tive dúvida: “*Deus está nisso!*” (...) liguei para Luzia e retomamos a questão (...) fomos até lá (...) eu levei uma medalhinha de Nossa Senhora das Graças no Bolso. Chegando à fazenda, antes de conversar com o dono, “fizemos a arte” de jogar a medalhinha rezando: “ Se o senhor quer esta casa, Nossa Senhora, faça o favor tome posse dela e guarde-a para nós”(...) fiquei admirado porque a fazenda foi cedida gratuitamente!<sup>69</sup>

Essa também é a fórmula narrativa da concepção da Comunidade da Canção Nova. Primeiro sendo instaurada como Associação no ano de 1974, com sede naquela Fazenda de Areias. Mais tarde, com as complicações que trazia o difícil acesso no tempo da chuva, “Deus mostrou novamente” que “não queria que ficassem mais naquele lugar”. Nessa ocasião, visitaram três terrenos em Quelúz, cidade próxima de Areias. Novamente o padre Jonas levou uma medalhinha, jogando-a no terreno que considerou seria o mais apropriado e como ele mesmo afirma: “Deus em Sua pressa, cuidou do restante (...) quem conviveu conosco naquele tempo sabe que seria impossível construirmos uma casa de encontros. Não tínhamos nada a não ser o terreno. Foi aí que a Providência Divina entrou de cheio em nossa vida (...) um pouco antes do Natal, já estávamos celebrando a Primeira Missa em nosso terreno”<sup>70</sup>.

Fazendo uma campanha de arrecadação, conseguiram o dinheiro para fazer o alicerce, mas, pelo fato de ser pouco, não conseguiram ir além. Teve quem desistisse da empreitada alegando que o padre Jonas estava louco, mas Jonas, mesmo internado no hospital de Lorena por uma cirurgia da vesícula, pediu para dar continuidade ao projeto: “bendito o momento

---

<sup>69</sup> ABIB, 2006, p. 18.

<sup>70</sup> ABIB, 2006, p. 21.

em que eu disse que não iríamos parar. Se tivéssemos parado, hoje não teríamos nada! (...) em junho de 1976, fizemos o primeiro encontro: um Maranathá de moças (...) pusemos um nome na casa: *Canção Nova, a casa de Maria* (lugar onde as pessoas nascem para uma vida nova)”<sup>71</sup>.

Em todos seus depoimentos, Jonas reafirma o fato de Canção Nova viver da Providência e pela Providência. Nas suas palavras: “Nossa confiança não está em nenhuma empresa, em comércio nenhum; não está nos bancos, nem na política. Ela está no Senhor (...) no início era difícil viver essa confiança e assumir essa total dependência. Graças a Deus tivemos coragem e demos os passos. Hoje é muito mais fácil, pois temos a história concreta da Canção Nova, anos inteiros vividos assim”<sup>72</sup>.

No livro de sua autoria e com o qual muito se tem trabalhado neste item, *“Canção Nova, uma obra de Deus: nossa história, identidade e missão”*, Jonas faz alusão, com múltiplos exemplos, como é vivida essa equação “cotidiano-Providência” na história da Canção Nova. Jonas afirma: “Vivemos da Providência! A Canção Nova é a linda aventura de viver, nos dias de hoje, a total dependência de Deus”<sup>73</sup>. Um dos exemplos por ele apresentados foi o da própria construção da casa, explicando como o dinheiro necessário foi aparecendo dia-após-dia, para pagar o pedreiro, para ir comprando os materiais, como as altas e baixas na economia brasileira, afetando ou não, nunca trouxeram, como resultado, a paralisação do sonho. “Deus sempre proveu!”

No entanto, quando Jonas fala de Providência, sempre o faz associando esta experiência à vivência de Reconciliação. O binômio “Providência-Reconciliação” também faz parte do caminho cotidiano na história cançonovista. Ele relata:

antes de viver em comunidade, achávamos que seria muito fácil! Pensávamos que tudo iria dar certo porque todos eram de Deus. Gostávamos de estar juntos. Orávamos (...) quando começamos a conviver, vimos que tínhamos diferenças muito grandes. Era preciso nos reconciliar. Essa era a única maneira de sobreviver (...) percebíamos que precisávamos fazer isso praticamente todos os dias (...) não agíamos sempre assim, íamos acumulando desentendimentos. Havia dias em que, mesmo que não quiséssemos, Deus permitia que explodíssemos uns com os outros! (...) tínhamos a franqueza de dizer tudo uns aos outros, mesmo que machucasse um pouco. Não havia outro jeito para resolver, reconciliar-se e perdoar;

---

<sup>71</sup> ABIB, 2006, p. 218.

<sup>72</sup> ABIB, 2006, p. 35.

<sup>73</sup> ABIB, 2006, p. 39.

muitas vezes chorávamos e recomeçávamos tudo (...) fomos captando um princípio de vida, básico para nós (...) “Viver Reconciliados”. Para isso é preciso viver se reconciliando (...) Dependíamos da Providência em tudo, mas a torneira dela era a Reconciliação (...) sem esta, aquela não acontecia (...) se a Providência esta faltando, é porque alguma coisa não está bem entre nós.<sup>74</sup>

Padre Jonas, o líder da Canção Nova, assegura aos setenta anos que as duas coisas que mais contribuíram para sua formação foram a honradez do seu pai e, em segundo lugar, a paciência da sua mãe. Nas suas palavras:

E eu vejo no meu pai uma honradez fora do comum e quando ele se encontrou com Deus (isso aconteceu quando eu entrei no seminário), no dia em que eu entrei no seminário, Deus deu a graça de meu pai se encontrar com ele. Meu pai se tornou um homem justo, um grande exemplo para mim. Um homem pobre, um homem simples, um homem muito trabalhador, um homem que eu queria que fosse pai não apenas meu, mas de uma multidão de pessoas, porque vemos que estamos num mundo sem pai. Uma multidão de pessoas que não tem pai. E eu aceitaria doar o meu pai pra muita gente, porque eu sei o valor que meu pai teve na minha vida.

E paciência no melhor sentido da palavra: a suportação. Quando digo às pessoas “Agüenta firme” é porque minha mãe agüentou firme, uma vida inteira. Eu poderia dizer que a minha mãe vivia doente, que o natural da minha mãe era ser doente. Assim como se diz de Jesus que ele era o “homem das dores”, experimentado no sofrimento, a minha mãe foi igual, como mulher das dores, experimentada nos sofrimentos. Eu via a mãe vivendo isso. Então ela viveu heroicamente a paciência, a suportação. Ela sabia agüentar firme. E é por isso que eu faço de tudo para poder agüentar firme.<sup>75</sup>

No dia 20 de outubro de 2007, foi-lhe entregue, a pedido do Papa Bento XVI, o título de Monsenhor<sup>76</sup>. Monsenhor Jonas Abib, com mais de 31 livros publicados e mais de 100 canções reconhecidas de sua autoria é, atualmente, o presidente da Fundação João Paulo II e membro do Conselho da Renovação Carismática Católica do Brasil.

### *2.3. A Canção Nova que nasce*

O nascimento da Comunidade Canção Nova decorre de todo um processo “vivido” e “convivido” do qual já temos feito alguma referência. A

---

<sup>74</sup> ABIB, 2006, p. 47s.

<sup>75</sup> FAMÍLIA. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 04/12/2005.

<sup>76</sup> O título de Monsenhor é um título honorífico, sem cargo, que é outorgado a um sacerdote diocesano como reconhecimento de determinados serviços à Igreja.

fim de conhecer ainda mais detalhes desta história, queremos agora nos ocupar, especialmente, como se deu o passo da Canção Nova, *casa de Maria* em Quelúz para a sede da Comunidade Canção Nova em Cachoeira Paulista. A esse respeito deixemos o próprio padre Jonas relatar:

No dia 02 de fevereiro de 1978, estávamos dando início à Comunidade Canção Nova, com nossos primeiros compromissos. A “artéria” começava a sair do coração de Deus. Muitos fatos nos prepararam para dar aquele passo. Já era habitual nos encontrarmos no Colégio São Joaquim de Lorena ou onde podíamos. Pedíamos a Deus que nos dera uma casa. Já havíamos passado por uma casa em Areias-SP, já havíamos construído uma casa em Queluz, a própria Associação Canção Nova já existia. Assim, muitos fatos prepararam esse nascimento.<sup>77</sup> (tradução própria)

Figura 3: Logotipo da Canção Nova



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

Com o pedido feito pelo bispo Dom Antonio Afonso de Miranda, embasado na *Evangelii Nuntiandi*, define o padre Jonas o nascimento da Comunidade. As realizações do Catecumenato, durante os anos de 1976 e 1977, o desafio lançado de viver um ano em comunidade e a aceitação por parte de algumas pessoas adubaram o chão onde germinou a semente plantada. Quem colocaria em dúvida, depois de todo o até aqui narrado, que era mais uma vez Deus quem direcionava o barco da Canção Nova para mais uma travessia? O fato é que o próprio Bispo sinalizou o caminho para o padre Jonas. A *Evangelii Nuntiandi* falava da utilização dos meios e foi a aquisição de uma rádio em Cachoeira Paulista a que iniciou todo esse processo.

---

<sup>77</sup> ABIB, Jonas. *Mensaje*. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 12/04/2005.

A *Canção Nova* sondou vários caminhos na sua trajetória midiática. Estreou com transmissões de rádio desde a Rádio Mantiqueira de Cruzeiro, com um programa que apenas tinha 15 minutos de duração. Foi no início de 1980 que se conseguiu adquirir a Rádio Bandeirantes, em Cachoeira Paulista. Esta aquisição permitiu-lhes colocar no ar, não sem muitos contratempos, a denominada “Radio do Senhor”, no dia 25 de maio de 1980<sup>78</sup>.

A “Radio do Senhor”, adquirida no nome de Dom Cipriano Chagas, era uma pequena emissora com a qual *Canção Nova* passou a evangelizar vinte e quatro horas por dias. Nas palavras do padre Jonas, “nascemos de um documento sobre Evangelização e de uma experiência concreta de evangelização (...) nascemos da evangelização e existimos para a evangelização”<sup>79</sup>. Essa emissora tinha, na sua programação, uma particularidade válida de menção pelo fato de que até hoje permanece regendo, qual seja, a decisão de não fazer propagandas comerciais.

Para manter esse meio no ar, apelou-se para doações de fiéis<sup>80</sup>. Tal empreendimento tinha como alvo instituir uma Fundação com caráter filantrópico e sem fins lucrativos<sup>81</sup>. Foi sobre a responsabilidade do padre Jonas e de Luzia Santiago<sup>82</sup> que parece ter recaído maiormente a elaboração dos primeiros estatutos para a criação da Fundação. Para esse empenho, eles foram orientados pelo Dr. Marco Antonio Albuquerque, promotor de Lorena na época. Este promotor terminou concedendo seu aval para instituir a Fundação que recebeu como nome: Fundação João Paulo II. Padre Jonas deixava explícito o motivo da escolha desse nome quando declarou: “queremos ser como o Papa: missionário incansável, sem medo de ir a todos os povos e nações!”<sup>83</sup>.

---

<sup>78</sup> Cf. ABIB, Jonas. A rádio do Senhor. *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano iv, n 54, junho 2005. p. 06.

<sup>79</sup> ABIB, 2006, p. 31.

<sup>80</sup> Seria bom lembrar que o modelo de vincular os “rádio-ouvintes” como “sócios colaboradores” não é uma novidade nos meios de comunicação católicos. Esse modelo foi inaugurado pela Rádio Aparecida no ano de 1955 – O Clube do Sócio – por inspiração do Pe. Redentorista Laurindo Rauber. Cf. BRAGA, José Luiz. “Lugar de fala” como conceito metodológico no estudo e produtos culturais e outras falas. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. J. (orgs.) *Mídia e Comunicação*. COMPÓS. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997. p. 122.

<sup>81</sup> Cf. SANTIAGO, Luzia. Somos a Fundação João Paulo II queremos ser como o Papa: missionário incansável. *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano iv, n 54, junho 2005. p. 05.

<sup>82</sup> Co-Fundadora, superintendente do Sistema *Canção Nova* de Comunicação e até hoje membro da Comunidade *Canção Nova*.

<sup>83</sup> Cf. SANTIAGO, 2005, p. 05.

Alude-se também ao acompanhamento, meritório de destaque, que a Comunidade Canção Nova recebeu de parte do bispo Dom João Hipólito de Moraes. Esse bispo, considerado atualmente o pai da Canção Nova<sup>84</sup>, teve um papel essencial na aceitação da comunidade por parte da Igreja. Leiamos a seguir os motivos dessa afirmação.

Realizando a sua missão de bispo, ele nos queria sempre próximos e, debaixo dos seus olhos, nos deixava caminhar. Ia vendo nossos passos, nosso progresso, nosso crescimento. Foi ele quem nos erigiu canonicamente como Associação Pública de Fiéis na Igreja. Muitas vezes ele nos defendeu diante das autoridades, também da Igreja, porque ele nos assumia verdadeiramente. Nunca nos poupou correções e isso foi ótimo. Ele chegou a pensar em vir a morar aqui na Canção Nova quando deixasse suas funções de bispo diocesano e se tornasse emérito.<sup>85</sup>

Instituída como Fundação e erigida canonicamente como Associação Pública de Fiéis na Igreja a Comunidade Canção Nova começou a arriscar-se em novos projetos. No ano de 1989, Canção Nova já fazia uso da TVE do Rio de Janeiro para transmitir sua programação. Sete anos mais tarde, em 1996, obtinha seu primeiro canal de TV via satélite. Buscando estudar, conhecer e compreender o crescimento abrangente e contínuo desta Comunidade, considera-se aqui importante indagar pelos fatos históricos mais recentes que a conformam.

#### **2.4. Comunidade Canção Nova hoje**

A Comunidade Canção Nova é reconhecida como a precursora das Comunidades de Vida no Brasil<sup>86</sup>. Encontra-se situada a 230 km de São

---

<sup>84</sup> Cf. NOTÍCIAS. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com/noticias>>. Acesso em: 12/04/2005.

<sup>85</sup> ABIB, Jonas. Centro de evangelização Dom Hipólito de Moraes: Uma ligação direta que se faz entre o céu e a terra. *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano 4, n 49, janeiro/2005. p. 3.

<sup>86</sup> “Conhecem-se como Comunidades de Vida no Espírito aos agrupamentos de fiéis católicos, adeptos do movimento de Renovação Carismática, que renunciaram a seus planos pessoais e expectativas de futuro para compartilharem o cotidiano em habitação comum, submetendo-se, incondicional e deliberadamente, aos princípios da “vida no Espírito”: o abandono de si à ação imponderável e direta de Deus na condução da vida diária (misticismo) e a dedicação exclusiva à missão evangélica para salvação do mundo, fundamentada nas orientações católico doutrinárias (ascetismo)”. OLIVEIRA, Eliane Martins de. “O mergulho no espírito de Deus”: Interfaces entre o catolicismo carismático e a Nova Era. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 24 (1): 2004. p. 88. No Brasil, até o ano 2000, foram contabilizadas 151 comunidades deste tipo oficialmente registradas, todas surgiram em datas posteriores à Comunidade Canção Nova. Cf. CARRANZA, Brenda. *Renovação carismática: origens, mudanças e tendências*. Aparecida do Norte: Santuários, 2000.

Paulo, na cidade de Cachoeira Paulista<sup>87</sup>. Além da sede, administra outras 30 casas filiais de missão, distribuídas em diferentes estados do Brasil, assim como, também, fora do território nacional<sup>88</sup>.

Para fazer parte desta comunidade, basta filiar-se como sócio ou “concorrer” a uma vaga como membro. Como sócio, depois de fazer a inscrição, é necessário contribuir com parcelas mensais que não tem um valor fixo, mas se espera que sejam acima de cinco reais para cobrir os gastos do boleto de pagamento e a revista mensal que cada inscrito recebe. Como membro, tem que passar por um processo de seleção muito mais complexo, no qual nem sempre a pessoa é escolhida.

Sérgio Lírio, durante sua pesquisa de campo na Comunidade Canção Nova, recolheu o seguinte depoimento de João Bosco da Silva, membro desta comunidade:

Para ser aceito na comunidade é necessário enfrentar uma jornada que na maioria dos casos se estende a três anos. A disputa é difícil e a maioria desiste no caminho, existem varias etapas a serem cumpridas até que a comunidade aceita a pessoa interessada. Desempregados ou pessoas que tenham sofrido decepções amorosas são descartados, pois não querem que a comunidade seja encarada como um local de fuga e sim que “sejam cristãos dispostos a se dedicar a uma nova vida, a salvar almas para um novo tempo”.<sup>89</sup>

Na Comunidade Canção Nova, os sócios, uma vez inscritos, passam a formar parte do que se denomina “Comunidade de Aliança”; por sua vez, os membros constituem a “Comunidade de Vida”<sup>90</sup>. A Comunidade de Aliança é composta por 550 mil sócios-colaboradores<sup>91</sup>, aproximadamente. A Comunidade de Vida é formada por 600 pessoas membros – homens,

---

<sup>87</sup> Cachoeira Paulista é um município brasileiro do estado de São Paulo. Se encontra situado no Vale do Paraíba, entre as Serras da Mantiqueira e da Bocaina, a 521 metros sobre o nível do mar. Possui uma área de 287,80 km<sup>2</sup> e tem fronteiras com os municípios de Cruzeiro, Silveiras, Lorena, Canas e Piquete. Estima-se uma população de 27.201 habitantes, sendo 21.671 urbana e 5.530 rural. Do total populacional 13.495 seriam homens e 13.706 mulheres. A taxa de alfabetização é de 93,46 % e a expectativa de vida é de 72,03 anos. Recentemente foi escolhida para receber o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). <<http://www.explorevale.com.br>>. Acesso em: 24/11/2004.

<sup>88</sup> Cf <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 04/12/2005.

<sup>89</sup> LÍRIO, Sérgio. “No reino da alma”, especial religião. *Carta Capital*. 23 de junho de 2004. Disponível na Internet: <<http://www.cartacapital.com.br>>. Acesso em: 25/09/2004. p. 12-18.

<sup>90</sup> Cf. ABIB, 2006, p. 33.

<sup>91</sup> No ano 2004, início da minha pesquisa, tinham lançado uma campanha para chegar aos 500.000 socios-colaboradores. Isso indica que em quatro anos mais de 50.000 pessoas se associaram à Canção Nova.

mulheres, jovens, adultos, solteiros, casados, celibatários, sacerdotes e diáconos – que atuam nos campos de missão do Brasil e do exterior.

Só no ano de 2004, ano em que iniciamos nossa pesquisa, como revelou o balanço feito pela administração, a Comunidade Canção Nova construiu o Auditório e o Novo Rincão para retiros e adoração, um novo prédio para o Departamento de Audiovisuais (DAVI) e um novo edifício para a administração. Criou uma agência que supre totalmente as dispensas com publicidades para suas mídias. Montou um departamento de *marketing*. Iniciou a distribuição de seus materiais através do projeto “Porta a Porta”. Iniciou a montagem da sua própria gráfica para confeccionar os materiais que lhe são necessários. Triplicou as salas de aula que chegaram a albergar até o 3º ano do colegial. Iniciou o ensino profissionalizante com moradores de rua que diariamente superaram a cifra de 150 pessoas. O ambulatório clínico, com consulta e remédios gratuitos, atendeu, em média, 4.300 pessoas por mês. Além disso, a Comunidade Canção Nova adquiriu três glebas de terra que faziam divisa com a comunidade, num total de 104 m<sup>2</sup> cada uma<sup>92</sup>.

A sede ocupa uma área de aproximadamente 414.698,69 m<sup>2</sup> e hoje está subdividida em vários setores<sup>93</sup>:

1. *Vila*, onde moram os membros comunitários. É a única parte da sede a qual os visitantes não têm acesso, a menos que se tenha uma permissão especial. Segundo o apresentado nos programas da TV Canção Nova, alguns dos comunitários vivem em casas, principalmente famílias com filhos, enquanto que outros, solteiros ou casais, moram em apartamentos.
2. *Auditório São Paulo*, para realizar encontros nacionais e internacionais. É um espaço fechado, localizado à esquerda da entrada principal da sede e tem capacidade para 700 pessoas. Oferece serviço de tradução simultânea.
3. “*Novo Rincão Dom João Hipólito de Moraes*”, é o mais recente espaço construído para os encontros de adoração e louvor, com uma área de 22 mil m<sup>2</sup>. Encontra-se equipado com a mais alta tecnologia e tem capacidade para 70.000 pessoas. A construção do Rincão, assim como a compra dos aparelhos de áudio usados em seu espaço foi feita com as

---

<sup>92</sup> Cf. JARDIM, Wellington Silva. As metas que realizamos. *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano iv, n 48, dezembro 2004. p. 6-7.

<sup>93</sup> Cf. OLIVEIRA, 2004, p. 111. Cf. também <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 19/12/2007. Parte desta informação foi corroborada na pesquisa de campo que realizei em novembro de 2006.

doações de ouro que a Canção Nova recebeu numa campanha de arrecadação realizada especialmente para esse fim.

4. *“Rincão do Meu Senhor”*, centro para encontros de adoração e louvor, com capacidade para 5.000 pessoas. Como pode ser observado, esse espaço foi construído arquitetonicamente aberto, o que permite o acesso de pessoas sem dia ou horário pré-estabelecido. Nesse espaço, são celebradas as duas missas que, diariamente, se realizam na sede.
5. *Rádio Canção Nova*, o prédio da rádio é o mais antigo dentro da estrutura arquitetônica da sede. No entanto, não difere dos restantes, nem no estilo, nem nas cores usadas nas paredes, portas e janelas, sendo mormente predominante o branco e o azul.
6. *TV Canção Nova*, encontra-se situada no prédio do Clube do Ouvinte. O espaço físico desta TV parece ter sido milimetricamente bem aproveitado para sua função. Decorado com requintado gosto, segundo a finalidade de cada estúdio, mantém também nos exteriores as cores azul e branco.
7. *“Casa de Maria”*, lugar para confissão e reza do terço diário. Nesta casa, as pessoas também recebem orações, aconselhamentos, cursos doutrinários e catequéticos.
8. *Capelão São José e a Capela Sagrada Família*, pequenas capelas para o uso diverso, tanto das pessoas que visitam a sede quanto dos membros comunitários que nela moram.
9. *Casa do Clube do Ouvinte*, lugar onde é realizada a assinatura dos sócios e se recebe o dinheiro tanto deles como dos sócio-colaboradores.
10. *Quiosque de oração*, onde padres ou leigos consagrados ministram aconselhamento e cura durante os eventos realizados.
11. *DAVI*, departamento de audiovisuais da Fundação João Paulo II, é responsável pela produção e distribuição dos produtos de evangelização. Para a produção destes materiais, há um estúdio de gravação de CDs e uma editora de livros. Os produtos podem ser adquiridos no *Shopping* (dentro da sede), por Internet, em diferentes livrarias, ou por telefone através de representantes do “porta a porta”.
12. *Shopping DAVI*, onde são vendidos os produtos de evangelização confeccionados no DAVI: as fitas cassetes, fitas VHS com palestras e shows gravados, além de CD’s de bandas de música, livros, revistas, camisetas, mochilas, entre outros.
13. *Pousada Sérgio Abib*, tem capacidade para abrigar 680 pessoas. Composta de três andares, nos quais podem ser encontrados quartos

mobiliados, individuais (suítes) e coletivos (para 8 ou 12 pessoas). Possui cozinha coletiva toda mobiliada.

14. *Camping*, masculino, feminino e familiar, com uma extensão de 8 mil m<sup>2</sup>. Nesta área, foram construídos banheiros de alvenaria para o uso dos campistas. É importante salientar que, desta área, se pode ter uma das melhores vistas da geografia da região, comportando o vale, o rio e os morros.
15. *Lanchonetes e refeitório*, existem vários espaços para lanches que são vendidos a um preço módico. Com capacidade para 800 pessoas, o refeitório oferece três modalidades de cardápio: livre, prato feito e cantina<sup>94</sup>.
16. *Cozinha*, equipada para fazer até 10 mil refeições por dia.
17. *Hospital Pe. PIO*, um posto para o atendimento médico e odontológico, com diagnóstico e exames gratuitos para a população carente. Atende também nas áreas de psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia, nutrição e plantão social.
18. *Instituto Canção Nova*, escola que atende aproximadamente 1.100 crianças e adolescentes, da educação infantil ao ensino médio, sendo gratuita para as crianças membros da comunidade e aquelas pertencentes a famílias de baixa renda.
19. *Estacionamento*, possui uma área de 52.500 m<sup>2</sup>, com pista especial para o pouso de helicópteros.
20. *Caixas Eletrônicas*, de diferentes bancos para uso dos comunitários e dos visitantes.
21. *Banheiros*, somam ao todo 400 banheiros espalhados por toda a sede.
22. *Água potável*, um grande número de quiosques com torneiras de água potável se encontram dispostos de forma tal que, de qualquer lugar do complexo, o acesso se torna fácil.
23. *Horta Comunitária*, produz alimentos de subsistência para o consumo dos membros e das pessoas que visitam a sede. Trabalham, na horta, pessoas da comunidade e também da cidade de Cachoeira Paulista.

Entrando no *site* da Canção Nova e procurando o *link* de *e-mails* (que podem ser enviado para a Comunidade), pode-se observar uma

---

<sup>94</sup> *Prato livre*: a pessoa serve-se segundo sua vontade e paga por peso; *prato feito*: a pessoa faz a refeição no refeitório e, por um valor fixo, recebe um “prato feito” segundo a comida do dia; a *cantina*: conhecida em outras regiões do Brasil como marmitta, são preparadas e vendidas fora do refeitório a um preço menor que o preço do prato feito.

divisão por departamentos, em função de uma melhor comunicação e contato. A saber: Acessoria de imprensa, Clube do ouvinte, Comunicação, Comunidade, DAVI, Eventos, Filiais, Infra-estrutura, Instituto Canção Nova, Internet, Mídia, Ministério de Música, Posto Médico, Pousadas, Presidência, Programas da TV, Rádio, Recursos Humanos, Retransmissoras, Revista, Segurança, SOS Oração, Testemunho e Vice-presidência<sup>95</sup>. Isso oferece, em certa medida, um mapa de como esta sendo estruturado o trabalho na Sede.

Faz, também, parte desse complexo a *Fundação João Paulo II*. Ela é a empresa mantenedora do Sistema Canção Nova de Comunicação (Rádio, TV, Portal Internet, WebTV, Estúdio de Gravação de CDs e o DAVI) e teve início em 1980. Entre suas atividades primárias, encontram-se: tv, rádio, Internet, produtos de Evangelização do DAVI, eventos de evangelização, educação, saúde e atendimento social. Entre suas atividades secundárias, encontram-se: gráfica, estúdio de gravação de CDs, editora, padaria, atividades agrícolas e pecuárias<sup>96</sup>.

Neste monumental complexo, o padre Jonas Abib continua sendo “a” figura central, mesmo que a de Luzia Santiago (co-fundadora) e Wellington Silva Jardim (administrador) apareçam com grande destaque e frequência. Por vezes, dá a impressão de que a imagem do padre Jonas concorre com a de Nossa Senhora e a do próprio Jesus. Principalmente, essa exaltação da sua imagem pode ser corroborada com os depoimentos dos membros, sócios ou aqueles que visitam a Comunidade Canção Nova.

A imagem do padre Jonas se espalha por todos os cantos de Cachoeira Paulista. Tem quem fala que ele é um profeta, mas Jonas não se perturba com isso, ele diz: “no início, quando as pessoas começam a entender o significado da fé, elas confundem o meu papel. É natural o convertido exagerar. Com o tempo compreendem que tudo esta em Deus”. A onipresença do padre Jonas é fator fundamental para que a Canção Nova tenha se mantido em pé durante todos estes anos. Suas pregações e relatos atraem por ano 500 voluntários dispostos a trocar a vida livre por uma vaga na comunidade.<sup>97</sup>

A partir de uma enquete realizada no mês de fevereiro de 2008, pode-se observar que a maior parte das pessoas conheceu a TVCN –

---

<sup>95</sup> Cf. <<http://www.cancaonova.com/e-mails>>. Acesso em: 17/02/2008.

<sup>96</sup> Cf. *CANÇÃO NOVA: uma obra de Deus: Cachoeira Paulista: Fundação João Paulo II, 2005.*

<sup>97</sup> *LÍRIO, 2004, p. 12-18.*

fundada, como já falamos, em 1989 -nos últimos cinco anos<sup>98</sup>. Isso corrobora com o desenvolvimento que a Canção Nova tem tido no último quinquênio. Da mesma forma como foi especialmente destacado o contexto religioso, econômico, social e político no surgimento deste fenômeno, pensamos que novamente o contexto está por detrás deste novo crescimento em todas as ordens. Mesmo que a firmeza e perseverança do padre Jonas, assim como seus seguidores, tenha sido fator primordial no desenvolvimento, o contexto religioso, econômico, social e político da última década têm contribuído indubitavelmente.

Cachoeira Paulista tem se transformado num dos lugares mais importantes de peregrinação católica no país. Existe um percurso turístico conhecido com o nome de “Circuito Religioso” que inicia em Aparecida, passa por Guaratinguetá e conclui em Cachoeira Paulista. Nesse trajeto, é incentivado o turismo religioso<sup>99</sup>. O município chega a abrigar, em datas religiosas comemorativas ou retiros espirituais, mais de setenta mil fiéis. Pelo fato de que nem todas as pessoas conseguem ficar alojadas na sede, muitas casas particulares da região têm sido convertidas em pousadas, oferecendo serviços durante os dias dos eventos. Isso, logicamente, gera uma renda extra no orçamento familiar e movimenta, em certa medida, a economia da cidade. Pode-se afirmar que, na última década, Canção Nova tem se tornado um fenômeno de comunicação de massas<sup>100</sup>.

O desenvolvimento dessa comunidade é oposto, em proporção, ao comportamento do crescimento da religião católica romana no Brasil. Segundo dados do IBGE, entre 1991 e 2000, os católicos passaram de 83% para 73% do total da população brasileira. No entanto, os Católicos Carismáticos superaram a cifra de 15%, que é o total de protestantes<sup>101</sup>. A instauração de Casas de Missão em diferentes estados, assim como em

---

<sup>98</sup> Enquete são feitas diariamente no site da Canção Nova. A enquete a que fazemos referência perguntava: Há quanto tempo você conhece a Tv Canção Nova? As opções de respostas eram: a) só há alguns meses, b) um ano mais ou menos, c) uns três anos, d) cerca de cinco anos, e) há mais de dez anos. O resultado foi o seguinte: a) 7%, b) 7%, c) 0%, d) 50%, e) 35%. De maneira que a maioria das pessoas que participaram conheciam a Tv Canção Nova desde o ano de 2003 aproximadamente. Cf. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 18/02/2008.

<sup>99</sup> Para ampliar a informação sobre o “Circuito Religioso”, cf. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 14/11/2007.

<sup>100</sup> Num artigo escrito na revista *Veja*, abril de 1998, intitulado “Católicos em Transe”, pode-se observar que falam da Renovação Carismática Católica no Brasil, falam do padre Eduardo Dougherty, padre Marcelo Rossi, mas não aparece nenhuma alusão ao padre Jonas, nem à Comunidade Canção Nova. Cf. OYAMA, Thaís; LIMA, Samarone. O novo catolicismo dos carismáticos. *Veja*. São Paulo: Abril, ano 31, n 14, edição 1541, abr. 1998. p. 92-98.

<sup>101</sup> Cf. IBGE. *Censo demográfico do ano 2000*. Disponível na Internet: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17/07/2005.

outros países, pode ter contribuído para este comportamento. Uma análise aprofundada deste fato poderia corroborar ou não tal hipótese.

### 3. Do Brasil para o Mundo

#### 3.1. Casas de missão da Canção Nova

Embora Canção Nova tenha iniciado suas atividade na região de São Paulo, desde os primeiros anos, interessou-se por aquilo que *outsider*<sup>102</sup> poderiam denominar como “projeto de expansão”, o estabelecimento de *Casas de Missão*. Para a Comunidade, tal ação foi decorrente da intenção para a qual foi concebida: evangelizar, missionar<sup>103</sup>. As Casas de Missão (CM) são filiais que a Canção Nova possui no Brasil e no exterior. Elas têm como objetivo e finalidade a evangelização e, conseqüentemente, divulgação de si próprias. Ao mesmo tempo, também divulgam notícias sobre a Igreja Católica Romana, a Renovação Carismática Católica, entre outras instituições.

Nas Casas de Missão, trabalham aquelas pessoas que, com anterioridade, tenham sido aceitas como membros da Comunidade de Vida e que foram escolhidas, especificamente, para essa labor. Segundo os dados recolhidos na investigação de campo, tal “envio”, para o campo da missão, é de igual maneira antecedido por um processo de escolha. De acordo com as necessidades primordiais detectadas no estado ou país de instalação, são selecionados aqueles membros que possuem dons e carismas afins com as necessidades locais. Mormente, os selecionados para estas missões são as pessoas mais jovens da Comunidade.

Os membros, uma vez indicados – quase sempre em grupo de três, quatro ou cinco pessoas –, passam pelo que poderia ser denominado de “processo de capacitação”. É durante esse período que eles estudam as características econômicas, sociais, políticas e culturais da cidade ou povo no qual será desenvolvido seu trabalho. Caso que a missão seja destinada a um outro país, costumeiramente, aprendem também o idioma. Tudo isso é desenvolvido na procura de maior eficiência e eficácia no labor a ser desenvolvido. De igual maneira, buscam uma melhor inserção da pessoa no contexto diferente que lhe acolhe.

Partindo do anterior expressado, não caberia afirmar que a Canção Nova, nesse sentido, se encontre, propriamente dito, inovando, mas bem,

---

<sup>102</sup> Cf. SMITH, Wilfred Cantwell. *O sentido e o fim da religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. p. 1215.

<sup>103</sup> Cf. <<http://www.cancaonova.com/casas>>. Acesso em: 14/12/2007.

pode-se dizer que ela, novamente, vai em cumprimento da solicitude feita pela Igreja Católica Romana, qual seja, a Constituição Pastoral “*Gadium et Spes*”. Nessa Constituição, a Igreja conclama a fazer uso dos diferentes idiomas dos diversos povos, assim como também, a adaptação a esses idiomas para os fins de proclamação do evangelho (GS, n<sup>o</sup> 44). Assim, pode-se dizer que Canção Nova esteja, fielmente, atendendo o “repetido chamado do concílio para que se traduza o evangelho para os idiomas, modos de pensar e tradições dos povos”<sup>104</sup>.

Ao exemplo da vivência cotidiana na sede da Canção Nova, as pessoas que são enviadas para a missão constituem, em cada lugar de assentamento, uma “Comunidade de Vida”. Quiçá nem compartilhem um teto comum<sup>105</sup>, mas o fato de passar a maior parte do dia dedicados ao trabalho missionário em conjunto, de partilhar os rendimentos, as despesas e a economia doméstica, assim como também o local de trabalho e a experiência religiosa são argumentos que reforçam o pertencimento a uma comunidade, uma Comunidade de Vida. Importante salientar que, nas Casas de Missão, convivem pessoas vindas de diferentes estados, aliais a prática da Comunidade é não enviar ninguém para trabalhar na sua terra de origem, o que implica, por si só, um inevitável “encontro entre culturas”.

As pessoas que integram uma Comunidade de Vida, mesmo sendo trabalhadoras de alguma Casa de Missão, vivem dos recursos que a própria comunidade possui. Estes recursos, normalmente, são gerados pelos labores que eles mesmos realizam ou, em ocasiões, também podem ser recebidos através de doações. Num dos depoimentos recolhidos por Mariz, o membro explica:

Nós não temos salário, nós não temos um retorno daquilo que nós trabalhamos. O dinheiro que nós recebemos – porque aí estaríamos fora da lei, né, ninguém trabalha de graça – nós passamos para uma pessoa que nós chamamos de caixinha, que é responsável pelo dinheiro da casa e é essa pessoa que vai fazer a administração da casa. Mas eu não tenho o direito de usar meu salário e usar com aquilo que eu gostaria de usar. Eu acredito fielmente na divina Providência. Se eu quero um tênis novo, Deus vai dar um jeito e vai

---

<sup>104</sup> LIENEMANN-PERRIN, 2005, p. 69s.

<sup>105</sup> Em algumas comunidades, como no caso do Rio de Janeiro, as Casas de Missão comportam mais de um apartamento, embora todos estejam localizados num mesmo prédio. Cf. MARIZ, Cecília Loreto. “Comunidades de Vida no Espírito Santo: Um novo modelo de família?” In: DUARTE, Luis Fernando et. alli. (org.). *Família e Religião*. Rio de Janeiro, 2005-b. p.

prover um tênis novo. Pra alguns é loucura, mas para nós é acreditar na Providência.<sup>106</sup>

Ainda quando esta narrativa possa ser feita ou corroborada por qualquer um dos membros comunitários, outro tipo de depoimentos, das pessoas que atuam nesses campos de missão, acostumam ser bem diversos, assim como diversas são suas experiências de inserção. Por vezes, alude-se ao fato de ter que conviver com a dor da distância de familiares ou de outros comunitários<sup>107</sup>; alguns sentem, com maior ou menor intensidade, as mudanças climáticas de uma determinada região<sup>108</sup>; há ainda aqueles que precisam suportar os embates de bispos não simpatizantes da corrente carismática<sup>109</sup>. No entanto, nem na literatura pesquisada, nem nas conversações mantidas com membros ou sócios da Canção Nova, apuramos algum caso de desistência por parte das pessoas escolhidas. De repente, esse dado não aparece porque não é de práxis registrar este tipo de situação.

A fim de adentrarmos mais no cotidiano dessas Casas de Missão, temos optado por fazer uma explanação, tomando como elemento distintivo, do fato de encontrarem-se localizadas dentro ou fora do território brasileiro. Com uma simples observação, pode parecer que as Casas de Missão trabalham, em seu conjunto, com agendamentos muito similares. Um elemento que poderia equipará-las seria o fato de todas se dedicarem à evangelização através da mídia. No entanto, há que se ressaltar que cada uma delas, segundo a região onde está situada, realiza trabalhos bem específicos.

Essa especificidade é a que se buscará explicitar em relação às Casas de Missão no exterior. Sobre aquelas que se encontram no território brasileiro, pelo fato de serem maiores em número, terá que ser feita uma seleção para a análise. Ainda que, como já mencionamos, cada uma delas possua características muito próprias e estas estarão sendo, na medida do possível, destacadas. Desejamos concentrar nossa procura em pontos comuns que permitam fazer uma descrição de forma mais generalizada a seu respeito.

---

<sup>106</sup> Cf. MARIZ, 2005-b, p. 16.

<sup>107</sup> Depoimento recolhido pela pesquisadora Cecília Mariz com membros da Casa de Missão de Rio de Janeiro. Cf. MARIZ, 2005-b, p. 10.

<sup>108</sup> Depoimento encontrado no *blog* da Casa de Missão na França. Cf. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 14/11/2007.

<sup>109</sup> Este é o caso da Casa de Missão de Vacaria-RS que está aguardando para dar continuidade ou não à eleição dum novo bispo para a diocese.

### 3.2. Casas de missão no Brasil

A Comunidade Canção Nova possui Casas de Missão em doze dos vinte e seis estados brasileiros e também no Distrito Federal. Os estados são: Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Tocantins, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Ao todo, elas somam 25 casas e estão localizadas nas seguintes cidades: Fortaleza-CE; Natal-RN; Gravatá-PE; Aracajú-SE; Itabuna-BA, Vitória da Conquista-BA; Belo Horizonte-MG; Brasília-DF; Palmas-TO; Cuiabá-MT; Campos dos Goytacazes-RJ, Rio de Janeiro-RJ; Bauru-SP, Cachoeira Paulista-SP, Campinas-SP, Lavrinhas-SP, Lorena-SP, Paulínia-SP, Queluz-SP, São Paulo-SP, São José do Rio Preto-SP, São José dos Campos-SP; Curitiba-PR, Nova Esperança-PR e Vacaria-RS.

Note-se que o estado que mais abriga este tipo de Casas de Missão cançonovista é o de São Paulo, coincidindo, com o percentual reportado por pesquisadores, como uns dos estados com maior índice de presença carismática católica<sup>110</sup>. Outro fator a ser destacado é que, precisamente, a população que compõe as cidades destacadas no estado de São Paulo é, na sua imensa maioria, composta por migrantes procedentes dos estados do nordeste do Brasil que chegaram na região paulista em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

As Casas de Missão, nos diferentes estados, são como “extensões” da Comunidade Canção Nova. Nelas, implementam-se programas e projetos de evangelização similares àqueles que a Comunidade mantém na sede ao longo de todo o ano, ainda que também façam suas inovações com atividades que sejam de importância cultural para a região na qual se encontram. Os sócios-colaboradores, se desejarem, podem efetuar o pagamento da contribuição mensal através delas, podendo também realizar a compra e pedido de materiais e objetos que se encontram a venda, na sede, no shopping DAVI. Ao mesmo tempo, as Casas de Missão congregam e atendem, pastoralmente, as mais variadas pessoas nas cidades onde se encontram encravadas.

Uma ampla e detalhada divulgação das atividades que nelas serão realizadas aparece com regularidade na página 14 das revistas impressas que os sócios-colaboradores recebem mensalmente. Esse calendário de atividades é também divulgado na rádio, na tv e no portal da Internet da Canção Nova. O padre Jonas, conjuntamente com outros membros da diretiva da Comunidade, visitam ou participam dos eventos que, durante o ano, são celebrados nessas casas.

---

<sup>110</sup> Cf. Carranza (2000), Miranda (1999), Oliveira (2003).

Há outros estados brasileiros que, mesmo não aparecendo contabilizados na literatura da Canção Nova como possuidores de uma Casa de Missão no seu território, recebem o sinal da TvCN e as pessoas mantêm toda uma relação especial com a Comunidade. Essa constatação foi corroborada durante a minha pesquisa de campo<sup>111</sup>. Observei que, para o *Kairós* de um final de semana, um dos ônibus procedente do estado de Rondônia trouxe pessoas que pareciam muito familiarizadas com o lugar, mesmo sem tê-lo visitado antes. Conversavam ou saudavam membros comunitários como se já fossem velhos conhecidos, mesmo quando afirmavam estarem fazendo sua primeira visita a sede. Quiçá, a televisão tenha essa capacidade de aproximar pessoas e realidades distantes.

É possível observar também o caso de cidades que, sem ter a presença de Casas de Missão, possuem, em funcionamento, uma Comunidade de Aliança, situação factível sempre que sócios-colaboradores decidam se agruparem em prol de seu interesse comum pela Canção Nova. Esse tipo de Comunidades de Alianças tem sido, em várias ocasiões, a semente para futura implantação de uma Casa de Missão. Observa-se, assim, que nem sempre é a Casa de Missão a que gera ao seu redor uma Comunidade de Aliança, o processo pode se dar também no sentido contrário.

### **3.3. Casas de missão no exterior**

No exterior, a Comunidade Canção Nova tem instituído, até o início do ano de 2008, cinco Casas de Missão. Elas estão localizadas nos seguintes países: Portugal, Itália, França, Israel e Estados Unidos. A primeira, fora do território brasileiro, foi a Casa de Missão de Fátima, em Portugal, que, nesse ano, completa uma década de fundação. A mais recente, com apenas três anos de funcionamento, é a de Toulon, na França.

O trabalho das Casas de Missão no exterior pode se iniciar com a implantação de uma pequena emissora de Rádio que transmite programas tanto na língua do país onde se encontra quanto na língua portuguesa, como é o caso da Casa de Missão da França. Um outro jeito é iniciar com encontros de oração e louvor, apenas com a utilização de um violão, como foi o caso nos Estados Unidos. Na tentativa de atingir e “evangelizar”, simultaneamente, pessoas nativas e, também, imigrantes de fala portuguesa ou não, a Canção Nova parece não poupar esforços, nem ideias

---

<sup>111</sup> A pesquisa de campo foi realizada na sede da Comunidade Canção Nova no mês de novembro de 2006. No quarto capítulo, oferecemos mais detalhes dessa experiência.

originais, em seu trabalho evangelizador. Cada uma destas Casas de Missão possui uma história de fundação diferente.

A Casa de Missão de Fátima, em Portugal<sup>112</sup>, foi inaugurada no dia 22 de agosto de 1998. Como já foi dito, é a primeira incursão da Canção Nova fora do território brasileiro. Com mais de dez anos de trabalho, essa Casa possui a maior estrutura das Casas de Missão no estrangeiro. Além do trabalho de evangelização através da rádio e da TV, dos encontros de grupos de oração, das distintas celebrações cristãs, eles coordenam o turismo religioso entre Brasil, Portugal e Espanha.

A Casa de Missão na Itália, em Roma<sup>113</sup>, foi inaugurada no ano de 1997 com a intenção de ter um lugar na Itália para o estudo e a preparação de seus seminaristas. No ano 2000, por causa do Jubileu, essa casa iniciou com atividades jornalísticas em língua portuguesa. As matérias produzidas versavam sobre o Papa, sobre o Vaticano e sobre a Igreja Católica de um modo mais geral. Em novembro de 2006 e com o objetivo de expandir a missão, a Casa de Missão-Roma lançou a WebTV-CN em Italiano<sup>114</sup>.

A Casa de Missão dos Estados Unidos<sup>115</sup> teve início em Janeiro de 2004 com a chegada de duas missionárias na cidade de Dallas, Texas. No entanto, foi desde o ano 2002 que o padre Jonas, Wellington, Luzia e outros fizeram uma viagem aos EUA procurando contatos com produtoras, estúdios ou emissoras de TV para estabelecer parcerias com a TvCN. Na visita ao estado de Texas, reuniram-se com integrantes da Comunidade de Aliança já existente e foi em conversação com eles que se originou o pedido de consentimento para que o Bispo de Dallas aprovasse o trabalho da Canção Nova na sua diocese. Consentimento este que não se fez esperar, três meses após o pedido Canção Nova receberia plena autorização para levar a cabo seu empenho de evangelizar através dos meios de Comunicação. O primeiro investimento que se fez foi a compra de um violão. Com ele, iniciou-se o trabalho missionário. Hoje, a Casa de Missão se encontra situada em Marietta- Geórgia.

A Casa de Missão de Jerusalém, Israel<sup>116</sup>, é também conhecida como *Comunidade Obra de Maria*. Não foi possível encontrar uma data exata que defina seu início. Isso pode ser decorrente do trabalho de evangelização diferenciado que esta Casa de Missão realiza. O objetivo dela é

---

<sup>112</sup> Cf. <<http://blog.cancaonova.com/fatimahoje>>. Acesso em: 19/12/2007.

<sup>113</sup> <<http://blog.cancaonova.com>>. Acesso em: 15/01/2008.

<sup>114</sup> Cf. <<http://www.webtvcn.it>>. Acesso em: 10/01/2007.

<sup>115</sup> Cf. <<http://blog.cancaonova.com/eua/sobre>>. Acesso em: 19/12/2007.

<sup>116</sup> Cf. <<http://blog.cancaonova.com/terrasanta>>. Acesso em: 15/01/2008.

proporcionar viagens e dar atenção a grupos de peregrinação que desejem conhecer a Terra Santa. O roteiro desses grupos não segue um padrão rígido. A rota escolhida só é comunicada quando se faz a propaganda da viagem. As pessoas interessadas em visitar a Terra Santa podem agendar suas viagens diretamente com a Casa de Missão em Jerusalém através de e-mail<sup>117</sup> ou diretamente na sede da Canção Nova, no Brasil.

A Casa de Missão na França foi inaugurada no dia 9 de fevereiro de 2005. Seu começo foi marcado pela instalação de uma pequena rádio na cidade de Toulon com a chegada de três missionárias e dois missionários da Canção Nova. Primeiramente, iniciaram suas transmissões e trabalho em idioma português, meses depois, já com o domínio da língua, passaram a oferecer alguns programas em francês. É importante destacar que imigrantes de Cabo Verde, que se encontravam vivendo na Suíça, escutaram os programas transmitidos em português e entraram em contato com a Casa de Missão. Eles pediam, como estrangeiros, uma atenção espiritual por parte da Canção Nova. Mais tarde, este grupo pediu para que fizessem alguns programas radiais desde Suíça e esse intercâmbio trouxe, como resultado, a criação de uma Comunidade de Aliança. Comunidade que agora solicita que seja instaurada uma Casa de Missão naquele país.

Cada uma das Casas de Missão no exterior possui um *blog* próprio através do qual se pode conhecer tanto os membros que a compõem quanto o trabalho que nela se realiza. Entre os componentes desses *blogs*, é possível verificar a agenda de atividades do mês ou do ano, ver uma galeria de fotos de eventos realizados na casa ou promovidos por ela e postar pedidos de oração. Também tem um *link* para o site da sede da Canção Nova e para os *blogs* de outras Casas de Missão. Da mesma forma, no site oficial da Canção Nova, podem ser lidas notícias que aludem à missão desenvolvida nessas comunidades menores.

### **3.4. Um percurso diferente na evangelização?**

Como pode ser apreciado, pelo lugar que as Casas de Missão ocupam nos diferentes países, Canção Nova rompe com a “tradicional evangelização” Norte-Sul. A Canção Nova sai do Hemisfério Sul para “evangelizar” em países do Hemisfério Norte, países que, no caso europeu,

---

<sup>117</sup> A saber, <<http://terrasanta@cancaonova.com>>.

segundo afirmam vários pesquisadores contemporâneos<sup>118</sup>, estariam passando por um processo gradativo de secularização.

Note-se, com certa perspicácia, quais são os países “do norte” nos quais Canção Nova implanta suas Casas de Missão: Portugal, Itália, Estados Unidos, Israel e França. Canção Nova estaria mesmo com interesses evangelizadores nesses países? Ou o fato de esses países representar, de uma ou outra maneira, certa hegemonia com relação ao Brasil e ao mundo não seria uma forma da Canção Nova adquirir ou reafirmar certa legitimidade no âmbito católico?

Decorrente do que foi pesquisado até o presente momento, daríamos uma resposta afirmativa para a primeira pergunta. Canção Nova tem, como cerne, a evangelização através da mídia, mas não pensando num determinado país ou numa determinada região do planeta, ao contrário, ela almeja atingir o mundo como um todo<sup>119</sup>. A proposta evangelizadora que a Canção Nova faz não é direcionada a um público seletivo. Nas suas afirmações, deixa claro que a meta é atingir toda pessoa que deseje escutar e que se sinta identificada com a mensagem que prega.

Para responder a segunda pergunta, um estudo maior e mais profundo deveria ser feito. No entanto, também partindo do até aqui pesquisado, arriscamos dizer que a resposta pode ser afirmativa ou negativa, dependendo do argumento que seja utilizado. Por um lado, é certo que, na conformação do mundo atual, esses países representam uma certa hegemonia – no caso específico de Portugal e Brasil há uma história quase que “familiar”, de “Mãe e Filho”. O fato de Canção Nova implantar Casas de Missão nesses países outorga a este fenômeno religioso um status privilegiado dentro do catolicismo nos dias atuais, ainda mais, quando sabemos que são países nos quais outras religiões têm estado disputando o universo religioso durante anos e a própria Igreja Católica passa por amplas “re-acomodações” nas suas funções sociais<sup>120</sup>.

---

<sup>118</sup> Ampliar com: SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na América latina e no Caribe, 1945-1995*. Vozes: Petrópolis, São Paulo: CEHILA, 1995. p. 81-131.

<sup>119</sup> Ver no site da Canção Nova as diferentes convocações que a Comunidade faz com o intuito de evangelizar e atrair sócios evangelizadores. Exemplos: “O evangelizador é alguém que está sempre perto de Deus, você fala de Deus e você fala de vida, seja um evangelizador do mundo!”, “Colabore com essa obra de Deus, ajude a Canção Nova a evangelizar no mundo!”, “A Igreja ensina hoje que evangelizar é uma linda e excelente forma de solidariedade. Você é evangelizador. Você tem um coração solidário. O coração solidário constrói um mundo novo”.

<sup>120</sup> Cf. SANCHIS, 1995, p. 81-131.

Por outro lado, mesmo Canção Nova precisando de reconhecimento e legitimidade, como qualquer fenômeno religioso recente, não parece ter “vinda de fora” a legitimidade e o reconhecimento que hoje detêm. A legitimidade parece ser resultado de um processo de negociação, não muito tranquilo, com a Renovação Carismática Católica e a própria Instituição Católica Romana no Brasil, especificamente a CNBB. O reconhecimento, aparentemente, tem sido ganho pelo trabalho de evangelização contínuo, inovador e singular que por mais de 30 anos vem realizando. De maneira que, o trabalho nesses países só poderia incrementar um “capital simbólico” já existente.

#### **4. A Modo de Conclusão**

De maneira geral, pode-se afirmar que o contexto latino-americano e brasileiro favoreceu a gestação, nascimento e desenvolvimento da Comunidade Canção Nova. Por um lado, a realidade era convulsa, de repressão, mas também de contestação. O catolicismo perdia membros aceleradamente, mas a Renovação Carismática Católica ganhava-os. O pentecostalismo popular crescia rapidamente e uma campanha de evangelização, desde os Estados Unidos, era lançada com o intuito solapado de se contrapor à jovem Teologia da Libertação.

Por outro lado, especificamente no Brasil, o fato dos pequenos proprietários rurais serem expulsos e terem que reconstruir sua vida nas “não aconchegantes” cidades, representava um desafio crucial para as igrejas no acompanhamento dessas pessoas. Toda essa situação se apresentava como solo fértil para o trabalho eclesial, a partir do qual novas ideias e ferramentas precisavam ser testadas e os meios de comunicação poderiam ser uma delas, bastava só se “aventurar”.

Ao fazer o levantamento histórico, constatamos que Canção Nova surge e se desenvolve porque há um contexto favorável para tal. Pessoas abraçaram o trabalho de início porque eram tempos em que acreditar e pertencer se tornava difícil e desafiante. Pessoas continuaram se juntando porque encontraram, ao longo de décadas, não “uma” forma e sim “múltiplas” formas de viver e experimentar sua fé. Dito de outra maneira, Canção Nova vive a renovação a cada 24 horas. O carisma institucionalizou-se, mas não virou rotina!

Seguindo esse tipo de argumento, não é por acaso que o Bispo Dom Antonio pensasse em Jonas para pôr em prática o que a Encíclica Papal pedia. Nos dados biográficos do fundador, principalmente nos anos de estudo e nos primeiros de trabalho, percebem-se características, na sua personalidade, que acompanham toda sua vida e seu ministério. Algumas delas merecem destaque especial. O Jonas menino viveu e aprendeu a

dureza de ter que ganhar, com *sacrifício*, “o pão de cada dia”. Essa realidade o conduziu, ainda pequeno, a ter que *abandonar um lar* estruturado, sua família, para conseguir estudar e se preparar. Com 12 anos, já tinha *responsabilidade* laboral, nada mais e nada menos que numa gráfica, e, desde então, pelo que consta, *sempre trabalhou* na sua vida. Hoje tem mais de 70 anos. Sacrifício, responsabilidade e constância são valores que, conjuntamente com sua fé, lhe são característicos. Sua vocação estava definida, mas a solidão (particularidade ministerial romana) não conseguiu vencer o anseio pelo lar abandonado, Jonas precisou sentir-se parte de uma comunidade, pertencer a uma nova família.

O apoio do promotor de Lorena na época e do bispo Dom Hipólito de Moraes, perante as autoridades eclesiais, deixa claro que a aceitação e o reconhecimento da Canção Nova, primeiramente como Fundação e posteriormente como Associação de fiéis, não foi um processo isento de tensões e enfrentamentos. A tenacidade e o amor com que o projeto foi abraçado permitiu que não sucumbisse e sim que se erguesse como fenômeno religioso da contemporaneidade.

Ao falar de cotidiano, explicitamos o que entendíamos quando fazíamos referência a esse vocábulo, o que ele representava na nossa compreensão. Ainda depois dessa explicação, precisamente pela importância que ele tem na nossa pesquisa, pensamos que é muito importante explicar como nos apropriamos dele como conceito metodológico. Ivone Gebara pesquisa usando como categoria de análise a “**epistemologia do cotidiano**”, que segundo suas palavras “faria emergir uma outra percepção do mundo menos rígida e menos dominada pelas leis dos doutos cientistas e legisladores, quais quer que sejam suas áreas de atuação”<sup>121</sup>. Essa epistemologia do cotidiano, diferente de outras epistemologias, ganha com Gebara uma outra denominação “**epistemologia da vida ordinária**”. De maneira que, é da epistemologia do cotidiano, da epistemologia da vida ordinária que nos apropriamos para a pesquisa. Segundo explicita a autora,

Insistir na epistemologia da vida ordinária ou na epistemologia do cotidiano é (...) reencontrar o lugar originário da **teologia**, lugar do qual nos distanciamos, que negamos ou simplesmente colocamos como lugar de menor importância para a existência humana. O lugar originário da teologia não é o **logos** sobre Deus, mas a experiência

---

<sup>121</sup> GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas conseqüências. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs.). *Epistemologias, Violência e Sexualidade*. Olhares do 2º Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 36.

humana na complexidade de suas vivências e na sua irredutibilidade a uma razão explicativa única. E parte integrante desse lugar é a celebração da vida em suas diferentes dimensões. Nela, as experiências de temor e espanto, admiração e louvor, com suas diferentes intensidades, fazem-se presentes. Espanto e admiração, temor e tremor, louvor e gratidão levam a uma experiência de fragilidade e de grandeza que esta em nós, mas, ao mesmo tempo, parece nos transcender individualmente. (...) E é esse o lugar originário da teologia antes mesmo que ela se chamasse teologia. (...) Creio que é nestas experiências corporais, existenciais de nosso cotidiano que nasceram nossas crenças e depois se organizaram em forma de religiões.<sup>122</sup>

O fato de ter como cerne a evangelização através dos meios de comunicação e, mais ainda, o jeito inovador com que se apropriam e trabalham com esses meios, põe em relevo uma eclesiologia diferente. A partir disso, surge então a pergunta: estaremos na presença de uma nova forma de ser igreja ou de uma nova igreja que emerge desse entrecruzamento entre evangelização e comunicação? Não temos dúvida de que estamos na presença de um fenômeno religioso-carismático-midiático. Fenômeno que nasce no Brasil, mas que emerge da inspiração de uma Renovação Carismática Católica que chega procedente do Hemisfério Norte (Estados Unidos). Fenômeno, também, que partindo da sua experiência no Brasil sai para “evangelizar”, precisamente, esse Hemisfério Norte (Portugal, Itália, Estados Unidos, Israel, França).

De maneira que se torna imprescindível, para um melhor entendimento de nosso objeto de estudo, procurar possíveis respostas à pergunta formulada. Considera-se que, num primeiro momento, debruçar-nos sobre o entrecruzamento evangelização-comunicação, especificamente na Canção Nova, pode nos dar pistas para a reflexão e argumentos para nos acercarmos a uma possível resposta conclusiva. Observemos, então, como se dá o entrecruzamento Evangelização e Comunicação na própria Comunidade.

---

<sup>122</sup> GEBARA, 2008, p. 37.

## Capítulo II. Entrecruzamento Evangelização-Comunicação

Como já tem sido expresso, o cerne da Canção Nova é hoje, e sempre foi, “a evangelização através dos meios de comunicação”. Evangelização e comunicação, num entrecruzamento contínuo, denotam, balizam e sustentam o projeto da Comunidade. Em outras palavras, Canção Nova identifica-se e define-se pelo entrecruzamento entre evangelização e comunicação, presente neste fenômeno religioso desde suas origens. No presente capítulo, além de trabalhar de maneira mais apurada com ambos conceitos, procurar-se-á entender como essa relação se estabelece, ou tem se estabelecido de maneira geral, no âmbito eclesial e mais particular no caso da própria Canção Nova.

Especialmente nas últimas quatro décadas, tem se discutido muito sobre esses conceitos. No caso da *comunicação*, isso pode ser percebido pelo papel preponderante que tem assumido os meios de comunicação na contemporaneidade. Já no caso da *evangelização*, pelo fantasma da secularização que enganosamente perpassou o discurso teológico desse período, assim como os desdobramentos que esse pensamento produziu<sup>1</sup>.

A reflexão será iniciada com o conceito de evangelização. Tal escolha não é aleatória, ela responde ao interesse da pesquisadora a partir da área na qual se concentra a investigação, a teologia prática. A seguir indagaremos sobre o conceito de comunicação, mas direcionado para a questão da comunicação como ciência e teoria. Num terceiro item, faremos a pergunta pela comunicação religiosa durante o recorte de tempo que comporta a pesquisa. Para finalizar, faremos o entrecruzamento de ambos conceitos, privilegiando a análise do cotidiano na Comunidade Canção Nova. Esse entrecruzamento, pelo caudal de vivências que contém, se torna imprescindível.

---

<sup>1</sup> Para uma outra perspectiva, contrária aos “postulados de secularização”, pode-se ler o livro de Oneide Bobsin intitulado *Correntes Religiosas e Globalização*. Especificamente o capítulo intitulado “Deus salve a América”. Fundamentalismo, identidade e política. Cf. BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e Globalização*. São Leopoldo: PPL, CEBI, IEPG, 2002. p. 91-136.

## 1. Evangelização

A evangelização cristã inicia-se com a pessoa de Jesus. Ele começou seu ministério público anunciando a Boa Nova da chegada do Reino de Deus (Mc 1.14-15). Esse anúncio é acompanhado por signos e práticas que manifestam a presença libertadora desse Reino. A sua Pessoa constitui o centro e a mediação mais poderosa dessa ação libertadora de Deus. Na interpretação cristã, em Jesus, revela-se a oferta gratuita de salvação e libertação para todos os seres humanos. Entrementes, a obra evangelizadora da igreja inicia propriamente com a primeira Páscoa-Pentecostes, com a experiência pascal das pessoas seguidoras de Jesus, quando o reconhecem como *O Cristo* e lhe confessam como tal. Essa experiência da comunidade apostólica, de caráter universal, é a fonte da evangelização que a igreja tem seguido ao longo de vinte séculos de história<sup>2</sup>.

*Evangelização* é definida teologicamente como a proclamação das boas novas da salvação em Jesus Cristo, visando levar a efeito a reconciliação entre o pecador e Deus pai, mediante o poder regenerador do Espírito Santo. A palavra deriva do substantivo grego *euangelion*, “boas novas”, e do verbo *euangelizomai*, “anunciar, proclamar ou trazer boas novas” (...) A evangelização baseia-se na iniciativa do próprio Deus. Porque Deus agiu, os crentes tem uma mensagem para compartilhar com os outros<sup>3</sup>.

Existem alguns autores que utilizam os termos *evangelização* e *missão* como sinônimos. Outros, por sua vez, os percebem diferentes, ainda que inter-relacionados<sup>4</sup>. Seguindo essa segunda linha, *Evangelização*<sup>5</sup>, compreendida como parte integrante da missão, é o ato de tornar acessível o mistério do amor de Deus por todas as pessoas. Pode ser vista como uma dimensão essencial da atividade global da igreja. Implica testemunhar o que Deus fez, está fazendo e fará. Representa sempre um convite e objetiva sempre uma resposta. Evangelização é sempre contextual e não pode ser divorciada da pregação e da prática da justiça.

---

<sup>2</sup> Cf. *RETOS de la Nueva Evangelización*. Colección Vocación y misión. Bogotá: Comunicaciones “sin fronteras”. s/d. p. 7-13.

<sup>3</sup> Cf. WEBER, Timothy P. Evangelização. In: ELWELL, Walter A. (ed.). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Vol. II, E-M. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 121-124.

<sup>4</sup> Para uma maior compreensão desta distinção, entre uns e outros autores, com relação aos conceitos de missão e evangelização, cf. BOSCH, David J. *Missão transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão*. Tradução: Geraldo Korndörfer; Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 481-493.

<sup>5</sup> Cf. BOSCH, 2002, p. 492-503.

Evangelizar não é apenas proclamação verbal, e não é um mecanismo para apressar a volta de Cristo. Já a *Missão*<sup>6</sup> é de Deus. É a igreja enviada ao mundo para amar, servir, pregar, ensinar, curar, libertar. Há outras terminologias que, pelas conotações adquiridas, ou não, ao longo da história, tendem a criar confusão dentro desse universo. Poderiam ser citadas: evangélico, evangelismo<sup>7</sup>, evangelicalismo<sup>8</sup> e evangelical<sup>9</sup>.

O historiador Martin Dreher, apoiado em Antonio Gouvea de Mendonça, percebe duas vertentes para a utilização do conceito *evangélico* sempre que utilizado na América Latina. Segundo ele, uma delas teve sua origem na Reforma alemã, ao mesmo tempo em que a outra teve sua origem na Inglaterra. Na versão alemã, evangélico é tido como conceito normativo, querendo caracterizar a doutrina acorde com o Evangelho. Este seria o ponto de partida de Lutero para usar o conceito. Já a vertente inglesa, influenciada pelo movimento metodista e por setores catolizantes, dividiu-se em duas alas: Evangélicos e Movimento de Oxford. A primeira buscava um cristianismo preocupado com a conversão e santificação e se organizava em organismos com abrangência internacional. Daí surge o movimento evangélico, com forte característica anticatólica. A segunda preconizava a reaproximação com o catolicismo romano, em oposição à ala evangélica<sup>10</sup>.

Roberto Zwetsch, missiologo luterano, ao fazer referência às diferenças terminológicas entre *missão*, *evangelismo* e *evangelização*, deixa clara sua opção por este último termo, afirmando que “evangelização é um conceito mais dinâmico e sua amplitude remete à integralidade do evangelho e não apenas a uma demonstração de sua pertinência para a

---

<sup>6</sup> Cf. BOSCH, 2002, p. 492-503.

<sup>7</sup> Evangelismo é o termo empregado por protestantes ecumênicos para substantivar o verbo evangelizar. Já o movimento evangelical e os católicos romanos preferem fazer uso do substantivo evangelização. Cf. BOSCH, 2002, p. 489.

<sup>8</sup> Evangelicalismo é um movimento no cristianismo moderno que transcende as fronteiras denominacionais e confessionais, enfatizando a conformidade com as doutrinas básicas da fé e um alcance missionário de compaixão e urgência. Tem um significado tanto teológico quanto histórico e tem sofrido diferentes mudanças ao longo da história. Cf. PIERARD, Richard V. Evangelicalismo. In: ELWELL, 1992, p. 115-120. O evangelicalismo ou “movimento evangelical” é uma iniciativa de cristãos e não de igrejas. Como ponto central de articulação, está a Aliança Evangélica Mundial (AEM) fundada em 1923. Em 1974, o movimento recebe um novo impulso com a realização do Congresso Internacional de Evangelização Mundial, celebrado em Lausana (Suíça). Cf. LONGUINI NETO, 2006, p. 10.

<sup>9</sup> Quem se identifica com o evangelicalismo é chamado pejorativamente de evangélico conservador (evangelical). Cf. PIERARD, 1992, p. 115.

<sup>10</sup> Cf. DREHER, 1999, p. 59-68.

vida espiritual das pessoas a quem se anuncia a mensagem de Cristo”<sup>11</sup>. Ele define evangelização como “a ação do anúncio do evangelho, que engloba toda a ação pela qual a comunidade cristã dá testemunho do evangelho em palavra e ação”<sup>12</sup>.

A evangelização, concordam alguns autores<sup>13</sup>, poderia ser catalogada de *explícita* ou *implícita*. *Evangelização Explícita*, ocorre através do anúncio, da explicação verbal, da celebração etc. *Evangelização Implícita*, por sua vez, acontece através do testemunho da vida profundamente transformada pelo evangelho. Evangelizar, por tanto, e segundo esses autores, significa proclamar a Boa Nova com palavras e fatos, viver esse anúncio de maneira que todas as pessoas que tenham “boa vontade” possam receber a mensagem, aprofundá-la e acolhê-la. A evangelização, sob essa apreciação, pode ser concretizada de múltiplas maneiras, dentre elas: Evangelizar por proclamação (Mc 1.14-15); Evangelizar por convocação (Mt 22.9); Evangelizar por atração (At. 5.16); Evangelizar por irradiação (Mt. 5.16); Evangelizar por contágio (1Pe. 3.1-2); Evangelizar por fermentação (Mt. 13.33)<sup>14</sup>.

A Igreja Católica Romana, com o intuito de debater e estabelecer diretrizes a respeito da evangelização, tem celebrado, ao longo das últimas décadas, varias conferências do Conselho Episcopal Latino-Americano-CELAM<sup>15</sup>. A primeira foi realizada em Aparecida, Rio de Janeiro, de 25 de julho a 4 de agosto de 1955, foi convocada pelo Papa Pio XII, mas tanto a ideia quanto a realização se encontram vinculadas à, então, recém formada Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB<sup>16</sup>.

Uma segunda conferência teve lugar em Medellín, Colômbia, entre os dias 26 de agosto a 6 de setembro de 1968. Foi convocada pelo Papa Paulo VI, especialmente para aplicar as novas diretrizes do Vaticano II. A conferência de Medellín é caracterizada como uma opção pela Teologia da Libertação, pois, a partir daí, começa-se a falar em “promoção humana” “desenvolvimento” e “libertação”. A terceira foi convocada também pelo Papa Paulo VI no dia 12 de dezembro de 1977, ocorreu entre 27 de janeiro a

---

<sup>11</sup> ZWETSCH, Roberto Ervino. *Missão Como Com-Paixão: Por uma Teologia da Missão em Perspectiva Latino-Americana*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2007. p. 14.

<sup>12</sup> ZWETSCH, 2007, p. 14

<sup>13</sup> RETOS de la Nueva Evangelización, s/d, p. 25.

<sup>14</sup> RETOS de la Nueva Evangelización, s/d, p. 25s.

<sup>15</sup> Para uma explicação mais detalhada sobre o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e o trabalho que realiza, cf. <<http://www.celam.org>>. Acesso em: 15/08/2007.

<sup>16</sup> A CNBB surge no Brasil em 1952.

13 de fevereiro de 1979 em Puebla, México. Esta terceira conferência tinha como tema “Evangelização no presente e no futuro de América Latina” e foi inaugurada pessoalmente pelo Papa. A tônica da conferência reafirmou os posicionamentos de Medellín. A quarta foi convocada pelo Papa João Paulo II, sendo celebrada de 12 a 28 de outubro de 1992 em Santo Domingo, República Dominicana. A quinta, inaugurada pelo Papa Bento XVI, teve lugar em Aparecida, Brasil, e foi realizada de 13 a 31 de maio de 2007<sup>17</sup>. Devido à importância para nosso objeto de pesquisa, a IV e a V Conferências serão trabalhadas mais detalhadamente nos tópicos seguintes.

### **1.1. Uma Nova Evangelização**

A *Nova Evangelização* constituiu-se em um dos temas mais relevantes do magistério do Papa João Paulo II. Foi o eixo da IV Conferência do CELAM – convocada oficialmente no dia 12 de dezembro de 1990 sob o tema “Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã” – realizada, como já foi exposto, em Santo Domingo, entre os dias 12 a 28 de outubro de 1992<sup>18</sup>. Mesmo que a expressão “Nova Evangelização” tenha sido simbolicamente marcada nesse evento específico, pode-se verificar, em períodos anteriores, algumas alusões a ela em outros espaços da Igreja. Nesse sentido, a Instituição já vinha orando e preparando o caminho a 9 anos antes. Exemplos podem ser palpáveis no documento da XIX Assembleia do Conselho Episcopal Latino-Americano, celebrada no dia 9 de março de 1983, na catedral de Porto Príncipe, Haiti. Em outros eventos, assim como também em vários dos documentos eclesiais romanos, também se faz alusão a essa “vontade” da Igreja<sup>19</sup>.

Embora o programa da *Nova Evangelização* tenha sido proclamado desde a América Latina e em estreita relação com a celebração pelo V Centenário da primeira evangelização, prontamente o projeto foi apresentado como um programa pastoral para toda a Igreja Romana. Com anterioridade, as bases doutrinárias e as orientações pastorais do Vaticano II,

---

<sup>17</sup> Cf. <<http://www.paroquiasaofrancisco.com>>. Acesso em: 15/08/2007.

<sup>18</sup> Cf. <<http://www.paroquiasaofrancisco.com>>. Acesso em: 15/08/2007. Cf. também <<http://www.arquidiocesedesapaulo.org.br>>. Acesso em: 15/08/2007.

<sup>19</sup> João Paulo II utilizou pela primeira vez a expressão “Nova Evangelização” na homilia que pronunciou no dia 9 de junho de 1979 na Polônia, no Santuário da Santa Cruz de Mogila. Como “tema”, já tinha sido tratado na América Latina desde Medellín em 1968. Cf. *RETOS de la Nueva Evangelización*, s/d, p 36s.

assim como exortação da *Evangelii Nuntiandi*, lançada por Paulo VI, já colocavam a evangelização no cerne da missão eclesial<sup>20</sup>.

A *Nova Evangelização* foi proclamada como contraposição a um contexto *intra* e *extra* eclesial que preocupava a Instituição Romana. O contexto *extra* estava pautado, segundo a Igreja, pela “expansão da descrença e do secularismo”, “degradação da vida e dos costumes”, “ruptura entre Evangelho e Cultura”, “proliferação religiosa e a sua agressividade”. Já no interior eclesial inquietavam “os batizados não praticantes”. Para eles, dedicou-se a “pastoral de conservação” alegando que eram muitos os batizados mas poucos os evangelizados, deu-se então, grande importância à “tarefa missionária” alegando a necessidade de lhes apresentar “de novo” Jesus Cristo, principalmente àquelas pessoas para as quais a religião tinha ficado reduzida a um verniz cultural e folclórico, herdado e não assumido responsabilmente<sup>21</sup>.

A partir dessa ideia, a *Nova Evangelização* tinha como destinatária à humanidade toda, pois, segundo as afirmações contidas nesses documentos, *todos detêm o direito de serem evangelizados*. Ao mesmo tempo, as pessoas batizadas têm o compromisso de compartilhar a “boa nova” recebida e pela qual têm optado, mesmo que isso implique sacrifícios, renúncias ou até, inclusive, a própria vida. Por outro lado, os documentos reafirmam, como “a mais grave injustiça social”, a falta de anúncio de Jesus Cristo à humanidade que lhe desconhece<sup>22</sup>. É nesse sentido que o “chamado à Nova Evangelização é, antes de tudo, um chamado à conversão”<sup>23</sup>.

No encontro de João Paulo II com bispos latino-americanos em Santo Domingo, no ano de 1984, ao dar início ao novênio de preparação espiritual para as celebrações dos 500 anos de evangelização no continente, o Papa pede para que as celebrações, mesmo sendo feitas de múltiplas maneiras, sejam todas direcionadas à procura de uma evangelização que fosse nova. A seguir, no seu discurso, fez uma avaliação dos quinhentos anos de presença evangelizadora da Igreja Católica no continente latino-americano e incentivou a igreja a evitar “ideias triunfantes” e “falsos

---

<sup>20</sup> Durante os anos subseqüentes, outros documentos do Vaticano apontam para a continuidade desse espírito de evangelização universal, a saber: *Sollicitudo rei socialis* (1987), *Christifideles laici* (1988), a Encíclica *Redemptoris missio* (1990). Cf. SOLLICITUDO REI SOCIALIS (1987); CHRISTIFIDELES LAICI (1988); A ENCÍCLICA REDEMPTORIS MISSIO (1990). Disponível na Internet: <<http://www.gui.uva.es>>, Acesso em: 17/06/2006.

<sup>21</sup> Cf. RETOS de la Nueva Evangelización, s/d, p 35-57.

<sup>22</sup> RETOS de la Nueva Evangelización, s/d, p 58-70.

<sup>23</sup> Cf. <<http://www.arquidiocesedesapaolo.org.br>>. Acesso em: 15/08/2007.

pudores” presentes no período. Logo após, explicitou os desafios que se apresentavam para a nova evangelização, distinguindo dentre eles: a falta de ministros, a secularização da sociedade, as divisões eclesiais, a não-solidariedade entre as nações, o clamor pela justiça, os conflitos armados e a dívida externa.

Partindo dessas ideias, indicou, igualmente, algumas metas importantes para a Igreja: concentrar-se na tarefa evangelizadora, lutar por uma vida mais digna, promover as vocações sacerdotais e religiosas, intensificar a catequese, defender a identidade dos grupos étnicos, promover jovens e leigos conscientes e comprometidos com o trabalho eclesial e fomentar reconciliações entre os povos<sup>24</sup>. Finalizando seu discurso, João Paulo II convocou a uma Nova Evangelização. Nas suas palavras,

O próximo centenário do descobrimento e da primeira evangelização convoca-nos, pois, a uma nova evangelização da América Latina, que desenvolva com mais vigor um potencial de santidade, um grande impulso missioneiro, uma vasta criatividade catequética, uma manifestação profunda de colegialidade e comunhão, um combate evangélico de dignificação do homem [ser humano] para gerar, desde o seio de América Latina, um grande futuro de esperança.<sup>25</sup>

A “Nova Evangelização” tinha que ser “nova em seu ardor”, “nova em seus métodos” e “nova na sua expressão”. Ao almejar um novo ardor, novos métodos e novas formas de expressão da mensagem cristã, reclama uma forma mais radical, um novo modelo de Igreja, uma Igreja verdadeiramente profética. O Vaticano II marcou as pautas para uma renovação eclesial nesse sentido e isso é explicitamente postulado<sup>26</sup>. Trata-se da Igreja “povo de Deus”, que tem como base a comum fé em Jesus e a prática da fraternidade. Nela, clérigos e leigos, homens e mulheres são iguais em dignidade e, segundo seu carisma e ministério, co-responsáveis na missão de Deus. Este modelo de Igreja seria pressuposto e objetivo de toda *Nova Evangelização* e, para sua construção, requereria a aceitação prática de alguns princípios. A saber:

- Assumir a natureza essencialmente missioneira e evangelizadora da Igreja. A evangelização não é uma prioridade dentre outras, é a prioridade da Igreja. Evangelizar é sua vocação, missão e identidade. A Igreja se constrói e se estabelece evangelizando e na medida em

---

<sup>24</sup> RETOS de la Nueva Evangelización, s/d, p. 38s.

<sup>25</sup> RETOS de la Nueva Evangelización, s/d, p. 39.

<sup>26</sup> RETOS de la Nueva Evangelización, s/d, p. 119.

que evangeliza. Uma Igreja evangelizadora deve converter-se em signo e agente da presença do Reino no centro da História Humana.

- A Nova Evangelização deve resgatar a centralidade do anúncio da Boa Nova como primeiro passo para a construção da comunidade cristã. A proclamação da salvação em Cristo morto e ressuscitado, é boa e nova notícia; a fé é a resposta a esse anúncio.<sup>27</sup>

Uma análise do que foi apresentado deixa transparecer que na verdade não se trata de inventar nada novo. Parece-nos mais que se trata de uma atualização, uma revitalização da experiência cristã original, um intento de tornar essa experiência cristã significativa para a humanidade contemporânea ao compasso, quiçá, das novas circunstâncias históricas. Seria um *aggiornamento*, como descrevia o Vaticano II; uma tentativa de conciliar a igreja aos desafios dos tempos presentes à luz da fé católica.

### ***1.2. Evangelização sob o prisma da contemporaneidade***

Mortimer Arias afirma que o tema da evangelização foi profundamente tratado, elaborado e re-elaborado no século XX. Em especial, aponta para algumas teses elaboradas pela Igreja Metodista da Bolívia para serem discutidas e que versavam sobre a evangelização na América Latina. Nelas, Evangelização como proclamação do Evangelho seria: Anúncio, Denúncia, Testemunho, Participação e Chamado. Essas teses foram traduzidas para muitos idiomas e circularam o mundo todo. Esse fato expressa uma procura comum e um *kairós* em consonância à necessidade de uma evangelização contextual e relevante. No entanto, Arias reconhece que, hoje, mesmo não negando nenhuma das afirmações anteriores, não aderiria a uma formulação tão articulada sobre a evangelização<sup>28</sup>.

Ao confrontar a evangelização no momento atual, Arias alude ao contexto latino-americano e o apresenta como sistema globalizado – nas suas formas econômicas, políticas e midiáticas –, definido pelo crescimento da pobreza, pela marginalização, pelo deterioramento da vida humana e dos valores tradicionais, pelo pluralismo religioso, pelo renascer de velhas espiritualidades exóticas e nativas e, ao mesmo tempo, pelo surgimento de novas configurações no mapa “cristão” de nosso continente. Com base nessa definição, o autor pergunta qual seria a formulação sobre

---

<sup>27</sup> RETOS de la Nueva Evangelización, s/d, p. 120.

<sup>28</sup> Para conhecer na íntegra as teses da Igreja Metodista da Bolívia, assim como para conhecer mais a respeito da fundamentação, cf. ARIAS, Mortimer. Comunicación, Comunidad y Crecimiento: Reflexiones desde el sillón sobre evangelización. In: *Visiones y Herramientas, Itinerario por la Teología Práctica*. Volumen IV. Buenos Aires: ISEDET, 2006. p. 21-30.

evangelização pertinente para nossos dias? Para dar uma resposta, alude a três aspectos relacionados, a seu modo de ver, com o próprio conceito, a saber, comunidade, comunicação e crescimento<sup>29</sup>.

A partir dessa ideia, Arias afirma que, na relação evangelização-comunicação, pelo fato de que o que se comunica é a boa nova de Jesus Cristo, o interesse primário deve ser o *que* comunicar e, logo após, o *como* comunicar. É dizer, o conteúdo antes que o método, ainda quando na comunicação o *que* e o *como* sejam inseparáveis. Fazendo uso das palavras do missiologista holandês J. Hoekendijk, Arias afirma: “temos tanto do evangelho em nós como aquele que comunicamos aos outros”<sup>30</sup>.

No tocante à relação evangelização e comunidade, ele destaca que o verbo comunicar se usa tanto para a proclamação e o ensino quanto para o sacramento da comunhão, por isso, comunicação seria muito mais que informação verbal unidirecional, implicaria diálogo e interação, pressupõe uma comunidade e seria essa comunidade a que evangelizaria ou não (1Jo 3.3). A comunidade a qual se faz referência tem que ser inclusiva e abrangente, nesse sentido evangelização *para dentro* depende de que seja, também, evangelização *para fora*. É nessa dinâmica que frutificaria tal relação.

Segundo o que foi até aqui apontado, outro fator que merece destaque é a relação entre evangelização e crescimento. Arias constata três atitudes contemporâneas perante o crescimento: 1) A evangelização é igual a crescimento; 2) A evangelização não tem nada a ver com o crescimento; 3) evangelização e crescimento estão intimamente relacionados. Cada uma destas afirmações estaria sustentada por diferentes fatos históricos, desde a expansão da igreja cristã até nossos dias<sup>31</sup>.

Fazendo referência à tese de Donald McGravan, Arias afirma: “a Igreja cresce através das redes de relaciones naturais (família, trabalho, amizade)”<sup>32</sup>. Viver é crescer, ele assegura. Por isso, sua opção é pela terceira atitude explicitada, qual seja, evangelização e crescimento são inseparáveis. Ele acrescenta que aquilo que não cresce se engessa e vai se degenerando. Isso vale para pessoas, para as comunidades e para a missão da igreja. Evangelho é vida e é parte da sua essência crescer e propagar-se. A contraposição entre quantidade e qualidade é uma falsa dicotomia, uma escusa suspeitosa para a falta de crescimento nas nossas igrejas. Na sua

---

<sup>29</sup> Cf. ARIAS, 2006, p. 23.

<sup>30</sup> J. HOEKENDIJK apud ARIAS, 2006, p. 24.

<sup>31</sup> Cf. ARIAS, 2006, p. 26ss.

<sup>32</sup> Donald McGravan apud ARIAS, 2006, p. 27.

conclusão, expressa que o crescimento da igreja é desejável, é vontade de Deus, é dom de Deus e fruto da nossa resposta humana. “O crescimento, segunda a Escritura, é possível... e necessário”<sup>33</sup>.

Quiçá numa outra linha de pensamento, no ano 2000 e 2001, respectivamente, o Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI) publicou, em forma de cadernos, o resultado de duas consultas feitas sob os temas de Missão e Evangelização<sup>34</sup>. Nessas consultas, grupos de bases, de diferentes igrejas, discutiram e refletiram sobre os seguintes temas: “o contexto em que se realiza a missão”, “as características que essa missão tem”, “como participamos da Missão de Deus”, “conteúdos, métodos e desafios da evangelização” e “culturas, gênero e identidade”. O resultado da análise, ao se referir especificamente ao contexto no qual as igrejas hoje realizam essa evangelização e missão, foi categórico: “Não há futuro!”

Tal conclusão deriva-se da constatação alarmante a respeito do mundo atual. Principalmente acerca da acumulação desigual de riquezas que gera a globalização da pobreza, o desemprego, as migrações e as novas religiões de mercado<sup>35</sup>. Para contrapor tal situação, a consulta expressou que seria necessária uma evangelização que comportasse o anúncio da boa notícia, o ensino da palavra de Deus e um guia dos primeiros passos das novas pessoas membros (catequese). Com referência aos métodos necessários para essa evangelização, além das campanhas em massa e da evangelização pessoal, são assinalados os meios massivos de comunicação.

Um olhar mais profundo em relação aos cadernos permite abstrair a percepção que eles têm com relação à utilização dos meios para a evangelização na atualidade. Entre as características mais relevantes foram encontradas: 1) as mensagens que transmitem tem um escasso conteúdo bíblico e refletem uma interpretação muito parcial das Escrituras; 2) com eles, produz-se um efeito contrário ao que se quer com a evangelização, na medida em que não se dá a integração do novo crente numa comunidade de fé (pela comodidade de ter, com a TV, a igreja em casa); 3) trocam a antiga ideia de santidade pela de prosperidade, reforçando o caráter individualista na vida cristã; 4) sufocam a fermentação do Evangelho, fazendo com que o caráter profético da igreja não se manifeste. Como uma

---

<sup>33</sup> Cf. ARIAS, 2006, p. 26-30.

<sup>34</sup> Cf. COMISIÓN TEOLÓGICA DEL CLAI. *Unidad, Misión y evangelización en América Latina hoy: ¿Qué dicen las Iglesias?*. Serie Teología en el Camino. Número 5. Quito: CLAI, 2000. Cf. também COMISIÓN TEOLÓGICA DEL CLAI. *Desafíos a la Misión de la Iglesia en América Latina Hoy*. Serie Teología en el Camino. Número 6. Quito: CLAI, 2001.

<sup>35</sup> Cf. COMISIÓN TEOLÓGICA DEL CLAI, 2000, p. 19-25.

forma de avaliar e aprovar a possível utilização dos meios para a evangelização, encontramos a seguinte argumentação nos cadernos.

O testemunho bíblico converte-se em regra para o juízo de todo método de evangelização. Somente aqueles que passam na prova de fidelidade das opções iniciais de Jesus (...) poderão ser recomendados. Tal prova só poderá ser feita pelas igrejas locais, nos seus respectivos contextos e a partir de sua vida de fidelidade ao Senhor que as chamou para continuar sua missão.<sup>36</sup>

A partir dessa ideia, postula-se o testemunho bíblico como regra para o juízo de todo método de evangelização. Evangelização que teria que ser *contextual* (o lugar teológico), *carismática* (marcada pela presença e obra do Espírito Santo) e *jubilante* (o reino de Deus como jubileu)<sup>37</sup>. Ao mesmo tempo, apontam-se dois desafios para as igrejas: 1) a necessidade de afirmar a identidade das nações originárias (povos indígenas) e 2) a procura de significado nos contextos de exclusões (mulheres, negros, asiáticos, pobres, marginalizados)<sup>38</sup>. Num outro contexto, mas com teor similar em relação aos meios, Roberto Zwetsch declara:

Mais e mais no protestantismo parece vigorar uma tendência a transformar a fé cristã em produto de mercado, com a conseqüência de tornar o evangelho assimilável e domesticável para um pretense público consumidor de bens religiosos. Ora, a fé que nasce do evangelho de Cristo resiste a esse tipo de reducionismo, porque ela chama para uma vida nova que se traduz em amor e serviço transformador.<sup>39</sup>

Como pôde ser observado, a evangelização não só constitui um ponto especial na mesa do debate cristão senão que também a sua importância é extremamente alta nos dias atuais. Ainda mais quando essa evangelização é vinculada ou “se vincula” aos meios de comunicação social, as opiniões divergem e os argumentos parecem ser convincentes desde todas as partes. Por isso, tomar partido perante uma ou outra alegação não seria possível sem fazer uma boa explicação e fundamentação do porque da seleção apresentada. Talvez seja este um desafio a mais para a teologia na contemporaneidade.

A respeito da Evangelização, Carlos Emilio Ham, secretário para a evangelização do Conselho Mundial de Igrejas, expressou recentemente:

---

<sup>36</sup> COMISIÓN TEOLÓGICA DEL CLAI, 2000, p.43.

<sup>37</sup> Cf. COMISIÓN TEOLÓGICA DEL CLAI, 2000, p.48s.

<sup>38</sup> COMISIÓN TEOLÓGICA DEL CLAI, 2001, p. 46-48.

<sup>39</sup> ZWETSCH, 2007, p. 346.

A evangelização é um tema relevante para as igrejas em todas as regiões. Para as do Atlântico Norte, porque muitas delas, que têm posto em um segundo plano a tarefa evangelizadora, hoje experimentam um declínio e um envelhecimento alarmantes de sua membresia. Inclusive algumas se encontraram na obrigação de vender seus templos para outras igrejas mais pujantes ou para que se convertam em museus ou teatros (...). A missão evangelizadora recobra ainda mais importância quando vivemos em sociedades mais plurais, cultural e religiosamente falando.<sup>40</sup> (tradução própria)

Venda de patrimônio eclesial, templos convertidos em museus ou em teatros, seminários teológicos fechando, escolas teológicas com crise financeira... essa tem sido a realidade atual do cristianismo? Seria decorrência dessa constatação a ideia de secularização “trabalhada e re-trabalhada” por muitos autores contemporâneos? Ham diz que há Igrejas experimentando um “declínio” e um “envelhecimento” de sua membresia e afirma também que isso decorre do fato de que as igrejas tenham colocado em um segundo plano a tarefa evangelizadora! Uma vez que evangelizar é anunciar a Cristo e sua mensagem e se esse anúncio foi negligenciado, a que estariam se dedicando, então, as Igrejas Cristãs nesses últimos decênios?

A Igreja Católica, por sua vez, tem se manifestado de maneira similar, uma vez que também demonstra preocupação com a questão da evangelização. O projeto de evangelização da CNBB reza:

O novo Projeto Nacional de Evangelização quer atingir, com particularidade, os membros participantes da vida da Igreja, para um novo despertar dos católicos e para a alegria da fé e da pertença à Igreja, de tal modo que o encontro pessoal com Cristo gere um novo ímpeto apostólico vivido como compromisso diário e missionário das comunidades e grupos cristãos, para atingir aos que estão distantes, indiferentes, e aos que participam decisivamente nos rumos da sociedade e das novas culturas. A Conferência Nacional dos Bispos conclama todas as forças vivas da Igreja do Brasil a abraçarem o novo Projeto Nacional de Evangelização.<sup>41</sup>

A Igreja Católica é mais propositiva ao fazer a análise da situação. Longe de apontar para um esvaziamento categórico dos templos, busca incentivar “um novo despertar dos católicos”, “de tal modo que o encontro pessoal com Cristo gere um novo ímpeto apostólico vivido como

---

<sup>40</sup> HAM, Carlos Emilio. *Decenio de la evangelización*, (Entrevista feita por Manuel Quintero). Disponível na Internet: <<http://www.alcnoticias.org>>. Acesso em: 14/09/2006.

<sup>41</sup> *PROJETO nacional de Evangelização*: “Queremos ver Jesus, caminho, verdade e vida”. Disponível na Internet: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 23/11/2006.

compromisso diário”<sup>42</sup>. Por quanto tempo teriam permanecido dormindo? O encontro pessoal com Cristo, nas últimas décadas, na Igreja Romana, teria deixado de “existir”? Ou talvez não teria sido muito “eficiente” e “eficaz”?

Protestantes e Católicos Romanos parecem estar vivenciando situações similares. No entanto, na contra-mão, surgem outros segmentos pertencentes a esses e a outros grupos cristãos. Apontados, em maior ou menor escala, por cientistas e acadêmicos, como “ilegítimos” com relação às instituições já sacramentadas, culpados de serem os distribuidores do “ópio ao povo” na contemporaneidade, acusados de “manipular”, segundo a sua conveniência, os intocáveis preceitos da fé, são hoje esses segmentos os quais conseguem aglutinar multidões entorno da Palavra (mesmo que questionados em quanto à Palavra apresentada). São eles quem necessitam de grandes espaços para suas celebrações e não aparentam cansaço ou envelhecimento. São eles, afinal, que têm mantido em xeque o argumento da secularização.

Nessa perspectiva, e particularmente no âmbito romano, são fundadas “novas comunidades” que, por sua vez, formam parte da Renovação Carismática Católica. Essas novas comunidades constituem um fenômeno religioso e cristão recente, tanto no mundo quanto no Brasil. Elas possuem diferenças acentuadas com relação a outras comunidades ou ordens já existentes na instituição católica. São comunidades nascidas após o Vaticano II e com um poder de renovação inquestionável e surpreendente enquanto ao labor evangelizador.

Recentemente, foi celebrado o 12º Congresso Mundial das Novas Comunidades, durante os dias 1 a 5 de novembro de 2006, na sede da Comunidade Canção Nova em Cachoeira Paulista (SP), tendo como tema “Novas Comunidades para uma Nova Evangelização”. Esse evento foi promovido pela *Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowship* e reuniram representantes dos cinco continentes, membros e fundadores de comunidades dos Estados Unidos, Uganda, México, Filipinas, Polônia, Itália, Austrália, Uruguai, Malásia, França, Paraguai, Argentina e Espanha. Contou também com a participação do representante do Papa Bento XVI e do secretário geral da CNBB Dom Odilo Scherer. O objetivo da conferência, segundo expressado pelos idealizadores, foi testemunhar a Comunhão e Missão das Novas Comunidades agindo dentro da Igreja Católica, assim como também, a

---

<sup>42</sup> PROJETO nacional de Evangelização: “Queremos ver Jesus, caminho, verdade e vida”. Disponível na Internet: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 23/11/2006.

partilha das riquezas espirituais e do dinamismo eclesial das Novas Comunidades que se desenvolveram nos últimos anos<sup>43</sup>.

Outros dois eventos – o 1º *Encontro de Bispos interessados nas Novas Comunidades da Renovação Carismática Católica* e o *Encontro da Diretoria do Conselho da Fraternidade Internacional das Novas Comunidades* – já tinham sido celebrados na sede da Canção Nova na semana que antecedeu o Congresso, quer dizer, de 30 de outubro a 1 de novembro de 2006. Bispos de nove países, como consta nas memórias, reuniram-se para partilhar experiências vividas no acompanhamento das Novas Comunidades em suas dioceses e buscar diretrizes diante desta realidade da Igreja. Dom Stanislaw Rylko afirmou, durante sua homilia, que “este encontro deve transformar-se num laboratório de esperança, uma descoberta de novas reservas espirituais [...] as Novas Comunidades são verdadeiras riquezas para a Igreja, principalmente neste tempo no qual evangelizar não tem sido fácil”. Dom Odilo Sherer, secretário-geral da CNBB, destacou na sua intervenção que “é uma boa ocasião para que também no Brasil conheçamos melhor esta realidade que já existe na Igreja e que, surgindo em vários lugares, vai ajudando a dar expressão à missão da Igreja de uma forma nova”<sup>44</sup>.

Novamente em terras brasileiras, a V Conferência do CELAM é celebrada em Aparecida, entre os dias 13 a 31 de maio de 2007. Essa Conferência foi convocada pelo Papa João Paulo II e inaugurada pelo Papa Bento XVI sob o tema “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”. Nela, a Igreja pede para que sejam reforçados, na instituição, quatro eixos principais, a saber: 1) A experiência Religiosa (encontro pessoal com Jesus); 2) A vivência comunitária (que os fiéis se sintam realmente membros de uma comunidade eclesial, que sejam co-responsáveis no desenvolvimento das comunidades); 3) A formação bíblico-doutrinal (não como um conhecimento teórico e frio, mas sim que os fiéis, a partir da experiência religiosa e da vivência comunitária, possam aprofundar no conhecimento da Palavra de Deus e dos conteúdos da fé); e 4) O compromisso missionário de toda a Comunidade (a comunidade precisa sair ao encontro dos afastados, interessar-se pela sua situação a fim de re-encantá-los com a Igreja e convidá-los a novamente se envolverem

---

<sup>43</sup> Cf. *CONGRESSO mundial de novas comunidades*. Disponível na Internet: <<http://www.pime.org.br>>. Acesso em: 16/12/2006.

<sup>44</sup> *CONGRESSO mundial de novas comunidades*. Disponível na Internet: <<http://www.pime.org.br>>. Acesso em: 16/12/2006.

com ela). O documento explicita que os problemas das pessoas que abandonam a igreja não são pela doutrina e sim pela vivência da fé<sup>45</sup>.

Partindo do que foi até aqui apresentado, como ferramenta investigativa, opta-se pelo conceito “evangelização”<sup>46</sup>. A evangelização forma parte da missão, mas a missão, por si só, é muito mais ampla que a evangelização. Fazer uso desse conceito, foi uma eleição fundamentada no objeto pesquisado, mas também parte da compreensão que a autora tem sobre missão e evangelização. Evangelizar, antes de tudo, é comunicar. Evangelho significa “boa notícia” e evangelizar é comunicar essa “boa notícia”. Se uma das preocupações da pesquisa diz respeito ao tema da evangelização, a comunicação não poderia ficar à margem. Na Comunidade Canção Nova, a opção de fazer desta relação uma realidade, uma vivência e prática contínua no cotidiano, parece ser o alvo almejado. No entanto, como isso está sendo trabalhado? Para responder essa pergunta, pensamos que se faz necessário, primeiro, explicitar o que entendemos por comunicação e apresentar qual teoria da comunicação nos auxilia como ferramenta investigativa.

## 2. Comunicação

O termo comunicação possui um leque amplo de significados e de usos. Muniz Sodré situa a *comunicação* como ponte das relações éticas, econômicas, estéticas e cosmológicas que, mesmo aparecendo sobre outras formas em épocas diferentes, só se torna “questão” na modernidade do final do século XX. Segundo ele, diz-se *comunicação*

quando se quer fazer referência à ação de pôr em comum tudo aquilo que, social, política ou existencialmente não deve permanecer isolado. Sendo assim, o afastamento originário criado pela diferença entre os indivíduos, pela alteridade, se atenua graças a um laço formado por percursos simbólicos de atração, mediação ou vinculação.<sup>47</sup>

Sodré cataloga o “fenômeno comunicacional” como ainda muito obscuro em termos científicos, isso devido à distância entre as formulações acadêmicas e a amplitude de suas práticas. Uma distância que não constitui propriamente uma novidade em matéria de ciências sociais, mas

---

<sup>45</sup> Cf. <<http://www.paroquiasaofrancisco.com>>. Acesso em: 15/08/2007.

<sup>46</sup> O movimento evangélico e os católicos romanos, para referirem-se ao termo, usam o vocábulo “evangelização”, enquanto que protestantes ecumênicos têm trabalhado com o vocábulo “evangelismo”. Cf. BOSCH, 2002, p. 489.

<sup>47</sup> SODRÉ, Muniz. *Reinventando @ cultura, a comunicação e seus produtos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 115.

que, no caso da comunicação – como muitos autores tendem a considerá-la sem objeto próprio, fragmentado na diversidade das práticas, cada vez mais associadas à cultura do consumo e às inovações tecnológicas no campo da computação e das telecomunicações –, se encontra marcada por uma mobilidade muito rápida e complexa. Assinala, como objeto da comunicação, a busca em dar conta das transformações em curso no nível da sociabilidade, da educação, da subjetividade, dos valores e das ciências sociais tendo por base teórica a ética, entendida como interrogação radical sobre a *polis* e seus limites; e situa este objeto na vinculação da mídia com o comunitário<sup>48</sup>.

Apesar de suas poucas décadas de irrupção e aceitação como ciência (momento ao qual Sodré alude como “tornar-se questão”), a *comunicação* parece primar, dentre suas semelhantes, pelo seu raio de alcance e seu poder emaranhado, variável e mutante. Isso ocorre porque as Ciências da Comunicação, ao tentar problematizar as novas formas de discursividade, engendradas pelas tecnologias avançadas da informação, estão em total sintonia com as mudanças sociotécnicas de nosso tempo.

Como exemplos dessas mudanças sociotécnicas, Sodré faz referência à geração de um espaço-tempo tecnológico regido por transportes de alta velocidade, no qual as distâncias ficam abolidas, ao mesmo tempo em que os modelos de percepção do espaço sensível são transformados. Esse espaço sensível passa a ser representado por efeitos de instantaneidade, globalidade e simultaneidade<sup>49</sup>.

As Ciências da Comunicação preocupam-se e ocupam-se com um “mundo” complexo – daí advém sua complexidade –, um mundo em transformação, incluindo os sistemas de pensamento. As Ciências da Comunicação preocupam-se e ocupam-se com o paradoxo de um mundo que, mesmo estando interconectado por onipresentes e sofisticados meios de comunicação, apresenta um crescente deterioro nas relações de comunicação interpessoais, familiares, comunitárias e sociais<sup>50</sup>.

O conceito Comunicação, pode-se dizer, se encontra em movimento permanente, numa redefinição constante. Desse modo, a *comunicação* não pode ser entendida em “singular” apontando simplesmente para “alguma

---

<sup>48</sup> Cf. SODRÉ, 1996, p. 21-22.

<sup>49</sup> Cf. SODRÉ, 1996, p.21-22.

<sup>50</sup> Cf. BERGER, Christa. *Campos em confronto: A terra e o texto*. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Cf. BRAGA, 1997. Cf. também MATA, Maria Cristina. *De la presencia a la exclusión. La obliteración del conflicto y el poder en la escena mediática*. Buenos Aires: Diálogos de la Comunicación, 2001.

coisa” que acontece; a *comunicação* deve ser entendida e trabalhada sempre como *processo*. No entanto, o que significa comunicação como Ciência, comunicação como processo?

## 2.1 Ciências da Comunicação

A comunicação social é um tema relevante no mundo contemporâneo. Hoje, mais do que nunca, ela atinge o mundo como um todo, especificamente depois da década de 1980, quando nosso planeta ficou coberto de satélites de telecomunicações<sup>51</sup>. Os meios de comunicação massiva assumiram um papel preponderante oferecendo explicações e interpretações da realidade. Neles, formulam-se e debatem-se as principais questões da sociedade. De maneira especial, a *Teoria da Comunicação* tem como finalidade refletir sobre uma prática comunicativa, justificá-la e revisá-la<sup>52</sup>.

Marcio Assumpção, ao falar da Comunicação como ciência no mundo e particularmente no Brasil, o faz, a exemplo de Sodré, expressando que é uma ciência jovem, ainda carente de desenvolvimentos mais contundentes em termos de pesquisa<sup>53</sup>. Na mesma linha de Sodré e Assumpção, Maria Lília Dias de Castro alude que, insistentemente, se fala, que a área de comunicação careceria de uma origem. Ela expressa: “lamenta-se o fato de a comunicação não ter a tradição secular da antropologia, as centenas de anos da literatura, as décadas da lingüística”<sup>54</sup>. Entrementes, esta pesquisadora também se refere que tal fato, quase consensual entre autores, em certas ocasiões, é tomado como âncora de apoio para justificar qualquer lapso teórico ou deslize analítico. Nas suas palavras: “É como se a falta de origens, como uma ideia absolutamente anacrônica de orfandade, fosse um fator de isenção para uma eventual falta de rigor”<sup>55</sup>.

---

<sup>51</sup> Cf. DUTRA DA SILVEIRA, Delia. “Sobre articulações (e) processos teóricos-conceituais: entrecruzamentos do campo midiático com outros campos sociais”. *Protestantismo em Revista*. Sep-Dez de 2005, ano 04, nº 3. Disponível na Internet: <<http://www3.est.edu.br/nepp>>. Acesso em: 07/04/2007.

<sup>52</sup> Cf. GOMES, Pedro Gilberto. *Tópicos de Teoria da Comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 1995. p. 7-11.

<sup>53</sup> Cf. ASSUMPÇÃO, Marcio. Mapeamento da Comunicação no Brasil. In: RUSSI, Pedro David; WOITOWICZ, Karina Janz (orgs.). Percepção de cultura e sentidos midiáticos. *Cadernos de Comunicação* 8. São Leopoldo: UNISINOS/PPG Comunicação, 2001. p. 201.

<sup>54</sup> DIAS DE CASTRO, Maria Lília. O discurso publicitário: uma proposta de leitura e de interpretação. In: HENN, Ronaldo et. alli. *Mídias e Processos de significação*. São Leopoldo: UNISINOS/PPG, 2000. p. 7.

<sup>55</sup> DIAS DE CASTRO, 2000, p. 7.

No entanto, Dias de Castro também chama a atenção para o hibridismo que isso produz na área da comunicação como elemento de riqueza pela sua diversidade. Referindo-se à área, ela afirma que

sua especificidade está justamente no trabalho com a diferença, no enriquecimento com a variedade (...) o desafio é exatamente tirar proveito dessa multiplicidade: apoiar-se em textos fundadores de outras áreas do conhecimento sem perder a especificidade da comunicação, buscar a identidade na convergência.<sup>56</sup>

Efendy Maldonado, em sintonia com esses autores, explica que

a Comunicação como campo científico em constituição aparece quase um século depois das ciências sociais e humanas, estruturadas a partir de meados do século XIX na Europa e nos Estados Unidos. As investigações, os filosofemas, os argumentos, as teorias, as fundamentações e as formulações que tem como objetivo produzir conhecimento em comunicação têm só algumas décadas de existência no Brasil e menos de 50 anos na América Latina. Essa realidade explica limitações próprias de uma trajetória curta, de processos em formação, da necessidade de contar com um tempo de vida cultural que permita amadurecimentos, mas, ao mesmo tempo, permite pensar na pertinência de situar o *campo da comunicação*, na sua configuração científica, em uma etapa de crise epistemológica (não de poder prático) do modelo positivista. Nosso campo vai configurando-se nessa contradição e diversidade, por uma parte busca estabelecer delimitações necessárias, por outra precisa dar conta dos desafios problematizados pelas epistemologias dialéticas, hermenêuticas/críticas/culturais e históricas/críticas.<sup>57</sup>

Em relação ao campo, Maldonado também pondera: o campo midiático<sup>58</sup> e a midiaticização apesar de condicionados e hegemonizados por

---

<sup>56</sup> DIAS DE CASTRO, 2000, p. 8.

<sup>57</sup> MALDONADO, Alberto Efendy et alli. *Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 10.

<sup>58</sup> Todo campo conforma-se “a partir da existência de um capital e se organiza na medida em que seus componentes têm um interesse irreduzível e lutam por ele”. BERGER, 1998, p. 21. Entre os campos, podem ser citados: o campo político, o campo jurídico, o campo econômico, o campo religioso, o campo midiático e o campo social. Com esses dois últimos, pela sua aparente independência, nos ocuparemos mais adiante. Pierre Bourdieu coloca que, “com a noção de campo, obtêm-se o meio de apreender a particularidade na generalidade, a generalidade na particularidade. Pode-se exigir da monografia mais ideográfica proposições gerais sobre o funcionamento dos campos e pode-se levantar, a partir de uma teoria geral do funcionamento dos campos, hipóteses muito poderosas sobre o funcionamento de um estágio particular de um campo particular”. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. São Paulo: Difel, 1990. p. 171. Bourdieu define o *campo social* como um espaço – microcosmo – detentor de relativa autonomia, dotado de leis sociais próprias que diferem das do macrocosmo, e do qual fazem parte agentes e instituições que aparecem ocupando uma posição dentro de

poucas empresas e famílias, não estão reduzidos a essas realidades. A cultura produzida por essas mídias tem múltiplas utilizações e resistências. Ao mesmo tempo, a *contradição fundamental* que obriga o capitalismo a produzir a menos custos democratiza a possibilidade de acesso às tecnologias. Constatase atualmente um fluxo contínuo de produção audiovisual, musical, plástica, impressa e radiofônica que está fora do circuito das grandes redes e, em alguns casos, alcança níveis de expansão consideráveis. O fato é que as novas condições de produção de cultura midiática possibilitadas pelos suportes digitais e pela Internet mudaram, de maneira estrutural profunda, não a lógica do capital, mas os processos produtivos no campo midiático e no conjunto dos campos sociais (político, educativo, religioso, econômico, militar, jurídico e principalmente científico)<sup>59</sup>.

Jairo Ferreira entende o campo acadêmico da comunicação

como lugar de posições individuais, de dispositivos e de instituições vinculadas à produção de conhecimento científico. O campo da comunicação abrange o acadêmico, mas não se restringe a ele (inclui, entre outros, o campo das mídias). O campo acadêmico da comunicação é espaço social ao qual corresponde um campo de conhecimento e de significação singular (...) o campo é dinâmico e se auto-organiza. O campo se transforma conforme as interações dos

---

determinada estrutura. Essa posição estará sempre orientando o agir desses agentes, daí que Bourdieu enfatiza a necessidade de saber desde que lugar o agente está falando para assim compreender sua tomada de posição. O conceito de *campo social* permite definir fronteiras. E estas fronteiras são necessárias para poder encontrar diferenças e semelhanças, confluências e conflitos entre partes, mas, principalmente, poder dizer quais são essas partes e o porquê de sua diferenciação. Cf. BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004. O *campo midiático* possui uma certa autonomia com relação aos outros campos. Essa autonomia vem do fato de ter “uma ordem axiológica própria”, a ordem dos valores de mediação entre as restantes instituições; função que, por sua vez, é legitimada pelos outros campos ou instituições. A função de mediação feita pelo *campo midiático* entre os diferentes campos é de natureza tensional, isso vai legitimar mais ainda a autonomia da mídia enquanto campo. Os demais campos sociais precisam do midiático para levar adiante suas estratégias mobilizadoras, porque é nesse espaço que contam com os mecanismos retóricos – discursivos – necessários. Cf. RODRIGUES, Adriano D. A gênese do campo dos *media*. In: \_\_\_\_\_. et alli. *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. João Pessoa: Universidade Federal do Piauí / Revan, 2000. p. 31s. Mesmo assim, seria importante salientar que muitas das funções de mediação são asseguradas por outros dispositivos que estão fora dos meios de comunicação social, por isso, não se pode falar de uma total autonomia deste campo. Cf. RODRIGUES, Adriano D. *Estratégias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1997, p. 152.

<sup>59</sup> MALDONADO, 2006, p. 9.

agentes individuais e coletivos que o compõem, dos dispositivos que o constituem e suas formas institucionais.<sup>60</sup>

Armand e Michèle Mattelar, teórico e teórica da comunicação, ao abordarem as *teorias fundadoras* oferecem um leque histórico muito importante na hora de estabelecer qualquer juízo crítico<sup>61</sup>. Primeiramente aludem à *Teoria Funcionalista* da Comunicação de massas. Essa teoria incluiria conceitos como manipulação, persuasão, efeitos do emissor sobre o receptor. Estabelece uma relação de dominação entre meios e indivíduos. Considera um emissor ativo que, visando um objetivo, produz estímulos para atingir um receptor considerado potencialmente passivo, incapaz de reagir. Essa é a teoria do funcionalismo norte-americano.

A *Teoria Crítica*, criada por pesquisadores da escola de Frankfurt<sup>62</sup>, acentua ainda mais essa relação de dominação já existente. Se na *teoria funcionalista* os meios de comunicação se convertem em instrumentos de dominação mediante a persuasão através da publicidade, na *teoria crítica*<sup>63</sup>, eles são tidos como instrumentos de dominação por meio da alienação. Dessa forma, a preocupação passa a ser “conscientizar as pessoas para que não se deixem dominar”. Ambas teorias estão centradas no poder do emissor, como aquele capaz de intervir na conduta das pessoas e aliená-las para seus próprios interesses. O receptor apresenta-se como peça fácil de ser manipulada, dominada. O receptor não é sujeito, é objeto.

---

<sup>60</sup> FERREIRA, Jairo. Campo Acadêmico e Epistemologia da comunicação. In: LEMOS, André et alli. (orgs.). *XII Compôs-2003: Mídia*. BR. p. 115s.

<sup>61</sup> MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 135-155.

<sup>62</sup> “Em seu sentido mais geral, a teoria crítica é uma teoria sociológica que tem por objetivo explorar o que existe por detrás da vida social e descobrir os pressupostos e máscaras que nos impedem de compreender plena e verdadeiramente como o mundo funciona (...) é comumente vinculada a um grupo de cientistas sociais da Universidade de Frankfurt, na Alemanha, que se autodenominavam Escola de Frankfurt. Formado em 1922, o grupo transferiu-se para os Estados Unidos durante a Segunda Guerra mundial e voltou à Alemanha em 1949, onde continuou a existir até 1969. A dinâmica principal do trabalho de grupo consistia em criticar a vida sob o capitalismo e as maneiras predominantes de explicá-la. Argumentavam que a economia não determinava a forma da vida social. Enfatizavam a importância da cultura e elaboraram um enfoque crítico da arte, da estética e da mídia. Entre os numerosos sociólogos ligados a Escola estão: Theodor Adorno, Erich Fromm, Jürgen Habermas, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Felix Weil”. JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 232.

<sup>63</sup> Um minucioso comentário e avaliação da “teoria crítica” pode ser encontrado em: HANKE, Michael. A Teoria Crítica: Dilemas e contribuições em relação à mídia e à comunicação. In: LEMOS, André et. alli. (orgs.). *Livro da XII Compôs- 2003: Mídia*. BR. Porto Alegre: Sulinas, 2004. p. 96-111.

Uma nova visão chega à comunicação com os *Estudos Culturais*, apresentados na década de 1960 pela Escola de Birmingham, na Inglaterra. Neles, o processo de comunicação é visto de forma mais ampla e complexa, procura ser compreendido com base na cultura e estabelece uma ruptura com o que se entende por comunicação midiaticizada. Mais que um processo ideológico ou de dominação (como era visto pelas teorias anteriores), eles o colocam como um processo embasado na negociação, um constante negociar dos sentidos na vida cotidiana, no qual os receptores não são mais objetos e sim sujeitos, pessoas que resignificam individualmente as mensagens que recebem. Os Estudos Culturais deslocam o olhar do emissor ao receptor e reconhecem um papel ativo na construção de sentido das mensagens, sendo destacada a importância tanto da recepção quanto do contexto na recepção<sup>64</sup>.

O surgimento de uma nova teoria não significou, de maneira alguma, o desaparecimento das “anteriores”. Tentar situá-las num “tempo” determinado seria muito ousado, pois, de alguma maneira, elas vêm “convivendo”, muito antes de serem consideradas, propriamente dito, como “teoria”. Quiçá, seja este outro motivo pelo qual falar em *comunicação* se torna tão diverso e complexo, dependendo do referencial teórico que se adote. Por isso, é importante ressaltar que nossa compreensão de comunicação vai além das técnicas e dos meios como instrumentos. Entendemos a comunicação – segundo Mattelart – como uma dimensão constitutiva das práticas sociais, em relação inseparável com a cultura que, por sua vez, a compreendemos como produção (economia) e recreação social (política) do sentido, como o terreno onde se luta pela hegemonia, pelo poder de nomear legitimamente as visões e divisões do mundo, poder como relação e não como imposição<sup>65</sup>.

A partir dessa compreensão, surge, por decorrência, a pergunta pela resistência. Resistência vista como “táticas do débil para reinventar a ordem dominante”<sup>66</sup>. Pensamos os meios como configurações culturais históricas e a cultura como aquilo que designa a dimensão simbólica presente em todas as práticas, nas linhas de Birmingham. No entanto, essas linhas estarão permeadas também pela leitura e apropriação conceitual que pesquisadores latino-americanos tem feito desta escola.

---

<sup>64</sup> Cf. MATTELART, Armand; NEVEU, Erik. *Los cultural studies*. Hacia una domesticación del pensamiento salvaje. La Plata: EPC, 2002. Cf. também HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

<sup>65</sup> Cf. MATTELART; NEVEU, 2003, p. 14.

<sup>66</sup> MATTELART; NEVEU, 2003, p. 14.

## 2.2. *Estudos Culturais*

O *Centre for Contemporary Cultural Studies* da universidade de Birmingham na Inglaterra foi criado em 1964<sup>67</sup> e abarcou uma série de investigações que se conhecem com o nome de Estudos Culturais. A originalidade deste enfoque reside em problematizar a cultura como o lugar central de tensão entre os mecanismos de dominação e de resistência, uma investigação fortemente comprometida com a sociedade. É nesta corrente de pensamento que emerge uma versão europeia do estudo etnográfico das culturas populares.

A escola de Birmingham tem, entre seus “pais fundadores”<sup>68</sup>, Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward P. Thompson e Stuart Hall<sup>69</sup>. Como expressam Mattelart e Neveu “no terreno acadêmico duas formas de marginalidade marcam essas figuras fundadoras”. Williams, Hoggart e, de certo modo, também Hall possuem uma origem popular que os converte em personagens que chocam o âmbito universitário britânico. Por outro lado, em Hall e em Thompson, pode-se perceber uma dimensão cosmopolita, uma experiência da variedade de culturas que lhes oferece um perfil intelectual específico e pelo qual desenvolvem uma sensibilidade produtiva com relação às diferenças culturais. São trajetórias sociais, trajetórias de vida atípicas, se comparadas com a dimensão social muito

---

<sup>67</sup> Existem autores que vinculam a origem dos *Estudos Culturais de Birmingham* a década de 1970. Por isso, em algumas literaturas, o surgimento da escola é datado nesse período. Esses autores fazem sua análise deixando de fora os “pais fundadores” e a suas investigações, aquelas que deram origem à escola, alegando que nesse início as investigações, ao estilo Birmingham, seriam muito difusas e, inclusive, que já se faziam pesquisas semelhantes em outras partes do mundo, por exemplo na América do Norte. Cf. ANG, Ien. *Living Room Wars: Rethinking Media Audience for a Postmodern World*. Londres: Routledge, 1996. p. 3.

<sup>68</sup> Para uma biografia concisa destes fundadores, cf. MATTELART; NEVEU, 2003, p. 81-84.

<sup>69</sup> Stuart Hall é considerado por Mattelart e Neveu como um dos pais fundadores dos Estudos Culturais. No entanto, outros autores, (Ana Carolina D. Escosteguy, Neusa Maria de Fátima Guareschi, Michel Euclides Bruschi) não o reconhecem como tal. Cf. GUARESCHI, Neusa Maria de Fátima et alli. *Psicologia Social e Estudos Culturais: Rompendo fronteiras na produção do conhecimento*. In: \_\_\_\_; BRUSCHI, Michel Euclides (orgs.). *Psicologia Social nos Estudos Culturais: Perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 52. Isso se deve em vista do fato de que Hall, convidado por Hoggart para fundar o Centro, se incorpora ao grupo no ano de 1964 e inicia sua pesquisa vinculada ao grupo dos três pesquisadores já existentes. Esses três autores desde finais da década de 1950, tinham uma reflexão em conjunto. Eles buscavam mobilizar as ferramentas da crítica literária e utilizá-las para pesquisar temas que, até então, eram considerados ilegítimos na academia. Eles concentraram-se no universo das culturas e práticas populares em oposição às culturas letradas. Levavam em conta a diversidade dos bens culturais que abarcava os produtos da cultura dos meios de comunicação social, assim como também, os estilos de vida e não só as obras literárias. Cf. MATTELART; NEVEU, 2003, p. 34.

fechada do sistema universitário britânico<sup>70</sup>, o “*establishment* universitário observou com não poucos receios a intromissão de um grupo com um estatuto acadêmico marginal”<sup>71</sup>.

Inscrito no recorrido investigativo dos primeiros pesquisadores dos *Cultural Studies*, encontra-se a vontade de se contrapor ao paradigma – então dominante – da *mass communication research* da sociologia funcionalista estadunidense. Trata-se de uma pesquisa com uma crítica diferente, ancorada nas práticas culturais<sup>72</sup>. Há aqueles que definem, os *cultural studies*, como um campo de estudo que não pretende ser tão rígido e fixo como uma disciplina, que se propõe a abrir as questões e não fechá-las<sup>73</sup>, um processo, uma espécie de alquimia para produzir conhecimento útil, no qual qualquer tentativa de codificá-los poderia paralisar suas reações<sup>74</sup>. Alguns autores destacam que a codificação de métodos ou conhecimentos vai contra as principais características dessa escola: sua abertura e versatilidade teórica, seu espírito reflexivo e a importância da crítica<sup>75</sup>.

Os Estudos Culturais, que se originaram na intersecção do neo-marxismo, da lingüística e da psicanálise buscam uma tríplice superação. Em primeiro lugar, a do estruturalismo que fica circunscrito a exercícios herméticos de deciframentos de texto, como no caso da investigação francesa. Em segundo lugar, as das versões mecanicistas da ideologia marxista, por exemplo, a obra de Gramsci. A última superação seria a da sociologia funcionalista norte-americana dos meios de comunicação social, com os aportes da escola de Chicago com relação aos estudos de recepção<sup>76</sup>. Mais tarde, adicionam a suas pesquisas outras categorias de análise entre as quais podem ser citadas: feminismo, gênero, raça, etnia e identidade.

Os Estudos Culturais tinham como princípios fundadores

a identificação explícita das culturas vividas como um objeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas, a crença de que as classes populares possuíam as suas próprias formas culturais, dignas do

---

<sup>70</sup> Cf. MATTELART; NEVEU, 2003, p. 30s.

<sup>71</sup> MATTELART; NEVEU, 2003, p. 33.

<sup>72</sup> Cf. MATTELART; NEVEU, 2003, p. 19.

<sup>73</sup> GUARESCHI et alli, 2003, p. 23.

<sup>74</sup> JOHNSON, Richard. O que é, a final, estudos Culturais? In: SILVA, Thomaz Tadeu da (org.). *O que é, a final, estudos Culturais?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 10.

<sup>75</sup> Cf. GUARESCHI et alli, 2003, p. 23

<sup>76</sup> Cf. MATTELART; NEVEU, 2003, p. 38.

nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, de barbárie das camadas sociais mais baixas, e a insistência em que o estudo da cultura não deveria estar confinado a uma única disciplina, mas era necessariamente inter – ou mesmo anti-disciplinar – tudo isso teve como resultado uma modesta revolução intelectual (Schwarz, 1994, p. 380).<sup>77</sup>

Desde a sua fundação, o Centro de Birmingham contribuiu para a elaboração de múltiplas obras valiosas, na medida em que constitui um lugar de formação de uma geração de pesquisadores que até hoje animam, de modo significativo, outros lugares e formas de produção do conhecimento, tanto na Inglaterra quanto em outros países. O Centro constituiu, nos primórdios, um extraordinário eixo de animação científica que operou como plataforma giratória para o labor multiforme de importação e adaptação de teorias. Contribuiu, também, para desabrochar um conjunto de terrenos de investigação relacionados com as culturas populares e os meios de comunicação social. De igual maneira, a combinação da diversidade das referências teóricas, com a fluidez dos núcleos de interesses, conduziu ao caráter sumamente heterogêneo dos estudos e procedimentos agrupados no padrão do Centro. Disso decorre a posterior dispersão das trajetórias seguidas pelos diversos protagonistas<sup>78</sup>.

Ainda sobre o Centro, Mattelart e Neveu dizem que

seu legado, no que tem de mais inovador e duradouro, se explica pelo fato de que duas gerações de pesquisadores investiram num trabalho científico distintas formas de paixão, ira e militância contra uma ordem social que consideravam injusta e que desejavam mudar.<sup>79</sup>

Afirmam também que sua magia radica no fato de que

soube encarnar num dos raros períodos na vida intelectual em que o compromisso de pesquisadores não ficou esterilizado pela ortodoxia e a cegueira, senão que se apóia em uma grande sensibilidade pelos desafios sociais, contrapondo-se, assim, ao efeito “torre de marfim” produzido pelo mundo acadêmico.<sup>80</sup>

A partir da década de 1990, Hall – sobre a base de seus diagnósticos com referência as novas condições da formação das identidades sociais – não deixou de afirmar a centralidade que a cultura tinha chegado a alcançar na gestão das sociedades e do planeta como um todo. Isso trouxe

---

<sup>77</sup> GUARESCHI et alli, 2003, p. 64.

<sup>78</sup> Cf. MATTELART; NEVEU, 2003, p. 33.

<sup>79</sup> MATTELART; NEVEU, 2003, p. 40.

<sup>80</sup> MATTELART; NEVEU, 2003, p. 40.

um novo posicionamento dos Estudos Culturais, através da insistência em determinados fatores que obrigavam a superarem fronteiras. A saber: 1) A “globalização” de origem econômica, processo parcial de decomposição das fronteiras que forjaram tanto as culturas nacionais quanto as identidades individuais, especialmente na Europa; 2) A fratura das “paisagens sociais”, nas sociedades industriais avançadas, trouxe como consequência que o “eu” (*self*) faz parte, de agora em diante, de um processo de elaboração de identidades sociais no qual o indivíduo vai se definir com respeito a distintas coordenadas, sem que fique reduzido a uma ou várias delas (seja classe, etnia, nação, gênero); 3) A força das migrações, que transforma silenciosamente nosso mundo atual; e 4) O processo de homogeneização e diferenciação, que socava desde todas as ordens, a força organizadora das representações do Estado-nação, a cultura nacional e a política nacional<sup>81</sup>.

É, também, na década de 1990 que se acelera o processo de “expansão planetária” dos *Cultural Studies*, uma migração em direção a América do Norte, a América Latina, a Austrália e alguns países da Ásia. Eles se colocam no centro de uma espiral expansionista e não deixam de reivindicar, como elementos constitutivos da sua identidade, novos autores, novos objetos e novos problemas. Ao mesmo tempo, vivenciam processos contraditórios, vinculados com a erosão implacável de um conjunto de “bases e suportes” que estavam na origem desta corrente. Como exemplo, poderia ser citado o processo de despolitização que este fenômeno sofre na própria Inglaterra<sup>82</sup>.

O Centro de Birmingham não trabalhou, em seus inícios, especificamente, com pesquisas sobre comunicação. Estas foram subseqüentes – cujos objetos perpassavam a comunicação – as que encontraram, nos referenciais da Escola, instrumentos e elementos para entender de maneira diferente esse processo comunicacional<sup>83</sup>, pretendesse analisá-lo e apreendê-lo em toda sua complexidade. Conhecer mais a fundo esta Escola se torna indispensável, ainda mais quando nossa

---

<sup>81</sup> Cf. HALL apud MATTELART; NEVEU, 2003, p. 55.

<sup>82</sup> Cf. MATTELART; NEVEU, 2003, p. 59s.

<sup>83</sup> Muitas tem sido as críticas feitas à leitura e, principalmente, à apropriação que, dos *Cultural Studies* de Birmingham, se tem realizado. Muitos autores criticaram o fato deles serem pegos como “moda” sem a necessária reflexão epistemológica, ou ainda a utilização da etnografia como receita salvadora de toda situação. No entanto, esses elementos também apontam, como percebe Erik Neveu, aos usos criativos que se tem dado aos *cultural studies* na América Latina, especialmente nos trabalhos de Jesús Martín-Barbeiro e Néstor García Canclini. Na América Latina, não só foi feito o reconhecimento da Escola senão que se conseguiu fazer uma re-apropriação original das ferramentas teórico-metodológicas expostas pela Escola. Cf. MATTELART; NEVEU, 2003, p. 16.

pesquisa pretende, desde as múltiplas dimensões da cultura, pensar qual o lugar dos meios nos modos de “estar junto”, nas formas em que construímos os “nós” e os “outros”.

O conceito de cultura do qual nos apropriamos para orientar nossa pesquisa parte da compreensão do termo oferecido por Williams e que por sua vez é aquele que marca a discussão dos Estudos Culturais. Cultura é compreendida como: “uma descrição de uma determinada maneira de viver, que expressa certos sentidos e valores não apenas na arte e na aprendizagem, mas também nas instituições e no comportamento usual, ordinário”<sup>84</sup>. Esse tipo de definição compreende elementos não considerados cultura por outras definições, como a organização de sua produção e a estrutura de instituições que administram as relações sociais<sup>85</sup>. Com esse tipo de concepção e tendo objetos de pesquisas diferentes, os Estudos Culturais animam uma certa violação das fronteiras disciplinares no mundo institucional e acadêmico do qual faziam parte.

O título do Livro de Mattelart e Neveu, “Os Estudos Culturais: rumo a uma domesticação do pensamento selvagem”, deixa explícito o recorrido feito pelo Centro de Birmingham desde a sua fundação, com seus acertos e desacertos, sua diversidade na pesquisa, suas gerações de pesquisadores e os variados interesses e linhas seguidas e debatidas por eles. A “domesticação” que, por uma ou outra razão, o “pensamento selvagem” do Centro de Birmingham têm sofrido ao longo de décadas, não só no país britânico, mas também em muitas outras partes do mundo, não trouxe, paralelamente, o engessamento ou aniquilação do projeto, muito pelo contrário, converteu a Escola em linha de debate e reformulação permanente. Talvez seria prudente afirmar que o selvagem continua até hoje dando trabalho à domesticação.

Temos a certeza de que, ainda hoje, existem sociedades que parecem não ter conhecido os Estudos Culturais. Sociedades que continuam aferradas e regidas por um esquema de comunicação linear, no qual o receptor não deixa de ser tomado como um ser humano sem face, simples objeto, passível de manipulação. São essas sociedades – ou grupos em diferentes sociedades – as que majoritariamente outorgam um poder ilimitado aos meios de comunicação. Fazem da mídia<sup>86</sup> o “perigo

---

<sup>84</sup> WILLIAMS, Raymond. The analysis of culture. In: BENNET, Tony et alli. (Orgs.). *Culture, ideology and Social Process – A Reader*. London: The Open University, 1989. p. 43.

<sup>85</sup> Para ampliar esta afirmação, cf. GUARESCHI et alli, 2003, p. 53-64.

<sup>86</sup> O vocábulo *mídia*, especificamente, provém da apropriação que se faz desde a língua portuguesa, da expressão anglo-saxônica *mass media*. Em espanhol o termo usado é *media*. Verón considera a mídia desde um critério de acessibilidade às mensagens, assim como, às

iminente”, talvez para desviar a atenção de “outros perigos” – que bem poderiam ser eles próprios –, diminuindo-os ou até anulando-os.

Optamos pelo referencial teórico dos Estudos Culturais por entender e compreender a comunicação como processo e não de maneira linear. Pensamos que essa abrangência teórica permite uma melhor leitura e compreensão de nosso objeto, precisamente pelo fato de ser nosso objeto tão abrangente. Na comunicação como processo, além do emissor, o meio e o receptor, entende-se que há múltiplas mediações interagindo. Essas múltiplas mediações<sup>87</sup> são chaves para nos aproximar à compreensão dos

---

condições em que isso acontece. Isto é, mídia “como dispositivo tecnológico de produção e reprodução de mensagens, que está necessariamente associado a determinadas condições de produção e a determinadas modalidades ou práticas de recepção de tais mensagens”. No entanto, também se refere a ela como “mercado”, apresentando e caracterizando seu conjunto como “oferta discursiva”. Cf. VERÓN, Eliseo. *Comunicación*. Buenos Aires: Verón & Asociados, 1997. p. 9-15. Os autores Bolter e Grusin, continuando na perspectiva sociocultural a qual alude Verón, assinalam que uma mídia, para ser considerada como tal, precisa de um “reconhecimento cultural”. Reconhecimento cultural que responde à aceitação e inclusão dessa tecnologia no cotidiano e que se dá num processo de apropriação cultural que nem sempre fecha com aquilo esperado desde o lado da produção tecnológica. Então, uma mídia só é reconhecida como tal quando, ao *fazer parte* do convívio das pessoas, passa a ser culturalmente reconhecida e aceita. Cf. BOLTER, J. P. e GRUSIN, R. *Remediation: Understanding new media*. Cambridge: MIT Press, 1999. p. 65. Ao falar em mídia, faz-se referência ao conjunto dos meios de comunicação social: imprensa escrita, radiodifusão sonora e televisiva, publicidade e cinema. Cf. RODRIGUES, 1997, p. 152. Na atualidade, agregam-se: bancos de informação, satélites de comunicação, infóvias, tecnologias de hipermídias, entre outros. Esses últimos contêm maior velocidade de fluxo de capitais, de mercadorias, de pessoas, de idéias. Cf. SODRÉ, 1996, p. 31-33. Cabe ressaltar que a televisão continua sendo a mídia com maior penetração no mercado da oferta discursiva midiática.

<sup>87</sup> Seria importante chamar a atenção para a diferença terminológica, processual e conceitual entre mediação e midiatização. Quando se fala em *mediação*, se está fazendo referência à função de estar no meio e, portanto, “mediar” entre partes; esse processo se dá também fora da mídia. Já o *processo de midiatização* constitui o que seria uma *mediação midiática*, isto é, um processo de mediação feito desde o campo midiático e de acordo com as suas lógicas próprias. Cf. SODRÉ, 2002, p. 21. Eliseo Verón sustenta que a análise do *processo de midiatização* permite identificar as relações que existem entre a mídia, os atores individuais e as instituições. No entanto, é o próprio Verón quem também alerta para a complexidade do processo de midiatização, o qual não deve nem pode ser reduzido a um modelo ou esquema. Cf. VERÓN, 1997, p. 15. Maria Cristina Mata assinala que se poderia pensar a ação e as dinâmicas articuladas dos diferentes campos sociais com o campo midiático como *processo de midiatização*. Tomando como base o campo político, ela observa que se constata uma transformação nos modos de pensar e fazer política. Cf. MATA, 2001, p. 59. Três, no mínimo, são as mudanças substanciais passíveis de serem observadas: 1) substituição das instituições juridicamente consagradas como lugares para e da representação cidadã – parlamento, juizado, partidos – pelos meios de comunicação; 2) substituição dos sujeitos-atores clássicos da política – políticos, governantes, cidadãos, militantes – pelos novos sujeitos midiáticos, a saber, jornalistas, condutores de programas, público, entrevistados; 3) substituição dos cenários da ação política do partido ao *set* televisivo, da praça à platéia. Vale salientar que a

sentidos construídos pelas pessoas. Na comunicação como processo, a recepção, a cultura e o cotidiano jogam um papel fundamental. A pergunta que permanece para ser desvendada seria: Como foi se dando o entrecruzamento dos campos religioso e comunicacional nos últimos anos?

### 3. Comunicação religiosa

Pierre Babin, no primeiro capítulo de seu livro, *A era da Comunicação*, relata:

Por volta dos anos sessenta, fiquei sensibilizado com uma advertência feita pelo pastor A. Wyler, diretor da Agência Protestante de Pesquisas Catequéticas de Genebra: 'tu tens nos ajudado muito, disse-me, através dos livros de educação religiosa que escreveste, mas hoje o povo fala uma outra língua, o audiovisual'. Desde então a questão não parou de me importunar (...).<sup>88</sup>

No entanto, o próprio Babin comenta em outras páginas do livro: "Quando nos anos 1965-1970, comecei a introduzir na universidade um curso e uma prática audiovisual, um confrade perguntou sorrindo: 'O que aconteceu para que o nível caísse tanto?'"<sup>89</sup>. Essas duas citações do mesmo autor mostram claramente a dinâmica através da qual, por várias décadas, tem sido dado e experienciado o entrecruzamento religião-meios. Uns pensando que seria o mais importante, outros achando que seria mesmo um absurdo. Que fazer perante tal dicotomia? Qual seria o caminho correto a seguir, se é que ele existe?

Babin afirma que em tempos de mudança, de câmbios, o mais importante há de ser a formação. Ele aponta:

Desde os anos 50 os documentos que emanam do concílio, do papa, dos organismos oficiais da igreja, sublinham a importância crescente das comunicações sociais, a necessidade de consagrar forças e meios a elas. Entre estes meios, em primeiro plano, a formação (...) formação para a inteligência destes tempos e para o domínio dos novos modos de comunicação (...) formação em institutos, seminários e universidades. Creio urgente propor um novo espírito

---

emergência do campo midiático só ocorre na segunda metade do século XX e a sua consumação recém acontece efetivamente na metade da década de 1980, momento em que o planeta fica completamente coberto de satélites de telecomunicações. Cf. RODRIGUES, 2000, p. 31s.

<sup>88</sup> BABIN, Pierre. *A era da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 5.

<sup>89</sup> BABIN, 1989, p. 256.

de comunicação, métodos e um curso (...) fora do sistema universitário regular (...) esta formação (...) exprimirá as próprias características da nossa cultura.<sup>90</sup>

Seguindo na sua linha de pensamento, Babin ainda afirma:

(...) cabe a nós formar um “terceiro homem a vir” (...) Um terceiro homem, animador de rádios livres, mas também animador religioso regional; responsável por programas religiosos na televisão, mas também responsável por sessões ou centros de formação; operador audiovisual de montagens e de cassetes, mas também encarregado da catequese e da liturgia; líder de opinião, mas também homem de experiência espiritual. Um homem de comunicações interpessoais e de comunicações pelas mídias, radar exposto tanto ao sopro do Espírito como aos dos homens deste tempo, um homem ampliador da Palavra.<sup>91</sup>

Seria este o ser humano formado *em e pela* Canção Nova? Carlos Valle, teólogo e comunicador cristão, vinte anos mais tarde, expressava, ao mesmo tempo em que alertava:

Os modernos meios têm produzido enormes câmbios na percepção da comunicação, o que antigamente se dizia para um pequeno grupo agora pode ser dito para milhões, isso trouxe o engano que se denominou “o modelo hipodérmico”: o receptor como paciente a quem o enfermeiro emissor injeta a mensagem que aquele recebe passivamente. Alguns evangelistas assumiram esta concepção da comunicação, tempos depois ficou demonstrado que este modelo é uma distorção do que na verdade é a comunicação, principalmente a comunicação da boa notícia. A eficácia da comunicação não é produto do controle que se consiga exercer. No entanto, também não pode ser descartada a influência que, de uma ou outra forma, os meios exercem numa determinada situação, só que não é uma influência linear, é processual.<sup>92</sup>

As colocações, argumentações, alertas, desde qualquer posição, não cessam com o passar do tempo. Se as ciências da comunicação estão “a caminho” de definirem-se de maneira mais consensual como ciência, assim também, “a caminho”, vai a comunicação religiosa. Não enxergamos tal estágio como problemático, para nenhuma das duas, muito pelo contrário, o consideramos muito rico epistemologicamente. No entanto, nesse processo de construção, desconstrução e reconstrução, várias facetas devem ser cuidadosamente observadas.

---

<sup>90</sup> BABIN, 1989, p.255-265.

<sup>91</sup> BABIN, 1989, p. 264s.

<sup>92</sup> VALLE, 2002, p. 37s.

Valle explicita pontos que, na comunicação religiosa, na sua maneira de análise, seriam indubitavelmente inquestionáveis: 1) A mensagem não se dá no vácuo, não se emite nem se recebe na passividade, o emissor não atua unilateralmente e o receptor não recebe no vácuo, nem os efeitos da mensagem são tão rotundos, há uma interação na qual todos os elementos se fertilizam entre si; 2) o entorno joga um papel chave no processo como um todo; 3) os meios não são tão determinantes na opinião pública. Ele vai afirmar que os meios de comunicação têm a possibilidade de nos oferecer um vasto campo de possibilidades para participar criativamente na nossa vida social<sup>93</sup>.

Com tal argumentação, Valle reafirma a importância que detém o lugar dos meios na comunicação religiosa, mas faz isso sem deixar de enxergar as limitações que os próprios meios também possuem. O autor ressalta que é importante saber que o meio usado na comunicação religiosa, de uma forma ou de outra, não será meramente veículo do que se procura comunicar, pois, pela sua dinâmica própria, o meio insuflará seu conteúdo à comunicação que se quer. O meio tem a capacidade de prover e a possibilidade de clarificar, retificar, acrescentar ao conteúdo que é transmitido; daí que sua escolha deva ser feita de acordo com a finalidade que se persiga, seja para liturgia, para pregação, para música, para arte etc.. Valle chama atenção para a, não menos importante, preparação do agente que desse meio fará uso<sup>94</sup>.

Os trabalhos mais relevantes sobre comunicação religiosa na contemporaneidade podem ser encontrados nas publicações lançadas pela *World Association for Christian Communication (WACC)*<sup>95</sup>. Essa organização, fundada em Londres o dia 12 de maio de 1975<sup>96</sup>, tem como finalidade agrupar pessoas, jurídicas e físicas, que desejam dar prioridade aos valores cristãos no contexto das necessidades de comunicação e de desenvolvimento no mundo. Essa associação se autodeclara ecumênica e conta com a colaboração ativa tanto de ortodoxos quanto de protestantes e católicos romanos, todos representantes de igrejas e agências que se

---

<sup>93</sup> Cf. VALLE, Carlos. *Evangelización y Comunicación. Visiones y Herramientas* (itinerario por la teología práctica). Vol III. Buenos Aires: ISEDET, 2005. p. 39.

<sup>94</sup> Cf. VALLE, 2005, p. 33-40.

<sup>95</sup> Associação Mundial de Comunicação Cristã.

<sup>96</sup> Ainda que se considere essa data como data de fundação, no site da WACC, Lê-se que suas origens remontam 25 anos antes, quando foi celebrada uma reunião de radiodifusores cristãos de várias agências nacionais de rádio difusão na Europa. Esta reunião foi celebrada em Chichaster, Inglaterra, em 1950. <<http://www.wacc-al.net/quees.html>>. Acesso em: 10/12/2006.

interessam com a temática comunicacional ou são profissionais deste ramo<sup>97</sup>.

A WACC, como organização profissional, oferece a grupos cristãos, comunicadores cristãos e, em especial, ao movimento ecumênico, orientação sobre política de comunicações, “interpretando desenvolvimentos na área de comunicações em nível mundial, discutindo as conseqüências que esse desenvolvimento traz para as igrejas e comunidades em todo o mundo (...) e prestando assistência ao treinamento de comunicadores cristãos”<sup>98</sup>. Muitos temas têm sido discutidos e debatidos nos encontros proporcionados por essa associação. Alguns deles são: relações entre religião e mídia numa era de globalização; diretrizes religiosas para ordenar a poluição de informação em alguma ordem de prioridades; igrejas fortalecendo o papel ético, ecológico e educacional da mídia no sentido de manter estruturas democráticas; até que ponto o “oceano de imagens” atual modificou nossa noção de nós mesmos e dos outros; a noção do nosso lugar no universo; nossa noção de tempo e memória; nossa noção de Deus.

### **3.1. As Igrejas, os meios e a evangelização**

As igrejas têm tido uma história “interessante” com relação aos meios de comunicação. Alguns autores e autoras a descrevem como uma relação de amor e ódio<sup>99</sup>. Os meios, antes de serem “amados” pelas diferentes denominações, foram primeiramente “satanizados” e, mesmo quando o “amor” chegou, a relação que se estabeleceu foi, quase sempre, paternalista e autoritária.

Primeiramente, as igrejas pretenderam que os meios se limitassem a ser meros instrumentos a seu serviço, logo após, outorgaram-se a autoridade para ensinar seu uso correto ao mesmo tempo em que criam que a audiência tinha que ser protegida, dirigida e controlada. Hoje, a

---

<sup>97</sup> A WACC está organizada em oito regiões a nível mundial e conta com um Comitê Central que atua como órgão diretor. A sede do Comitê Central esteve por muitos anos em Londres. Atualmente, tem seu escritório em Toronto, Canadá. Cf. ARTHUR, Chris. *A globalização das comunicações: Algumas implicações religiosas*. Tradução: Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 77s.

<sup>98</sup> ARTHUR, 2000, p. 78.

<sup>99</sup> Cf. GOMES, Pedro Gilberto. Decifra-me ou te devoro... sobre a evangelização e a mídia do ponto de vista da comunicação. *Perspectiva Teológica*. Ano XXXIV, No 94, set/dez, Belo Horizonte, MG, 2002. p. 335. Cf. também VALLE, 2002, p. 26s.

crítica das igrejas expressa que os meios estão usurpando o papel que corresponde à religião na sociedade<sup>100</sup>.

De maneira pontual, por muitas décadas, a Igreja Católica Romana tem liderado essa relação igreja-meios. Há dois aspetos, no pensar de Antônio César Moreira Miguel, que devem ser considerados ao se debruçar nas pesquisas destes temas, a saber: o aspecto histórico e o aspecto conceitual ou político. Moreira vincula o aspecto histórico ao projeto conhecido como *LÚMEN 2000*, uma “cruzada para a evangelização em grande escala”, que consistia em uma programação religiosa, transmitida via satélite, durante 24 horas por dia, mas que se caracterizava por uma visão espiritualista do mundo, dando menos importância ao aspecto social e transformador<sup>101</sup>.

Irmã Paulina afirma que, na relação Igreja e Comunicação, podem ser definidas nitidamente quatro fases. Essas fases são colocadas no contexto dos novos instrumentos de reprodução simbólica, iniciado com a imprensa, no século XV, de modo que os novos meios de transmissão do saber vão sendo absorvidos, utilizados e instrumentalizados de acordo com o paradigma de comunicação da época.

A primeira fase, se caracteriza por um comportamento da Igreja orientado para o exercício da censura e da repressão, tratando-se de um período extenso e intenso que se projeta por meio da inquisição. A Igreja, nesta fase, faz o intermédio entre a produção do saber (não somente o teológico) e a sua difusão na sociedade<sup>102</sup>.

Uma segunda fase, na compreensão da Irmã Paulina, demonstra mudanças profundas, caracterizadas pela aceitação desconfiada dos novos meios. Como exemplo disso, pode-se citar o exercício do controle sobre a imprensa. A vigilância sobre o cinema e o rádio marcaram a trajetória da Igreja na época. Mesmo assim, há uma exigência de compreender e utilizar os meios.

A sociedade que se transformava, rapidamente, impelia a Igreja a adaptar-se aos novos tempos e o comportamento eclesial sofre

---

<sup>100</sup> Cf. VALLE, 2002, p. 25-34.

<sup>101</sup> Cf. MOREIRA MIGUEL, Antônio César. Semelhanças e Diferenças entre as mídias. In: CIPRIANO RABELO, Desirée (Org.). *Mutirão Brasileiro de Comunicação*. 3 ed. Porto Alegre: PadreReus; São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 37-40.

<sup>102</sup> Cf. PUNTEL, Joana T (Irmã Paulina). Contribuições e Desafios das Mídias Católicas. In: CIPRIANO RABELO, Desirée (org). *Mutirão Brasileiro de Comunicação*. 3 ed. Porto Alegre: PadreReus; São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 33-36.

alterações: começa a aceitar, ainda que desconfiadamente, os meios eletrônicos e a fazer uso [deles] para a difusão das suas mensagens.<sup>103</sup>

Na terceira fase descrita pela Irmã, o ritmo veloz, a velocidade em que acontecem as transformações sociais e tecnológicas, é o fator determinante.

No campo da comunicação dá-se uma mudança brusca de rota, se comparada ao comportamento anterior. Trata-se ate certo ponto, de um *deslumbramento ingênuo* (...) porque a atitude da Igreja moldava-se na recusa da comunicação. De repente, ela assume a postura de que é preciso evangelizar, utilizando os modernos meios de comunicação, e admite que a tecnologia da reprodução eletrônica pode ampliar a penetração da mensagem eclesial.<sup>104</sup>

Uma quarta fase, principalmente em referência ao contexto latino-americano, marcada pelo reencontro “povo-igreja”, vai revelar uma redescoberta da comunicação em toda sua plenitude. “Dá-se a superação do deslumbramento ingênuo (...) a Igreja adota uma postura crítica, iniciando por repensar a comunicação e por deixar de acreditar que a tecnologia pode resolver os problemas da ação evangélica”<sup>105</sup>. Uma significativa evolução do pensamento eclesial começa a tomar corpo, disso são testemunhas os documentos e pronunciamentos do magistério com respeito às comunicações sociais.

Valle aponta três ameaças que a cosmovisão tecnológica – no pensar das igrejas – representaria para a religião: 1) acham que estão desviando a maior parte dos interesses, motivações, satisfações e energias do centro religioso e observam, como uns de seus resultados, o esvaziamento dos templos; 2) consideram que os meios estão se apropriando da linguagem religiosa, criando novos símbolos, ritos e imagens; 3) aludem ao desenvolvimento de aspectos religiosos nesses campos, sem nenhuma conexão com a religião “organizada”<sup>106</sup>. Quiçá, sejam essas “ameaças” que mantenham as igrejas com uma certa paralisia em relação à mídia. Paralisia que se explicita não só no pouco uso que fazem dos meios de comunicação senão no mau uso que, comumente, fazem.

Nessa mesma linha, Pedro Gilberto Gomes expressa que

as Igrejas de maneira geral e a Igreja Católica em particular, desde o desenvolvimento da mídia eletrônica, finais do século XIX e inícios

---

<sup>103</sup> PUNTEL, 2005, p. 34.

<sup>104</sup> PUNTEL, 2005, p. 34.

<sup>105</sup> PUNTEL, 2005, p. 34s.

<sup>106</sup> Cf. VALLE, 2002, p. 27.

do século XX, têm se preocupado com o seu aproveitamento para a atividade pastoral. A tradição da Igreja católica com relação ao uso dos meios de comunicação é muito grande, remontando-se a imprensa escrita. Entretanto, desde o aparecimento da rádio, na década de 20, ela vem lutando para dimensionar corretamente a sua relação com a mídia eletrônica. Se, de uma maneira geral, a técnica da mídia impressa foi por ela dominada, o mesmo não se pode dizer no que se refere à eletrônica, notadamente, o rádio e a televisão.<sup>107</sup>

Com o intuito de fazer um recorrido histórico da relação da Igreja Católica com os Meios de Comunicação, Gomes assinala que as manifestações eclesiais sempre estiveram ligadas a uma preocupação pastoral e que tal preocupação sempre se moveu no marco da educação, educação do senso crítico. Nesse sentido, a compreensão do que se pode e deve realizar neste campo esteve intimamente ligada ao conceito de educação que era afirmado. O autor afirma que, num determinado momento, se privilegiou o Saber, noutro o Fazer e mais recentemente, o Pensar. Assim, um primeiro tipo de educação enfatizou os conteúdos, um segundo tipo enfatizou os efeitos e um terceiro colocou a ênfases no processo<sup>108</sup>.

Seguindo Gomes, nesse tipo de argumento, pode-se corroborar que, no primeiro modelo de educação, a preocupação da Pastoral da comunicação foi com a qualidade das mensagens que os Meios de Comunicação transmitiam para as pessoas. Pelo fato de compreender a comunicação como apenas uma transmissão de informações, o importante na Pastoral era ensinar para que os usuários soubessem como agir diante das mensagens dos meios. Dessa forma, os fiéis poderiam se defender contra os perigos desses novos meios<sup>109</sup>. Exemplos dessa postura aparecem nas Encíclicas *Vigilanti Cura* e *Miranda Prorsus*<sup>110</sup>.

Num segundo modelo, a educação é compreendida como persuasiva, uma educação manipuladora. A Pastoral da Comunicação preocupou-se, então, com o uso dos meios. A atitude deixa de ser de simples condenação, a Igreja descobre o valor dos meios e propõe “transmitir a mensagem evangélica a todos os cantos da terra”. Atingindo a pessoa e mudando-lhe o comportamento, estar-se-ia realizando uma boa ação. O que se mede aqui, então, é a eficácia dos meios. Se os meios não atingissem as pessoas e se não fossem capazes de lhes mudar o

---

<sup>107</sup> GOMES, 2002, p. 335.

<sup>108</sup> Cf. GOMES, 2002, p. 336-341.

<sup>109</sup> Cf. GOMES, 2002, p. 336s.

<sup>110</sup> Cf. <<http://www.gui.uva.es>>. Acesso em: 17/06/2006.

comportamento, o erro estaria na maneira de utilizar tais meios<sup>111</sup>. Como exemplo dessa atitude, vale lembrar a Encíclica *Evangelii Nuntiandi*, apresentada no primeiro capítulo da tese.

No terceiro modelo de educação, utiliza-se o método Ação-Reflexão-Ação e a Igreja evolui para uma compreensão mais abrangente da comunicação. A grande preocupação da Pastoral vai residir em compreender os mecanismos sociais que impedem que os indivíduos e as comunidades sejam sujeitos ativos da sua comunicação e, conseqüentemente, se concentrou em realizar uma educação para a comunicação, na qual cada indivíduo, grupo ou comunidade participe, exercendo seu direito fundamental à comunicação. Ao outorgar o papel tanto do emissor quanto do receptor, procura-se uma comunicação dialógica<sup>112</sup>. Exemplos deste modelo podem ser confirmados nos documentos de Medellín e de Puebla.

Similar às teorias da Comunicação, esses modelos coexistem até hoje na Igreja, numa convivência que se poderia designar dialética. Na Conferência do Episcopado Latino-americano de Santo Domingo, em 1984, a inovação, em matéria de comunicação, está expressa nas Perspectivas Pastorais para a América Latina, nas quais a comunicação é expressada como uma prioridade. Desse modo, oferece uma base oficial às Conferências Episcopais para priorizar a Comunicação nos seus planos pastorais. O documento *Aetatis Novae*, de 1992, publicado pelo Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, fez uma reflexão que parte da realidade, iluminando-a, a seguir, com a doutrina. Isso constituiu-se em uma novidade pelo fato de que sempre se tinha feito o caminho inverso. Fica evidente que o importante para o documento é a comunicação como processo. No mesmo ano, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou uma instrução sobre alguns aspectos do uso dos instrumentos de comunicação social na promoção da doutrina da fé, tendo um tom nitidamente jurídico, contrapondo-se, assim, ao ponto de partida e ao enfoque da própria *Aetatis Novae*<sup>113</sup>.

Gomes afirma e, na mesma medida, alerta que, na atualidade, se percebe uma predominância na fase do uso dos meios, colocando a ênfase no ato de fazer. Volta-se, segundo o autor, a fase do deslumbramento frente às potencialidades dos meios para a difusão do Evangelho e para a transmissão dos atos litúrgicos. Consonante a isso, aparece um fenômeno

---

<sup>111</sup> Cf. GOMES, 2002, p. 337s.

<sup>112</sup> Cf. GOMES, 2002, p. 339-341.

<sup>113</sup> Cf. GOMES, 2002, p. 343.

bem difundido no mundo hoje, especialmente no ocidente e particularmente no Brasil, qual seja, a apropriação de campos midiáticos pelo espaço religioso. Dito de um outro modo, o campo religioso utiliza os espaços midiáticos como instância de realização e atualização da questão da fé<sup>114</sup>.

É partindo dessa constatação que Gomes assinala algumas conseqüências que começam a aparecer com maior evidência. Seriam elas: o deslocamento do espaço tradicional, do espaço acanhado e restrito dos templos para um campo aberto e multidimensional; a lógica do templo, direta e dialogal, é substituída pela lógica da mídia moderna, que se dirige a um público disperso, anônimo e heterogêneo; as táticas dos pregadores, sua oratória e performance deixam-se impregnar pelas leis da comunicação de massa, principalmente do rádio e da televisão. O deslocamento identificado pode ter uma explicação no “desencanto moderno com as formas tradicionais das Igrejas Históricas”<sup>115</sup>.

Gomes afirma que as mudanças operadas são de duas ordens: de um lado, do ministro do culto e seus acólitos, de outro, dos fiéis.

No primeiro caso, o conteúdo da mensagem cede lugar à postura corporal, aos gestos, ao canto e à dança. A mensagem religiosa é adaptada às exigências midiáticas para que tenha eficácia e atinja as pessoas diretamente em seus sentimentos. Por tanto, a emoção toma o lugar da razão (...) No segundo caso, os fiéis deixam de ser os atores do evento religioso para se tornarem assistentes (...). A comunidade de fé é substituída pela criação de grupo de assistentes. Da comunidade, passa-se ao indivíduo, da experiência comunitária vai-se ao consumo individual de bens religiosos.<sup>116</sup>

Essa retórica denota o pensamento de Gomes a respeito das mudanças no campo religioso quando em relação com o campo midiático. Ele é categórico ao afirmar que, pelo deslocamento produzido, uma nova Igreja é criada, uma Igreja universal e virtual. “Se as pessoas não vêm ao templo o templo vai até elas”<sup>117</sup>.

Segundo o autor, nesse tipo de Igreja de multidões, voltada para um público de massas, é muito mais importante a “participação pela emoção” que a “adesão do coração”. O mais importante seria o espetáculo, o culto perderia o mistério sagrado para revestir-se da transparência da mídia, na qual imagem é tudo. Da mesma forma, acrescenta que os próprios lares

---

<sup>114</sup> Cf. GOMES, 2002, p. 343.

<sup>115</sup> Cf. GOMES, 2002, p. 343.

<sup>116</sup> GOMES, 2002, p. 343.

<sup>117</sup> GOMES, 2002, p. 344.

seriam os novos templos, os aparelhos de televisão equivaleriam aos púlpitos e o sinal da pertença ao grupo se expressaria no consumo, sendo aceito como fiel somente à pessoa que possua a capacidade de consumir, “não existem maiores exigências, a não ser a participação pelo consumo dos bens oferecidos”<sup>118</sup>.

Como resultado dos conteúdos por ele trabalhados e do até aqui exposto, Gomes afirma que a presença da Igreja na mídia, na suas diversas formas, traz consigo desafios que devem ser enfrentados: 1) é imperativo encontrar os limites dos processos – da mídia e da evangelização – para identificar os passos que se podem e se devem dar; 2) saber que não se utiliza o canal, mas se é utilizado por ele. O que prevalece no imaginário das pessoas é o projeto ético da emissora que veicula o programa. Daí se desprende a importância de conhecer profundamente os processos midiáticos, se a vontade for evangelizar. O veículo possui um significado ético e uma semantização que ultrapassa os limites de determinado programa, de seu apresentador ou realizador; 3) não se pode esquecer que a comunidade de fé necessita de pessoas comprometidas com a prática da solidariedade e da justiça e que quem deve “brilhar no coração” das pessoas é Jesus Cristo e não seu ministro<sup>119</sup>.

Zwetsch também demonstra preocupação com relação ao binômio meios-igreja ao dizer que “as culturas latino-americanas enfrentam, com sérias dificuldades, a invasão cultural dos meios de comunicação massiva dominados pelo mercado e o sistema econômico, e se encontram diante de um verdadeiro impasse: como assimilar as novas tecnologias (...)”<sup>120</sup>. Continua sua argumentação expressando que “as Igrejas cristãs estão diante de um século que se anuncia extremamente contraditório e inseguro” e, com base nisso, questiona sobre qual Evangelho elas anunciarão? Que práxis haverão de assumir, propor e estimular?<sup>121</sup>.

### 3.2. A mídia e a mídia católica

Se denomina *Mídia Católica* a presença acentuada da Igreja Católica nos meios de comunicação massivos, aparecendo em maior escala no

---

<sup>118</sup> GOMES, 2002, p. 344. Seguindo Nestor Canclini, o autor percebe uma analogia entre o campo político, “consumidores e cidadãos” de Canclini, e o campo religioso, “consumidores e fiéis” do próprio autor. Para compreender melhor esse argumento, cf. CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRGS, 1996.

<sup>119</sup> Cf. GOMES, 2002, p. 346-350.

<sup>120</sup> ZWETSCH, 2007, p. 346.

<sup>121</sup> ZWETSCH, 2007, p. 349.

rádio, na Tv e na Internet<sup>122</sup>. Não se pode fazer alusão à *Mídia Católica* sem fazer menção da Mídia em geral. A Mídia, como já vimos, costuma ser acusada do “mal” vigente na sociedade, atribuem a ela parte da responsabilidade nas tão faladas crises da atualidade. A acusação recai, principalmente, sobre a televisão. Aqueles que abordam a Mídia desde essa perspectiva, só insistem na comunicação como meio de disputa, assim como de poder influenciar e condicionar as pessoas. Não é dessa maneira que entendemos a relação religião-meios/comunicação-evangelização, por isso, procura-se indagar por outras perspectivas que também trabalham a questão.

Para tal, nos apoiamos em Moreira Miguel que explicita, por meio de quatro características, como a Mídia estaria sendo norteadada na atualidade. Primeiramente, alude a um

processo de atração, encantamento, envolvimento; tudo voltado para o culto da vaidade. A vida é tida como um *show* e dele, também, fazem parte todos os que, de algum jeito, pela arte, pelo dom ou até pelo excêntrico, chamam a atenção, gerando audiência, que é a moeda de troca, de faturamento e, como tal, a meta a ser alcançada, independentemente de qualquer coisa. (...) *A Mídia é show!*<sup>123</sup>

A igreja, como tem sido apresentada neste trabalho, ao longo de décadas, reduziu a mídia, reduziu a noção de comunicação, a mero instrumento, como se fosse ferramenta dela. No entanto, a Mídia é mais do que instrumento. Mídia é um processo de relacionamento.

É o espaço de manifestação de uma filosofia, em que o poder e o lucro são colocados como fim. Não há como ter o meio sem, de alguma forma, participar do jogo de poder, conquistando-o e exercendo-o. Por isso, instituições fortes, como a Igreja, nunca podem abrir mão da Mídia sem correr o risco de perder a voz e perder a vez. (...) *A Mídia é jogo de poder!*<sup>124</sup>

Aquilo que marca distinção na mídia, sua arma, não são os conteúdos apresentados e sim a linguagem.

A linguagem determina o peso dado à mensagem: o belo, o sensível, a recriação da realidade conforme ao gosto da audiência e a preocupação em saber o que o consumidor quer e sente são leis sagradas. Linguagem aqui não é apenas a forma, é mais do que isso. É toda a lógica de produção, de revelar, ocultar, mesclar valores aceitos e tabus a serem liberados, de polemizar para criar dúvida e

---

<sup>122</sup> Cf. MOREIRA MIGUEL, 2005, p. 37.

<sup>123</sup> MOREIRA MIGUEL, 2005, p. 38.

<sup>124</sup> MOREIRA MIGUEL, 2005, p. 38.

introduzir o novo. E não é um novo ético, mas aquele novo que tenha aceitação e seja consumido. (...) *A Mídia é linguagem!*<sup>125</sup>

A Mídia, necessariamente, apegase ao fatível, ao passageiro, ao simbólico, à novidade enquanto atração para suprir sonhos. “Para a Mídia, tudo é efêmero, nada é perene. Os agentes são artistas, representam. As atrações sucedem-se com uma finalidade: levar ao consumo. (...) *A mídia é efêmera!*”<sup>126</sup>.

Indiscutivelmente, conscientes dessas características, afirmar-se-ia que a mídia é muito diferente e oposta aos princípios e objetivos da evangelização. Seria necessário, então, discernir entre a Mídia geral e uma suposta *Mídia Católica* que difeririam entre si. Qual seria e em que consistiria essa Mídia Católica? É o próprio Moreira Miguel quem faz referência a essa outra mídia que, além de conteúdos, tem como diferença sua postura. Nas suas palavras,

A postura da mídia católica será eticamente outra (...) A mídia católica não poderá concordar com tudo, e mais, terá que dizer que não concorda. Como mídia evangelizadora terá que se caracterizar pela descoberta a fazer do caminho a criar, das diferenças a se escolher, do rompimento com a lógica natural.<sup>127</sup>

Para isso, alguns desafios lhe são colocados:

1) trabalhar com os profissionais da mídia buscando a formação dos mesmos em termos humanos, éticos e religiosos; seria a evangelização dos meios; 2) a mídia evangelizadora teria de atuar com produtos culturais abertos, profissionalmente bem feitos e que sinalizem as diferenças de princípios e de opções feitas; 3) a mídia evangelizadora precisa de meios próprios, com meios próprios terá que questionar a lógica da mídia em geral, tentando criar uma nova cultura, o que se daria pelo domínio dos processos de relacionamento e na construção de objetivos maiores que os materiais e terrenos, seria a mensagem fazendo o meio.<sup>128</sup>

Com o que foi até aqui exposto, parecesse que, entre Mídia e Mídia Católica, teria que existir uma relação propriamente dicotômica. A Mídia geral – usando a catalogação de Moreira Miguel – seria a mídia má e, para

---

<sup>125</sup> O autor acrescenta ainda que “a linguagem na Mídia é essencial e a Igreja na maioria das vezes não tem entendido essa linguagem. A Igreja quer ter uma linguagem intelectualizada e lógica que não funciona na Mídia. A linguagem na mídia é mais do que uma forma: é uma lógica de construção e de produção, é saber jogar, de modo ambíguo com as coisas”. MOREIRA MIGUEL, 2005, p. 38.

<sup>126</sup> MOREIRA MIGUEL, 2005, p. 38s.

<sup>127</sup> MOREIRA MIGUEL, 2005, p. 39.

<sup>128</sup> Cf. MOREIRA MIGUEL, 2005, p. 39.

se contrapor a ela, teria que existir uma mídia boazinha, que seria então, a Mídia Católica. Não pensamos nestes termos e acreditamos que o autor também não pense assim. Primeiro, porque nada nem ninguém é tão absoluto ao ponto de ser totalmente bom ou totalmente mau. Segundo, porque não existe só “Mídia geral” e “Mídia católica”, há muitas outras mídias fazendo parte do universo midiático. Um exemplo seria o das “mídias comunitárias”<sup>129</sup> que, assim como não fecham com o conceito ou aquilo que se espera das mídias católicas, possuem características bem diferentes das assinaladas à “Mídia geral”. Um terceiro argumento parte da nossa compreensão de comunicação que tantas vezes já tem sido expressa, a “comunicação como processo”. Na comunicação como processo, a dinâmica é muito mais complexa e essa dinâmica complexa seria o embasamento tanto da *Mídia geral* quanto das *Mídias Católicas* e inclusive das *mídias comunitárias*. Pelo fato de todas serem “mídias”, participariam dessa tensão contínua que o próprio campo midiático propicia, sem nenhuma delas ser detentora de uma posição privilegiada com relação às outras.

Partindo da experiência até hoje vivenciada, poder-se-ia afirmar que a Mídia Católica tem dado passos contínuos na busca por contribuições mais eficazes com relação ao uso dos meios de comunicação social. Eficazes no sentido da ética, da humanidade, do respeito, da liberdade, da solidariedade e da responsabilidade. Algumas destas contribuições seriam: a presença constante, marcadamente maior que em qualquer outra época; a disposição do público; o crescimento rápido de meios próprios; o pluralismo de modelos de Igreja expresso nos meios; o reconhecimento, na área dos meios, da participação da Igreja Católica; o despertar de comunicadores dentro da Igreja e de vocações<sup>130</sup>. No entanto, ainda ficam vários outros desafios a enfrentar, aos quais Moreira Miguel faz referência: a conceituação de evangelização (no sentido de uma evangelização midiática, e seria isso responsabilidade da teologia hoje); a qualidade da produção da comunicação da Igreja; a comunhão entre todos os projetos da Igreja em comunicação social e a sustentação de projetos (que tem

---

<sup>129</sup> Para um conhecimento maior das mídias comunitárias, sugerimos a leitura dos livros publicados após cada realização do *Mutirão Brasileiro de Comunicação*. Podem ser encontrados com esse mesmo título, só muda o número de edição segundo o ano em que tenha sido celebrado. Exemplo: *MUTIRÃO Brasileiro de Comunicação*. 3 ed. Porto Alegre: Padre Reus; São Leopoldo: Sinodal, 2005.

<sup>130</sup> Cf. MOREIRA MIGUEL, 2005, p. 39s. O autor aponta para o fato infeliz de alguns acharem que a presença da Igreja na Mídia seria uma estratégia para vencer a perda de adeptos, pensando assim estar-se-ia esquecendo a necessidade da relação Igreja-Comunicação na atualidade.

trazido a apelação duvidosa em busca de donativos e a competição dentro da Igreja)<sup>131</sup>.

#### 4. Entrecruzando Evangelização-Comunicação na Canção Nova

Depois de ter feito esse recorrido teórico-conceitual, é imprescindível voltar ao nosso objeto para entender a relação que se estabelece no entrecruzamento evangelização-comunicação na Canção Nova. O padre Jonas expressou:

Meus irmãos os meios nós temos, nos vamos a ser cobrados pelo Senhor senão usamos esses meios. (...) Não é possível evangelizar só com palavras, uma evangelização só com palavras sem obras. (...) O evangelho é palavra e o evangelho é obra: é preciso falar a palavra e mostrar as obras. (...) “Não tenhais medo (...) Proclamai por sobre os telhados.”<sup>132</sup>

Recalamos que a evangelização na Canção Nova se dá, em todas as ordens, por meio do complexo sistema comunicacional que possui e é com esse complexo sistema comunicacional que vamos nos ocupar neste subtítulo.

Para a manutenção da evangelização através dos meios de comunicação cançonovistas, os sócios ativos, contribuem, em média, com quinze reais por mês. A contribuição média de 15 reais – lembrando que aproximadamente seriam 600 mil sócios colaboradores – totalizariam nove milhões de reais por mês. Esse dinheiro é aplicado na difusão dos programas transmitidos a partir da sede e nos projetos de evangelização que a própria sede fomenta, segundo consta nos relatórios feitos e apresentados pelo administrador a cada final de ano.

Canção Nova possui hoje 27 rádios AM, FM e SW, sendo que 80% desse sistema de radiodifusão é digital e opera, via satélite, 24 horas para todo o Brasil. A Rádio Canção Nova, uma das principais dentro da Rede Católica de Rádio, é geradora de programação para outras 191 emissoras. É, também, integrante da *União das Emissoras Católicas* (UNDA-Brasil) e do órgão que reúne as emissoras educativas do Brasil (SINRED)<sup>133</sup>.

Além da rádio, para evangelizar, Canção Nova possui seis geradoras de Tv (Aracaju-SE, Cachoeira Paulista-SP, Belo Horizonte-MG, Brasília-DF, Campos de Goytacases-RJ, Florianópolis-SC) e quatro produtoras de Tv

---

<sup>131</sup> Cf. MOREIRA MIGUEL, 2005, p. 40.

<sup>132</sup> ABIB, Jonas. 43 *Assembléia Geral da CNBB*. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 18/08/2006.

<sup>133</sup> Cf. CANÇÃO NOVA, 2005, p. 33-37.

(São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Roma-Itália, Fátima-Portugal). Conta com 500 retransmissoras com sinal aberto para antenas parabólicas, sinal aberto para operadoras de canais por assinatura (Sky, DirecTV e outras), presença em 200 operadoras de Tv a cabo e sinal televisivo, que pode ser acessado no Continente Americano, na Europa, no Norte de África (satélite INTELSAT 805), no Paraguai (Rede Gossi) e no Uruguai (Rede Regional de Canais de Cabo)<sup>134</sup>.

Dispõe também de: 1) uma Revista – impressa e eletrônica – com frequência mensal; 2) um Portal na Internet que já atingiu, segundo expressa a própria página, 70.000 acessos diários e 2.000.000 de acessos por mês<sup>135</sup>; 3) uma WebTV, sendo a primeira católica do mundo<sup>136</sup>; 4) uma Comunidade Virtual que hoje conta com mais de 1.000 participantes; 5) uma Ilha no site *Second Life* (com shopping virtual e venda de produtos próprios); 6) uma gráfica, uma editora e um estúdio para publicações de livros, produção de CDs e de vídeos<sup>137</sup>. 6) A mais recente tecnologia utilizada é o celular. O uso do celular para “pedidos de oração” iniciou no programa “O amor vencerá” no dia 5 de dezembro de 2007 e tem contribuído na dinamicidade do programa “Reza do Terço”<sup>138</sup>.

#### **4.1. Canção Nova e os meios**

Neste subtítulo, buscamos trabalhar com os aspectos que consideramos importantes para a análise, para a leitura e para uma posterior compreensão de nosso objeto de estudo. “Canção Nova avança junto com a tecnologia, buscando meios cada vez mais eficazes para evangelizar”<sup>139</sup>. Cada um desses meios, contribui, de maneira significativa, para a tarefa evangelizadora posta em prática pela Comunidade. No entanto, vale ressaltar que não seriam os meios aqui expostos os únicos utilizados para a evangelização cançãoovista, do mesmo jeito como se pode afirmar que a Canção Nova, na sua totalidade, é mídia, se pode também afirmar que a Canção Nova, na sua totalidade, é evangelização.

*A Rádio.* O início da rádio foi, como já relatamos no primeiro capítulo, a “Rádio do Senhor”, com quinze minutos de programação na

---

<sup>134</sup> Cf. CANÇÃO NOVA, 2005, p. 33.

<sup>135</sup> Cf. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 15/02/2008.

<sup>136</sup> Cf. <<http://www.cancaonova.com>>.

<sup>137</sup> Cf. BRAGA, Antonio Mendes da Costa. TV Católica Canção Nova: “Providência e compromisso” X “Mercado e Consumismo”. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 24 (1), 2004. p. 113-123. Cf. também <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 14/11/2007.

<sup>138</sup> Cf. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 15/02/2008.

<sup>139</sup> <<http://cancaonova.com>>. Acesso em: 25/02/2008.

Rádio Mantiqueira de Cruzeiro. A empreitada durou apenas dois meses e meio, por razões de incompatibilidade ética com relação a outros programas veiculados pela emissora tiveram que fechar o contrato. Após essa experiência, mas com a vontade de continuar o trabalho nessa direção, outras três portas se abriram e novos programas surgiram: na Rádio Cultura de Lorena, na Rádio Bandeirantes de Cachoeira Paulista e na Rádio Mineira do Sul (Passa-Quatro, MG). O relato do padre Jonas, a seguir, explicita a forma deles interpretarem sua história.

Um senhor da cidade de cruzeiro, Amauri Portugal, veio com a sua esposa me procurar e disse que, orando na sua casa, *Deus lhe dera a nítida visão da Canção Nova com torres muito altas de rádio* (...) [Jonas alega] era a certeza do que Deus estava colocando em meu coração, e eu não podia mais duvidar: Ele não queria apenas programas de rádio, e sim uma rádio (...) interessante: Amauri voltou para acrescentar que não vira apenas torres de rádio, mas também antenas de televisão... Eu disse: Já é demais! Agüenta coração!<sup>140</sup>

Depois de muitos episódios como o narrado, a saber, de intuição, oração e “revelações de Deus”, no dia 1 de abril de 1980, Canção Nova comprou, pelo preço de dois milhões de cruzeiros, a Rádio Bandeirantes de Cachoeira Paulista. O acordo foi pagar a vista um milhão e continuar pagando 200 mil a cada mês, mas o cheque entregue pelo valor inicial não tinha fundo para ser coberto. Pediram cinco dias para ser descontado. Com todas as reservas financeiras de Dom Cipriano mais a mobilização das pessoas que já se sentiam comprometidas com a Canção Nova, no prazo estipulado, conseguiram pagá-lo<sup>141</sup>. Depois de vencer muitos outros contratemos, mas com a convicção de que o projeto não era deles e sim de Deus, no dia 25 de maio de 1980 foi inaugurada a Rádio Canção Nova. Nas palavras de Jonas: “não porque quiséssemos, mas porque Deus queria”<sup>142</sup>.

Um aspecto importante a ser colocado é que a Rádio Canção Nova, desde então, não tem deixado de se reestruturar, aprimorar e conquistar outros espaços. Ainda que Canção Nova tenha feitos consideráveis investimentos em muitas outras mídias, durante todos estes anos, a rádio não foi nem deixada de lado, nem seu projeto passou a ter – por parte da direção da comunidade – uma menor importância.

---

<sup>140</sup> ABIB, 2006, p. 76.

<sup>141</sup> Cf. ABIB, 2006, p. 80.

<sup>142</sup> Cf. ABIB, 2006, p. 81.

*A televisão Canção Nova.* A Tv teve uma história muito semelhante ao rádio. Ao menos, segundo o que se pode observar nas narrativas, constrói-se a mesma representação, qual seja: “vontade, dúvida, oração, pedido, revelação...”. O fato é relatado por padre Jonas da seguinte maneira.

No Rebanhão de 1989, Orlando (...) da equipe de Serviço da RCC em Cruzeiro, SP, tinha pedido a um senhor, que desenhava e pintava muito bem, que fizesse um painel para o fundo do palco. Inspirado, fez uma torre de rádio no morro da cidade de Cruzeiro e, saindo da torre, o rosto de Cristo. O rosto, bem pequeno, saía da torre e ia crescendo até “explodir” com o rosto de Jesus em um tamanho bem grande (...) No sábado a tarde, no começo do Rebanhão, cheguei para a missa. Quando entrei, vi aquele quadro à minha frente, e algo muito lindo aconteceu dentro de mim. Então eu disse: “Meu Deus, agora não dá mais para voltar!”. Num relance vi tudo o que estava ali. O artista não tinha feito uma torre de rádio. O que ele fez foi uma torre de televisão. Da torre de rádio não sai imagem, sai som (...) Repeti: “Não dá mais para voltar!” No início Deus foi dando inúmeros sinais de que queria não só programas de rádio, mas uma rádio. Agora Ele vinha trabalhando por dois anos em nosso meio para que entendêssemos que, além da Rádio, queria que tivéssemos uma televisão.<sup>143</sup>

Foi o professor Assis Brasil, que depois de sintonizar a rádio Canção Nova e gostar da programação, providenciou para que a Rádio passasse a formar parte do Serviço de Integração Nacional de Rádio Educativa (SINRED). Foi o mesmo professor quem começou a insistir para que Canção Nova entrasse com uma retransmissora de Tv educativa. Jonas diz,

Eu tinha medo! (...) Aconteceu o Rebanhão. Orlando tinha deixado pra fazer uma única coleta no último dia. Houve as despedidas. Fui a orar com o pessoal da cozinha no final do encontro. Orlando me entregou uma nota de um dólar dizendo: Padre, apareceu na sacola. Quando o pessoal foi juntar o dinheiro, um dos encarregados, que a encontrou não sabia que tipo de nota era (...) ele e eu pensamos a mesma coisa: “*Sinto que esta nota é para o começo da televisão*”. E disse-lhe: “*Quando se entra para a televisão, não se compra nada em dinheiro Brasileiro. Para esse tipo de compra, tudo é na base do dólar*”. Peguei a nota e escrevi: “***semente de mostarda da Tv Canção Nova que o Senhor vai fazer crescer – Rebanhão/89, na coleta***”.<sup>144</sup>

A Tv Canção Nova foi fundada no dia 8 de dezembro de 1989. Desde seus inícios, tem tido como finalidade “a criação e realização de uma

---

<sup>143</sup> ABIB, 2006, p. 89s.

<sup>144</sup> ABIB, 2006, p. 90s.

programação participativa e evangelizadora”<sup>145</sup>. É uma televisão que fica no ar 24 horas do dia e, a diferença de suas congêneres católicas, não existem inserções publicitárias na sua grade de programação<sup>146</sup>. Suas propagandas limitam-se a seus próprios produtos, aqueles que são ofertados e vendidos no shopping DAVI. Esta Tv abrange diferentes gêneros e formatos: formação cristã e espiritualidade, entretenimento, lazer, cultura, saúde, educação, informação, entre outros. Conta hoje com mais de 397 retransmissoras instaladas em vários dos estados brasileiros, atingindo, aproximadamente 55 milhões de telespectadores, cifra que representa 37% da população do Brasil<sup>147</sup>.

*A gráfica e o estúdio.* Com fins de evangelização, o estúdio foi o primeiro a ser construído. A necessidade de multiplicar as palestras e missas que a Canção Nova realizava, com o objetivo de vendê-las logo após os eventos, fez com que se pensasse na possibilidade de um lugar mais estruturado. No início, isso tinha sido feito com um multiplicador de fita VHS que receberam como oferta, mas, percebendo a aceitação que teve a venda das gravações daqueles eventos, viram-se animados a incrementar a produção deste tipo de material. Um multiplicador não dava conta da demanda após cada celebração! A gráfica surge anos mais tarde e é conseqüência, também, do desenvolvimento da Canção Nova. Ao contar com uma gráfica própria, os custos de seus livros, revistas e outros materiais diminuem, facilitando, assim, a venda e a acessibilidade de um número maior de pessoas. Além do mais, é fonte de emprego para as pessoas da cidade.

*A Revista.* Teve sua primeira tiragem no ano 2000 e, a partir dessa data, manteve uma freqüência mensal. Por meio da revista, especificamente pela referência da tiragem de exemplares, pode ser acompanhado o número crescente de sócio-colaboradores – dado difícil de ser encontrado em outras literaturas da Comunidade. A revista constitui o elo principal entre a Canção Nova e os sócio-colaboradores. Ela pode ser lida, também, através do portal Canção Nova, em formato digital.

*O Portal na Internet.* No portal na Internet, com mais de 10 anos no ar, pode ser acessado, além da revista, também a rádio e a Tv cançonovistas. Contabilizado entre os sites religiosos mais visitados, ele traz informações sobre o sistema Canção Nova de comunicação, agenda de eventos, notícias nacionais e internacionais atualizadas diariamente,

---

<sup>145</sup> Cf. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 04/12/2005.

<sup>146</sup> Cf. BRAGA, 2004, p. 114.

<sup>147</sup> Cf. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 25/02/2007.

notícias do âmbito católico, videoclipes, conferências, enquetes. Possui, ademais, um espaço para as pessoas postarem mensagens e links a partir dos quais podem ser acessados o histórico da comunidade, a palavra do fundador (diária e mensal), a palavra do Papa, as casas de missão, a vida dos santos católicos, as publicações da Canção Nova, um *Chat* de encontros, entre outros.

*A Comunidade Virtual.* A Comunidade Virtual encontra-se no endereço eletrônico <<http://www.comunidade.cn>> e possui 22 subcomunidades de interatividade segundo o tema de interesse dos internautas. Como exemplos, poderiam ser citados: catolicismo, vocação, família, juventude, sexualidade, relações humanas.

*A WebTV.* A primeira Tv católica na Internet propicia, através do site e pela qualidade e rapidez de seu formato, a entrada da proposta Canção Nova a qualquer parte do planeta, tornando a Comunidade muito mais conhecida mundialmente. Esse meio tem permitido à Canção Nova cobrir eventos importantes do catolicismo a nível mundial, como a morte do Papa João Paulo II e a posterior eleição do Papa Bento XVI.

*O Site "Second Life".* A Canção Nova possui uma ilha no site "*Second Life*". Nela encontra-se representada a sede da Canção Nova em forma de maquete. Há, também, um centro comercial virtual que permite a venda e compra dos produtos cançonovistas e um espaço de interatividade que oferece a possibilidade de discussão sobre os mais variados temas concernentes ao catolicismo, a Renovação Carismática Católica e a própria Comunidade Canção Nova.

*O Celular.* Esse meio oferece a oportunidade de manter comunicação instantânea com a Canção Nova, seja para um atendimento pessoal ou para a participação nos programas apresentados na Tv, fazendo pedidos de oração ou sugestões à programação veiculada.

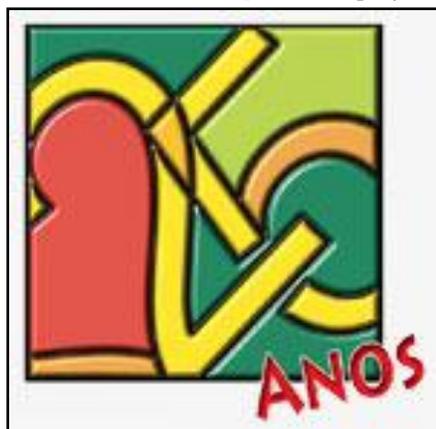
#### **4.2. Canção Nova e os projetos de evangelização**

Evangelizar para a Canção Nova significa, em primeiro lugar, *testemunhar a fé*. O dinamismo no testemunho da fé traz coragem, ousadia e imaginação para a tarefa evangelizadora. Em segundo lugar, *viver uma vida fraterna com radicalidade evangélica*, fazendo com que a caridade seja profunda e de qualidade, que seja alimentada pelas orações partilhadas, pela escuta mútua, pelo perdão e pela humildade. Em terceiro, encontra-se

a utilização de métodos e meios de difusão e de promoção da mensagem evangélica, colocar as ferramentas da mídia ao serviço de Cristo<sup>148</sup>.

São vários os projetos que a Comunidade Canção Nova tem desenvolvido visando essa evangelização. Eles dão sustento, em grande medida, à Comunidade. Entre os principais, encontram-se: “Clube do ouvinte”, “Daí-me almas”, “Coração Solidário”, “Porta a Porta”, “Companhia de Arte”, “Ano D” e “Ser Canção Nova é bom D+!”<sup>149</sup>. Veremos a seguir em que consiste cada um deles.

Figura 4: Logotipo comemorativo dos 25 anos do projeto Clube do Ouvinte



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

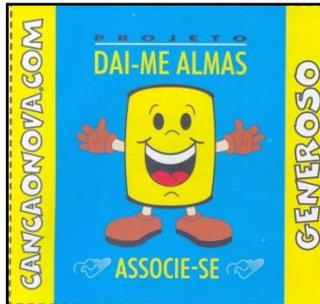
O “Clube do Ouvinte” foi iniciado em 1980 com a compra da rádio de Cachoeira Paulista. É responsável pela captação de recursos e comunicação com os sócio-colaboradores que pertencem a este clube e que podem fazer suas doações através das doze contas bancárias que Canção Nova destina para este fim. As contas estão nas seguintes agências: BANERJ, BRADESCO, BANCO DO BRASIL, BANESE, CAIXA, HSBC, NOSSA CAIXA, ITAÚ, UNIBANCO, BANESPA, BANCO DE BRASÍLIA e o BANCO REAL. O “sócio-colaborador mais que um benfeitor é considerado membro da grande família Canção Nova”, assim é afirmado na Comunidade. O logo do Clube do Ouvinte muda segundo a chamada que se faz, esse foi o da celebração dos 25 anos.

---

<sup>148</sup> Cf. REYS, Dominique. Rumo a nova evangelização. *Revista Canção Nova*. Ano 4, n 47, novembro de 2004. p. 8

<sup>149</sup> Cf. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 15/02/2008.

Figura 5: Logotipo do Projeto Daí-me Almas



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

“*Daí-me almas*” que iniciou em 1997 com a finalidade de resgatar pessoas em dificuldade – drogas, prostituição, depressão, indigentes, andarilhos, desempregados. Mantém oficinas de geração de renda oferecidas na *Casa do Bom Samaritano* e Projetos de assistência social onde são atendidas aproximadamente 1.500 pessoas no ano. Aqui, para a propaganda do projeto se faz uso do “personagem” cofrinho “Generoso”, muito conhecido no cotidiano cançonovista.

Figura 6: Logotipo do Projeto Coração Solidário



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

“*Coração Solidário*”, em 2008, está no seu sexto ano de execução e tem como objetivo captar recursos através de doações para as obras existentes nas áreas de saúde, educação e espiritualidade. O projeto é responsável por todas as obras sociais da Fundação João Paulo II e tem, na pessoa da atriz Myrian Rios, uma madrinha que participa dos anúncios e vídeos sobre o projeto.

Figura 7: Logotipo do Projeto Porta a Porta



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

**“Porta a Porta”**, criado no ano 2003, conclama os sócios da Comunidade Canção Nova para evangelizar porta-a-porta com a venda dos materiais produzidos no DAVI. Atualmente, conta com 16 mil representantes em todo o Brasil. O projeto é trabalhado de maneira similar à venda de produtos das firmas *Avón* ou *Natura*. Uma pessoa (revendedora), através de um catálogo, mostra os produtos da Canção Nova e faz os pedidos.

Figura 8: Imagem ilustrativa do Projeto Companhia da Arte



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

**“Companhia de Arte”**, criada para evangelizar através da arte, teve seu início a finais de 2004, na inauguração do *Novo Rincão Dom João Hipólito de Moraes*. No entanto, se registra como data de instituição o dia 13 de outubro de 2005, no ato cultural em que foi apresentada e abençoada oficialmente. Nas oficinas oferecidas ensina música, teatro, pintura, dança de rua e balé clássico. Ao todo somam 90 alunos – crianças, adolescentes e adultos – participando do projeto nas diferentes modalidades. Trabalham nesse empenho ao redor de 20 pessoas, entre membros da comunidade e outros contratados na cidade de Cachoeira Paulista. Esta Companhia oferece suporte para diversos programas da Tv Canção Nova,

principalmente “O cantinho da Criança”. É responsável também pela convocação e celebração dos Festivais Católicos de Artes Canção Nova<sup>150</sup>.

“**Ano D**”, desde o ano de 2005, tem como finalidade a divulgação constante da Comunidade Canção Nova, “Ano D: todo o dia, o ano todo”. No entanto, este projeto teve início no ano de 2002 tendo por nome “Dia D”. O objetivo, então, era fazer divulgação da Comunidade, com muito mais ênfases, num dia específico.

Figura 9: Logotipo do Projeto Ser Canção Nova é Bom D+!



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

“**Ser Canção Nova é bom D+!**”, criado em fevereiro de 2008 e lançado na celebração pelos 30 anos da Comunidade Canção Nova, é apresentado como a “revolução na evangelização” e faz o chamado para pessoas se integrarem ao “exercito de evangelizadores”<sup>151</sup> da Comunidade Canção Nova.

Durante todo o ano, na sede, são celebrados múltiplos eventos que potencializam o sentido e os fins dos projetos acima citados. Os Acampamentos destacam-se dentre essas atividades. São realizados com regularidade Acampamentos de Ano Novo, Acampamento de Oração,

---

<sup>150</sup> Para mais informações cf. <<http://blogcancaonova.com/ciadearte>>. Acesso em: 15/02/2008.

<sup>151</sup> No site da Canção Nova, pode-se ler: “então preste atenção a esta convocação: Chegou a hora, precisamos de você para formar este grande exercito de evangelização (...) você, nesse momento, é o principal ‘soldado’ nessa aventura de fé”. <<http://bomdemais.cancaonova.com>>. Acesso em: 24/02/2008. Aliás, não é a primeira vez que esta “terminologia militar” é usada pela igreja. Como assinala Christine Lienemann-Perrin, na I Conferência Mundial de Missão em Edimburgo em 1910, na assembléia de abertura, foi entoado o hino “Soldados de Cristo, levantai”. Cf. LIENEMANN-PERRIN, 2005, p. 58.

Acampamentos de Casais, Acampamentos PHN<sup>152</sup>, Acampamento de Pentecostes, Acampamento de Carnaval. No entanto, outras celebrações também têm lugar ao longo do ano: Kairós, Retiros de Cura e Libertação, Retiros para Viúvas, Colônias de Férias, Hosana Brasil e Dia de Louvor para Surdos, são alguns exemplos.

## 5. A modo de Conclusão

Canção Nova, como fenômeno religioso carismático e midiático, tem seu cerne no entrecruzamento evangelização-comunicação, de modo que tal relação constitui a sua distinção. Pelo pesquisado no presente capítulo, afirmamos que, da maneira como esse entrecruzamento se dá e é trabalhado no cotidiano, essa relação permite à Comunidade demarcar notáveis diferenças, se comparada com outros movimentos carismáticos. Pensamos que não se trata de uma nova Igreja, senão que seria a própria Igreja Católica criando uma maneira diferente de viver e manifestar a fé; quiçá, um jeito diferente de ser Igreja.

Entendemos Evangelização como tarefa primária da Igreja; é o anúncio da “Boa Nova” de Jesus, por tal razão nenhuma outra ocupação pode nem substituí-la nem diminuí-la. Aparentemente, durante muitas décadas, sentimos vergonha de falar de Cristo, anunciar a Cristo. Aceitamos que Cristo fosse deixado só para ser anunciado em “lugares permitidos”, como templos, encontros denominacionais ou ecumênicos e, mesmo assim, seu anúncio parece ter se tornado cada vez mais “racional”, com pouco direito à mística, à emoção, à paixão, ao tremor. Arrogamo-nos o direito de julgar – em ocasiões soberbamente – sobre quem fazia o anúncio do “jeito certo”, criando uma pirâmide interdenominacional na qual, na cúspide, estavam aqueles teólogos e teólogas, aquelas igrejas, que pouco falavam de Cristo. A base (Graças a Deus!) ficou para igrejas e teologias consideradas menos “desenvolvidas academicamente”, como foram catalogadas, durante várias décadas, as igrejas pentecostais. Pretendeu-se “prender” o Espírito Santo, indicando quais os lugares permitidos para soprar ou não. Na ambição de “anunciar melhor”,

---

<sup>152</sup> PHN (“Por Hoje Não, por hoje não vou mais pecar”) é apresentado como uma proposta de decisão: “partir para a vida nova”. “O programa PHN tem dois objetivos centrais: 1) Romper com todo tipo de pecado e com tudo aquilo que nos afasta de Deus, vícios e maldade. Se não houver rompimento com o pecado a pessoa jamais se renovará; 2) A partir da decisão de ruptura com o pecado, praticar o ‘Por Hoje Não, Por Hoje Não Vou Mais Pecar’. Porque se eu tiver um horizonte vasto: Nunca mais vou beber, nunca mais vou me drogar, serei capaz de viver firmemente o PHN. Viver o PHN, não é só uma decisão mas também um desafio”. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 16/10/2005.

perdemos nossa capacidade simples de comunicação, nosso eixo de anúncio, o Cristo a ser comunicado. Confiamos muito na efetividade da “comunicação de massas” e perdemos, no caminho, as massas para nosso anúncio!

Na pesquisa realizada na área da comunicação, optamos pela terminologia “comunicação social”, tal escolha deixa claro que nossa compreensão de comunicação fez opção pela corrente dos Estudos Culturais, entendendo comunicação como processo e nunca de maneira linear. Entender a comunicação como processo implica, também, não ver os meios com superpoderes e não ter receio de usar esses meios. Tal escolha permitiu, também, uma análise mais aprofundada de nosso objeto tão dinâmico. A comunicação como processo distingue no receptor “públicos dispersos”<sup>153</sup> atuando e inter-atuando pelas múltiplas mediações, e não um objeto uniforme e sem reação.

Achamos que, para o contexto atual, os apontamentos da irmã Paulina assumem uma relevância notória para a relação evangelização-comunicação.

Os meios de comunicação social alcançaram suma importância. Para muitas pessoas eles são o principal instrumento de informação e formação, uma guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. A comunicação apresenta-se, progressivamente como elemento articulador da sociedade. Isso faz com que vários desafios sejam apresentados para o âmbito eclesial, não só no intuito de rever paradigmas e de questionar como deve ser encarada a comunicação, mas bem, ultrapassando o uso da tecnologia para perguntar-se qual a posição com relação à esfera cultural e com relação à questão ética. Em outras palavras, a Igreja precisaria de competência e cautela para não se aferrar no campo das potencialidades das novas tecnologias da comunicação e deixar de discutir e refletir outras implicações, culturais e éticas, do ponto de vista da sua missão.<sup>154</sup>

Competência e cautela, mas também não se fechar ao uso, nem satanizar aqueles que assumam o desafio. As conseqüências apontadas por Gomes e expressas neste trabalho – exemplo: “a lógica do templo, direta e dialogal, é substituída pela lógica da mídia moderna, que se dirige a um público disperso, anônimo e heterogêneo” – desvendam um pensamento, a nosso modo de ver, que pretende ser absoluto e esquece sua inata parcialidade. Depois do pesquisado, poderíamos construir a frase à

---

<sup>153</sup> Tomo a nomenclatura de um artigo de Michael Hanke. Cf. HANKE, 2004, p. 96-III.

<sup>154</sup> PUNTEL, 2005, p. 35.

maneira inversa, cientes de que também nossa afirmação faria enorme sentido, a saber, a lógica da mídia moderna, direta e dialogal, é substituída pela lógica do templo que se dirige a um público disperso, anônimo e heterogêneo.

Gomes também expressou, referindo-se aos novos fenômenos religiosos:

o conteúdo da mensagem cede lugar à postura corporal, aos gestos, ao canto, a dança. A mensagem religiosa é adaptada às exigências midiáticas para que tenha eficácia e atinja as pessoas diretamente em seus sentimentos. Por tanto, a emoção toma o lugar da razão (...) os fiéis deixam de ser os atores do evento religioso para se tornarem assistentes (...). A comunidade de fé é substituída pela criação de grupo de assistentes. Da comunidade, passa-se ao indivíduo, da experiência comunitária vai-se ao consumo individual de bens religiosos.<sup>155</sup>

No entanto, cientes da não neutralidade acadêmica (quem pesquisa o faz com todo um arcabouço de experiências já vividas) e depois de realizada a pesquisa de campo, discordamos da afirmação de Gomes. Na Canção Nova, os fiéis não deixam de serem atores do evento religioso, não são convertidos em meros assistentes, constituem comunidades e a experiência religiosa vive-se em comunidade, além da experiência pessoal da fé. Essa colocação do autor fecharia mais para vivências que temos experimentado em Igrejas históricas tradicionais, principalmente, quando sua membresia é composta por pessoas de níveis aquisitivos desiguais. Canção Nova, por não ser um fenômeno em singular, e sim um universo plural em interação, apresenta uma dinâmica muito diferente. Por isso, pensamos que se deve ter cuidado quando se escreve e se fazem afirmações categóricas, “globais”, sem ter em foco uma determinada realidade.

Maria Rita Kehl e Eugenio Bucci afirmam:

vivemos uma era em que todo concorre para a imagem, para a visibilidade e para a composição de sentidos no plano do olhar (...) a comunicação e mesmo a linguagem passam a necessitar do suporte das imagens num grau que não se registrou em outro período histórico. Os mitos, hoje, são mitos olhados.<sup>156</sup>

A igreja, portanto, não pode obviar essa realidade. Não pode anunciar a “boa nova” na contra-mão da história e do desenvolvimento humano. Não pode balizar o sopro do Espírito Santo!

---

<sup>155</sup> GOMES, 2002, p. 343.

<sup>156</sup> KEHL, Maria Rita; BUCCI, Eugênio. Introdução: O mito não pára. In: \_\_\_\_\_. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 16.

Com o apresentado até o momento, estamos afirmando que o entrecruzamento evangelização-comunicação, eixo e alvo contínuo na Comunidade Canção Nova, gera algo distinto, uma nova maneira, um novo modo de ser. Poderíamos afirmar que se trata de “Um Novo Jeito de Ser Igreja”<sup>157</sup>? Há, no cotidiano da Comunidade Canção Nova, muitas facetas para serem analisadas no intento de responder a pergunta. Talvez, essa afirmação possa ser embasada no fato do uso da linguagem inclusiva nos discursos por eles veiculados. Ou seria sua Liturgia – especialmente das missas televisadas<sup>158</sup>, que são diferentes das liturgias das comunidades tradicionais – que estaria marcando tal novidade? Poderia, acaso, tal catalogação radicar também no fato de ser, na prática diária, uma igreja basicamente pneumática? Quais elementos confirmariam que Canção Nova representa esse Novo Jeito de Ser Igreja no catolicismo romano, oportunizado pelo entrecruzamento evangelização-comunicação contemporâneo? No seguinte capítulo, tentaremos responder, analisar e desvendar esses elementos.

---

<sup>157</sup> A expressão “*Um Novo Jeito de Ser Igreja*” vem das décadas de 1960 e 1970, quando era utilizada para fazer referência às Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s) que surgiram, também, no seio da Igreja Católica Romana. Sobre o tema das CEB’s, cf. BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 196-203. Na nossa pesquisa, usamos a mesma frase com uma dupla intenção. Por um lado, queremos apontar para esse novo jeito de ser igreja, igreja em movimento, que fica denotado no trabalho da Comunidade Canção Nova, emergindo do entrecruzamento contínuo entre evangelização-comunicação. Por outro lado, a frase foi escolhida para contrabalançar com as CEB’s, já que Canção Nova surgiu no mesmo período e passou a formar parte dos “diferentes modos de ser católicos” que ficam amparados e perfeitamente acomodados no “guarda-chuva institucional”. Para ampliar essa afirmação. Cf. CARRANZA, 2000.

<sup>158</sup> Cf. NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette. Canção Nova: Um novo jeito de ser Igreja? In: FOLMANN, José Ivo; LOPES, José Rogério (orgs.). *Diversidade Religiosa, Imagens e Identidade*. Porto Alegre: Armazém digital, 2007. p. 309-334.

## Capítulo III. Comunidade Canção Nova: Um Novo Jeito de Ser Igreja?

### 1. Igreja: Constatações a partir da pluralidade de um conceito

A Sociologia da Religião ao conceituar Igreja o faz da seguinte maneira:

Uma igreja é um tipo de organização religiosa que se distingue por suas características estruturais. A filiação é em geral atribuída por ocasião do nascimento da criança e inclui indivíduos de uma larga faixa de meios formativos de classe social. Possui estrutura burocrática e líderes treinados, com autoridade claramente definida. Os rituais costumam ser abstratos, com pouca exibição de emoção durante os serviços religiosos. Em relação a outras grandes instituições, como o ESTADO, as igrejas tendem a apoiar o status quo e as categorias e grupos sociais dominantes.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> JOHNSON, 1997, p. 127. Seria ilógico pensar que o fato de ter feito referência a essa conceituação de Igreja por parte da Sociologia da Religião teria como objetivo anular ou diminuir todas as teorizações ou discussões que, durante séculos, se tem originado e mantido. Estamos cientes que um parágrafo, uma definição, não expressa nem exprime jamais as variadas concepções que sobre as igrejas e, especificamente, sobre a Religião têm sido formuladas e firmadas em diferentes momentos históricos. No entanto, a definição explicitada recolhe, em alguma medida, diferentes reflexões, delimitações ou direções por onde a sociologia e a pesquisa empírica da Religião tem caminhado. Explicações mais amplas sobre essa argumentação podem ser encontradas em: GALLINO, Luciano (org). *Dicionário de Sociologia*. Tradução: Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 540-549. O dicionário trabalha oito concepções de Religião formuladas em diferentes momentos, mas que até hoje agem no pensar daqueles que se interessam por esse ramo da sociologia, dentre elas: 1) a Religião, em todas suas manifestações históricas, é um fenômeno que pertence a um estado relativamente primitivo da sociedade (Evolução Social); 2) a Religião, em geral, é um fenômeno que caracteriza um estado relativamente primitivo de desenvolvimento psíquico do ser humano (Personalidade); 3) a Religião é uma forma peculiar de ideologia, usada desde a antiguidade para reforçar e legitimar a dominação de uma classe sobre as outras (Dominação); 4) a Religião é uma resposta cultural às necessidades universais derivadas das condições de existência dos indivíduos e das coletividades humanas (Cultura); 5) a Religião é a maior instituição historicamente estabelecida como reguladora da conduta humana no campo sexual, familiar, político, econômico, estético ou também é um dos mais poderosos fatores de estruturação e desestruturação dos comportamentos institucionais (Instituição, Comportamento Social, Ação Social); 6) a Religião é um fenômeno peculiar da existência humana centrado na noção de uma ordem não somente sobrenatural, mas sagrada; coincidindo, por tanto, com a idéia e com a experiência do sagrado, idéia e experiência que se manifestam historicamente de variadíssimas formas (Cultura, Conhecimento); 7) a Religião

Com certeza, essa definição seria muito geral e categórica para poder explicar o que é, na realidade, a Igreja. De repente, para teóricos da sociologia, tal conceituação pode “dizer” ou “assinalar” muita coisa, não consideramos que seja assim para quem faz teologia, por exemplo. Ainda mais da maneira como os rituais são descritos. Desde uma outra perspectiva e com o intuito de destacar a pluralidade no conceito, numa das Enciclopédias Histórico-Teológica da Igreja Cristã, pode ser lido:

“Igreja” traduz a palavra grega *ekklesia* que no grego secular (...) designava uma assembleia pública (...). Para sermos leais ao testemunho do NT, deve ser reconhecido que há uma multiplicidade de figuras e conceitos que contribuem para uma compreensão da natureza da Igreja (...) Paul Minear alista 96 figuras de linguagem (...) dentre elas: o sal da terra, a senhora eleita, uma raça escolhida, o templo sagrado, a nova criação, a família de Deus, corpo de Cristo (...) Desde o Concílio de Constantinopla em 381, com reafirmações em Éfeso (431) e Calcedônia (451), a Igreja tem afirmado ser “una, santa, católica e apostólica” (...) termos suficientemente específicos para descrever a natureza essencial da igreja e ainda levar em conta as diferenças entre as denominações e igrejas, vistas nas maneiras de cada uma cumprir a missão e o ministério da Igreja no mundo (...) a

---

coincide, na essência, com a capacidade de simbolização que caracteriza o ser humano, é a raiz última de todos os elementos abstratos da cultura (Ambiente Natural, Cultura, Organização Social, Socialização, Construção Social da Realidade); 8) a religião é uma forma de verdade absoluta revelada ao crente, por meio de representantes terrenos da divindade, e como tal só pode ser objeto da fé. Do ponto de vista da religião à qual se adere, todas as outras religiões são erradas ou meras aproximações da verdade, ou desvios da verdade que ela contém (Indústria, Urbanização, Morfologia Social, Historiografia e Sociologia). Uma outra bibliografia que pode ser consultada é BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário Crítico de Sociologia*. Consultoria e Revisão Técnica: Regis de Castro Andrade. São Paulo: Ática, 1993. p. 462-472. Nessa referência se lê: A Religião nem sempre é o “suspiro da criatura oprimida”. A orientação mística de isolamento em relação ao mundo, referida por Marx, opõe-se uma orientação ascética de controle e de domínio, na qual Weber insistiu com razão. Já a tese desenvolvida por Freud sobre o valor universal do complexo de Édipo, que permitiria estabelecer um vínculo estrito entre as frustrações que a autoridade patriarcal impõe aos filhos e a temática religiosa da culpabilidade, da esperança, da solidariedade, não resiste, como mostrou Bellah, à análise comparativa: a China clássica não é menos patriarcal do que o judaísmo antigo e, entretanto, a religião chinesa é o oposto da religião judaica. Seria mais fácil estabelecer a especificidade do fenômeno religioso se, em vez de se procurar saber de que a experiência religiosa é cópia, a que realidade ela corresponde, se perguntasse em que condições uma comunicação simbólica regular por meio de ritos e crenças pode estabelecer-se entre os fiéis em relação aos problemas fundamentais da experiência humana que Max Weber considera constitutivos da *teodicéia*. Não é necessário que a experiência religiosa corresponda a uma realidade (a natureza ou a sociedade) para que ela possa ser vista como objetiva – isto é, não como uma rapsódia de fantasmas e projeções. Basta que o conjunto de ritos e crenças que a constitui possa ser falado e vivido por fiéis que reforcem sua comunidade descobrindo o sentido desse universo simbólico.

Igreja tem um duplo propósito; deve ser um sacerdócio santo (1Pe. 2.5) e deve “proclamar as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe. 2.9) (...). Como Sacerdócio, a igreja tem confiada a si a responsabilidade de levar a Palavra de Deus à humanidade e de interceder junto a Deus em favor dos homens (...) a Igreja também tem uma função missionária de declarar os atos maravilhosos de Deus. A tarefa missionária da Igreja não é opcional, porque, pela sua própria natureza, a Igreja é missão.<sup>2</sup>

Um conceito mais eclesiológico é apontado por Leonardo Boff quando afirma que,

A igreja é fundamentalmente a comunidade organizada dos fiéis que no meio do mundo testemunha Jesus Cristo ressuscitado presente dentro da história como inaudita antecipação de sentido, de futuro e de total realização do homem [ser humano] e do cosmo incoativamente já agora dentro do processo histórico e definitivamente na plenitude dos tempos. Esta comunidade, enquanto consciência, representa uma elite cognitiva face àqueles que ainda não aderiram a ela. Sua vocação não é elitista, mas universal, e significa uma boa nova destinada a todos os homens [seres humanos]. Os valores fundamentais da comunidade eclesial são eminentemente libertadores, diríamos até revolucionários. Reino de Deus, novo homem [ser humano], novos céus e nova terra, esperança escatológica, caridade que vai até o martírio, relativização das etapas históricas face ao absoluto que vem do futuro, identidade do amor ao próximo com o amor de Deus, poder como pura identidade e serviço, a felicidade que todos esperam de Deus é principalmente dos pobres, dos deserdados, dos perseguidos e dos últimos da terra (...). Não podemos abordar a Igreja a não ser historicamente, vale dizer, dentro de um determinado processo histórico que, por um lado marca a Igreja e que, por outro, é marcado pela Igreja. (...) a Igreja, geralmente, reflete o mundo no qual se encarna; o mundo reflete a Igreja dentro da qual ele se exprime religiosamente.<sup>3</sup>

Com essa definição de Boff, poderia ser tencionada a última frase da definição sociológica: “Em relação a outras grandes instituições, como o ESTADO, as igrejas tendem a apoiar o status quo e as categorias e grupos sociais dominantes”. Se a Igreja não pode ser abordada de outra maneira que não seja “historicamente”, sendo marcada e ao mesmo tempo marcando um determinado processo histórico, segundo Boff afirma, dizer que “as Igrejas tendem a apoiar o status quo”, e ainda mais, apoiar

---

<sup>2</sup> OMANSON, Roger L. Igreja. In: ELWELL, 1992, p. 290.

<sup>3</sup> BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 211s.

“categorias e grupos sociais dominantes”, seria ignorar a vivência da Igreja em todos os tempos. Exemplo dessa relação articulada entre a Igreja e o processo social no qual se encontra inserida pode ser observado na Igreja latino-americana comprometida com a Teologia da Libertação. Exemplo esse que não anula nem diminui o testemunho de outras igrejas que ao longo do tempo têm assumido posturas diferentes nos seus postulados e nas suas atuações, em relação com o momento histórico no qual se encontram inseridas.

Desde uma perspectiva mais teológica, Hans Küng explica que

A igreja não é um estágio preliminar, mas um *sinal antecipatório* do reinado definitivo de Deus: um sinal da realidade do reinado de Deus já presente em Jesus Cristo, um sinal da consumação vindoura do reinado de Deus. O sentido da igreja não reside nela mesma, no que ela é, mas naquilo em cuja direção está se movendo. É o reinado de Deus que a Igreja espera, testemunha, proclama (...), ela é sua voz, seu anunciador, seu *arauto*. Só Deus pode trazer seu reinado; a Igreja se devota inteiramente a seu Serviço.<sup>4</sup>

Ao que foi exposto pode ser acrescentado a seguinte afirmação de Boff.

Da Igreja só podemos falar, teologicamente, a partir da ressurreição e de Pentecostes. Ela é um acontecimento do Espírito, Espírito que primeiro ressuscitou Jesus dentre os mortos, transformando-lhe a existência, de carnal para pneumática, e depois desceu sobre os Doze para fazê-los Apóstolos, fundadores de Comunidades Eclesiais.<sup>5</sup>

Longuini Neto constatou, com sua pesquisa, que tanto o movimento ecumênico quanto o evangelical articularam, a partir da década de 1960, uma proposta de renovação eclesiológica na América Latina. Ambos movimentos forjaram uma clara e definida ética social, concebendo e praticando um conceito distinto de missão e pastoral desde suas propostas eclesiológicas. Interessante destacar que, mesmo encontrando-se divididos em várias frações – pelo que não podem ser compreendidos como algo hegemônico –, suas propostas tendem a ser semelhante no tocante à relevância que Igreja deveria ter nos diferentes contextos<sup>6</sup>. Essas retóricas sobre Igreja, para a análise da teologia, ainda mais das teologias contemporâneas, deveriam ter importância equivalente. As teologias, ao pensar o ser humano em relação a Deus, teriam que levá-las em conta em

---

<sup>4</sup> Hans Küng apud HEFNER, Philip J. A Igreja (Nono lócus). In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). *Dogmática cristã*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1995. p. 251.

<sup>5</sup> BOFF, 1982, p. 234.

<sup>6</sup> Cf. LONGUINI NETO, 2006, p. 270-272.

suas reflexões, caso queiram estar a altura do contexto em que se encontram inseridas.

É também nesse sentido que Zwetsch afirma:

A igreja não é uma realidade primordial. Ela não vive por si e para si, mas é uma realidade derivada e a serviço do Deus criador e redentor da humanidade. Pode-se analisar a igreja sob distintas perspectivas: histórica, sociológica, sócio-psicológica, filosófica, econômica, ideológica e outras. Estas perspectivas crescentemente são levadas em conta nas teologias contemporâneas, até mesmo para o próprio bem da igreja e sua missão, ainda quando extremamente críticas à igreja.<sup>7</sup>

O fato de ter tantas conceituações desde ângulos diversos, de existirem tantas expressões para aludir ou se referir à Igreja, tanta literatura dedicada a explicar ou entender essa realidade que por séculos se tem denominado Igreja, longe de assustar, entusiasma. Entusiasma porque denota tratar-se de uma realidade complexa, que escapa a uma única conceituação, que escapa a um único projeto, conforme o pensar humano. Igreja tem que ser tudo isso que foi expresso e muito mais que não foi dito. Igreja é decorrência do projeto divino e como tal não pode ser totalmente enxergado, totalmente compreendido, totalmente conceituado, menos ainda poderá ser balizado ou aprisionado. Boff declara,

Se a Igreja nasceu de uma decisão então ela continuará a viver se os cristão e os homens [seres humanos] de fé no Cristo ressuscitado e no seu Espírito continuamente renovarem essa decisão e encarnarem a igreja nas situações novas que se lhes antolharem, seja na cultura grega, seja na cultura medieval, seja na cultura técnica de hoje. A Igreja não é uma grandeza completamente estabelecida e definida, mas sempre aberta a novos encontros situacionais e culturais e dentro destas realidades deve se encarnar e anunciar, numa linguagem compreensível, a mensagem libertadora de Cristo.<sup>8</sup>

Discordamos de Boff quando afirma que “a Igreja continuará a viver se os cristão e os homens [seres humanos] de fé no Cristo ressuscitado e no seu Espírito continuamente renovarem essa decisão”. Discordamos porque pensamos que tal continuidade e vitalidade da Igreja não depende primeiramente da vontade de pessoas de fé, mas sim da vontade de Deus que suscitará nas pessoas de fé, ou de nenhuma fé (segundo nosso entendimento), essa vontade de renovação, ainda que a revelação, o toque e o chamado divino, assim como também, a resposta, aceitação e o

---

<sup>7</sup> ZWETSCH, 2007, p. 303.

<sup>8</sup> BOFF, 1982, p. 224.

comprometimento por parte do ser humano, não possam ser completamente entendidos.

Poderia Canção Nova ser catalogada como uma Nova Igreja depois do até aqui apresentado? Para responder essa pergunta, seria necessário, ainda, analisar a Canção Nova em relação à teologia romana da qual faz parte.

### *1.1. A teologia Católico-Romana e a Canção Nova*

No item anterior, a Igreja foi definida como estrutura burocrática de líderes treinados, como *ekklesia*, assembleia pública de duplo propósito sacerdotal e missionário, como comunidade organizada de fiéis que testemunham a Cristo, como estágio preliminar, sinal antecipatório do reinado de Deus, como acontecimento do Espírito. No entanto, depois do estudo até aqui realizado, pode-se afirmar que a Canção Nova possui elementos eclesiológicos que fecham com a instituição católica, mas, ao mesmo tempo, em outros, aparentemente, se distancia.

O fenômeno Canção Nova define-se como carismático e possui pontos em comum com os movimentos neopentecostais, por exemplo: fazer amplo uso da mídia, ressaltar a experiência interior, manifestar fervor na fé e zelo religioso que conduzem seus membros a devotarem suas energias ao movimento, oferecer uma religiosidade eficiente em termos práticos e celebrações fortemente emocionais<sup>9</sup>. Tais características nos conduziram, num determinado momento do percurso investigativo, a pensar que se poderia afirmar que ele constituía mais uma expressão neopentecostal na contemporaneidade<sup>10</sup>. No entanto, ao analisar as práticas teológicas que definem o catolicismo romano e compará-los com aqueles presentes na Comunidade, àquela ideia inicial foi suprimida.

Geralmente, os movimentos carismáticos tendem a romper relações com as estruturas eclesásticas de onde se originam; coisa que não aconteceu com a Renovação Carismática Católica. Ainda mais instigante é que, constituindo-se um fenômeno interno na Igreja Católica Romana, não foi e nem é tido, pelo Vaticano, como motivo de preocupação ou rechaço (como foi, num outro tempo, a própria Teologia da Libertação), muito pelo

---

<sup>9</sup> Cf. PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: As religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 288.

<sup>10</sup> O pesquisador Lucelmo Lacerda tem trabalhado a “relação entre carismáticos e neopentecostais”. Cf LACERDA, Lucelmo. “E os católicos se renderam à Igreja Universal do Reino de Deus – Aproximações dos Carismáticos com o Neopentecostalismo”. *Espaço Acadêmico*. Ano VI. Nº 71, abril/2007. Disponível na Internet: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 12/01/2008.

contrário, chegou a ser legitimado e apresentado como modelo a seguir pela Igreja<sup>11</sup>.

Na Canção Nova, aparecem elementos que poderiam, numa primeira aproximação, apontar para a catalogação de uma Nova Igreja: *Batismo no Espírito, Glossolalia, Anjos e Demônios*. A seguir vamos nos ocupar com todos esses de maneira mais detalhada, desejando procurar se já faziam parte do universo católico romano ou não. Trabalharemos também com a *Profecia* e os *Milagres* que, mesmo não sendo considerados elementos novos dentro da arquitetura teológica romana, são importantes pelo fato de estarem sendo deslocados e diferentemente apresentados na própria prática eclesial.

A expressão *Batismo no Espírito* aparecia freqüentemente na fala do padre Jonas, no discurso veiculado pelas mídias cançonovista, nos acampamentos e na literatura escrita desde a fundação da Comunidade. No entanto, hoje é substituída por *Efusão no Espírito*. Essa mudança responde a determinação de não se contrapor à teologia cristã e, principalmente, à teologia Católico Romana que reconhecem o Batismo como sacramento recebido uma única vez na vida. Com o Batismo, as pessoas passam a formar parte do corpo de Cristo, são recebidas na comunidade cristã “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, por isso, não poderia existir um segundo ritual com a mesma intenção que, no caso, colocaria em xeque a eficácia do primeiro.

A Renovação Carismática Católica e também o padre Jonas viram-se na necessidade de explicar e esclarecer sobre o novo ritual. Questionado sobre a terminologia “Batismo no Espírito” e sobre as implicações teológicas que isso poderia ter, Jonas explicou que nunca concebeu o sacramento do Batismo de maneira diferente, que durante todo o tempo que fez menção ao *Batismo no Espírito*, se referia à possibilidade da pessoa cristã, já batizada, ter um encontro pessoal com Jesus, ou que não seria propriamente outro batismo ou um re-batismo. No entanto, com o intuito de não se contrapor às indicações da Igreja<sup>12</sup>, Jonas recentemente preferiu

---

<sup>11</sup> Isso é confirmado pelo texto lido pelo Papa João Paulo II na Missa de Pentecostes do ano 2004. Tomado da programação da TV Canção Nova, observado em 30 de maio de 2004.

<sup>12</sup> A CNBB, em 1994, num documento oficial dirigido especialmente aos movimentos chamados carismáticos, criticou e solicitou que na Renovação Carismática Católica não se pronunciasse mais exigindo um “Batismo do Espírito Santo”. A CNBB recomendou que não se usasse a expressão “Batismo no Espírito Santo”. Cf. *COMENTÁRIOS de Argumentos contra o Pe. Jonas Abib*. Disponível na Internet: <<http://www.montfort.org.br>>. Acesso em: 17/02/2008. O documento oficial reza: “A palavra ‘Batismo’ significa tradicionalmente o sacramento da iniciação cristã. Por isso, será melhor evitar o uso da expressão ‘Batismo no Espírito’, ambígua, por sugerir uma espécie de sacramento. Poderão ser usados termos como ‘efusão do Espírito

adotar a terminologia *Efusão no Espírito*, evitando novas críticas, interpretações erradas ou complicações de outra índole com a Instituição Romana<sup>13</sup>.

Com relação à *Glossolalia*, num dos comentários feitos na mesma página da Internet anteriormente citada, sob o título “Comentários de Argumentos contra o Pe. Jonas Abib” reza:

Claro que desvalorizar ou desprezar um dom do Espírito Santo é pecado. O problema é saber se o que se chama hoje “dom de línguas” é, de fato, o dom de línguas de que fala São Paulo. Um “dom” de línguas incompreensíveis de nada adiantaria. Seria inútil, e Deus nada faz de inútil.<sup>14</sup>

Essa é a crítica que, embasada biblicamente, com maior frequência se faz aos movimentos cristãos carismáticos adeptos da glossolalia. A *glossolalia* na Canção Nova, conhecida como “oração em línguas”, é acompanhada por música e dirigida pelos celebrantes da missa. O celebrante pede para a multidão reunida fazer a oração e as pessoas começam a repetir uma palavra, de maneira muito similar a entoação de mantras. Ao mesmo tempo em que a maior parte da multidão, dentro de um compasso musical, repete aquela palavra, outras pessoas que desejem possam fazer suas orações e manifestar seus pedidos em alta voz<sup>15</sup>. Nas missas acompanhadas durante a observação de campo, a palavra sempre foi a mesma: Alabai! A essa repetição se uniam também diferentes performances indistintamente realizadas por parte das pessoas ali presentes: olhos fechados, mãos no alto, mão no coração, balanço lento do corpo. Portanto, pode-se afirmar, olhando desde afora, que são experiências completamente compreensíveis, sendo ademais, aparentemente gratificantes<sup>16</sup>. No entanto, tal experiência é descrita da

---

Santo’, ‘derramamento do Espírito Santo’. Do mesmo modo, não se utilize o termo ‘confirmação’ para não confundir com o sacramento da crisma”. CNBB. *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, 34ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente 94, Brasília, 22 a 25 de novembro de 1994. N 54. São Paulo: Paulinas, 1994.

<sup>13</sup> Para ampliar esta informação, cf. *COMENTÁRIOS de Argumentos contra o Pe. Jonas Abib*. Disponível na Internet: <<http://www.montfort.org.br>>. Acesso em: 17/02/2008.

<sup>14</sup> *COMENTÁRIOS de Argumentos contra o Pe. Jonas Abib*. Disponível na Internet: <<http://www.montfort.org.br>>. Acesso em: 17/11/2007.

<sup>15</sup> Cf. OLIVEIRA, 2004, p. 105. Essa experiência também foi vivenciada durante a pesquisa de campo que realizei em novembro de 2006.

<sup>16</sup> Raymundo Heraldo Maués em sua pesquisa sobre as relações entre a Renovação Carismática Católica e o xamanismo amazônico descreveu algumas técnicas corporais que poderiam ser consideradas técnicas de relaxamento, na medida em que parece uma entrega total da pessoa, uma entrega total “ao Espírito Santo”, uma delas precisamente se conhece com o nome de

seguinte maneira por uma das participantes no Acampamento de Pentecostes do ano de 2002.

Quando a gente fala normalmente, a gente pensa o que vai dizer. Há uma barreira intelectual quando faço a concordância, quando faço entoação, quando dou um ponto final. Na oração em línguas quem fala é Deus, é o Espírito de Deus em meu espírito. No início, o pensamento é tirano e vai querer conduzir a oração. Vou pedir por isso, por aquilo. Aí não estou orando nada, estou fazendo som. Depois a gente aprende a não se ligar no intelecto e se entregar nas mãos de Deus.<sup>17</sup>

De maneira que uma coisa é o que pode ser observado por quem pesquisa e outra, semelhante ou não, é a declarada por aquelas pessoas que participam. Segundo o que foi observado e pela literatura consultada, na Canção Nova, a oração em línguas não constitui “um falar em códigos” que requiera uma tradução por parte de pessoal especializado.

Na Comunidade, falar de *Anjos* e *Demônios* é muito comum. O discurso do padre Jonas, de comunitários, assim como de alguns sócio-colaboradores estão permeados pelo uso desses vocábulos, dependendo da situação vivenciada. Oliveira registra a experiência de um membro comunitário num Acampamento de Músicos.

Eu tô ali atrás e eu vi uma revoada de anjos que rapidamente se movia para um lado, parava atentamente e olhava para abaixo, rapidamente se movia para outro, parava atentamente e olhava para baixo. Até na posição que eu estava, eles vieram para esse lado (Laércio indica o lado em que está Pe. Jonas). Eles num bando vinham pro lado, paravam. E engraçado eu não via o todo, eu via as faces, os vários olhares atentos para abaixo (...).<sup>18</sup>

Assim como os *Anjos*, também os *demônios* são “visitantes” assíduos da Comunidade. Em depoimento, Luzia afirma: “Nós temos caminhado assim. Muitas vezes Pe. Jonas vê a vitória. Ele sabe que nossos inimigos são muitos e fortes. Quando falo de inimigos é o Inimigo mesmo: é o demônio que não quer que esta obra aconteça”. A partir dessa afirmação, deduz-se que, na categoria de demônio “cabe” ou “entra” todo aquele que não deseje que a Canção Nova seja uma realidade!

O padre Edmilson, membro da Comunidade, numa de suas pregações “atacou o espiritismo, o candomblé e a umbanda”, ele diz:

---

“repouso no Espírito!” Cf. MAUÉS, Raymundo Herald. “Algumas técnicas corporais na Renovação Carismática Católica”. *Ciências Sociais e Religião*. N 2, 2000. p. 119-151.

<sup>17</sup> Magda apud OLIVEIRA, 2004, p. 106.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 93.

O bom católico, na melhor das hipóteses, deve recorrer a “Nossa Senhora Desatadora de Nós”. Que fique bem claro: a santa é apenas um atalho para se chegar a Deus. É Ele quem desata os nós da vida (...) não adianta pedir à pombajira (...) E nem o “Preto Véio” ajuda. Não ajuda não. É bobo quem pensa assim (...) a cura, a libertação, está em Deus. Deus, só em Deus.<sup>19</sup>

*Anjos* e *Demônios*, a julgar pela presença na Comunidade corroborada pelos discursos ou depoimentos, bem poderiam ser contabilizados como “integrantes” desta. A frase “combater o mal” é geralmente muito utilizada, de maneira especial no discurso de integrantes da Comunidade ou pessoas que visitam mais assiduamente a sede. Sérgio Lírio registrou, em um artigo, ter escutado, na Canção Nova, falar de “histórias de corpos tomados, transes, velhas que adquirem força descomunal e vozes alteradas”<sup>20</sup>. A respeito dessas histórias o autor explicita o pensar do padre Jonas: “A cultura atual é muito influenciada pelo espiritismo. Temos de dar o que os fiéis procuram. Se querem curar bicho-de-pé, temos de tratar bicho-de-pé”<sup>21</sup>.

O ritual mais conhecido e praticado “na luta contra o mal” no cenário da Canção Nova são os “Cercos de Jericó”. O *Cerco de Jericó* consiste em passar sete dias e sete noites de adoração diante do Santíssimo exposto, rezando de maneira contínua o rosário<sup>22</sup>. Padre Jonas relata que

A luta espiritual que enfrentávamos era evidente, mas era evidente também que Deus estava conosco. Se Deus é por nós, quem será contra nós? (...) começamos a realizar um “cerco de Jericó” por mês. Não só nossa Comunidade, mas o povo tem reagido de maneira linda (...). Ultimamente realizamos dois cercos por mês. A obra cresceu. A luta aumentou. A luta na oração precisava aumentar. Entendemos bem: estamos no Combate da Oração.<sup>23</sup>

Para falarmos da *Profecia*, especialmente da profecia na Canção Nova, levaremos em conta os dois elementos mais importantes que a compõem: a denúncia e o anúncio. Queremos fazer alusão à profecia da Canção Nova (aquilo que desde a teologia pode ser apreciado ou valorizado por *outsider* como profético da Comunidade) e a profecia na Canção Nova (aquilo que é denunciado e anunciado no discurso do padre Jonas e da Comunidade). Se Canção Nova não poderia ser comparada ao

---

<sup>19</sup> Edmilson apud LÍRIO, 2004, p. 18.

<sup>20</sup> LÍRIO, 2004, p. 17.

<sup>21</sup> ABIB apud LÍRIO, 2004, p. 17.

<sup>22</sup> Cf. ABIB, 2006, p. 96.

<sup>23</sup> ABIB, 2006, p. 96.

profeta Amós, poderia sim ser comparada ao profeta Joel<sup>24</sup>. Amós seria o profeta “político” que denuncia a injustiça social e a corrupção dos poderes políticos de sua época ao mesmo tempo em que anuncia um tempo justo no reinado de Deus. Joel tem como ponto de partida da sua mensagem a terrível praga de gafanhotos e a seca que arrasou a terra de Judá, colocando tais desgraças como sinais do dia em que Deus julgará os povos de todas as nações e os pecadores. O profeta clama pelo arrependimento dos israelitas e concentra seu anúncio na proclamação do perdão de Deus. Caso o povo se arrependa e se volte para Ele, Deus o abençoará e proporcionará felicidade e prosperidade. Joel anuncia também a promessa de que Deus enviaria seu Espírito sobre todo seu povo.

A profecia da Canção Nova está embasada no anúncio de que chegou um novo tempo para a Igreja, qual seja, o uso dos meios de comunicação para evangelizar. A denúncia, estaria na crítica ao abandono, por parte do povo cristão, da proclamação e do testemunho de Cristo, decorrente disso seriam os males que nossas sociedades e o mundo enfrentam na atualidade. Uma vez mais explícitas outras mais implícitas, a denúncia também vai contra outras religiões, principalmente das religiões afro-brasileiras e a Nova Era<sup>25</sup>. Entretanto, a denúncia cançonovista igualmente é direcionada à própria instituição católica pela paralisia na qual teria caído, mesmo que seja feita de uma forma indireta. Um exemplo disso encontra-se na narração que o padre Jonas faz sobre “A Conversão do professor Lourenço”.

Nesse tempo o professor Lourenço Chehab estava no Ministério da Comunicação e ocupava um cargo importante na área técnica. Fui a Brasília para um grande encontro e pedi uma audiência com ele para o dia seguinte (...) ele me perguntou: “O senhor não é o padre Jonas que estava ontem naquele encontro?” Respondi que sim. Então a conversa mudou totalmente de rumo. Por mais de meia hora ele falou sobre si mesmo: desde que se casara, mais de 25 anos atrás, não havia voltado para a Igreja (...) No domingo, a esposa tinha ido com os filhos para aquele grande Encontro, e ele ficou trabalhando em casa (...) terminou tudo às 4 horas (...) conferiu o trabalho e viu que tinha terminado mesmo. Então resolveu ir para o final do encontro (...) assistiu até o fim. Disse-me : “Padre, se a Igreja Católica é o que eu vi ontem naquele encontro, eu volto para a Igreja”. Disse-lhe que podia voltar porque a Igreja católica era isso que ele tinha visto, não

---

<sup>24</sup> Para conhecer mais destes profetas, cf. SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução: Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 188ss., 269ss. Cf. também: VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. II. ASTE. São Paulo, 1986. p. 124ss.

<sup>25</sup> Cf. OLIVEIRA, 2004, p. 95.

era outra igreja” (...) terminada a audiência, no fim da tarde, fui celebrar missa numa das igrejas de Brasília (...) começou o ato penitencial, e na hora em que baixei a cabeça dizendo: “Examinemos nossa consciência”, percebi que alguém entrava no fundo da Igreja (...) quando levantei a cabeça, vi que era o assessor do Ministro das Comunicações, o professor Lourenço Chehab.<sup>26</sup>

A profecia na Canção Nova foi muito trabalhada por Oliveira; ela afirma que o poder da profecia é uma manifestação repetitiva dos movimentos carismáticos. A autora narra, ao mesmo tempo em que explica, o que seria “profecia” e “possessão”:

Certa vez, Pe. Jonas, interrompendo a reflexão que fazia da passagem bíblica, subitamente, pôs-se a falar como se o próprio Jesus falasse através dele. Segundo depois, Pe. Jonas anuncia à assembleia que Jesus esta falando através dele e chama a atenção dos espectadores para que percebam e respeitem a experiência “espiritual” que está acontecendo ali. Adverte que cabe aos participantes mais fixar o conteúdo da mensagem do que aplaudir o fenômeno. Podemos notar neste caso que, embora Jesus esteja, de alguma maneira, “incorporado” em Pe. Jonas, este consegue controlar a experiência, interrompendo o discurso de Jesus para repreender as manifestações dos presentes (...).<sup>27</sup>

A profecia do padre Jonas, especialmente seu anúncio, tem sua centralidade na declaração e reafirmação de que “Canção Nova é uma obra de Deus, que nasceu da evangelização e que existe para a evangelização”<sup>28</sup>. Todo seu discurso, proferido com similar ênfase pelos membros comunitários, encontra-se embasado, primeiramente, na história da Comunidade, logo após descreve o agir de Deus para que tudo fosse acontecendo e conclui com algum chamado (seja de exortação ou de repreensão). Exemplo:

Nascemos de um documento sobre evangelização e de uma experiência concreta de evangelização (...) para ousadamente usar esses meios de comunicação (...) que multidões ousam a Palavra de Deus! É o que está acontecendo conosco [Canção Nova] graças a Deus (...) digo a muitos que vem se juntar a nós: os vasilhos dessa artéria nasceram da evangelização e vivem para ela. Nem sei qual é a forma que Deus da a você para evangelizar, mas não fique com medo. Talvez seja o trabalho de arrecadador que você faz, seu trabalho como intercessor ou intercessora, seu trabalho de presença conosco, seu trabalho em nossas cozinhas... tudo o mais que o

---

<sup>26</sup> ABIB, 2006, p. 81s.

<sup>27</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 94.

<sup>28</sup> ABIB, 2006, p. 31.

Senhor despertou ou vai despertar em você (...). Não podemos ser “tão humildes” assim e nos colocar lá embaixo dizendo que não somos capazes de nada. Talvez Deus suscite em você grandes coisas para fazer. Não é assim que acontece quando se faz operação de varizes? O médico tira uma veia grande que estava estourando, e uma veia menor se tornará a veia mestra no lugar da outra que, por necessidade, foi tirada. Talvez você seja um vasinho e acha que não serve para nada, mas Deus pode fazer de você um David (...), talvez você seja um “vasinho” como David, mas é com você que Deus quer agir. Ele pode transformá-lo numa grande artéria.<sup>29</sup>

Podemos, também, aludir à catalogação que padre Jonas faz da existência de “tempos fortes programados” e “tempos fortes não programados”. Os tempos fortes programados seriam aqueles que são especialmente criados – decorrentes da convicção, individual ou coletiva –, eles são muito necessários para o pulsar da Comunidade. Tempos fortes programados, segundo padre Jonas seriam:

(...) retiros pessoais, retiros de toda a comunidade, os momentos especiais de oração, de estudo, de convivência, de formação. São manhãs, tardes, noites de vigília, fins de semanas programados especialmente (...) uma característica [nesses tempos fortes programados] da Canção Nova é a criatividade. É preciso usá-la. É importante ousar e tomar iniciativa. A rotina mata, leva ao torpor, mina a espiritualidade. Os tempos fortes bem usados são fontes de revitalização, são momentos de intenso relacionamento com Deus, momentos privilegiados de encontrar ou assimilar o novo que Ele tem para nós.<sup>30</sup>

Os “tempos fortes não programados” seriam aqueles cuja iniciativa não seria por parte do padre Jonas ou da Comunidade. Jonas explica que

É Deus que cria as circunstâncias para isso. Esses momentos são muito preciosos. Se o Senhor toma a iniciativa, é porque tem objetivos muito concretos. É hora de graça. (...) Há momentos em que o Senhor nos “*visita*” pessoalmente. Há outros em que *Ele visita* um grupo ou toda a comunidade. Temos de ser sensíveis a essas visitas. É sabedoria ceder tempo e espaço ao Senhor. Um momento desses que se cede a iniciativa ao Senhor, vale por dias inteiros de busca e empenho pessoal. É uma graça incalculável. O Senhor usa dessas ocasiões para as grandes revelações, para as curas profundas, para as grandes arrancadas, as rupturas, as guinadas, as

---

<sup>29</sup> ABIB, 2006, p. 32.

<sup>30</sup> ABIB, 2006, p. 116s.

desapropriações, as grandes mudanças... em nossa vida pessoal ou de grupo.<sup>31</sup>

O anúncio do padre Jonas parece ser todavia mais ousado. Segundo ele,

Deus conta conosco; precisa de nosso trabalho suado para que esse agir se realize e a missão aconteça (...). Nossa relação com Deus é uma relação de trabalho, de operário *versus* patrão. Não se assuste, estamos desmistificando e colocando a realidade em termos concretos (...). Não resta dúvida que somos filhos escolhidos e amados. Somos filhos que hoje, como adultos, trabalhamos com o Pai e para o Pai. Fomos escolhidos para essa missão. Digo mais, fomos criados por causa da missão, e chegou a hora da maturidade, quando trabalhamos para que a missão aconteça (...), somos amados sim, e por isso o Pai confiou em nós, colocou em nossas mãos uma “empresa” para evangelizar pela mídia. É grande a confiança; Deus tem investido alto e entregado tudo isso em nossas mãos.<sup>32</sup>

Na profecia do padre Jonas, agora especialmente no tocante a sua denúncia – que é por conseqüência a denúncia de todos os membros comunitários e do discurso na própria Comunidade – pode ser apreciada na contínua crítica àquelas pessoas que não “cumprem a vontade de Deus”, que se ausentam a seu chamado, que não assumem, como pessoas cristãs, a tarefa do anúncio de Cristo e do Reino. A retórica de denúncia, permeando o discurso do padre Jonas, aparece principalmente na mensagem diária que escreve para o site da Canção Nova. Já a retórica do anúncio, em uma extensão maior, pode ser verificada, na revista Canção Nova, na página intitulada como “Palavra do Fundador”.

*Milagres* também acompanham a Canção Nova desde seu nascimento. Ainda que pudesse ser dito que, por milagres, obtiveram sua primeira casa, que teria sido um milagre o fato da Rádio Canção Nova entrar no ar no dia da sua inauguração, que foi outro milagre o início da transmissão de sua Tv, o vocábulo quase não aparece no discurso cançonovista. O que poderia ser considerado como milagre, eles consideram como “presença e atuação da Divina Providencia”. No entanto, entrevistas têm demonstrado que muitas pessoas, principalmente sócio-colaboradoras, adjudicam ao próprio padre Jonas certos milagres. No registrado por Lírio, lê-se que

“O padre Jonas está acima de tudo”, diz a freira Célia Tuma Reche (...). Mary a irmã da freira havia perdido a visão nos dois olhos

---

<sup>31</sup> ABIB, 2006, p. 117.

<sup>32</sup> ABIB, 2006, p. 111.

depois de operações sucessivas de catarata. Desesperada passou a se corresponder com o fundador da Canção Nova, que sempre respondia às cartas. Certo dia, conta Célia, cansada da lenta e tropeçante leitura do marido, Mary tomou a carta e deu-se o que a Freira acredita ser um milagre. “ele curou um dos olhos da minha irmã. Ela conseguiu ler a mensagem”, diz a freira.<sup>33</sup>

Argumenta-se aqui que, assim como a Canção Nova se torna cada vez mais um centro de peregrinação católica importante pelo papel sagrado que desempenha na contemporaneidade, o padre Jonas poderia estar sendo situado na ante-sala da beatificação. Se em vida já é considerado por muitos como um profeta, os milagres atribuídos a ele hoje poderiam estar pavimentando o caminho para uma futura santificação da sua pessoa. Processo esse que estaria escapando do controle da Instituição Romana e da própria Renovação Carismática Católica Brasileira.

Daniele Hervieu-Léger parece convicta de que “Comunidades Emocionais constituiriam a conseqüência provável de um processo de desenraizamento simbólico – enquanto organização das identificações coletivas e individuais – na esfera religiosa”<sup>34</sup>. Nesse sentido, Oliveira afirma que “a instituição embora não seja negada, é relativamente transcendida; passa a ter uma relevância mais referencial de identificação religiosa do que propriamente representar a reunião de adeptos fiéis às regras institucionais”<sup>35</sup>.

Hervieu-Léger afirma também que,

As correntes religiosas modernas de reavivamento religioso são dotadas de propriedades subjetivas que influenciam a escolha religiosa. Tais movimentos – dentre os quais a RCC – oferecem elementos simbólicos de ruptura com “o conjunto de crenças, das doutrinas, dos saberes, das normas e das práticas obrigatórias que a própria instituição define como sendo do corpo da Tradição, cuja integridade ela preserva e cujas apropriações ela controla”.<sup>36</sup>

Entretanto, Hermelink afirma que a Igreja Católica concede um valor muito importante

à tradição (mas não às tradições). Para os católicos, a revelação divina, confiada por Cristo a seus apóstolos, foi vivida antes de ser fixada por escrito. A Escritura é, pois uma cristalização da vida da

---

<sup>33</sup> LÍRIO, 2004, p. 15.

<sup>34</sup> HERVIEU-LEGER, Daniele. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? In: *Religião e Sociedade*. 18 (1), 1997. p. 31.

<sup>35</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 107.

<sup>36</sup> HERVIEU-LEGER, 1997, p. 45.

Igreja. Nessa escritura encontra-se, de algum modo, tudo quanto a Igreja vive e crê (...), a assistência do Espírito Santo, prometida a Igreja (...) faz com que ela viva e penetre cada vez mais na palavra que lhe foi confiada. Por isso, de acordo com a doutrina de Vaticano II, escritura e tradição não são duas fontes independentes da revelação, mas se encontram intimamente entrelaçadas. Daí que a fórmula correta não seria “Escritura e tradição”, mas “a Escritura na tradição”.<sup>37</sup>

Aparentemente existiria uma contradição entre o constatado por Hervieu-Léger nas Comunidades Emocionais e o expressado por Hermelink sobre Igreja Católica Romana. Mas, segundo o pesquisado, o fato é que “a escritura na tradição” convive de forma simultânea com os “novos elementos simbólicos” trabalhados pelas correntes religiosas modernas de reavivamento. Nessa contínua articulação, eles relacionam-se ao mesmo tempo em que se tencionam, ao mesmo tempo em que ficam amparados e resguardados pelo amplo guarda-chuva romano que suporta as diferentes propostas eclesiais.

### ***1.2. Canção Nova não é uma nova Igreja!***

Observamos no item anterior que vários elementos, uns totalmente novos, outros mais conhecidos, ainda que trabalhados de maneira diferente, poderiam precipitadamente sustentar a afirmação de que Canção Nova constitui uma Nova Igreja. No entanto, esses elementos denotam uma nova forma de ser, amparada por uma teologia que em seu arcabouço teológico não apresenta câmbios substanciais, mas bem se trata de uma oxigenação para os fundamentos e a própria tradição. Dito de outra maneira, Canção Nova não é uma Nova Igreja; Canção Nova constitui a roupa nova da velha Igreja.

Leonardo Boff explica que,

A verdadeira eclesiologia não se encontra nos manuais ou nos escritos dos teólogos; ela se realiza e vigora nas práticas eclesiais e está sepultada dentro das instituições eclesiásticas (...) se quisermos identificar as principais tendências em nosso continente Latino-americano, devemos analisar as distintas práticas com seus atores e a partir daí as prédicas e as elaborações teóricas (...) a sanidade eclesiológica reside na correta relação entre Reino-mundo-Igreja.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> HERMELINK, Jan. *As Igrejas no Mundo: Um estudo das confissões cristãs*. São Leopoldo: Sinodal, 1981. p. 66.

<sup>38</sup> BOFF, 1982, p. 15ss.

É por isso que concedemos tanta importância à pesquisa do particular no “global eclesial”. Por isso, torna-se tão importante as experiências locais que, em ocasiões, colocam em xeque, com suas práticas cotidianas, as metanarrativas escritas desde gabinetes teológicos enclausurados. Nesse sentido, Boff desde a década de 1980 alertava:

A Igreja não pode (...) se encapsular dentro dos limites de sua dogmática, de seus ritos, de sua liturgia e de seu direito canônico. A Igreja possui as mesmas dimensões do Cristo ressuscitado. E essas dimensões são cósmicas. Suas funções e mistérios, suas estruturas e serviços que existem e devem existir, devem contudo manter-se sempre abertos ao Espírito que sopra onde quer e que é uma permanente força dinâmica no mundo.<sup>39</sup>

A partir das ideias anteriores, pode-se afirmar com Boff que

Na pregação e na realização do Reino, Cristo introduziu realidades que mais tarde iriam a constituir o fundamento da Igreja: a constituição dos Doze; a instituição do batismo e da ceia Eucarística. Mas esses elementos não constituem ainda toda a realidade da Igreja.<sup>40</sup>

A realidade da Igreja é também conformada pelo que se dá e se vivencia no cotidiano cançãoovista. Mesmo que sejam eventos diferentes, eventos instigantes, eventos que requeiram maiores análises para uma maior compreensão, não poderíamos dizer que eles não conformam, também, essa realidade denominada Igreja.

O evento principal para a evangelização da Canção Nova, como já expressamos anteriormente, são os Acampamentos de Oração. Eles são celebrados praticamente todos os finais de semana com estilo de megaeventos, na sede da Comunidade. Nos dias de encontro, podem se reunir de 15 a 30 mil fiéis, chegando aproximadamente a 70 mil nas datas ou comemorações especiais. O objetivo principal desses eventos, segundo o padre Jonas, é fazer com que os participantes tenham o seu “encontro pessoal com Jesus” e seguidamente recebam a graça do Batismo no Espírito, ou seja, passem pela experiência do derramamento do Espírito Santo, pela experiência de serem pessoas plenas do Espírito<sup>41</sup>.

Martins de Oliveira chama a atenção para o fato da Comunidade Canção Nova intentar que seus membros

---

<sup>39</sup> BOFF, 1982, p. 232.

<sup>40</sup> BOFF, 1982, p. 223.

<sup>41</sup> Cf. ABIB, 2006, p. 43.

se independessem, desapareçam ou, ao menos, se empenhem em relativizar as necessidades de consumo de bens materiais e simbólicos produzidos pela sociedade moderna capitalista [Ao] representar uma opção exequível à vida materialista, hedonista, individualista e utilitária do mundo ocidental moderno, considerado principal causador da competição, do conflito, da desagregação social e da crise das instituições.<sup>42</sup>

Cientes de que a Comunidade Canção Nova não é uma nova igreja, mas com muitos outros aspectos assinalando diferenças marcantes entre o tradicionalismo católico da instituição e a vivência na Comunidade, acreditamos que seja necessário nos debruçar nesses dados que emergiram do estudo e da pesquisa bibliográfica realizada. Numa primeira conclusão da nossa pesquisa, depois do estudo bibliográfico, essa nova maneira, esse novo jeito poderia estar marcado pela *questão de gênero* (Canção Nova não predica, mas vivencia o gênero, seria essa uma constatação?), pela *liturgia* (seria uma forma diferente de celebração no cotidiano?) e pela *Igreja pneumática* (novos mitos, ritos, símbolos tornam o profano sagrado na comunidade cançãonovista?).

## 2. Gênero: Nos meios e na igreja

A teóloga Ivone Gebara no seu livro “Rompendo o Silêncio”, da virada do milênio, realiza uma ampla explanação sobre Gênero. Explicando sobre o conceito em si e ao mesmo tempo expressando a reviravolta na discussão acadêmica que ele têm produzido, Gebara esclarece que gênero, como instrumento,

serve para mostrar a inadequação das diferentes teorias explicativas da desigualdade entre homens e mulheres por meio da natureza biológica. Concretamente, trata-se de mostrar que poderes atuam na divisão social do trabalho e na organização dos diferentes aspectos da vida em sociedade, ligados à relação entre homens e mulheres. (...) o conceito de GÊNERO se tornou, em particular nas ciências humanas, não apenas um instrumento de análise, mas um instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais mais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito pela diferença(...).<sup>43</sup>

A autora também explicita que

---

<sup>42</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 89.

<sup>43</sup> GEBARA, 2000, p. 104.

o objetivo primordial de uma reflexão de GÊNERO é colocar às claras, através desta categoria tão pouco utilizada em teologia, todo um sistema de relações de poderes baseado no papel social, político e religioso de nossa realidade de seres sexuados (...). GÊNERO não é primeiramente uma questão abstrata, teórica, mas é algo que pode ser observado na prática de nossas relações. (...) GÊNERO como instrumento hermenêutico que abre de novo as possibilidades de análise (...) nos ajuda a superar os dualismos epistemológicos.<sup>44</sup>

Seguindo nessa linha de pensamento, três anos mais tarde, a também teóloga Wanda Deifelt ainda via-se na necessidade de explicar

gênero e sexo são coisas distintas. Sexo é a caracterização biológica, ao passo que gênero é a construção cultural do que constituem os papéis, as funções e os valores considerados inerentes a cada sexo em determinada sociedade. (...) ou seja como se existissem duas naturezas, uma feminina e outra masculina, que predispõem as mulheres a valores como paixão, ternura, maternidade (tudo que remete ao mundo privado, doméstico), ao passo em que os homens teriam como características inerentes à lógica, o raciocínio, a cultura e o mundo público/político.<sup>45</sup>

As questões de gênero<sup>46</sup> geralmente não têm sido “acolhidas” nem pela Igreja Católica nem pelas outras igrejas. E utilizamos o termo “acolhida” com toda intenção. As questões de gênero podem, no nosso entender, ter sido até “aceitas” por muitas igrejas, mas “acolhidas” tem sido por poucas, para não absolutizar e dizer que por nenhuma. Nossa distinção entre acolher e aceitar se fundamenta no significado dos vocábulos. *Acolher* vai mais no sentido de “tomar em consideração”, “refugiar”, “abrigar”, “amparar”, “agasalhar”; já *aceitar*, mesmo possuindo o sentido de “concordar com”, “dar crédito à”, também pode ser entendido como “conformar-se com o fato”, “tolerar”, “suportar”. De maneira que, mesmo quando igrejas tem aparentado uma “acolhida” das questões de gênero, a

---

<sup>44</sup> GEBARA, 2000, p. 106s.

<sup>45</sup> DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER. *Gênero e teologia: Interpretações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 172s.

<sup>46</sup> Artigos acadêmicos que evidenciam o debate em relação ao Gênero e à Religião podem ser lidos nos livros decorrentes do Primeiro e Segundo Congressos Latino-Americanos de Gênero e Religião, assim também como outras publicações que foram organizadas pelo Núcleo de Pesquisa de Gênero na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo. Cf. STRÖHER, Marga; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (orgs.). *À Flor da Pele: Ensaio sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004. Cf. STRÖHER, Marga; MUSSKOPF, André (orgs.). *Corporeidade, Etnia e Masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americanos de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. Cf. NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs.). *Epistemologias, Violência e Sexualidade*. Olhares do 2º Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

nosso modo de ver, elas estariam mais bem só “aceitando” tais questões. Isso, pensamos, explica o fato de que várias igrejas e instituições religiosas, que adotaram o discurso de gênero há mais de duas décadas, têm a sua prática tão defasada com respeito à sua teoria. Meramente suportam, toleram, conformam-se com o fato, quiçá porque “gênero” tem estado e está muito em voga<sup>47</sup>.

Com similar intuito mas visto de uma outra maneira, José Comblin diz

crece sem cessar a distância entre o discurso e a realidade. Esse é um fenômeno comum a todo nosso mundo globalizado. Graça aos meios de comunicação os discursos circulam bem de presa e cada um pode captar rapidamente os temas que estão na onda e ter um linguajar adaptado às modas do momento.<sup>48</sup>

Diversas são as autoras e os autores que têm apresentado importantes trabalhos sobre o tema das relações de gênero, especialmente na Igreja Católica no Brasil<sup>49</sup>. Por isso, pode parecer que nossa intenção investigativa seria semelhante a procurar areia no deserto. Ainda assim, sabendo da presença incontestável da areia no deserto, partimos do fato de que nem todos os desertos são iguais, nem as plantas que neles encontramos, nem os animais que neles habitam. O particular, a pesquisa “do particular”, como já foi expresso, merece um lugar de destaque e é esse particular o que move, especialmente, nossa procura.

Uma análise da Canção Nova, pautada pelos referenciais de gênero, especificamente na programação transmitida pela TV, pode desvendar importantes ocorrências no tocante às relações interpessoais nesta comunidade. Entrementes, seria importante desvendar primeiro a situação da questão de gênero em relação às mídias.

## **2.1. Gênero nos meios**

O Projeto Global de Monitoramento da Mídia é a pesquisa mundial mais abrangente já realizada sobre gênero na mídia. Como objetivo, busca aprofundar o estudo da representação de mulheres e homens nas notícias

---

<sup>47</sup> Cf. NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette. Entrecruzando Olhares sobre Comunicação e Violência In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs.). *Epistemologias, Violência e Sexualidade*. Olhares do 2º Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008-b. p. 156s.

<sup>48</sup> COMBLIN, José. *O caminho*. Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004. p. 186.

<sup>49</sup> Ver escritos de Ivone Gebara, Nancy Cardoso, Rose Marie Muraro, Eurides Alves de Oliveira, Leonardo Boff.

dos jornais, rádio e televisão. Esse monitoramento foi realizado pela primeira vez em 1995, depois no ano de 2000 e, mais recentemente, no ano de 2005<sup>50</sup>.

Milhares de ativistas e investigadores de 76 países participaram dessa pesquisa e foram monitoradas aproximadamente 13 mil notícias num mesmo dia do ano de 2005. Nessa última ocasião, o monitoramento foi coordenado pela *Associação Mundial para a Comunicação Cristã*, organização internacional não-governamental, que como já vimos, promove a comunicação como fator de transformação social.

A pesquisa teve como resultado as seguintes constatações:

- Visões e vozes femininas são marginalizadas no mundo da mídia;
- vozes masculinas predominam nas notícias “pesadas”;
- homens predominam como porta-vozes e especialistas;
- mulheres são retratadas duas vezes mais como vítimas em comparação aos homens;
- repórteres femininas normalmente fazem cobertura de histórias “leves”;
- assuntos femininos são mais encontrados em notícias relatadas por jornalistas mulheres;
- dificilmente mulheres são o foco central de uma matéria;
- matérias reforçam estereótipos de gênero ao invés de desafiá-los;
- (des)igualdade de gênero não é considerada digna de ser notícia.

O relatório apresentado declara: “infelizmente, os resultados nada animadores de 2005 ratificam os resultados das pesquisas de 1995 e de 2000”<sup>51</sup>.

Se por um lado isso é lamentável e preocupante, indica que os esforços realizados, as lutas promovidas, os movimentos criados, as políticas instituídas, ainda não são suficientes e não conseguem se tornar “visíveis” a grandes escalas, é ainda mais triste para as mulheres cristãs, feministas, militantes, porque essa constatação coincide com o período declarado pelo Conselho Mundial de Igrejas como “Década de superação da violência” (2001-2010) e “Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres” (2001-2010). No entanto, deve reconfortar, por outro

---

<sup>50</sup> QUEM FAZ a notícia? *Cunhary: Rio das Mulheres*. Ano XIV, N° 63, Janeiro/março. São Paulo, 2006, p. 5.

<sup>51</sup> QUEM FAZ a notícia?, 2006, p. 5.

lado, o fato de que esse tipo de pesquisa esteja sendo realizada; isso já seria sinal de avanço e conquista, assim como também, a exposição pública e a não manipulação de seus resultados.

O Relatório diz muito sobre governos e instituições, religiosas ou não religiosas, que deviam ter oferecido um outro tipo de escuta e apoio aos apelos de uma considerável parte da humanidade. Cabe então aproveitar o dado e perguntarmos: são os meios ou somos nós os responsáveis por tais indicadores? É nesse sentido que discordamos com o “superpoder” muitas vezes outorgado aos meios. O poder dos meios depende de nós, de nossas atitudes, de nossas relações cotidianas, de nossas articulações ou desarticulações, o poder dos meios somos nós quem outorgamos<sup>52</sup>.

## **2.2. Gênero na Canção Nova**

Foi observando uma fita VHS da Canção Nova, especificamente, do Acampamento de Pentecostes de 2004, que sentimos inquietude particular por indagar sobre as questões de gênero na Comunidade. Chamou nossa atenção o fato de que, em certo momento de louvor e adoração, a pessoa que conduzia utilizava uma linguagem inclusiva para interagir com a multidão ali reunida. O presente item quer compartilhar algumas reflexões sobre as relações de gênero no fenômeno religioso estudado.

Para fazer menção das relações de gênero na Comunidade, gostaríamos de considerar a programação transmitida pela TV Canção Nova, assim como as linguagens utilizadas noutras mídias cançonovistas como na revistas e no site. A pergunta que acompanha a reflexão a partir de agora é: quais são as relações de gênero na frente das câmeras e quais são as relações detrás delas?

De maneira geral, sem entrar na análise de um programa específico, pode-se dizer que a grade de programação *cançonovista*, na frente das câmeras, não faz distinção entre os sexos para conduzir seus programas televisivos. Seria injusto, também, afirmar que as mulheres aparecem na tela em número inferior ou que a função que elas desenvolvem ou os programas por elas apresentados sejam de menor importância. Durante as semanas analisadas<sup>53</sup>, com observações contínuas, somente a Missa Televisiva foge dessa realidade constatada.

---

<sup>52</sup> Cf. NÚÑEZ DE LA PAZ, 2008-b. p. 147-159.

<sup>53</sup> Semanas de pesquisa com observações contínuas durante o ano de 2005. As observações aconteceram durante as seguintes semanas: de 20 a 26 de março, de 19 a 25 de junho, de 18 a 24 de setembro.

Na missa televisiva, ainda que na frente das câmeras, são os homens os que continuam no lugar sagrado do altar, deixando para as mulheres outros espaços e momentos da liturgia. Não por acaso, também, são os homens os que detêm o poder da palavra na hora do sermão, como manda a própria tradição. E, como se está falando de “palavra de Deus” e de “consagração de elementos e Eucaristia”, volta-se novamente a deslegitimar o papel da mulher, para estas funções, dentro da própria Igreja. O reconhecimento, a valorização e a legitimidade da mulher dentro da instituição católica sempre passa pela peneira do “permitido” e do “não permitido”.

Entretanto, como nem tudo é missa na TV Canção Nova, insistimos em dizer que, de maneira geral, nota-se um balanceamento eqüitativo na participação e no lugar que ocupam homens e mulheres nos diversos programas apresentados. Talvez isso venha a reforçar o discurso oficial, no tocante à igualdade de homens e mulheres, que se observa nos documentos redigidos após Concílio Vaticano II, em Medellín e em Puebla. Quiçá procura realçar o sentido comunitário que prega a própria Canção Nova. Ainda que o discurso esteja longe de falar *em* ou *dessa* categoria, o cotidiano mostra as relações de gênero com um teor distinto.

As relações de gênero aparecem, na Tv Canção Nova, mais proporcionais, mais harmônicas, menos hierárquicas, menos carregadas da exclusão, da distinção ou da diferença, em relação àquelas que, com freqüência, estamos acostumadas a olhar entre os sexos no seio da estrutura eclesial católica. Nos programas observados, clama-se por uma unidade em prol da Canção Nova, com uma acolhida da diversidade, como fator de enriquecimento e até de crescimento. Unidade e diversidade que se entrecruzam o tempo todo, movimentados pelo apelo a “regras de vida” que marcam diferença sem invalidar aspectos culturais de cada lugar. Estes programas não carregam o discurso de um “gaúcho poderoso” e um nordestino “menos agraciado”, de um Brasil “experto” e um Portugal “tonto”. Gaúchos, nordestinos, brasileiros e portugueses aparecem com seus sotaques diferentes, com a alegria das pessoas de uma família espalhada que, em determinados momentos, podem se encontrar, meditar, celebrar, agradecer, orar e fazer festa.

No entanto, por muito lindo e paradisíaco que se nos apresente este lugar, comparado com outras realidades de nosso cotidiano, a suspeita não nos abandona. A partir de agora, as revistas impressas de tiragem mensal, assim como também o portal da Canção Nova na Internet passam a ser alvo de nossa análise. Será que ambos reafirmam o que foi constatado nas observações da TV? Olhemos o que acontece “por detrás das Câmeras”.

Tanto nas revistas quanto no site encontramos o “número de sócio”; é o número que cada integrante membro ganha como identificação pessoal. Aparece *sócio* e não *sócia*! Procuramos saber, sem resultados, qual é o número de mulheres e qual o número de homens que está por detrás desse “sócio”. Nossa suspeita diz que o número de mulheres deve ser muito maior; elas novamente podem estar “escondidas” por detrás de uma linguagem androcêntrica, na qual o masculino continua sendo normativo.

Lendo sobre o padre Jonas, especificamente no tocante à família e à vocação, soubemos quão importante foi, na sua vida, a relação familiar. Padre Jonas fala, com orgulho, de uma mãe que ele define como “paciente”, que “agüentou firme”, que “suportou a vida toda” e um pai que ele define “pela honradez”. Conta que era uma família muito pobre e que sua mãe passou grande parte da sua vida doente, mesmo assim, muitas vezes, era ela – costureira – quem sustentava economicamente o lar, quando o pai – pedreiro – não recebia o pagamento. Fala da religiosidade sempre vivenciada pela sua mãe, o que não é afirmado do pai que teve seu “encontro com Deus” no dia em que Jonas entrou no seminário. Não é nossa intenção estabelecer uma disputa entre quem, mãe ou pai, fora mais importante na vida do padre Jonas e, por conseqüência, na fundação da Comunidade, mas permanece uma interrogação no fato de que, no enorme complexo arquitetônico que abriga a Canção Nova, um prédio leve o nome do Sr. Sergio Abib, enquanto que o nome da Sra Josepha Pacheco Abib não aparece<sup>54</sup>.

Tanto na Tv quanto na revista e no site, o cerne do discurso e do posicionamento da Canção Nova a respeito de temas como, sexualidade, castidade, aborto etc. é o mesmo da Igreja Instituição. Na revista e no site, eles são trazidos de maneira mais categórica, mais direcionados a exigir uma postura que feche com os pronunciamentos da hierarquia institucional. Tais discursos apelam a uma mulher “paciente”, “que tudo suporta”, “que agüenta firme”, assim como a vida da própria Josepha Abib ou a representação que se faz da virgem Maria. Mulheres que escutam e vivenciam esses discursos como sendo “normais”, acreditariam que possa ser “virtuoso” corresponder a eles.

Com efeito, relações de gênero que, na frente das câmeras cançonovistas, com freqüência, se distanciam da hierarquia católica, por detrás das câmeras, parecem estar sustentadas por uma armação

---

<sup>54</sup> NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette. “Por detrás das Câmeras! As relações Interpessoais no fenômeno religioso Canção Nova”. In: *1 Seminário Internacional “Enfoques Feministas e o século XXI: Feminismo e Universidade na América Latina”*, Programa e Resumos. REDEFEM, REDOR/NEIM, Salvador – Bahia. 2005. p. 149s.

totalmente hierarquizada pré-estabelecida. A Canção Nova, mesmo sem fazer uso da palavra gênero no seu discurso, na frente das câmeras, mantém uma proporcionalidade entre os papéis delegados ou assumidos por homens e mulheres. Já detrás delas, Canção Nova mostra-se tão androcêntrica e patriarcal como as outras igrejas ou como a própria sociedade na qual se encontra.

De maneira que, tomando gênero como categoria de análise, pelo até aqui investigado, Canção Nova teria, ao menos na frente das câmeras, uma postura diferente, nova em comparação com a instituição romana. Seria um novo jeito com relação a certos aspectos da Instituição, mas nada que possa marcar uma distinção dentro do catolicismo ou com relação a outras igrejas cristãs. Analisemos a continuação o que acontece no plano da liturgia, outra das evidências da pesquisa bibliográfica. Representaria a liturgia esse novo jeito de ser igreja?

### **3. Liturgia: Os meios e a Canção Nova!**

Ao falar sobre liturgia na Igreja Católica, Almir Guimarães explica que “foi um campo privilegiado de conscientização comunitária. A renovação litúrgica iniciada no final do século XIX e coroada com a obra do Concílio (...) se insere num vasto campo de volta as fontes, tanto bíblicas quanto patrísticas”<sup>55</sup>. Guimarães explica, ademais, que tal renovação teve como ponto de partida o fato do povo não poder, aparentemente, participar das riquezas da liturgia; o povo não tinha nenhum tipo de participação ativa e consciente com relação a celebração da missa e dos sacramentos. Isso, segundo o autor, conduzia a que a liturgia fosse somente assunto dos clérigos. O próprio uso do latim, que o povo não conhecia, não favorecia à participação.

De maneira que foi uma liturgia “quase ausente” para leigos, uma liturgia engessada, descontextualizada e muito distanciada da realidade terrena que originou todo um movimento de renovação e, por consequência, os câmbios que, durante todo o século XX, foram se dando neste campo. Após Vaticano II, a atitude é totalmente outra.

(...) a Constituição sobre liturgia aceita a diversidade na unidade, admite o uso de línguas vivas, evidencia os valores da tradição, mas afirma que outras riquezas podem ser encontradas fora da liturgia romana. A diversidade de Culturas é vista como riqueza. Apela-se para a criatividade. Pode-se ver aí um caminho no sentido de acabar com o mal-estar que existe entre uma liturgia toda fixada, apesar de

---

<sup>55</sup> GUIMARÃES, 1978, p. 102s.

celebrada em línguas vivas, e o desejo de muitos cristãos de encontrar uma expressão litúrgica mais próxima de suas vidas, de sua cultura, de sua maneira de rezar. Os homens [seres humanos] e Deus devem poder encontrar-se na liturgia (...) segundo o “Sacrosanctum Concilium”, deve-se abrir espaço no interior do rito romano para os usos locais.<sup>56</sup>

Como se pode observar, a Igreja Romana entende que se faz necessária uma mudança e abre espaço para essa mudança. Digamos que se trata de uma renovação que reconhece não só o eclesiológico, senão que olha para o contexto, para a cultura, para a língua do lugar onde se encontram inseridas as comunidades locais. Tudo isso acontece sem a imposição aparente de uma única forma universal, um manual mundial – ainda que a Cúria Romana os possua. A Igreja apela para a criatividade, para a implementação de “novos modelos” que valorizem o cotidiano de cada localidade. A Igreja Romana, abre-se a “essas outras riquezas que podem ser encontradas fora da liturgia romana”. Ainda que, de acordo com a concepção católica,

São “sacramentos da iniciação”: o Batismo, a Crisma ou Confirmação (...), e a Eucaristia. (...) todos os sacramentos têm em comum a instituição pelo próprio Cristo e o fato de produzirem o seu efeito fundamental independentemente da disposição do ministro. (...) *ex opere operato*, “em virtude da própria obra executada”. (...) A graça é sempre de Cristo. O ministro humano e a própria igreja, que servem como canais de transmissão, são sempre inadequados a ela.<sup>57</sup>

Isso vale para todas as igrejas locais. Ainda que, existam os chamados “sacramentais”,

aqueles atos que ao contrário dos sacramentos não são indispensáveis à salvação e foram instituídos pela igreja e não pelo próprio Cristo. Por isso segundo a doutrina Católica eles atuam *ex opere operantis Ecclesiae* “em virtude da ação executada pela Igreja”. Dentre eles rezam, a bênção das pessoas, a bênção papal, e a bênção aos objetos: água, velas, casas campos, escolas, etc.<sup>58</sup>

O fato da Igreja contemplar “outros atos (...) importantes, [sendo eles] as novenas, as procissões, as peregrinações, as visitas a santuários”<sup>59</sup>, também indica que há espaço para inovações. Em seu conjunto, sacramentos, sacramentais e esses atos mais característicos dentro do âmbito romano, comportariam o “universal” da Igreja. Enquanto que

---

<sup>56</sup> GUIMARÃES, Almir, 1978, p. 107s.

<sup>57</sup> HERMELINK, 1981, p. 70.

<sup>58</sup> HERMELINK, 1981, p. 71.

<sup>59</sup> HERMELINK, 1981, p. 71.

outras formas – inovações – ajudariam a dar maior amplitude a esse universo sagrado tão necessário para as pessoas que a eles acodem.

Sobre a renovação litúrgica na Igreja Católica, Hermelink explica que pode dar a impressão da Igreja

ter elaborado um sistema minucioso, cuidadosamente aplicado, para a distribuição das graças. Esse sistema é o culto. Não apenas as formas cultuais das celebrações sacramentais, mas também o ciclo de festas anuais, a veneração das relíquias e das imagens, as peregrinações e os exercícios de piedade. (...) No centro do culto católico, encontra-se a celebração da Eucaristia, ou missa, que constitui o instrumento mais nobre para a transmissão de graça.<sup>60</sup>

Mais que “impressão” trata-se de uma realidade; é nessa simultaneidade que a Igreja Romana pós-concílio, atuava e se afixava nas últimas décadas do milênio passado. Desde Roma, chegavam, a todos os cantos do mundo, normas e diretrizes bem precisas sobre como as igrejas locais deviam proceder. Ao mesmo tempo, Roma permitia, com absoluto interesse, a adequação dessas igrejas locais aos contextos nos quais estavam inseridas, sendo-lhes permitida a “inovação”.

Em decorrência do que foi exposto, podemos afirmar que a época pós-concílio permitiu à Igreja Católica ser, ainda mais, o grande “guardachuvas” que abriga tantas e tantas formas diferentes de ser igreja, ser Igreja Católica. A liturgia na Igreja Católica, da mesma forma que em outras denominações, começa, então, a ser compreendida como comportando uma gama maior de atos, vivências, expressões. Ao falar de liturgia, pensa-se numa realidade maior, realidade que contempla a missa, mas não se reduz a ela.

No entanto, apesar dessa conquista e postura romana pós-concílio, concordamos com aqueles autores que pensam que muitas das decisões conciliares, à luz da nossa contemporaneidade, se mostram insuficientes, e a liturgia continuaria sendo uma delas. Evaristo Villar afirma que

(...) essa “mudança de época” não nos coloca somente perante problemas quantitativamente numerosos, senão também perante situações que, em grande medida, são qualitativamente diferentes, novas. Nesse sentido, não podemos exigir do Vaticano II o que ele não pode oferecer. [tradução própria]<sup>61</sup>

Segundo Villar,

---

<sup>60</sup> HERMELINK, 1981, p. 69s.

<sup>61</sup> VILLAR, 2005, p. 33s.

Para os novos desafios de hoje, estamos necessitando novas respostas que somente como inspiração podemos recolher do Vaticano II... pensa-se que o Concílio chegou tarde e de modo insuficiente ao encontro com a história: chegou à modernidade quando o mundo ocidental já estava transitando as vias da pos-modernidade. [tradução própria]<sup>62</sup>

Como seria, então, essa liturgia necessária aos dias atuais? Que elementos litúrgicos ou que atos litúrgicos estariam emergindo no cotidiano eclesial das diferentes denominações? E no caso da Igreja Católica, a Renovação Carismática constituiria a “nova resposta” a qual Villar alude? Na Comunidade Canção Nova, dois fatos, aparentemente, marcariam tal distinção dentro do âmbito litúrgico romano: as *missas televisadas* e o que denomino como “*discurso ritualizado*”. Ambos serão trabalhados neste item. No entanto, primeiro, faremos uma breve explanação sobre a Tv, a fim de conhecer melhor o meio para compreender sua proeminência na contemporaneidade.

A Tv, dentre as mídias, é uma das que mais têm sido tratadas com receio, sendo alvo contínuo de críticas e chegando a ser considerada pelas religiões, em várias ocasiões, como “a casa do diabo”<sup>63</sup>. A Tv tem incrementado e até polarizado o discurso de pesquisadores de muitas das áreas do conhecimento durante as últimas décadas. Maria Rita Kehl e Eugênio Bucci, por exemplo, argumentaram: “Hoje, a televisão, acima de todas as outras mídias, ocupa o lugar da grande produtora de mitos”<sup>64</sup>. Já nos escritos de José Comblin, pode-se ler: “A Tv, como a mídia em geral, difunde uma linguagem sem cor, uniforme, sem humor, sem fineza, mais funcional e agressiva”<sup>65</sup>.

Ondina Fachel Leal, no seu livro *A pesquisa social na novela das oito*, destaca que a Tv está presente na maioria dos lares das “classes populares”, e que é especificamente nestes lares onde o aparelho ocupa lugar central na arquitetura do lar. Nas “classes dominantes”, segundo a autora, o predomínio da Tv também é observado. No entanto, o aparelho não ocupa um lugar de destaque<sup>66</sup>. Um dado importante que aporta a sua pesquisa é

---

<sup>62</sup> VILLAR, 2005, p. 34.

<sup>63</sup> Cf. autores e autoras já citados como: VALLE, 2002; GOMES, 2002; ARTHUR, 2000 e BRAGA, 2004.

<sup>64</sup> KEHL; BUCCI, 2004, p. 15.

<sup>65</sup> COMBLIN, 2004, p. 193.

<sup>66</sup> Cf. LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da Novela das oito*. 2 ed. São Paulo: Petrópolis/Vozes. 1990. p. 27-29.

que a Tv, de uma forma ou de outras, se faz presente na maioria dos lares na contemporaneidade.

A “presença quase geral” da Tv nos lares brasileiros, independentemente da escala social, também foi marcante durante a observação feita do documentário *Santo Forte* realizado pelo cineasta Eduardo Coutinho<sup>67</sup>. Em todas as casas das pessoas entrevistadas, por mais precária que fosse a vivenda, a Tv estava presente. Talvez isso sirva para exemplificar o que Comblin expressa quando afirma que

o mundo dos excluídos “participa” do mundo privilegiado por meio da televisão. Esta transmite a cultura dos incluídos. Enquanto os incluídos reconhecem na Tv seu próprio mundo, os excluídos entram por meio dela, num mundo de fantasia – um mundo imaginário (...) a sedução desse mundo imaginário serve para esquecer o seu próprio mundo, fugir por meio da imaginação da miséria da vida de cada dia.<sup>68</sup>

Em sintonia com Fachel, encontra-se o explicitado por Suely Fragoso, autora que não polariza a recepção como Comblin, é dizer não tenciona a relação “Tv-telespectador” a partir dos “incluídos/excluídos”, senão que destaca a relação só entre mundo fictício (programação da Tv) e mundo real (cotidiano do telespectador). Segundo ela, a Tv

encontra-se tipicamente inserida no ambiente doméstico, é ligada casualmente e enuncia significados que se misturam a estímulos da vida dita real. Frequentemente envolvidos em outras atividades como conversar, jantar ou ler com a Tv ligada, os telespectadores nem sempre dedicam atenção exclusivamente ao que aparece na tela do televisor. (...) a atenção do telespectador oscila entre os eventos na tela da Tv e os objetos e acontecimentos que ocupam seu entorno imediato, físico (...). O resultado é uma convergência de ficção e vida real, uma “situação televisão” que acaba por permitir concessões de outro modo inconcebíveis, nas quais os personagens da Tv compartilham a realidade do telespectador e os eventos ficcionais influenciam o comportamento cotidiano. (...) a programação televisiva se integra à vida cotidiana.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> O documentário *Santo Forte* de Eduardo Coutinho retrata a religiosidade dos moradores de uma favela na zona sul do Rio. O ponto de partida é a missa celebrada pelo Papa no Aterro do Flamengo em 1997. O documentário foi escolhido como o melhor no gênero em 1999 pela Associação Paulista dos Críticos de Arte e venceu o 32º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

<sup>68</sup> COMBLIN, 2004, p. 151.

<sup>69</sup> FRAGOSO, Suely. “Situação TV”. In: MALDONADO, Alberto Efendy et alli. *Mídias e Processos socioculturais*. São Leopoldo: UNISINOS/PPG Comunicação, 2000. p. 112.

Mas, até que ponto pode-se falar da programação da Tv como evento ficcional? Acaso as matérias que passam nos noticiários “saem da imaginação”? *Como* ou *com que* medimos a ficticidade de um determinado programa? Quem se atreveria a colocar tal fronteira? No documentário *Santo Forte*, Coutinho entrevista uma jovem que, sentada na cama de seu quarto, assiste através da televisão a transmissão da missa do Papa João Paulo II. Essa jovem canta, ora e alça suas mãos em sinal de louvor. Ao ser interrogada, a jovem explica que tinha feito um pedido a Deus para ter um filho e que ela sabia que Deus ia lhe conceder seu desejo; Coutinho, então, pergunta se ela tinha feito o pedido na igreja, ao que a jovem responde: “não, fiz agora, aqui, no meu quarto”! Depois de tal depoimento, poder-se-ia pensar ainda, de maneira geral, num mundo fictício do outro lado da tela?

Maria Rita Kehl também argumenta que a Tv

é de certa forma onipresente e onisciente, como Deus. Ela pode estar em todos os lares ao mesmo tempo e o tempo todo, como emissora de fragmentos de um grande saber (...) já extrapolou o espaço dos lares: você vai a um restaurante e ela está ligada, você vai para um saguão de aeroporto e ela está ligada, você entra num ônibus para fazer uma viagem e tem uma televisão ligada (...) não somos nós que estamos sendo vistos por esse Outro, mas ele está nos oferecendo uma produção de visibilidade e de imagens contínua, que funciona para o sujeito como oferta incessante de objetos para o desejo – e, portanto, como *suposição de um saber sobre nosso desejo*.<sup>70</sup>

É importante destacar que no ano de 1970, dois terços dos lares brasileiros não possuíam televisor, também não dispunham de eletricidade para ligar o aparelho. A penetração da televisão no contexto brasileiro foi bem lenta, só no ano de 1978 é que os sinais televisivos passaram a alcançar a totalidade do território nacional<sup>71</sup>. Segundo dados do IBGE, em 2006 existia, aproximadamente, um televisor em cerca de 93% dos domicílios brasileiros situados em áreas urbanas e em mais de 87% dos considerados em zonas rurais<sup>72</sup>.

Voltemo-nos agora novamente para a Comunidade Canção Nova. Para ela poder ser considerada um novo jeito de ser igreja a partir da sua

---

<sup>70</sup> KEHL, Maria Rita. *Televisão e Violência do imaginário*. In: \_\_\_\_; BUCCI, Eugênio. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 97s.

<sup>71</sup> Cf. MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *O carnaval das imagens: A ficção na televisão*. Tradução Suzana Calazans. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 37-42.

<sup>72</sup> Cf. IBGE. Disponível na Internet: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21/07/2006.

ampla liturgia, muitos poderiam ser os caminhos pesquisados. A seguir, optamos por buscar respostas embasadas nas observações feitas das missas transmitidas pela Tv Canção Nova<sup>73</sup>, assim como também, na análise de um dos discursos que pautam o cotidiano comunitário; ambos fazem parte da liturgia católica da atualidade. Esta opção esta embasada na pesquisa bibliográfica realizada. Tanto na liturgia das missas quanto na montagem do discurso dos fatos que acontecem, encontramos novos elementos que chamam nossa atenção. De nenhuma maneira, tal escolha invalida outras pesquisas em que se tomem como objetos de análises outros elementos existentes.

### 3.1. As missas na Tv Canção Nova

Sobre a Tv Canção Nova<sup>74</sup>, Lírio comenta que

É difícil entender o sucesso da programação, quando se pensa nela como simples produto de mídia. As produções, em geral, são dirigidas e estreladas por gente com pouca ou nenhuma experiência nos meios de comunicação. São ex-operários, donas de casa e comerciantes que, antes de ingressar na comunidade, nunca haviam pisado em um estúdio de rádio ou tevê. O auxílio vem de 700 funcionários recrutados na região e com experiência em mídia. (...). Os cenários são simples, há diversos programas de entrevistas e muitas horas onde se assistem orações fervorosas e repetidas. Apesar disso, o canal consegue audiência cativa e crescente.<sup>75</sup>

A grade de programação está composta por programas “fixos” e programas “flexíveis”, projetados para um público de idade bem diversa. Os programas “fixos”, aqueles que, durante toda a semana, se mantêm num mesmo horário, são os de formação e espiritualidade. Já os programas “flexíveis”, aqueles que não são transmitidos diariamente, nem mantêm um horário estável, são mais de corte educativo, de entretenimento ou lazer. Ao todo, de domingo a sábado, a Tv Canção Nova transmite aproximadamente sessenta e três programas.

---

<sup>73</sup> Especificamente as observações foram da “Santa Missa” que sai ao ar diariamente. As imagens que aparecem no texto foram tomadas do site <<http://www.cancaonova.com>>.

<sup>74</sup> Além da Tv Canção Nova, existem outras televisoras católicas no contexto brasileiro: Rede Vida de televisão, Tv Aparecida, Tv Século XXI, Tv Nazaré etc. Na 43ª Assembléia Geral da CNBB, Dom Orani João Tempesta, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Educação, Cultura e Comunicação, afirmou: “quanta riqueza temos em comunicação na Igreja. São várias as redes de rádio e Tv. A CNBB tem a Missão de favorecer a sintonia entre todas”. TEMPESTA, Dom Orani João. Disponível na Internet: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 27/05/2006.

<sup>75</sup> LÍRIO, 2004, p. 14.

Entre os programas de formação e espiritualidade fazemos menção aos seguintes: *Palavras de vida eterna; Ele está no meio de nós; O amor vencerá; A bíblia no meu dia a dia; Em sintonia com meu Deus; Minha família é assim; Catequeses com o Papa; Atitude Solidária; Encontro com Jesus; Deus lhe abençoe; Escola da fé; Resgate já; Evangelizando com o Davi; a Reza do Terço; a Missa*. Entre os programas educativos ou de lazer podemos citar: *Conversando se aprende; PHN; Trocando Ideias; Cantinho da Criança; Pontocom; Nossa Gente, Nossa Terra; Flash Jornalismo; Compacto de Show; Preservação Ambiental; Canção Nova Notícias*.

Destaque na programação recebe a Santa Missa, transmitida todos os dias da semana (de segunda-feira à sexta-feira às 7:00 horas, aos sábados às 17:00 horas e aos domingos às 9:00 e às 17:00 horas). Além da Santa Missa, são televisadas a Missa de Libertação que acontece segunda-feira às 15:00 horas e a Missa Clube do Ouvinte que é celebrada na sexta-feira às 20:00 horas. Estas Missas são ministradas por padres da Canção Nova ou por padres convidados das dioceses vizinhas. É quase uma constatação de que os padres convidados fazem parte da Renovação Carismática Católica.

Observando<sup>76</sup> a “Santa Missa” que é transmitida pela Tv Canção Nova, percebe-se uma série de pontos divergentes com as missas tradicionais que a própria Igreja Católica realiza em seus templos. Se bem é certo que não se pode falar de uma teologia e de uma estrutura litúrgica totalmente diferente, existem, sim, elementos que marcam novidades dentro desta instituição. Olhemos a seguir as distinções encontradas a partir da pesquisa.

*A figura do padre.* A figura do padre, central para a Igreja Católica, nessas missas televisivas, ganha “uma imagem” convidativa, jovial, dinâmica, alegre, entusiasta. Essa imagem contrasta com a imagem do padre tradicional mais sério, mais austero, mais fechado. Poder-se-ia dizer que o padre da missa televisiva se situa mais perto dos fiéis, das pessoas de carne e osso que lhe assistem, pois ri, canta, grita, bate palmas, chora, pula, enquanto que o padre da igreja tradicional guarda uma certa distância da congregação; aparentemente, mesmo estando no local da celebração, está mais perto de Deus que do povo nesse momento litúrgico. O uso das vestes litúrgicas tradicionais, por parte desses padres carismáticos, poderia estar ancorado no intuito de manutenção da identidade católica.

---

<sup>76</sup> As observações aconteceram durante as semanas de 20 a 26 de março e de 19 a 25 de junho de 2005. É importante destacar que muitas das apreciações feitas a partir das observações podem ser encontradas em celebrações ou missas carismáticas não televisadas.

Figura 10: Foto dos padres celebrando



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

*A fala e o discurso do padre.* A fala e o discurso que o padre da missa televisiva faz prioriza a linguagem comum nas mensagens, a linguagem do dia-a-dia, a “língua do povo”, passando teologia sem o uso dos jargões teológicos, ou explicando-os quando usados. A fala na missa televisada é repetitiva e enfática.

*Fiéis.* Nas celebrações televisivas, os fiéis passam mais tempo sendo sujeitos do que objetos. Os fiéis falam, oram, choram, sem que para isso tenham um tempo pré-determinado e, também, sem a preocupação de que, por fazerem isso, possam ser tachados como “excêntricos”. Nas missas televisivas, o corpo dos fiéis é um corpo que ganha em individualidade, em reconhecimento, em movimento, em toque<sup>77</sup>, em expressão. Também poder-se-ia dizer que ganha em “cuidado”, pois o choro de alguém presente na celebração pode ser motivo de comentário ou pergunta por parte de quem celebra a missa. Enfim, é um corpo que ganha em respostas imediatas, seja para mal-estar físico ou psíquico.

---

<sup>77</sup> Fausto Neto escreveu um artigo intitulado “A religião do *contato*: estratégias discursivas dos novos “templos midiáticos”. Nele, o autor examina o papel dos processos midiáticos que ele denomina “economia do contato” para compreender, no deslocamento das velhas igrejas para novos ambientes, a permanência da religião na esfera pública. Cf. FAUSTO NETO, Antônio. A religião do *contato*: estratégias discursivas dos novos “templos midiáticos”. *Comunicação & Informação*. Vol. 7. No 1. (jan/jun, 2004). Goiânia: UFG, FACOMB. p. 13-33.

*Figura 11: Foto dos fiéis se abençoando*



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

*A liturgia da missa.* A liturgia da missa na Tv, se bem é certo que não altera a ordem da igreja tradicional, é mais participativa, mais carismática, mais lúdica. Incorpora maior número de cantos ou hinos. Conta com um momento especial para a *oração em línguas* e para o que eles denominam como adoração do *Santíssimo Sacramento*.

*Figura 12: Foto da adoração do Santíssimo*



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

*Espaço litúrgico.* O espaço litúrgico nas missas televisivas, mesmo que detentor dos lugares característicos para o clero e a membresia, apresenta fronteiras menos demarcadas, mais difusas. A circulação, tanto dos que oficiam quanto daqueles que participam, é maior e mais contínua. A dimensão dos templos das missas televisivas, freqüentemente, é maior do que aqueles das igrejas tradicionais. Eles oferecem, ao público que os visita, um sítio mais aconchegante no que se refere à iluminação, conforto,

ambientação e atenção. Outro elemento importante é que, no geral, são locais abertos, sem portas ou janelas.

*Figura 13: Foto do espaço litúrgico no Novo Rincão*



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

Observe, na figura que segue, como esse espaço é compartilhado tanto por imagens tradicionais que ganham proporções descomuns quanto por um emaranhado de refletores, luzes, monitores, cabos, entre outros, necessários para a iluminação e o trabalho de gravação. Quem oficia compartilha “seu espaço” com o “cameraman”!

*Figura 14: Foto do Rincão do Meu Senhor (mistura o tradicional ao moderno)*



Fonte: <<http://www.cancaonova.com>>

### **3.2. O discurso nos meios cançãovistas: Uma outra liturgia?**

Segundo vimos no primeiro capítulo, os meios têm sido, ao longo da história, muito utilizados pelas igrejas. É nesta contemporaneidade que

eles se apresentam como ferramentas que, sem subestimá-las, podem ser de significativa importância para a liturgia eclesial. No caso específico das missas, o uso da Tv introduziu um espaço novo de adoração, instaurou maneiras diferentes de celebração, apropriação do sagrado e vivência da fé. Essas “novas missas” poderiam ser consideradas uma adequação eclesial decorrente da posmodernidade!

No caso da Canção Nova, parece que o próprio discurso, através dos meios, vai criando um outro tipo de liturgia. É dizer, além da liturgia que pauta a celebração das missas, outras liturgias aparecem no discurso e no fazer teológico e midiático da Comunidade. A Comunidade vai construindo um universo marcado pela instauração de dissímeis liturgias que oferecem aos fiéis uma outra forma de ser católico romano.

Analisemos a seguir um texto publicado na revista Canção Nova. Através desse texto, podemos explicitar melhor o que afirmamos.

#### FONTES DA SALVAÇÃO

O homem de fé aprecia as obras sob um ponto de vista inteiramente diferente daquele que vive exteriormente. Vê nelas não tanto o aspecto aparente, como o papel que desempenha no plano divino e seus resultados sobrenaturais. Assim vamos mostrando nossas próprias impotências e passamos cada vez mais a ter exclusiva confiança em Deus.

Nós, que vivemos da fé, nos momentos de decisões abandonamo-nos totalmente nas mãos de Deus e Ele nos conduz.

Foi o que aconteceu na Canção Nova: quantos meses sem fecharmos a campanha? A obra que vive da providência estagna. O que fazer se nossa missão é evangelizar todas as criaturas, e Deus colocou em nossas mãos o instrumento mais forte: a comunicação?

O dinheiro necessário não tem entrado nem mesmo para a manutenção de nosso ministério. O que fazer senão rezar e escutar a Deus?

Revedo os balanços, verifiquei que os números reais do “Porta-a-Porta” cresceram. Foi aí que Deus me falou ao coração exatamente nosso lema: Daí e dar-se-vos-á. Seguindo esse princípio do Evangelho, abrimos frentes de missão Canção Nova para centenas de irmãos através da distribuição do material evangelizador. Com isso, muitos passaram a ter uma fonte de renda ajudando no seu orçamento familiar. Hoje, com essa iniciativa, já foram beneficiadas por esse projeto mais de doze mil famílias.

O “PORTA-A-PORTA” cresceu sim, mas é bom sabermos que o seu crescimento está comprometido com a evangelização.

Mais uma vez o Senhor se manifesta na Sua bondade abrindo-nos outra porta. Ao adquirir uma pequena propriedade ao lado da Canção Nova, passei a notar que na estrada há um olho d’água que não para de jorrar. Logo vi isso como um sinal de Deus. Como é bom ver os comandos da Divina Providência!

Voltando para casa rezei pedindo a Deus uma Palavra. No dia seguinte cedo, a Roselaine que trabalha comigo mostrou-me uma palavra do profeta Isaías: “Vós tirareis com alegria água das fontes da salvação”. Guardei comigo essa Palavra do Cântico de Libertação e, no mesmo dia, um amigo da Canção Nova ligou-me dizendo que, nas suas orações, sentiu que a Canção Nova poderia ser ajudada através da água e que ele trabalhava nessa área. Agradei pois padre Jonas e Luzia disseram-me que desde o início da comunidade o Senhor havia falado dessa Palavra em Isaías: que uma forma de sobrevivência e de sustentação da obra seria através da água.

Na Semana Santa lançamos o desafio para que pessoas pudessem ser representantes da Água Mineral Canção Nova.

Do copo ao galão, a Canção Nova terá essa fonte de vida para chegar até você, e também estará evangelizando dessa maneira.

Não quero achar vendedores de água. Quero evangelizadores de fonte de vida.

No momento, só teremos essa realização no sudeste, mas nossa meta é atingir todo o Brasil.

Amo vocês.

Seu irmão, Eto.<sup>78</sup>

O texto, na primeira parte, pode ser entendido como um balanço tanto “econômico” quanto “espiritual”, feito pelo administrador da Comunidade e membro Wellington Silva Jardim (Eto). Ele deixa claro que, com o dinheiro que entra, não se está conseguindo cobrir os gastos principais da comunidade. No entanto, o discurso não é derrotista, a pesar da situação descrita, Wellington transmite consolação dando a certeza de que a obra que realizam é de Deus e, portanto, Deus deixara enxergar caminhos para sua subsistência. Ele revê as contas, como se faz hoje na economia de mercado e comenta que o que mais tem crescido é o projeto “porta-a-porta”, que além de contar com 12 mil famílias cadastradas, oferece a essas famílias a possibilidade de ter uma renda extra com a venda dos materiais de evangelização do DAVI. Aparentemente, “não é só” a Comunidade quem recebe os benefícios!

O artigo continua falando da aquisição de uma nova extensão de terra por parte da Comunidade. E é precisamente pela forma como foi narrada, que nos atrevemos a afirmar a existência de uma “liturgia do discurso” na Canção Nova. É a mesma forma narrativa que encontramos nos depoimentos que o padre Jonas, ao aludir ao início da Comunidade, faz no livro já trabalhado acima “Canção Nova uma obra de Deus: nossa história, identidade e missão”. Wellington segue uma seqüência em sua

---

<sup>78</sup> JARDIM, Wellington Silva. Fontes da salvação. *Revista Canção Nova*, São Paulo, ano V, n 53, maio de 2005. p. 7.

formulação: descobrimento; sinal de Deus (água); alguém que traz a palavra bíblica em relação ao fato acontecido; alguém que diz que nas suas orações tinha sentido que Deus indicava esse caminho para a Comunidade; o padre Jonas e Luzia confirmando que desde o início já tinham recebido esse sinal de Deus. Depois de todas essas “revelações-confirmações”, prossegue o que poderíamos denominar de “chamado e envio”. O chamado é feito através do “lançamento do desafio” (como quando o padre Jonas lançou o desafio para iniciar a Comunidade). Nas palavras expressas, fica explícito que não querem achar vendedores de água (mesmo que seja água o produto a ser vendido); querem “evangelizadores de fonte de vida”... que, por “enquanto”, estarão cobrindo somente o “sudeste” mas a aspiração é, como de costume, “atingir todo o Brasil”!

Assim, pode-se auferir que, uma vez que essa “liturgia do discurso” tem dado certo, passam os anos e Canção Nova faz uso da mesma estratégia. Uma estratégia que consegue pessoas comprometidas com o trabalho que, nas suas mãos, é colocado em prol da Comunidade. Pessoas que, aparentemente, com muita fé, assumem o desafio e se entregam. Nossa pergunta seria? É mesmo estratégia da Comunidade ou trata-se de uma forma deferente de “escutar” a Palavra de Deus? Para quem vê de fora, parece estratégia da administração; para quem participa, a apreciação pode ser diferente.

Por outro lado, constatamos que, nessa “liturgia do discurso”, também estão inter-atuando mitos, ritos e símbolos que são totalmente novos no âmbito romano ou são velhos conhecidos re-criados na atualidade. Aparentemente, esses “atuais” mitos, ritos e símbolos compartilham o espaço com outros, já anteriormente consagrados no catolicismo, sem muita dificuldade para quem faz parte desse universo.

#### **4. Igreja Pneumática: O Espírito Santo e a Canção Nova**

O vocábulo *pneuma* procede do grego e, assim como o hebraico *ruah*, significa “vento”, “fôlego”, “sopro”, “espírito”. Robert W. Jenson descreve *pneuma* como aquilo que evoca a vivacidade da vida, “como sopro elusivo e sempre em movimento, o vento que sopra onde quer para colocar as coisas paradas em movimento”<sup>79</sup>. O apóstolo Paulo – que, no dizer de Tillich, seria o “teólogo do Espírito”<sup>80</sup> – deixa claro no Novo Testamento a diferença entre espírito e alma. Ao contrastar a pessoa espiritual

---

<sup>79</sup> JENSON, Robert W. O Espírito Santo. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (ed.). *Dogmática Cristã*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 117.

<sup>80</sup> TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 4ª Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 474.

(*pneumatikos*) à pessoa não-espiritual ou natural, carnal (*psychikos* = “da alma”), ele estabelece essa distinção (1Co 2.13-15). Nesse sentido, a pessoa espiritual seria, para Paulo, aquela que conhece a Deus porque recebeu o Espírito de Deus, não o espírito do mundo; a pessoa não-espiritual conhece somente a sabedoria humana e é incapaz de compreender a verdade espiritual que deve ser “discernida espiritualmente”; para ela, a verdade espiritual é loucura<sup>81</sup>.

Boff explica que

Para Paulo o Senhor ressuscitado é identificado com o Espírito (2Co 3,17) (...). O Senhor é Espírito. E onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. (...) Viver no Espírito ou também em Cristo é sempre contraposto ao viver na carne (...). Viver na carne (*kata sarka*) é viver na limitação, no fechamento, na tribulação, na fraqueza e na tentação. Jesus de Nazaré viveu segundo a carne (...). (...) esse modo de existir carnal foi pela ressurreição totalmente modificado. Agora ele vive segundo o Espírito (*en pneumati*) (...). Viver segundo o Espírito ou com um corpo espiritual não é viver sem o corpo mas só no espírito, mas é viver com corpo e alma porém totalmente repleto de Deus, significa ser homem [ser humano] completo mas agora numa forma que não conhece mais limitações, fraquezas, tribulações e ameaça de morte. É ser dotado de uma corporalidade para a qual o espaço, o tempo e o mundo não são mais limites mas pura comunicabilidade, abertura e comunhão para com Deus e para com toda a realidade. O espírito vem sempre de Deus (...). (...) a presença do Ressuscitado na Igreja é já presença do Espírito Santo nela.<sup>82</sup>

No entanto, com relação à compreensão que a Igreja tem tido de Paulo ao longo da história, Tillich alerta:

A igreja teve e continua a ter problemas em atualizar as ideias de Paulo, por causa dos movimentos extáticos concretos. A igreja deve impedir que haja confusão entre êxtase e caos, e deve lutar a favor da estrutura. Por outro lado, deve evitar a profanização institucional do Espírito que ocorreu na igreja católica dos primórdios como resultado da substituição dos *charismata* pelo ofício. Sobretudo, deve evitar a profanização secular do protestantismo contemporâneo que ocorre quando ele substitui êxtase por estrutura moral e doutrinal. O critério Paulino da unidade da estrutura e êxtase vale tanto contra uma quanto contra outra dessas duas formas de profanização. O uso desse critério é um dever sempre presente e um risco sempre presente para as igrejas.<sup>83</sup>

---

<sup>81</sup> Cf. OSTERHAVEN, M. Eugene. Espírito. In: ELWELL, 1992, p. 51s.

<sup>82</sup> BOFF, 1982, p. 226s.

<sup>83</sup> TILLICH, 2002, p. 475.

#### 4.1. O Espírito Santo e a igreja

Leonardo Boff diz que

A Igreja deve ser pensada não tanto a partir do Jesus Carnal, mas principalmente a partir do Cristo ressuscitado, identificado com o Espírito. A Igreja não possui somente uma origem cristológica mas também, de modo particular, uma origem pneumatológica (...). Enquanto ela se origina do Espírito Santo que é o espírito de Cristo ela possui uma dimensão dinâmica e funcional, ela se define em termos de energia, carisma e construção do mundo, “porque o Espírito sopra onde quer” (Jo 3,7) e “onde esta o Espírito do Senhor, aí reina liberdade” (2Cor 3,17).<sup>84</sup>

Com esta afirmação de Boff, fica claro que, para a teologia cristã, Pai, Filho e Espírito Santo comportam uma só realidade: a trindade. Assim como Deus criador esteve e está sempre criando, assim como o Jesus encarnado esteve e está como exemplo perpetuo da mensagem de vida e amor do Pai para com o mundo, assim também o Espírito Santo (Pai e Cristo ressuscitado) esteve e está para movimentar a pessoa cristã e, através dela, as instituições, comunidades ou grupos onde elas se congregarem. O Espírito Santo, além de movimentar, inspira a busca de liberdade, porque representa liberdade, Ele é liberdade. O Espírito Santo é o inspirador de toda ação cristã; ações que somente devem ter como regra ou parâmetro o amor cristão, segundo Marcos 12.30-31 que diz: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. (...) Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Boff explica que

A tradição sempre creu que a Igreja nasceu no dia de Pentecostes. Na verdade ela possui um fundamento cristológico e outro pneumático. Esta constatação é de extrema importância pois por aí se evidencia que o elemento pneumático e carismático na Igreja possui, desde o início, um caráter institucional. (...) Essencialmente à Igreja pertence o poder de decisão e o dogma. Ela mesma, em sua concreção histórica, surgiu de uma decisão dos Apóstolos, iluminados pelo Espírito Santo.<sup>85</sup>

Embasado nessa compreensão o autor argumenta que a igreja

deve ser compreendida a partir do Espírito Santo, contudo não tanto como terceira pessoa da SS. Trindade, mas como a força e o modo de atuação mediante o qual o Senhor permanece presente na história e continua sua obra de inauguração de um novo mundo. A Igreja é o

---

<sup>84</sup> BOFF, 1982, p. 222.

<sup>85</sup> BOFF, 1982, p. 224.

sacramento, sinal e instrumento do Cristo vivo agora e ressuscitado, isto é, do Espírito.<sup>86</sup>

Das palavras de Boff, corrobora-se que a igreja contempla essas realidades, ou seja, a igreja é sacramento, sinal e instrumento de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Portanto, a igreja não está sujeita às vontades e prescrições humanas. Não existe nenhum ser humano, nenhuma estrutura criada pelos seres humanos, que possa prender de uma maneira ou de outra “o sopro do Espírito Santo”. Ainda quando o ser humano ou a própria igreja instituição pensem ou reclamem por esta ou aquela forma de caminhada, será o Espírito quem determinará o jeito da caminhada de fé; para o ser humano, ficaria a tarefa de discernir sobre o que é, ou não, vontade de Deus frente a cada decisão ou percurso.

Euler Westphal expressa,

Pela ação do Espírito Santo, a escritura nos revela o Deus triúno, Pai, Filho e Espírito Santo, presente de forma *abscondita* (*oculta*) na criação e na história – e manifestado na pessoa de Jesus Cristo. Deus através da terceira pessoa da trindade – o Espírito Santo – concede dons espirituais a todos aqueles que crêem em Jesus Cristo, buscando a edificação e a união do Corpo de Cristo, a sua Igreja. Os dons extraordinários – falar em línguas, curas e visões – devem ser submetidos ao julgamento da palavra de Deus e da Comunidade Cristã. Estes dons não são exigidos como prova de autenticidade da fé. Entretanto, os dons necessários para à vida cristã são: a fé, a esperança e o amor.<sup>87</sup>

O autor alude aos “dons necessários (fé, esperança e amor)” e aos “dons extraordinários (falar em línguas, curas e visões)”. Estes últimos, ao contrário dos primeiros, não seriam exigidos como prova de autenticidade da fé. No entanto, deixa claro que ambos têm feito parte, desde sempre, dos nomeados “dons espirituais” concedidos pelo Espírito Santo aos cristãos, perseguindo união e edificação. Por isso, pode ser afirmado que a vida da pessoa cristã, como o entende Boff,

(...) é uma vida segundo o Espírito que não nos permite nos enquadrar nas coordenadas deste mundo (Rm 12,2). É viver na nova realidade trazida pela ressurreição de Jesus, realidade essa que inaugura o novo céu e a nova terra e faz de cada fiel uma nova criatura (1Cor 5,17).<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> BOFF, 1982, p. 228s.

<sup>87</sup> WESTPHAL, Euler R. As mediações das experiências do Espírito Santo. *Estudos Teológicos*. Ano 40, n 2. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 19s.

<sup>88</sup> BOFF, 1982, p. 226.

Não se enquadrar nas coordenadas deste mundo não significa que se tenha que viver além ou de costas para o cotidiano do mundo. Significa que essa lei de amor de Deus está, para a pessoa cristã, em cima de qualquer outra lei humana, e que é ela quem deve conduzir o comportamento da pessoa cristã.

Ainda, como o próprio Boff complementa,

(...) Cristo ressuscitado derrubou todas as barreiras que separavam os homens [seres humanos] (Ef 2,15-18); aboliu a separação entre as raças, as religiões, o sagrado e o profano. Nada é mais limite à sua inefável e pneumática comunicação. (...) Para Paulo a Igreja local constitui o lugar da manifestação social do Cristo ressuscitado, especialmente quando é celebrada a ceia eucarística.<sup>89</sup>

Tomando essas duas afirmações de Boff, a partir do explicitado pelo apóstolo Paulo, perguntamos: Podem, alguns cristãos ou, ainda, algumas instituições cristãs, “rejeitar” ou “se opor” ao pentecostalismo, segundo o que tem ocorrido durante uma boa parte do século XX? Podem, alguns cristãos ou, ainda, algumas instituições cristãs, “rejeitar” ou “se opor” aos movimentos carismáticos, segundo o que acontece na atualidade? Achamos que não, nem rejeitar, nem se opor; lei e mandamentos já foram dados, é de Deus o julgamento!

Pentecostais, carismáticos e outros, aparentemente, trazem à igreja cristã uma nova forma de ser cristão: oxigenam a instituição enquistada e oferecem alternativas diversas para celebrar a vida, vida cristã. Assim como a história hoje “permite olhar” os acertos e desacertos das igrejas históricas ao longo de séculos, permite ver melhor e discernir no *cronos* a vontade de Deus no *kairós*. Na história, observaremos o veredicto com relação a esses novos movimentos, a essas novas igrejas. Nelas, para nós, indiscutivelmente, também está presente o Espírito de Deus, mesmo que custe muito trabalho, na nossa limitada mente, aceitar ou reconhecer. Segundo Tillich, “A marca da Presença Espiritual não esta ausente em nenhum lugar ou tempo. O Espírito Divino ou Deus, presente no espírito humano, irrompe em toda a história em experiências revelatórias que têm um caráter salvífico e transformador”<sup>90</sup>.

Nesse sentido, Boff explica:

A centração cristológica no horizonte do mistério da encarnação levou a Igreja latina a um endurecimento institucional excessivo; como instituição, quase bimilenar, não destila jovialidade nem gera

---

<sup>89</sup> BOFF, 1982, p. 231.

<sup>90</sup> TILLICH, 2002, p. 492.

alegria, mas respeitabilidade e sentimento de peso. Tal perfil não é indiferente à teologia e ao Evangelho. O Evangelho não se resume num conteúdo; é também um estilo que mostra a alegria da boa-nova, o alívio de uma grande libertação. A Instituição dificilmente traduz tais características.<sup>91</sup>

Parece-nos que essa alegria da boa nova, essa jovialidade, esse adeus para o “excessivo peso” colocado no Evangelho, é hoje experimentado pelos novos movimentos religiosos e, especialmente constatado, no caso da Canção Nova. Assim como Deus, com o episódio de Jesus na Cruz, denunciou toda crueldade humana, assim como Deus, com o Cristo ressuscitado, nos libertou de todas as ataduras humanas, nos libertou da morte, assim também Deus, continua chamando-nos sempre, através de seu Espírito Santo, para um novo momento de vida, vida abundante!

Zwetsch assinala que

ultimamente a doutrina da trindade tem sido considerada a referência teológica mais adequada para se definir a igreja (...). Esta doutrina situa a igreja dentro da obra do Espírito de Deus neste mundo e o propósito divino de resgatar a humanidade e a própria criação para uma nova relação com o criador (Romanos 8.19ss), relação esta que se efetiva por graça e amor como expressões da compaixão e da misericórdia de Deus por sua criação.<sup>92</sup>

Cabe aos cristãos e cristãs serem receptivos ou não à obra do Espírito de Deus!

#### ***4.2. Espírito Santo na Canção Nova***

Na Comunidade Canção Nova, muitas são as expressões, depoimentos ou escritos que falam da presença, guia e sustento do Espírito Santo. *Uma mão* (ser humano), *um violão* (canção) e *uma pomba* (símbolo do Espírito Santo) se interligam para conformar o logotipo de identificação ao mesmo tempo em que denotam “essa nova realidade” na qual “ser humano”, “Espírito Santo” e “nova canção” se misturam no anseio de proclamar o Evangelho de Deus. Luzia Santiago, membro e fundadora, seguindo esse sentido, expressa:

É preciso passar pela cruz também para que o novo venha, para que seja gerada essa igreja cheia de vida, plena do Espírito, (...) não devemos ter medo de viver o novo! Não devemos ter medo de ir em frente – mesmo que o mundo grite o contrário – quando temos

---

<sup>91</sup> BOFF, 1982, p. 234.

<sup>92</sup> ZWETSCH, 2007, p. 303.

certeza de que é vontade de Deus. Não por teimosia, por vaidade ou ambição. Mas, se há outros a seu lado (aí está o valor da comunidade, do discernimento juntos), você pode ir em frente: pois a obra é do Senhor.<sup>93</sup>

Luzia fala de ir em frente, de não ter medo do novo na “gestação” dessa igreja “cheia de vida pelo Espírito”; Luzia refere-se ao valor da comunidade, do discernimento em conjunto para saber o que é, ou não, vontade de Deus. A seguir, analisaremos um depoimento oferecido pela própria Luzia, sobre um fato acontecido na dinâmica de vida da Comunidade. Ela narra:

Há algum tempo, vivi uma situação muito dura na Canção Nova. Tive de vivenciar o **Viver Reconciliado** como nunca havia vivido até então. Estávamos em preparação para uma espécie de “capítulo” da Canção Nova. Foi feita uma reunião, bem democrática, para decidir quem fazia parte desse capítulo. Capítulo é uma reunião dos anciãos para ver tudo o que já se viveu e o que ainda vai ser vivido. Nessa reunião fizeram votações e meu nome não entrou (...). Fiquei muito revoltada porque desde o primeiro dia, em 1974, quando fizemos a instituição da Associação Canção Nova, eu estava lá. Foi um momento de “morte” para mim. Senti o quanto estava apegada à Canção Nova e à sua história. Eu a tinha como minha, pois eu a tinha gerado. Não concebia a ideia de estar há tantos anos na comunidade e ter ficado de fora, (...) fui até as meninas mais antigas que foram votadas e em quem eu tinha confiança, perguntando por que eu não tinha entrado. (...) Procurei Pe. Jonas [e ele diz] “*Lu, meu coração doeu. Ficou partido. Você acha que se fosse por escolha minha eu não iria escolher você? Você que sempre esteve comigo? Mas, minha filha, fizemos uma votação de forma democrática*”. Fui tomada de grande angústia, o chão sumiu debaixo de meus pés... Mas então comecei a me render diante de Deus. Nessa rendição o Senhor me falou: “***eu faço cair todos os muros de sua vida, todas as suas seguranças e apoios***”. Caminhando na chácara tive uma imagem: estava num lugar todo cercado de muros muito grandes, e, naquele momento, todos os muros caíram. O Senhor me disse: “***Minha filha, você não é serva do Pe. Jonas. Você não é serva da Canção Nova, do Capítulo. Você é serva do meu Evangelho***”. Não consigo descrever bem o que aconteceu comigo. Só sei que saí dali chorando, louvando a Deus. Fui até Pe. Jonas confessar-me, render-me diante de Deus, com uma alegria interior muito grande. Deus estava me libertando. Fui correndo porque só tinha um desejo: confessar-me, render-me

---

<sup>93</sup> SANTIAGO, Luzia. Sou serva do Evangelho. In: ABIB, Jonas. *Canção Nova: Uma obra de Deus*. 6 ed. São Paulo: Loyola / Editora Canção Nova, 2006. p. 137.

diante de Deus, perdoar a todos. (...) Hoje sinto que sou Canção Nova por dom, por carisma! Não estou apegada a ela ou as pessoas. Amo as pessoas, mas sei que meu amor em primeiro lugar é para Jesus. Sou serva do Evangelho.<sup>94</sup>

Escolhemos esse depoimento porque, de alguma maneira, ele contém, explícita e implicitamente, a síntese de grande parte da bibliografia pesquisada com relação à Canção Nova, mas também, implícita e explicitamente, ele é a síntese do “Espírito” vivenciado, no cotidiano da sede da Canção Nova, durante a pesquisa de campo. Mesmo sabendo que o depoimento fala por si só, nosso interesse é comentá-lo.

Explicitamente, em momento nenhum, aparece alusão ao Espírito Santo, no entanto, no nosso entender, o Espírito Santo está em cada palavra e em cada situação ou ação narrada por Luzia. “Viver reconciliado”, para o cristão, é isso: *viver segundo o Espírito Santo!* Como se vive segundo o Espírito Santo? Qual é o sinal do viver segundo o Espírito Santo? A narração da Luzia parece explicitar isso muito bem. Viver segundo o Espírito seria:

- Respeitar a escolha “democrática” de fazer parte ou não de um determinado “capítulo”;
- Ser humilde perante situações para nós incompreensíveis, procurando respostas ante as interrogantes ou desavenças que possam surgir delas;
- Saber distanciar-se perante qualquer momento de ira e escutar o “sussurro” de Deus;
- Conseguir Perdoar;
- Reconciliar-se e reintegrar-se à comunidade em prol de um projeto maior;
- Ter consciência de que para a pessoa cristã o sustento está em Deus, está no Evangelho, e não em nenhuma instituição ou num determinado líder;
- Aprender a Ressuscitar com AMOR, após cada morte de Cruz;

Muitos são os artigos acadêmicos que, na atualidade, abordam os novos movimentos religiosos com preocupação, com preconceito. Depoimentos como esse, apontam para dinâmicas de vida comunitária que contradizem algumas dessas preocupações e desses preconceitos.

---

<sup>94</sup> SANTIAGO, 2006, p. 138s.

## 5. A Modo de Conclusão

Chegamos ao final deste capítulo com um sentimento misto de alegria e inquietação. Alegria por ter confirmado, desde a análise dos argumentos trabalhados, que Canção Nova se mostra como algo diferente, que não só proclama, senão que faz. Tal característica faz dessa Comunidade um lugar privilegiado para o estudo de novas expressões religiosas, e mais, para o estudo de novas eclesiologias da contemporaneidade. Canção Nova, como fenômeno recente, tem sido pouco pesquisada. A inquietação vem de saber, depois da literatura estudada e as análises feitas, que Canção Nova é muito mais do que tem sido expressado. A pesquisa realizada aponta para uma realidade nova, um catolicismo romano diferente, *Um Novo Jeito de Ser Igreja*, mas essa realidade ainda permanece uma incógnita no nosso percurso investigativo.

Pensamos que, assim como o Pentecostalismo desde o início do século XX, as Comunidades Eclesiais de Base desde a década de 1960 até os dias atuais, os Movimentos Carismáticos dentro das diferentes denominações representam a Igreja em relação com o momento histórico, em relação com o tempo que lhes coube desenvolver sua atividade e seu ministério. Em todos eles, seria o Espírito Santo atuando, tocando, animando, desafiando, se movimentando...

Sendo a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica realidades eclesiais “pós-conciliares”, ambas nascem e bebem dessa esperança e necessidade de renovação que mexeu profundamente com a Instituição Romana. É por isso que, muitos dos apelos, muitas das características de um *Novo Jeito de Ser Igreja* atribuídas à Teologia da Libertação (especificamente às Comunidades Eclesiais de Base) fecham com a vivência, experiência e convivência nas Comunidades Carismáticas, ainda que sejam realidades muito diferentes.

O padre Jonas sentiu-se desafiado e arriscou ao entrar nessa nova empreitada: *fazer uso da mídia para evangelizar*. Com isso, acabou proporcionando, ao passar dos anos, uma outra maneira de ser dentro da Igreja, para alegria de uns e descontento de outros. Algumas vezes acertando, outras errando, sendo tachado de louco, sendo chamado de o “padre protestante”, amado por uns e odiado por outros, já faz mais de trinta anos que Jonas “comanda seu barco” e é precisamente hoje que “esse barco” parece ir a todo vapor. De maneira que o surgimento e desenvolvimento da Comunidade Canção Nova é percebido – na nossa investigação – como: a) resposta a um permanente desafio, b) resultado de um trabalho entusiasta e constante, c) decorrência de uma confiança inabalável no projeto do Deus trino. Além de todo o que possa ser levantado como crítica, desde posições sociológicas, antropológicas,

teológicas e outras, a Comunidade Canção Nova marca relevante distinção não só dentro do próprio catolicismo senão dentro do próprio cristianismo contemporâneo.

Estaríamos dizendo, com nossa pesquisa, CUIDADO! Cuidado, então, para a teologia sistemática, dogmática, para a eclesiologia etc. Essas, certissimamente formuladas, aparentemente donas de toda a verdade do Sagrado, mas tão estáticas que chegam a perder a cor, o cheiro, o sabor. Não estamos falando com isso que a teologia sistemática, a dogmática, os postulados eclesiológicos, não sejam importantes. Estamos falando, sim, que devem ser trocadas as lentes segundo as necessidades dos olhos; do contrário, enxergar contextualizadamente será muito difícil!

Este seria o capítulo do “sim, mas ainda não”! Com o que foi até aqui trabalhado, poder-se-ia asseverar que a Canção Nova representa um *Novo Jeito de Ser Igreja*. A análise sobre Gênero, as novas e diferentes liturgias e a ênfases na presença do Espírito Santo na condução comunitária e eclesiológica não deixariam dúvidas sobre tal afirmação. No entanto, essas realidades apresentadas e trabalhadas não seriam realidades exclusivas da Canção Nova; cada uma delas, também, poderia ser encontrada caracterizando outras denominações cristãs. Em decorrência disso, é que afirmamos o “ainda não”, ainda não seriam esses os elementos que denotariam um novo jeito de ser igreja próprio da Comunidade!

Uma pesquisa de campo poderia oferecer novos elementos de análise para um melhor redirecionamento do percurso investigativo. A inserção em campo ajudaria a desvendar, “sem interferência”, o *que é* e o *que não é* a Comunidade Canção Nova na vivência cotidiana.

## Capítulo IV. Um Novo Jeito de Ser Igreja: Novos Jeitos de Comunidade, Novos Jeitos de Família, Novos Jeitos de Identidades

### 1. Canção Nova: Constatações e descobertas na pesquisa de campo

A pesquisa de campo<sup>1</sup>, na nossa investigação foi, mais que uma opção, uma necessidade. Os textos acadêmicos estudados e as interpretações deles realizadas haviam aportado muita informação sobre o objeto; a própria literatura escrita pela Canção Nova era suficiente para sobre ela se debruçar tentando compreender esse fenômeno religioso. No entanto, ao entrecruzar ambos dados, dos textos acadêmicos e dos escritos da Canção Nova, sentimos que o “encaixe” não era satisfatório. Se, por um lado, os referenciais teóricos selecionados tinham permitido entender melhor o objeto, por outro, sentíamos a impressão que o objeto se mostrava mais amplo e não estávamos conseguindo apreendê-lo na sua totalidade. Havia, na Canção Nova, um universo muito maior e, ao mesmo tempo, muito movimentado. O que hoje era, amanhã não deixava de ser, mas já tinha mudado em parte (isso acontecia principalmente com relação ao site).

De maneira que, quando decidimos empreender a viagem rumo a São Paulo, tínhamos a sensação de que sabíamos muito da Canção Nova, mas, ao mesmo tempo, sentíamos o vazio de quem pouco conhece o lugar que se pretende visitar. Mesmo assim, o olhar, poderíamos confessar, estava carregado de auto-suficiência e preconceito. Lembrava o expressado por Nestor Garcia Canclini em seu livro *Consumidores e Cidadãos*. Ele diz que “ atualmente, os conflitos não se dão apenas entre classes ou grupos, mas também entre duas tendências culturais: a negociação racional e crítica, de um lado, e o simulacro de um consenso induzido pela mera devoção aos simulacros do outro”<sup>2</sup>. Depois de tanta leitura e de ter entendido “academicamente muito bem” o mundo atual, eu cheguei na

---

<sup>1</sup> A pesquisa de campo foi realizada na sede da Comunidade Canção Nova no mês de novembro de 2006. Foi uma opção não me apresentar como pesquisadora durante esse período.

<sup>2</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos*. Tradução: Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 210.

Canção Nova buscando essa outra tendência cultural apontada pelo autor, *o simulacro de um consenso induzido pela mera devoção aos simulacros*.

A *Observação Direta* foi o método escolhido para pautar a pesquisa de campo. Esse método está fundamentalmente embasado na observação visual. Segundo o exposto por Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt:

Os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho. (...) o investigador pode estar atento ao aparecimento ou à transformação dos comportamentos, aos efeitos que eles produzem e aos contextos em que são observados, como a ordenação de um espaço ou a disposição dos móveis de um local, que cristalizam sistemas de comunicação e de hierarquia. (...) o campo de observação do investigador é, a priori, infinitamente amplo e só depende, em definitivo, dos objetivos do seu trabalho e das suas hipóteses de partida.<sup>3</sup>

Especialmente optamos pela *observação participante* de tipo *etnológico*. Sobre ela, Quivy e Campenhoudt expressam:

A observação participante de tipo etnológico é, logicamente, a que melhor responde, de modo global, às preocupações habituais dos investigadores em ciências sociais. Consiste em estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida coletiva. O investigador estuda então seus modos de vida (...). A validade do seu trabalho assenta, nomeadamente, na precisão e no rigor das observações, bem como no contínuo confronto entre as observações e as hipóteses interpretativas. (...) investigações de duração limitada não aplicam a observação etnológica com toda a precisão dos etnólogos, que abandonam o local onde vivem durante longos meses, até mesmo anos, recolhendo um material empírico considerável. No entanto, aplicam regularmente métodos de observação comparáveis.<sup>4</sup>

Os autores explicam que esse método é particularmente adequado à análise do não verbal e daquilo que esse não verbal revela, a saber, as condutas instituídas e os códigos de comportamento, a relação com o corpo, os modos de vida e os traços culturais etc. Para eles, o limite ou problema desse método esta no registro, pois

o investigador não pode unicamente confiar na sua recordação dos acontecimentos apreendidos “ao vivo”, dado que a memória é

---

<sup>3</sup> QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2da edição. Portugal: Gradiva, 1998. p. 196.

<sup>4</sup> QUIVY-CAMPENHOUDT, 1998, p. 197.

seletiva e eliminaria uma grande variedade de comportamentos cuja importância não fosse imediatamente aparente. Como nem sempre é possível, nem desejável, tomar notas no próprio momento, a única solução consiste em transcrever os comportamentos observados imediatamente após a observação.<sup>5</sup>

Dessa maneira, esse método é complementado pela ferramenta do *Diário de Campo*. Nas palavras de Neto Cruz, o Diário de Campo será o “amigo silencioso” que não poderemos subestimar, aquele no qual diariamente poderemos colocar nossas percepções, questionamentos e informações. O Diário, segundo Neto Cruz, é pessoal e intransferível; a sua riqueza de anotações será de grande auxílio na descrição e análise do objeto estudado<sup>6</sup>.

### ***1.1. Cachoeira Paulista***

Era nove horas e trinta minutos da noite quando o motorista do ônibus estacionou numa rodoviária escura e anunciou: “Cachoeira Paulista!” Só eu desci naquele lugar! E agora? – me perguntei. Sentia-me cansada da viagem de mais de 24 horas desde o Rio Grande do Sul (Porto Alegre); era para chegar durante a tarde na cidade, mas, com os atrasos nas rodovias, não tive outra opção a não ser tomar o ônibus das seis e trinta da viação Pássaro Marrão e chegar de noite em Cachoeira. Ninguém me esperava!

Tentei passar segurança para mim mesma, pensando naqueles que, desde a rodoviária, me olhavam... talvez porque a mochila nas minhas costas era muito grande se comparada com a minha estatura, não sei! Fui até um barzinho que ficava em frente e pedi uma garrafa de água... uma vez mais meu sotaque propiciava o início de uma conversação. Depois de dizer que era cubana e que estava ali a trabalho, saí e caminhei por uma rua que me pareceu a “principal no povo”; tinha muito medo de ser assaltada! No entanto, à medida que caminhava e olhava pessoas na rua, vizinhas conversando, muitas casas sem grades, jovens em grupos caminhando pela calçada, me senti mais a vontade. Caminhei até encontrar uma praça, tinha muita movimentação! Apesar do horário, sentei-me para pensar o que fazer. Durante toda minha caminhada, não tinha encontrado placa nenhuma anunciando a Canção Nova, por isso só perguntando poderia saber como chegar ao lugar. Decidi não perguntar

---

<sup>5</sup> QUIVY-CAMPENHOUDT, 1998, p. 199.

<sup>6</sup> Cf. CRUZ, Otávio Neto. O trabalho de campo como descoberta e criação. In DE SOUZA, Maria Cecília Minayo (Org.). *Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 63.

sobre a Canção Nova, pois imaginei que seria difícil conseguir hospedagem na sede naquele horário.

Desde o lugar no qual me encontrava, olhei que numa das ruas mais próximas tinha o anúncio de um hotel e caminhei até ele. Era um prédio muito antigo, parecia a entrada de uma casa colonial e, no interior, o cômodo que era para ser a recepção ficava fechado com uma grade. Muito apavorada, mas sem poder fazer muita coisa além de conversar com a pessoa que lá estava trabalhando, menti... “menti profissionalmente”! Sabia que, naquele lugar, não dormiria, pois, se aquele mau aspecto me era passado desde a recepção, nem por acaso desejaria ir até um dos quartos. Cumprimentei o senhor que estava na recepção e perguntei pelo primeiro nome que veio na minha cabeça! Lógico que aquela “pessoa inventada” não poderia estar hospedada lá, então pedi se não tinha um outro hotel na cidade, pois essa pessoa poderia estar me aguardando nesse outro hotel. Foi uma alegria escutar uma resposta positiva! O senhor explicou que numa distância de mais ou menos quatro quadras tinha um outro hotel.

Caminhei na direção indicada e, efetivamente, encontrei em poucos minutos o lugar. De fato, a impressão foi melhor do que no anterior. Perguntei pelo pessoal que atendia, pois não tinha ninguém na recepção e veio um senhor desde o boteco que ficava contíguo ao salão no qual me encontrava e desde o qual se sentia um cheiro de peixe frito muito forte. O senhor tinha, aproximadamente, uns sessenta anos, era baixinho e gorducho. Ele, de nome Manoel, era o recepcionista, o cantineiro no bar e o dono do hotel “Eldorado”<sup>7</sup>! Falei que tinha vindo a trabalho e que desejava um quarto para passar a noite. Novamente o sotaque e, por decorrência da nacionalidade, Fidel faziam com que as conversas fluíssem mais rápida e amistosamente. Ele buscou pra mim um quarto ótimo!

Já era perto das onze horas da noite, tinha tomado banho, mas não conseguia dormir; a música do boteco e as conversas do pessoal pareciam animadas. Aproveitando a televisão de meu quarto ligue e apareceu na tela, “para minha supressa”, a Tv Canção Nova. Fiquei até duas horas da madrugada assistindo!

No dia seguinte, quando desci para o café da manhã, descobri que aquele boteco era também o restaurante do hotel. Ali estava, sorridente, Manoel! Indicou para mim tudo o que tinha para o café e se sentou na minha mesa. Contei que era estudante e que me tinha interessado pela

---

<sup>7</sup> Tanto o nome do hotel quanto o nome do dono são nomes fictícios! Em toda a descrição da pesquisa de campo os nomes serão fictícios, foi uma opção não me apresentar como pesquisadora e não pedir entrevista das pessoas que conheci.

Canção Nova, que estava lá para conhecer! Ele fez todo tipo de elogio à Canção Nova e ao padre Jonas. Falou também que muitas pessoas vinham à cidade para conhecer esse lugar. Perguntou-me se eu era católica, ao mesmo tempo em que mostrava para mim a medalha que tinha de Nossa Senhora e apontava para uma caixinha na parede que também continha a Santa. Respondi que não, que era anglicana... foi então que ele quis saber mais do anglicanismo. Como meu tempo era curto, falei que a Igreja Anglicana era como uma Igreja “ponte” entre a Católica Romana e as protestantes, mas que o ritual da missa parecia muito com a romana. Nesse momento, notei um sorriso de cumplicidade em seus lábios que, em curto tempo, se acabou, quando falei que a diferença era que os sacerdotes podiam se casar e que as mulheres também podiam ser ordenadas e officiar a missa!

Comuniquei a Manoel que caminharia para conhecer a Canção Nova e a cidade. Ele fez questão de me acompanhar até uma rua próxima para me mostrar que subindo sempre por ela chegaria até a sede. Ele não me disse para tomar cuidado com nada e eu me senti segura para fazer tranqüilamente o percurso. O hotel ficava mais o menos no centro da cidade e a Canção Nova situa-se mais na periferia. O trajeto era longe e sempre em subida. À medida que caminhava, comecei a encontrar as placas que indicavam o caminho... só que o percurso sugerido era o que, normalmente, as pessoas faziam de carro.

Bem em cima do morro, a minha frente, estava a entrada oficial da Comunidade. Numa rua transversal, à direita, ainda sem entrar, pude ver o prédio da Fundação João Paulo II e também uma placa indicando que nessa direção se encontrava, também, o Posto Médico. À esquerda, estava o Instituto Canção Nova. Caminhei por toda essa rua no desejo de conhecer o lugar, ao mesmo tempo em que tentava me familiarizar. Chamou minha atenção a quantidade de pousadas existentes nessa área. Nas fachadas de quase todas as casas, observei cartazes afixados que anunciavam aluguel de cômodos.

Voltei à entrada principal, caminhei até a guarita e pedi se tinha que mostrar algum documento ou identificação para poder entrar, pois eu tinha interesse em conhecer. A pessoa que estava trabalhando falou que não era necessária minha identidade, não existia limitação de tempo para a visita e nem restrições para entrar em qualquer um dos prédios. Quando já tinha avançado o suficiente para encontrar as primeiras construções, comecei a reconhecer aquilo que, pela literatura, pelo site e pela Tv, já conhecia: o auditório, a pousada, o monumento com o logotipo da Canção Nova e os sinos, o prédio da rádio e, em frente a este, o Clube do Ouvinte etc. O estranhamento do diferente misturava-se com a alegria do

reconhecimento dos lugares enunciados por outras e outros pesquisadores estudados. Naquela hora, não havia muitas pessoas circulando fora das instalações. Eu preferi não conversar com ninguém; só caminhei e observei tudo com muita atenção.

Perto do horário do almoço e preocupada porque teria que voltar ao hotel, ainda quis conhecer a pousada Sergio Abib. Na recepção, atendeu-me Isabel, uma moça muito jovem. Ela informou-me sobre as reservas e fez-me saber que existia capacidade para hospedagem no momento. Explicou também que eram muito rigorosos com os horários de entrada e saída. Se meu interesse era ficar, teria que aguardar até as 17 horas para entrar no quarto. No entanto, Isabel comunicou-me que, mesmo sem estar hospedada, eu poderia almoçar, assim como também poderia aproveitar e visitar as instalações. Aceitei a orientação e almocei lá mesmo. Tanto para o almoço, quanto para comprar os alimentos oferecidos na Lanchonete, primeiramente tinha que ser comprado um ticket num caixa central que ficava bem perto do Rincão Velho. O custo do prato livre, para almoçar, era de 5,50 reais.

Logo após o almoço, desci até o hotel e comuniquei a Manoel que estaria saindo nessa mesma tarde. Manoel ofereceu-me toda compreensão e apoio, dizendo que seria muito importante para meu trabalho ficar lá mesmo, que ele ia ligar para um táxi de um amigo para me levar, pois caminhar com a mochila até lá seria cansativo. Pedi uma garrafinha de água e sentei com ele, pois percebi que queria conversar. Manoel queria saber qual tinha sido minha impressão da sede. Depois de me escutar, ele contou que o padre Jonas era muito querido em Cachoeira, que sempre a cidade recebia muitas pessoas de fora para conhecer a sede. Entregou-me varias tarjetas de apresentação do hotel e falou que era para eu levar comigo, para o caso de algum colega meu também querer visitar o local. Perto das três, chegou Lindomar, o taxista amigo de Manoel, que me levaria até a Canção Nova.

Lindomar me levou até a pousada. No trajeto, ele contou que fazia com muita frequência esse percurso, que ele trabalhava no posto de táxi da rodoviária e que sempre estavam chegando pessoas com o interesse de conhecer a Canção Nova. Cumprimentou as pessoas que estavam de plantão na guarita, mas não teve necessidade de parar o carro. Ele também me entregou seu cartão e pediu para o contatar sempre que necessário.

### ***1.2. Canção Nova***

Na Canção Nova, aluguei uma suíte. Desde a minha chegada na pousada até o horário de entrada na habitação, aproveitei o tempo para escrever no meu caderno de campo tudo o que aconteceu durante o dia.

Se, por um lado, ao alugar a suíte, estaria perdendo o contato com outras pessoas hospedadas nos quartos comunitários, por outro, essa opção, me daria a possibilidade de escrever a vontade no meu caderno de campo, sem ter que explicar os motivos para ninguém. A suíte, que tinha um custo de 20 reais por dia, era um quarto com banheiro próprio, equipada com uma cama pessoal e dois beliches. Ficava no terceiro andar e a única janela que tinha dava para a parte detrás da cozinha e do refeitório. Depois de arrumar minhas coisas, saí para caminhar e conhecer outros espaços da sede. Fui em direção ao Novo Rincão e às áreas de camping. Esse primeiro dia foi de solidão: só caminhei, observei e escrevi.

Estava caindo a tarde e a vista, desde aquele majestoso lugar, era preciosa. A sede da Canção Nova encontra-se num lugar privilegiado pela natureza; pode se apreciar o vale, os morros, o rio. É um lugar muito tranquilo e aconchegante. Os prédios, na sua maioria, estão pintados de azul e branco, incluindo o posto médico, a fundação e o instituto. Azul e branco, também, é o uniforme do pessoal que trabalha na sede e das crianças da escola. Mesmo que sejam de modelos e tonalidades diferentes, as cores, de modo geral, são essas.

No segundo dia, vieram as conversações. Ao mesmo tempo em que sentia uma familiaridade maior com o lugar, eu também, em alguma medida, não era mais percebida como alheia. Isso favoreceu o diálogo e possibilitou um dia de intensas trocas em vários ambientes. Senti-me acolhida! No entanto, ao mesmo tempo, continuava com uma sensação estranha de repulsão toda vez que era cumprimentada com “Deus a abençoe e irmã” (e isso era muito freqüente) ou ao encontrar pessoas caminhando de um lado para outro sempre com a Bíblia na mão... Pensava: em que lugar eu estou?!

Soube, conversando com algumas das pessoas que trabalham no shopping DAVI, que as missas aconteciam no geral no Rincão Velho, sempre no horário das sete da manhã e das cinco da tarde. Esses, de fato, eram os momentos no qual toda a Comunidade – formada pelos membros – se concentrava. Somavam-se a eles pessoas da cidade, visitantes ou trabalhadores da Canção Nova. Para ninguém, era obrigatória a presença, ainda que a maioria dos membros sempre se fizera presente. Nesse dia participei, pela primeira vez, da missa, às cinco horas da tarde.

Sentei ao lado de Guilherme, membro da Canção Nova e que trabalhava nos caixas do shopping; já tinha conversado com ele de manhã na hora de pagar minhas compras e pensei que isso facilitaria minha integração. Foi uma missa como as descritas no capítulo anterior, o ritual muito parecido com as tradicionais, com exceção dos cantos, das orações de louvor, da adoração do Santíssimo e, por suposto, da glossolalia!

Quando anunciaram a oração em línguas eu fiquei gelada... Pensei: “se desmaio dirão que fui tomada pelo Espírito”. Tentei me controlar e “ser dócil” aquilo que estava acontecendo. A maioria fechou os olhos nesse momento, eu não, “estava lá para ver”! Mas foi uma grata surpresa quando escutei aquele “alabai” repetitivo (que eu entendia perfeitamente) e que se misturava com outras orações mais pessoais. Guilherme também fez sua oração individual em alta voz... Limitei-me a seguir o rítmico “alabai” que, na verdade, fazia daquele um momento muito especial e gostoso. De momento, o som foi desaparecendo e a missa continuou com uma oração de gratidão a Deus. Olhei para todos os cantos, respirei profundo... ninguém tinha percebido, mas era minha primeira “oração em línguas”! Mesmo participando de toda a celebração não me senti com coragem para comungar. Não conhecia “as regras” e não quis perguntar para Guilherme se podia ou não participar da Eucaristia como visitante. Ele também não se manifestou.

Depois da Missa, fiquei sentada na recepção da hospedaria assistindo Tv Canção Nova e aguardando o horário do jantar. Ao redor desse aparelho de tevê, costumam reunir-se pessoas que estão hospedadas. Cria-se, assim, nesse espaço, um lugar de trocas, conversas... ao mesmo tempo em que se observa o programa, as pessoas falam do lugar do qual vieram, do motivo de estar visitando a sede, disto ou daquilo com relação ao programa transmitido ou com relação à pessoa que esta apresentando. No geral, em todos os lugares da sede, há um aparelho de tevê que fica ligado o tempo todo com a transmissão da Tv Canção Nova. Há aparelhos no shopping, no Clube do Ouvinte, na Casa de Maria e até nas barraquinhas que ficam no jardim e vendem objetos menores como cruzes, santinhos, lembrancinhas etc. Penso que o único objeto que supera a presença do aparelho de tevê são os “Cofrinhos Generosos”.

O Cofrinho Generoso é uma latinha com a imagem do Generoso<sup>8</sup>, personagem criado na sede, sempre sorridente, que convida as pessoas para fazerem suas doações de moedinhas. Ele se encontra quase sempre nos lugares onde são efetuados pagamentos, seja da hospedaria, de produtos comprados, de refeições e de lanches etc. É uma forma contínua de arrecadação.

No terceiro dia, acordei bem cedo para participar da missa que começava às sete da manhã, antes mesmo de tomar o café. Lá encontrei Guilherme e com ele sua esposa Elisabeth e seu filho Josué. Apresentou-me sua família e fiquei sentada ao lado deles durante todo o ofício. No final, ao

---

<sup>8</sup> Veja figura 5.

nos despedir, ele disse que iniciava a sua rotina cotidiana; ele ia para o shopping, o filho para a escola e a esposa para a rádio, que era o lugar no qual ela trabalhava. Aproveitei e perguntei a Elisabeth se poderia passar lá para conhecer. Então, ela marcou um horário para me receber.

Faz nove anos que Elisabeth é membro da Canção Nova e já desempenhou várias funções na Comunidade. Está casada há seis anos com Guilherme, ambos são mineiros, mas o filho nasceu em São Paulo. Desde seu ingresso na Comunidade, sempre viveram e trabalharam na sede, ainda que em finais de semanas também trabalhem coordenando alguns eventos nas casas de missão. Especificamente, ela é redatora de notícias para a rádio. A rádio Canção Nova fica num prédio pequeno, pintado de azul e branco, e possui equipamentos de última geração. Foi uma visita muito proveitosa, era a primeira vez que visitava uma rádio no Brasil. Elisabeth contou sobre os trabalhos que passaram para ter a rádio própria e me sugeri a leitura do livro “Canção Nova: uma obra de Deus, nossa historia, identidade e missão”, alertando que nele o padre Jonas relata essas dificuldades.

Depois do almoço, fui ao shopping para comprar o livro. Sentei na pracinha onde se encontra o logo da comunidade. Era um lugar de sombra e o sol, nesse dia, estava muito forte. Minha vontade era ler, mas, naquela tarde, tinham chegado vários visitantes de ônibus e em repetidas ocasiões estes pediam que lhes tirasse fotos. Desisti da leitura e conversei com alguns. Eram pessoas de comunidades católicas, todas de cidades próximas; mesmo assim, algumas visitavam pela primeira vez a sede. Estavam elegantemente vestidas e as máquinas para fotografar eram digitais, nenhuma das que passaram pela minha mão foi das antigas, de filme. Soube que tinham vindo para participar da missa das cinco. Impressionava-me ver como, cada vez que passavam por uma imagem de Jesus ou de Nossa Senhora, se persignavam.

Perto das quatro horas fui para o Rincão Velho. Lá sentei com o intuito de ler enquanto esperava o início da missa, mas não consegui! Desta vez, sentou-se de meu lado a sócia número “x”<sup>9</sup>, a primeira coisa que me perguntou foi meu número de sócia. Isso me causou estranhamento! Quando falei que não era sócia, que apenas estava lá porque queria conhecer, então quis saber meu nome e de onde estava vindo. A senhora “x”, que vestia uma roupa desgastada, que usava óculos antigos e que tinha uma arcada dentária deteriorada, relatou que morava em outro estado, a

---

<sup>9</sup> O sócio, uma vez inscrito, recebe um número que o identifica. A pessoa com quem conversei tinha um número bem baixo com relação à quantidade de membros cadastrados. Mas não explicito esse número para preservar sua identidade.

duas horas da Comunidade Canção Nova, e que sempre que se sentia “carregada” pegava o ônibus e vinha para a sede.

Aqui me sinto tranqüila, me alegra olhar para tudo isto e lembrar quando era terra e lama. Vínhamos e comíamos nas mãos, sentados em troncos de madeira. Olha quanta coisa tem agora! Você já esteve no Novo Rincão? Eu recebi uma carta do padre Jonas agradecendo pelo ouro que doei para a construção, foi muito ouro (anéis, correntes, coisa boa mesmo), eu pensei, não posso colocar para sair na rua e, quando eu morrer, a minha família vai brigar querendo isso ou aquilo, melhor então dar para Canção Nova. E doei, não só o ouro, tem muita cadeira dessas brancas [plásticas] que eu tenho doado (...). Mas é bom estar aqui e ver tudo isso que a gente conseguiu.<sup>10</sup>

Passei junto à senhora “x” toda a missa. No momento da Eucaristia, ela percebendo que eu não estava saindo do meu lugar, fez o convite para ir até o corredor e comungar. Eu fui junto e participei do sacramento! Depois da missa, eu a convidei para um “misto quente” (uma espécie de sanduíche de presunto e queijo no valor de 1,50 reais), conversamos sobre o padre Jonas e ela não escondeu a grande admiração e o carinho que sente por ele. A senhora “x” voltou para a sua casa no início da noite. Fiquei, nessa noite, lendo o livro do padre Jonas até altas horas.

No terceiro dia, depois de participar na missa e tomar o café da manhã, fui visitar o Posto Médico e o Instituto. Antes de sair da sede, conversei um pouquinho com o guarda que era o mesmo que estava trabalhando no dia da minha chegada e se surpreendeu ao me ver lá hospedada. Novamente a conversação girou sobre minha nacionalidade, Cuba e Fidel.

Visitei primeiro o Instituto. Estava todo fechado, era sábado e não havia aulas, mas tinha um senhor de plantão (José) que, ao saber que estava visitando o local e que era estrangeira, não se opôs a me mostrar a instalação e a satisfazer minha curiosidade. Com José, fiquei sabendo que a escola oferece serviço desde a creche até o segundo grau. O segundo grau, no entanto, era uma conquista recente. Ainda havia construtores trabalhando nas novas dependências, necessárias pelo aumento do número de estudantes. José contou que a escola é gratuita para as crianças da Comunidade e também para filhos e filhas de famílias de baixa renda da cidade. “Não é uma bolsa o que recebem essas famílias, é gratuidade para o estudo”, ele explicou. Mas também há estudantes, com maiores possibilidades financeiras, que pagam uma mensalidade, com um preço

---

<sup>10</sup> Tomado das anotações do caderno de campo.

bem baixo se comparados com outras escolas particulares da região. Quem estuda tem direito a várias atividades extra-curriculares. Essas atividades vão desde o trabalho na horta comunitária até a incorporação às diferentes oficinas da Companhia de Arte. A escola é confessional católica e possui capela própria.

O Posto Médico me surpreendeu pela amplitude, pela limpeza e pelo gosto que tiveram ao mobiliá-lo. Mesmo tratando-se de um Hospital, a sensação, quando nele se entra, é boa. No posto, também há atendimento gratuito para as famílias de baixa renda da cidade, incluindo nessa gratuidade alguns exames de laboratório, os mais básicos. O plantão de emergência também oferece, a qualquer pessoa, os primeiros auxílios de forma gratuita. Existe também atendimento dental, sendo gratuita para as famílias membros da Comunidade, e com preço módico para as pessoas da cidade.

Como era sábado, não consegui visitar a Fundação João Paulo II; estava fechada. Desci até a cidade para entrar na Internet. Almocei lá e chamei Lindomar, o taxista, para que me recolhesse no hotel “Eldorado” às quatro horas. Depois do almoço, caminhei pela cidade que estava quase parada. Quiçá, o calor na rua não convidava a sair das casas. Tanto no “siber café” quanto nas lojas que visitei, todas as pessoas com quem conversava conheciam a Canção Nova e emitiam boas impressões da comunidade e do padre Jonas.

Já no boteco do hotel, procurei por Manoel que não se encontrava nesse momento. Ainda assim pedi uma água e fiquei sentada aguardando a hora do taxista me pegar. Conversei com três pessoas que estavam hospedadas, elas tinham vindo a trabalho, moravam na grande São Paulo e já tínhamos nos conhecido no meu primeiro dia no hotel. O senhor de maior idade não tinha conhecimento da existência da Canção Nova, as duas pessoas mais jovens, um rapaz e uma moça, sim. Ele porque tinha olhado varias vezes a Tv Canção Nova e ela porque já tinha comprado alguns produtos (mochila, caneta) em um encontro de jovens de sua comunidade local, que é católica, mas não carismática, segundo manifestou. Quem mais expressou sua valorização foi o rapaz, que achava um pouco “careta” os programas do PHN. Ele disse: “acho que essa gente fala... mas na vida real fazem e não contam para o padre” (falando da relação sexual antes do casamento). Chamou-me a atenção o fato dele conhecer o nome do apresentador, o conteúdo dos temas e discursos veiculados no programa, mesmo quando afirmou não assistir muito e o adjetivou como caretice.

No trajeto do hotel até a Canção Nova, Lindomar confessou ser sócio da Comunidade há mais de 8 anos. Ele contou que fazia 10 anos que

morava em Cachoeira Paulista. Disse, ademais, que essa cidade e, principalmente, a Comunidade Canção Nova tinham mudado sua vida pessoal e familiar.

Eu morava em Campinas, lá era assalto e morte o tempo todo. Você saía da sua casa de manhã e não sabia se voltava à noite. Era muito estresse o dia todo. Quando terminava meu serviço, longe de ir para casa eu entrava no boteco, todo o dia, estava me acabando... mas eu acho que era uma forma de celebrar que estava vivo (risos) (...). Até que a gente se mudou para esta cidade, foi uma benção. Minha mulher começou a participar da missa e depois eu fui com ela. Já faz mas de oito anos, mas eu só vou aos domingos por causa do trabalho. E sempre, volta e meia, eu estou aqui na sede, porque tem muitas pessoas vindo, acho que já falei isso pra você (...).<sup>11</sup>

Cheguei à hospedaria e sentei na recepção para olhar a tevê. Tinha muitas pessoas aguardando para entrar nos quartos. Eles tinham vindo em caravana, eram dois ônibus da Paraíba. Sentado a meu lado e quase sem me permitir olhar o programa da Tv, um senhor conhecido como Zé se referia às condições do tempo daquela tarde.

Esta fechando para chuva. Amanhã temos Kairós. Vai vir muita gente. Imagina se chove, se cai toda essa chuva... Eu já estou rezando, o “papai do céu” não vai permitir porque tem muita gente precisando desse Kairós. Você viu a gente que chegou hoje, eles vieram de João Pessoa... é muita gente que passa toda hora por aqui pra pegar bênção. Amanhã você vai ver. Já na madrugada começam a chegar os ônibus.<sup>12</sup>

Zé também estava hospedado e tinha vindo para o Kairós. Com ele, fui à missa das cinco que foi celebrada na capela do Instituto e na qual participaram muitas pessoas da cidade. Perguntei se era uma prática da missa dos sábados, mas me informaram que não, por vezes usavam a capela aos sábados e outras aos domingos de manhã. Isso acontecia, principalmente, quando estavam preparando o Rincão para alguma atividade (neste caso o Kairós de domingo). A missa foi oficiada por um padre de outra cidade e um seminarista da Canção Nova.

Chovia torrencialmente e algumas pessoas, dentre elas eu, ficamos “presas” no Instituto, porque não tínhamos como caminhar até a hospedaria sem guarda-chuva. O fato gerou discussão entre os que aguardávamos e decidimos sugerir à Comunidade que comprasse guarda-chuvas e disponibilizasse para os hóspedes em situações como essa. Isso foi

---

<sup>11</sup> Tomado das anotações do caderno de campo.

<sup>12</sup> Tomado das anotações do caderno de campo.

dito para a moça que estava de plantão na recepção da Pousada. Essa noite, devido a chuva, não fui jantar. A lanchonete ficava num lugar bem descoberto e todo o trajeto teria que ser feito debaixo de chuva. Aproveitei para continuar com a leitura do livro no meu quarto. Dormi tarde, pois, além da leitura, as pessoas que tinham vindo em caravana e que estavam nos quartos comunitários, ficaram cantando hinos até uma hora da madrugada aproximadamente!

No quarto dia, tal e como havia sido pedido por Zé para o kairós, a chuva parou. Tomei café da manhã (pão de queijo e um copo de café com leite pelo preço de 2.50 reais). De fato, tinha muitas pessoas, muita gente por todo canto da sede. Uns faziam compras, outros estavam na Casa de Maria fazendo orações ou sendo atendidos em confissão. Havia pessoas sentadas até na grama. Fiquei na Gruta de Maria acompanhada por Zé. A missa iniciou às nove e meia da manhã, sendo muito mais dinâmica, com mais cantos e com mais orações do que as outras das quais já tinha participado. No entanto, mantinha a mesma ordem da missa tradicional. Eram vários os oficiantes. O Padre Jonas não estava presente; segundo comunicaram, ele estaria viajando. Nessa celebração, entregaram papéis para as pessoas colocarem seus pedidos de oração. Esses pedidos foram recolhidos numa imensa cesta de vime. Os celebrantes explicaram que esses pedidos seriam queimados numa fogueira e que as suas cinzas seriam levadas e espalhadas pela Terra Santa. Muita gente escreveu e depositou seu pedido durante o momento de louvor. A celebração durou três horas. Depois do almoço, ainda teriam outras atividades no Rincão.

Quando estava aguardando para entrar no refeitório, sentou-se a meu lado dona Ana, depois de ter colocado suas compras no carro que estava estacionado relativamente perto de nós. Ana falou que era de longe, que estava lá para pagar uma promessa e que tinha conhecido Canção Nova através da sua irmã.

Minha irmã sempre foi católica, como eu, mas a gente não era de ir muito à igreja. Minha irmã estava quase indo para os evangélicos, quando conheceu o padre Jonas. Eu achei que ela estava exagerando porque me dizia: vamos, vamos que isso não é uma igreja, isso é uma família. Mas eu só comecei a participar muito tempo depois e não é que é mesmo uma família! Você também é sócia? (...).<sup>13</sup>

Expliquei que não, que eu estava lá para conhecer. Foi muito interessante ver as pessoas, novamente, fotografando todos os lugares, inclusive tirando fotos ao lado de um pôster que tinha a imagem do padre

---

<sup>13</sup> Tomado das anotações do caderno de campo.

Jonas. Encontrei com Guilherme e Elisabeth e foi com eles que almocei, comentando a leitura do livro do padre Jonas que ela tinha me indicado.

De tarde continuaram as celebrações de louvor. Eu não participei, na verdade, sentia-me cansada para “encarar” outra celebração naquele estilo! Eram muitas pessoas, segundo comentavam quase cinco mil. Também havia muitas crianças participando. O calor, naquele horário, era sufocante. No estacionamento, pude contar ao redor de 17 ônibus, uma ambulância e também um carro de segurança da empresa PROTEGE (guardas que faziam ronda a cada uma hora aproximadamente). Todos os automóveis da Canção Nova, que também estavam estacionados, tinham o logo da Comunidade estampado na lateral.

Sentei debaixo das árvores para ler e percebi que, no início da celebração, quase a totalidade das pessoas foram para o Rincão. Senti que minha “não-participação” era questionada pelos olhares do pessoal que estava trabalhando em outros afazeres ou que passava caminhando com pressa para se somar à celebração.

Com a intenção de escapar dos olhares, entrei na pousada e, para minha surpresa, a Tv Canção Nova estava transmitindo, ao vivo, o Kairós. Fiquei olhando por uns minutos, mas depois pedi para a moça que estava na recepção me preparar um café. Essa foi à forma que encontrei de iniciar uma conversa com ela. Angelina, era membro da Canção Nova, era solteira e há três anos pertencia à Comunidade. Ela estava mandando convites pelo correio eletrônico para a celebração “Hosana!” dos 70 anos do padre Jonas que tinha como lema “70 anos de fé, feito tudo para todos”. Sobre esse tema, girou a nossa conversa. Depois de elogiar muito o padre e o trabalho que realizava, perguntou-me se eu tinha visto o cartaz anunciando a celebração do aniversário (aquele no qual as pessoas estavam tirando fotos) e continuou explicando:

O *Hosana* vai ser do 8 ao 12 de dezembro, vai vir muita gente. Todas as reservas desta pousada já foram vendidas e as casas mais próximas também estão cheias, pelo que ficamos sabendo. Se você quiser vir pergunte amanhã nos hotéis da cidade e deixe reservado, porque tudo por aqui lota. Vai ter muita festa, até o padre Marcelo virá.<sup>14</sup>

De fato, já tinha escutado falar de tudo o que estava sendo preparado para o aniversário do padre Jonas e Angelina não tinha sido a

---

<sup>14</sup> Tomado das anotações do caderno de campo. Acompanhei a celebração do padre Jonas pela webtv e, de fato, o padre Marcelo Rossi estava participando... Até o candidato a presidente do Brasil Geraldo Alkmim estava presente!

primeira em fazer o convite para eu participar. A primeira teria sido a senhora “x” e depois meu “fiel escudeiro” Zé.

Perto das seis, os ônibus começaram a ir embora. Fui até a lanchonete para jantar (dois mistos quente e um copo de suco de uva, tudo por 4 reais) e me espantei com o lixo que tinham deixado jogado no chão, apesar de ter lixeiras (com separação de lixo) por toda a sede. A volta do silêncio me fez muito bem, mas não durou muito tempo, pois os grupos da Paraíba, que estavam hospedados, ainda tinham toda a energia do Kairós... e, fazendo a comida típica da sua região, na cozinha da pousada, cantavam um hino detrás do outro. Fui convidada para fazer parte do grupo e integrei-me a eles batendo palmas, porque não conhecia a letra dos cantos. Mulheres que preparavam a comida, conversavam sobre o aniversário e perguntavam sobre quem poderia vir ou não para os festejos. O Zé veio ao meu encontro para se despedir, pois, segundo me disse, estaria saindo bem cedo no dia seguinte. Ele incentivou-me a fazer o cadastro de sócia da Canção Nova e sua despedida foi um abraço seguido das seguintes palavras: “Cubana, faça parte desta família!”.

No quinto dia, acordei cedo para participar da missa. A missa, quando não tinha outras atividades acontecendo, reunia aproximadamente de setenta a cem pessoas, entre comunitários, trabalhadores, visitantes ou participantes da cidade. Pensava que aquele momento seria uma celebração diferente, mais curta, talvez, pelas intensas atividades do final de semana, mas foi do mesmo jeito que nos dias anteriores, sem a menor alteração da ordem nem do tempo. Essa manhã fui conhecer a Fundação João Paulo II. Meu cartão de visita, uma vez mais, foi o sotaque e a nacionalidade! Lá fui atendida por Martha, que me explicou sobre todos os projetos que a Fundação estava desenvolvendo no momento. Chamou minha atenção as cores, as paredes pintadas de branco, as cortinas e a mobília dos escritórios em azul, assim como também o aproveitamento e a distribuição do espaço. Numa sala, trabalham de quatro a cinco pessoas. Outra observação marcante foi a presença de aparelhos de tevê dentro da Fundação, chega a ser mais de um num mesmo local, facilitando, assim, que, desde vários pontos, seja fácil acompanhar a transmissão, que, obviamente, é a programação da Tv Canção Nova.

Esse dia almocei bem cedo, quase não tinha ninguém, apenas o pessoal da cozinha estava almoçando. Conversando com Irene e Zulmira, com as quais já tinha tido conversações mais curtas em dias anteriores, soube que elas eram de famílias bem pobres, que moravam perto da sede. Ambas tinham, aproximadamente, cinqüenta anos. Disseram que, antes de trabalhar na Canção Nova, eram donas de casa e que passaram muito

trabalho para criar os filhos. A possibilidade de trabalhar na sede deu um rumo novo nas suas vidas e, também, no lar. Irene explica:

Antes disso aqui, na minha casa, nunca tinha dinheiro. Passávamos necessidade mesmo, o pouco que entrava quase saía todo na comida e na bebida do meu marido. Canção Nova foi uma bênção para nós – né Zulmira?! – Imagine, hoje todos na minha casa são Canção Nova, até meu marido é Canção Nova! É emprego com carteira assinada e tudo, quando que eu sonhava com isso! Agora vou ter até aposentadoria.<sup>15</sup>

À tarde, tomei meu livro e fui caminhando até o Novo Rincão, aproveitando que não tinha quase ninguém, apenas alguns homens trabalhando na parte do que seria o “altar” durante as celebrações. Depois de olhar bem cada cantinho, sentei para terminar de ler o livro. Caminhei até encontrar uma “grade feita com pequenos arbustos” que tinha uma placa com a seguinte indicação: “acesso restrito”. Fui, então, até a área verde do camping e, conversando com trabalhadores, soube que essa era a parte da sede na qual viviam os comunitários. Lá tinham casas e, também, prédios pequenos de vários apartamentos que eram ocupados pelos casais ou solteiros. Ao perguntar sobre o padre Jonas, um dos trabalhadores me disse que morava na mesma casa com Luzia e Etto.

Quase ao anoitecer, estive na Casa de Maria, conversei com Luiza, de vinte e cinco anos e também comunitária. Ela estava colocando cordões nos crucifixos que eram vendidos nas barraquinhas do jardim. Tinha conhecido Luiza no refeitório, no dia de meu almoço com a família de Guilherme e Elisabeth. Ela estava concluindo esse trabalho para fechar o local. Ajudei, então, a colocar os cordões enquanto conversamos sobre mim e minha família em Cuba. Depois, Luiza me disse que “era filha de um empresário muito bem sucedido em São Paulo, que nunca faltou de nada, nem para ela, nem para a sua irmã, mas que tinha tudo e não se sentia feliz. Não era isso o que ela queria para a sua vida... faltava alguma coisa e foi o que encontrou na Canção Nova”<sup>16</sup>.

A irmã da Luiza também é membro da Canção Nova, mas mora na casa de missão do Rio de Janeiro. Conversamos mais sobre Cuba, sobre o Brasil e sobre mundo. Ela sempre fazia alusão ao desconhecimento de Deus por parte das pessoas e a falta de amor no mundo.

O sexto dia foi da partida. Particpei da Missa das sete, como já era costume, e depois estive no hall da Tv. Conversei com algumas pessoas e li

---

<sup>15</sup> Tomado das anotações do caderno de campo.

<sup>16</sup> Tomado das anotações do caderno de campo.

o material da Canção Nova que estava sobre a mesa do centro. Uma família que participaria do programa “minha família é assim” no horário da tarde e que estava aguardando para entrar e iniciar os preparativos para a gravação foi minha interlocutora. Neuza, sócia da Canção Nova há mais de 15 anos, tinha colocado em oração a situação de seu único sobrinho, quase filho, que era dependente químico.

Ele estava na beira da morte. Minha irmã e meu cunhado morrendo também de sofrimento sem saber mais o que fazer. Eu orava muito, pedia com muita fé. Até minha irmã se decidir a vir junto, depois veio meu cunhado também. A gente fazia uma viagem uma vez por semana, passava o dia aqui, jejuando e orando. Hoje graças a Deus meu sobrinho está bem, superou, está trabalhando e é também sócio da Canção Nova. A senhora também é sócia da família Canção Nova?<sup>17</sup>

Eu contei que estava lá para conhecer. Na sala estava Neuza, a sua irmã e o cunhado. O sobrinho, que daria também seu depoimento no programa, não estava presente no momento da nossa conversa.

Almocei cedo, novamente com Irene e Zulmira, mas não contei para ninguém que estava indo embora. Chamei Lindomar e pedi para ele me pegar na sede. Entreguei a chave na recepção e recebi um modelo de avaliação anônima que podia ser preenchido nesse momento ou mandado depois pelo correio postal. Preenchi e deixei antes de sair.

## **2. Canção Nova: Um novo jeito de ser igreja!**

Como já disse acima, cheguei à Canção Nova buscando a tendência cultural apontada por Canclini, *o simulacro de um consenso induzido pela mera devoção aos simulacros*. Enganei-me. O que encontrei na Canção Nova não foram pessoas e projetos “querendo aparecer” e sim o “aparecimento” de pessoas e projetos em decorrência de um cotidiano vivido, que pode ser enxergado e palpado.

Não encontrei, na cidade de Cachoeira, nenhuma pessoa que não conhecesse a Comunidade quando eu fazia referência a ela. O que indica que Canção Nova, de alguma maneira, consegue se fazer presente fora de “suas grades”. Isso também ficou evidenciado nos depoimentos de Manoel e de Lindomar.

Vários depoimentos, dentre deles também os de Manoel e Lindomar, confirmam a chegada constante de pessoas à cidade para conhecer Canção Nova. Isso faz com que o trabalho de ambos prospere,

---

<sup>17</sup> Tomado das anotações do caderno de campo.

aparentemente, em relação com “a prosperidade” da Comunidade. No caso de Lindomar, entende-se que, como sócio, deseje de maneira direta a “prosperidade” de tal projeto. Já Manoel, por sua vez, sem nenhum vínculo direto, também é beneficiado, por isso seu desejo pode ser similar ao de Lindomar. Em decorrência disso, surge também a “parceria de trabalho” que ambos mantêm.

O elogio das pessoas da cidade com as quais conversei, tanto para com a Canção Nova quanto para com o padre Jonas, pode estar estreitamente vinculado ao reconhecimento desse projeto como algo próprio, algo deles. Canção Nova, para Cachoeira, não parece ser algo distante, “anexo ou apêndice” de uma cidade. Canção Nova é parte da cidade, recebe da cidade e “entrega” a essa cidade. A existência de tantas pousadas numa cidade tão pequena pode ser exemplo dessa troca, dessa relação, mais que simbólica entre a Cidade e a Comunidade.

Para um país e um mundo no qual a identificação pessoal é imprescindível até para os espaços de lazer, mesmo aqueles que são para crianças, entrar na Canção Nova sem identificação foi surpreendente. Não que a Comunidade não tenha seus mecanismos de controle e segurança, eles existem. No entanto, eles são sutis, apenas perceptíveis... proporcionando às pessoas da “pós-modernidade” serem elas por elas mesmas, serem seres humanos só com um nome, sem a exigência de um sobrenome, de uma carteira de identidade, de um número de sócio, de um passaporte. Uma outra realidade diferente da cotidianidade a qual estamos acostumados.

Tudo o que foi narrado até aqui se junta na escolha do lugar. Não tem nada que ver com o cotidiano de nossas cidades. Canção Nova é um lugar de natureza preservada, de paisagens admiráveis, de construções bem planejadas que não poluem o visual, de cores chamativas e ao mesmo tempo tranqüilizantes. Canção Nova é um lugar onde o velho e novo se misturam harmonicamente. Um exemplo disso pode ser o Shopping, loja na qual são vendidos os produtos do DAVI. Para quem apenas escuta falar, pode representar um prédio imponente, cheio de lojas (como estamos acostumados a ver). No entanto, esse nome, na Canção Nova, conduz a uma realidade diferente, uma loja, apenas uma loja na qual são vendidos seus próprios produtos, com a particularidade de que a compra também pode ser feita de maneira virtual.

O processo de estranhamento e familiarização, como pesquisadora, foi acontecendo no processo de trocas com esse cotidiano. Não foi em um, dois ou três dias, foi um processo contínuo, de todos os dias. Minhas primeiras repulsões foram de tanto escutar a frase “Deus a abençoe irmã”. Ao mesmo tempo, sentia repulsão de tanto ver pessoas caminhando pela

chácara com as Bíblias na mão. Isso me fazia pensar que estava num lugar “de aparências”, num lugar “de hipocrisias”. Depois, pude ver que estava equivocada; assim como em outros lugares, há outras formas de cumprimentos e saudações. Essa era a forma de se cumprimentar naquele sítio. Eles levam a Bíblia na mão, mas, muitas vezes, em qualquer canto e momento, essa Bíblia pode ser aberta e lida. Quando a forma de “cumprimento” e “a Bíblia na mão” passaram a ser familiar para mim, apareceram outras coisas que produziram estranhamento, como o fato de terem “duas missas diárias”. Ainda mais por serem as mesmas pessoas as quais participavam com a maior naturalidade e com o mesmo fervor. É uma rotina que se sustenta no pedido a Deus por um dia abençoado e o agradecimento a Deus pelo dia transcorrido. Isso tudo em Comunidade!

A família de Guilherme, com a qual tive um maior contato nos dias da pesquisa, fez com que lembrasse muito o cotidiano cubano da década de 1980. A tranqüilidade e a serenidade que passam, como pessoas e como família, podem ser reflexos de um cotidiano marcado pela própria serenidade e tranqüilidade. Um cotidiano no qual as necessidades básicas e primordiais do ser humano se encontram garantidas: casa, comida, vestimenta, trabalho, escola, lazer, saúde. Guilherme, Elizabeth e Josué tomam seu café da manhã juntos em casa, participam juntos da missa, vão para seus locais de trabalho ou estudo, encontram-se novamente no momento do almoço (almoço junto a grande família), descansam em seu lar e voltam às suas atividades de trabalho e escola até às cinco da tarde, hora na qual celebram de novo, em comunidade, antes de se retirarem para o lar novamente.

A sugestão de leitura do livro do padre Jonas feita por Elisabeth fez-me pensar na “vontade” e “necessidade” de divulgar seus produtos à venda, mas logo após, na conversação que tivemos sobre o livro e minha leitura, pude perceber que Elisabeth é uma assídua leitora, não só dos livros da Comunidade! É uma pessoa, uma mulher com casa, esposo, filho, trabalho e, “com tempo para ler”! Admirável para nossos dias!

A história contada por Lindomar manifesta uma outra realidade que a Canção Nova, sem sua intervenção direta, também propícia. Lindomar e sua família não são membros comunitários; no entanto, sua vida é muito diferente se comparada àquela que levava 10 anos antes quando morava a poucos quilômetros, em Campinas. Lindomar saiu do estresse, da violência, da insegurança etc. Agora ele tem sua casa, seu trabalho estável que proporciona uma renda fixa, que cobre suas necessidades pessoais e familiares. O que isso tem a ver com a Comunidade analisada? Nada! Essa pode ser a realidade de outras pessoas em outros lugares do Brasil onde nem sequer tenham escutado falar da Canção Nova. No entanto, no caso

de Lindomar, tem tudo a ver: primeiro porque ele acredita que essa mudança na sua vida seja pela Comunidade, à qual, de alguma maneira, se sente ligado e pertence. Lindomar associa seu sucesso e sua estabilidade à Canção Nova e a Deus. Percebi que é nessa mesma ordem: Canção Nova, da qual me falou muito e Deus que entrou como decorrência!

A sede oferece um preço bom para hospedagem e para os alimentos que oferta. Na minha experiência, comprovei que 33,00 reais por dia são suficientes para ter quarto e refeições garantidas, preço que, na realidade de hoje, é difícil de encontrar, ainda mais na realidade paulistana. Esse valor cai ainda mais se a pessoa opta por se hospedar em quartos coletivos e elaborar ela mesma suas refeições, pois nenhuma taxa extra é cobrada pelo uso da cozinha da Pousada, na qual se pode fazer uso do fogão de gás, da geladeira e de todos os utensílios necessários para a preparação dos alimentos e sua posterior degustação. A única regra é manter o lugar limpo e organizado.

O Kairós, celebrado, aproximadamente, com uma frequência quinzenal e que é alternado com os diferentes acampamentos organizados, possibilita a integração de pessoas que pertencem à comunidade cançonovista maior, sejam sócio-colaboradores ou não. O Kairós é o momento do encontro e da celebração conjunta de comunitários, sócio-colaboradores, fiéis católicos de outras comunidades e pessoas da cidade de Cachoeira. O fato de ter podido comungar, na maioria das missas das quais participei, denota que o padre Jonas e, por decorrência, os padres que oficiaram em cada uma delas não estariam cumprindo as orientações da Instituição Romana. Ou talvez pensem de maneira diferente, como fazem alguns grupos protestantes, a respeito de quem pode ou não participar desse momento. Deixando para a pessoa a escolha e as consequências que a participação desse ato possa ter.

Assim como o cotidiano da família de Guilherme e Elizabeth se encontra misturado com o cotidiano comunitário cançonovista, assim como o cotidiano da família de Lindomar, numa outra perspectiva, também se encontra misturado ao cotidiano da Comunidade, o cotidiano das famílias de Irene e Zulmira, trabalhadoras fixas, também se encontra sustentado nessa mistura. Isso ocorre em torno da cidade de Cachoeira. Num raio maior, aparece o cotidiano da Canção Nova se misturando ao cotidiano da família da Ana, da família da Neuza e de outras.

A presença do aparelho de tevê em quase todos os lugares da sede e a constante transmissão da programação da Tv Canção Nova reforça o discurso de que o objetivo principal da Comunidade é a evangelização através dos meios de comunicação. Na mesma medida, a tevê, a sua programação, vincula e relaciona, o tempo todo, cada uma das famílias,

cada um dos lares, cada uma das pessoas que a Canção Nova comporta, seja na sede, na cidade de Cachoeira, no Brasil ou no mundo.

A presença do cofrinho “Generoso” é, segundo o explicado por pessoas da sede, um “chamado” à prática da Caridade. A pessoa é “interpelada” pela caixinha para que, com as suas moedas (de troco), contribua com a obra cançonovista. De semelhante forma, existe também o depoimento de pessoas que, recortando o “Generoso” das revistas, fazem um cofrinho em casa. Uma vez que a caixinha enche, elas trocam as moedas e enviam o dinheiro como contribuição para a Comunidade. Já, para *outsiders*, o Generoso constituiria uma maneira “a mais” de arrecadar dinheiro.

Foi na conversação com Luiza que escutamos: “tudo o que acontece no mundo é pela falta de amor, pela falta de Deus”. A pesar de ser esse, de uma ou outra maneira, o discurso de muitas das igrejas da contemporaneidade, na Canção Nova pode ser tido como o discurso oficial. Essa falta de amor e esse desconhecimento de Deus foi e é o motor impulsor para cada ação da e na Canção Nova. Assim como essa afirmação/preocupação pode ser observada na fala das pessoas que trabalham na sede, também pode ser encontrada nas mensagens diárias que o próprio padre Jonas publica no site.

Conclusivamente, pode-se afirmar que o que foi até aqui explicitado faz parte dos argumentos que, na nossa investigação, aludem a esse novo jeito de ser igreja que a Canção Nova representa. Ao que parece, três elementos estariam presentes em todas as falas ou emergindo das experiências cotidianas, quais sejam: a *comunidade*, a *família* e, não com menos importância, mesmo que implicitamente na maioria dos casos e situações, a *identidade*.

### **2.1. Outras cinco histórias importantes**

#### *História 1: Canção Nova 100%*

Juscelino e Jussara são pai e mãe numa família de cinco filhos. Nascidos todos na Paraíba, e pertencentes, desde sempre, a comunidades católicas da região. Foi lá que conheceram a Canção Nova e decidiram fazer sua adesão como sócio-colaboradores. Faz uns seis anos, o casal e dois dos filhos homens, vieram morar numa cidade de Santa Catarina. Foi junto ao padre da cidade que dona Jussara criou um grupo de oração e desenvolveu seu trabalho como colaboradora da Canção Nova. A primeira coisa que dona Jussara faz quando acorda é ligar o aparelho de tevê para “assistir” a programação da Tv Canção Nova. “Assistir” não seria o verbo mais adequado para se referir ao que ela faz cotidianamente, pois Jussara, na verdade, “escuta” ao mesmo tempo em que vai fazendo as mais variadas

atividades domésticas. Não existe nenhuma outra emissora que consiga desviar essa rotina de todos os dias; também não tem pessoa que consiga, na presença da Jussara, mudar para outro canal, mesmo que seja de seu interesse. Jussara afirma ser Canção Nova 100%! Há três anos, aproximadamente, o filho menor de Jussara – depois de ter anunciado várias vezes – amanheceu enforcado numa árvore no próprio pátio. Quem conhecia a família, pensou que esse seria o final de Jussara, o final de sua devoção à Igreja, o final de sua “obsessiva adesão” à Canção Nova, mas, incrivelmente, o cotidiano dessa mulher não foi alterado. Anos depois da morte de seu filho, Jussara continua na mesma casa, continua ligando sua tevê a cada manhã para escutar e, algumas vezes, assistir a programação da Tv Canção Nova, continua fazendo parte do grupo de oração da cidade, continua sendo Canção Nova 100%... e afirma, com resoluta tranqüilidade, que Deus não dá a ninguém um fardo maior daquele que se possa carregar!

#### *História 2: Sem tempo para debate*

Estava na Bahia, participando do *I Seminário Internacional “Enfoques Feministas e o século XXI: Feminismo e Universidade na América Latina”*. Minha apresentação sobre as “Questões de gênero na Canção Nova” tinha acontecido na maior rapidez, pelo curto tempo que ofereciam para as comunicações. Curto também era o tempo para perguntas por parte das pessoas que estavam assistindo. Ao concluir a fala, uma senhora pediu a palavra e começou a chamar a atenção sobre “essas novas igrejas midiáticas que não anunciam a Jesus ou que o fazem de uma maneira errada, que só pensam em tirar dinheiro das pessoas, que manipulam e se aproveitam daqueles que participam...” Quando a senhora concluiu e se suponha que teria meu tempo para dialogar, uma jovem iniciou sua fala. Segundo sua auto apresentação, provinha de São Paulo e, ao que parece, fazia parte dessa Comunidade. A jovem chamou a atenção para a quantidade de pessoas que assistem essas celebrações e se opôs ao pensamento de que essas pessoas fossem manipuladas para participar desse tipo de evento. Fez também alusão às músicas e à liturgia seguida por essas comunidades, dos temas que trabalham com a juventude, dos encontros que propiciam e até dos produtos que vendem, sempre em correspondência com as cores e os estilos que os jovens gostam... O depoimento de ambas não deixou espaço para mais ninguém se manifestar! Ou, de repente, ninguém falou porque a opinião da sala estava muito polarizada!

#### *História 3: Hoje minha vida é outra*

Alexa, uma das secretárias da Escola Superior de Teologia, ao saber da minha pesquisa, contou-me que a sua mãe – Carolina – era sócio-colaboradora da Canção Nova. Tratando-se de uma sócio-colaboradora na

cidade de São Leopoldo, pedi para, se possível, conhecê-la. Na visita à casa de dona Carolina, soube que, mesmo sendo de uma família de tradição católica e se definindo como católica, ela não pertencia oficialmente a nenhuma comunidade e só em poucas ocasiões participava das missas na cidade. Carolina, aposentada, passava os dias sozinha em casa. Foi ao instalar uma parabólica que conheceu a existência da Tv Canção Nova, começou a assistir com regularidade e, em pouco tempo, acabou filiando-se. Agora contribui mensalmente e sonha com o dia em que poderá visitar a sede, conhecer o padre Jonas pessoalmente, conhecer Luzia, Dunga. Enquanto esse dia não chega, compra Cds e livros da Comunidade, sente-se parte da Família Cançonovista e diz alegremente que hoje sua vida é outra!

#### *História 4: Apreciações de um padre! tradicional?!*

Ronaldo, consagrado para ser padre católico desde o ventre de sua mãe, estudou e foi ordenado sacerdote no estado de Rio Grande do Sul. Por uma dessas “casualidades” da vida (ou será a providência!?), o conheci num almoço do qual participávamos convidados por uma amiga comum. Ao conversar sobre os estudos e os temas de pesquisa, Ronaldo ficou de “cabelo em pé” ao saber que o padre Jonas estava sendo “motivo de pesquisa” e, pior ainda, que a pesquisa não tinha intenção de fazer oposição à proposta do padre, mas sim de conhecer melhor esse fenômeno religioso. Padre Ronaldo, primeiramente, criticou, de forma veemente, o padre Jonas, chamando-o de oportunista, charlatão e indisciplinado. Logo após, aclarou que, na sua diocese, ninguém aprova o trabalho que o padre Jonas faz. No entanto, o padre Ronaldo mostrou-se aberto para conhecer o andamento da investigação; de maneira especial, seu interesse voltava-se sobre as constatações da visita à sede da Canção Nova. Conteí uma boa parte do que escutei e observei na pesquisa de campo... O padre ficou pensativo e fez mais e mais perguntas... Hoje, o padre Ronaldo mudou seu tema de pesquisa e se interessa por demonstrar a necessidade de uma renovação litúrgica na Igreja Católica, especialmente na hinologia e nos cantos de louvor!

#### *História 5: A sócia que nunca contribuiu*

Fiz minha inscrição como sócio-colaboradora em outubro de 2004. Nos dados solicitados para a inscrição não pediam se era ou não membro de alguma igreja ou se tinha ou não alguma outra crença religiosa. Foi fácil demais! No mês seguinte, eu já estava recebendo a revista mensal e, mesmo sem fazer nenhum pagamento da mensalidade, estive recebendo a revista nos próximos 10 meses. Passado esse tempo, a revista nunca mais chegou, mas Canção Nova não deixou de estabelecer contato pelo correio eletrônico, mandando desde notícias consideradas por eles como

importantes até mensagens de felicitação pelo dia da mulher, dia das mães e outros. Até hoje nunca reclamaram minha contribuição. No mês de março de 2008, fiz uma ligação para a Comunidade querendo saber se o número de sócia que aparecia nos boletos de pagamento, que chegaram junto com as revistas no ano de 2004, ainda seria o mesmo ou se, para contribuir, teria que fazer o cadastro novamente. Para minha admiração, ainda tenho o mesmo número sem nunca ter contribuído. Sou sócia!

Essas cinco histórias representam também, de alguma maneira, o que é e o que faz Canção Nova. As leituras e interpretações sobre elas poderiam ser múltiplas. No caso de Jussara, por exemplo, o que para algumas pessoas poderia ser “extrema devoção” para outras poderia indicar “extremo fanatismo”. No entanto, a intenção ao descrevê-las é precisamente ampliar o universo cançonovista para a análise, demonstrando a pluralidade e a amplitude que esse fenômeno possui.

Ao mesmo tempo em que parece “sustentar” uma pessoa enlutada ou “levar ao luto uma pessoa com sustento”, Canção Nova é capaz de cativar a juventude, de dar um sentido na vida de uma pessoa aposentada e incorporá-la em uma proposta comunitária mesmo que esteja a centenas de quilômetros, de incitar pessoas à reflexão e encorajar reformas, de manter entre os números ostentados uma sócio-colaboradora que nunca fez sua contribuição e estabelecer contatos periódicos com ela. Essa é Canção Nova. Essa é uma parte da realidade desse fenômeno religioso contemporâneo.

## ***2.2. Igreja com novo jeito***

A catalogação “Novo Jeito de ser Igreja”, na nossa tese, embasa-se nos novos jeitos de comunidades, nos novos jeitos de famílias e nos novos jeitos de identidades que convivem na Comunidade Canção Nova e que emergiram da pesquisa, principalmente, do cotidiano. Fundamentais para esta constatação foram as observações e conversações estabelecidas na pesquisa de campo.

Como temos visto, Canção Nova, sem deixar de ser parte do catolicismo romano, estabelece uma forma diferente de discurso, de celebração, de evangelização. Canção Nova é católica romana, é carismática católica, mas, independente dessas catalogações, está o “ser Canção Nova”. Como fenômeno carismático midiático da contemporaneidade, Canção Nova tem seu próprio jeito de fazer, de pregar, de congregar, de consolar, de conviver, de re-criar os carismas e de crescer. Alguns o acham certo, outros o compreendem como errado, mas, apesar dessas avaliações, a Comunidade consegue imprimir “seu próprio jeito”.

Na sede da Canção Nova, vivencia-se um cotidiano diferente de outras comunidades de vida brasileiras, diferentes de outras comunidades eclesiais, sejam católicas ou protestantes. Canção Nova consegue ser, ao mesmo tempo, Igreja, mídia, lar, escola, hospital, sustento material e espiritual. Ao evangelizar fazendo uso dos meios de comunicação – e mais que “fazendo uso” colocar esses meios à disposição de membros, sócios ou outras pessoas –, cria uma rede de interatividade muito densa e rica na qual as distâncias, o tempo e a própria tarefa evangelizadora ganham uma outra dimensão.

“Ser Canção Nova... meu marido é Canção Nova... ela é Canção Nova...”, o que representa tudo isso? Representa uma realidade que não pode nem deve ser esquecida. Representa pessoas apostando, acreditando, confiando, trabalhando. Representa um padre, uma Comunidade, uma família que, por mais de trinta anos, constrói a sua maneira e, segundo eles, com muita fé, um outro jeito de ser Igreja.

A senhora “x”, dona Ana e o Zé, dentre outros, com suas marcadas diferenças estavam unidos em e por aquele lugar cançãoovista. Para eles, a sede da Comunidade é um sítio sagrado sob diversos pontos de vista. É o lugar da felicidade, da família, da benção. “Ouro” e “cadeira plástica” ganham igual significado para a senhora “x”, que faz da Canção Nova o mais importante na sua vida. Dona Ana dirige de longe para pagar promessa e sentir-se em família. O Zé reza para “o papai do céu”, preocupado com os que precisam do Kairós e que vão viajar para “pegar benção”.

Vivemos num tempo de grandes e velozes transformações, citando Muniz Sodré<sup>18</sup>. Alguns denominam de “modernidade” o tempo presente; outros optam por denominá-lo de “pós-modernidade”; cada um com seus argumentos<sup>19</sup>. A nosso modo de ver e independentemente de como se denomine, há grandes mudanças acontecendo em todos os níveis; as “receitas antigas”, as grandes linhas teóricas – que por um tempo acompanharam e guiaram nossa pesquisa e reflexão – se mostram ineficientes para uma leitura atual, e muito menos “global”, da contemporaneidade. As histórias da senhora “x”, de dona Ana e do Zé podem pôr em xeque as “certezas” de que nesta contemporaneidade reina o individualismo, a falta do sagrado e a entrega “com paixão” a uma “causa

---

<sup>18</sup> Cf. SODRÉ, 2002, p. 9.

<sup>19</sup> Para conhecer mais desses posicionamentos, cf. ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. “*Para entender pós-modernidade*”. Sinodal: São Leopoldo, 2007.

comum”. A Comunidade Canção Nova parece caminhar na contramão das “certezas” epistemológicas dessa natureza. Olhemos o porquê.

### 3. Novos Jeitos de Comunidade

#### 3.1. Sobre o conceito e outras apreciações...

Robert Nisbet afirma que

O conceito mais fundamental e de mais largo alcance dentre as ideias-elementos da sociologia é o de comunidade. Não há dúvida de que a redescoberta da comunidade constitui o fato mais notável na evolução do pensamento sociológico do século XIX. Assistimos [nesse século] ao definhamento do contrato diante da redescoberta do simbolismo da comunidade. (...) a comunidade forma o elemento denotativo da legitimidade em associações tão variadas como o Estado, a Igreja, o sindicato, o movimento revolucionário, a profissão e a cooperativa. (...) A comunidade é a fusão do sentimento e do pensamento, da tradição e da ligação intencional, da participação e da volição.<sup>20</sup>

Uma outra explanação sobre o conceito Comunidade pode ser encontrada no Dicionário de Sociologia elaborado por Allan Johnson quando afirma que

é um termo com numerosos significados, tanto sociológicos como não-sociológicos. A comunidade pode ser um grupo de indivíduos que têm algo em comum – como em “comunidade hispânica” –, sem necessariamente viver em um dado lugar. Pode ser um senso de ligação com outras pessoas, de integração e identificação, como em “espírito de comunidade” ou “senso de comunidade”. E também um grupo de pessoas que realizam tipos de trabalhos relacionados entre si, como em “a comunidade da saúde” ou “a comunidade acadêmica”. E, talvez em seu sentido mais comum e concreto, pode ser um conjunto de pessoas que compartilham de um território geográfico e de algum grau de interdependência que proporcionam a razão para viverem na mesma área.<sup>21</sup>

Zygmunt Bauman, com relação à Comunidade, afirma: “a palavra comunidade sugere uma coisa boa (...) é bom ter uma comunidade, estar numa comunidade (...) a comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar

---

<sup>20</sup> NISBET, Robert. Comunidade e Sociedade. In: MENCARINI FORACCHI, Marialice; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade: Leituras de Introdução à Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1977. p. 255.

<sup>21</sup> JOHNSON, 1997, p. 45.

confortável e aconchegante (...) na comunidade podemos relaxar”<sup>22</sup>. O autor também aponta que a comunidade é o tipo de mundo que não está a nosso alcance; não obstante, é aquele no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir. Viver sem comunidade representa não ter proteção. Uma vez alcançada a comunidade perde-se, então, a liberdade. De maneira que, segundo o autor, comunidade e liberdade não se podem ter ao mesmo tempo. Nenhuma receita foi inventada até os dias atuais que contemple o equilíbrio entre comunidade e liberdade, assevera Bauman. Não podemos ter as duas ao mesmo tempo e nem na quantidade que quisermos; no entanto, isso não seria motivo para deixar de tentar<sup>23</sup>.

Se, por um lado, a Comunidade é descrita como fusão, elemento denotativo nas mais variadas associações, grupo de indivíduos com algo em comum, senso de ligação, pessoas que compartilham um território geográfico, por outro, ela é apresentada, segundo Bauman, como uma grande ilusão, quase que uma utopia. Comunidade, para Bauman, seria aquilo que anelamos e lutamos para alcançar, mas uma vez alcançada estar-se-ia perdendo alguma outra coisa, nada mais e nada menos que a própria liberdade. O autor ainda expressa:

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos.<sup>24</sup>

Dessa forma, para Bauman, a Comunidade estaria ainda por ser criada! Aquilo que existe e tem sido nomeado de Comunidade poderia “se acercar” ao “anelo”, mas não o completaria na sua totalidade. Bauman explica que hoje as condições de vida e o modo como são estabelecidas as relações não favoreceriam facilmente o desenvolvimento de comunidades, muito menos comunidades duradouras.

Os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão. Não se somam, não se acumulam numa “causa comum”, não tem endereço específico, e muito menos óbvio. Isso priva as posições de solidariedade de seu status antigo de táticas racionais e sugere uma estratégia de vida muito diferente (...). Ao contrário dos tempos de dependência mútua de longo prazo, não há

---

<sup>22</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 58.

<sup>23</sup> Cf. BAUMAN, 2003, p. 5-11.

<sup>24</sup> BAUMAN, 2003, p. 134.

quase estímulo para um interesse agudo, sério e crítico por conhecer os empreendimentos comuns e os arranjos a eles relacionados, que de qualquer forma seriam transitórios.<sup>25</sup>

Cecília Mariz, que estudou sobre *Comunidades de aliança e de vida no Espírito Santo*, no território brasileiro, parece apontar para uma outra vertente entorno da experiência comunitária. Partindo das pesquisas realizadas nesses agrupamentos contemporâneos, a autora explica que se trata de um fenômeno recente, registrado pelos pesquisadores apenas a partir do final da década de 1990 e nos anos de 2000, e que tem impressionado e surpreendido tanto com seu surgimento quanto com seu crescimento. Ressalta a participação da juventude na criação e manutenção dessas comunidades. Alude, também, ao fato de que, para as pessoas entrevistadas por ela, não há hierarquia espiritual que defina a superioridade da opção de participar da “comunidade de vida” em relação à “Comunidade de aliança”; no entanto, ao entrevistar pessoas da “comunidade de aliança”, a autora afirma que pôde corroborar a admiração especial que sentem pelos que optam pela vida consagrada<sup>26</sup>. Partindo do que foi expressado, poder-se-ia asseverar que esse tipo de Comunidade constitui um “ensaio” da Comunidade “utópica” explicitada por Bauman?

Mariz, fazendo alusão a programas da Rede Vida, descreve a existência de um outro tipo de Comunidade que ela denomina como “quase-comunidade-mediada”<sup>27</sup>. Para a autora, tal experiência seria a “construção de uma comunidade” que estaria sustentada pela intimidade com que os apresentadores se dirigem aos telespectadores, pelos convites que eles dirigem para que mandem suas cartas, pelos pedidos para que telefonem ou mesmo para que participem ao vivo de programas e, por suposto, o retorno que deles recebem. Quiçá, essa “quase-comunidade-mediada” de Mariz seja no mesmo estilo ou tenha tudo a ver com aquelas nomeadas por Eliane Gouveia como “comunidade eletrônica de consolo”<sup>28</sup>.

Resumindo, na contemporaneidade, mesmo que não exista a Comunidade de Bauman na qual segurança e liberdade andem de mãos dadas, há sim outros modelos sendo praticados e que pelo seu

---

<sup>25</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 170s.

<sup>26</sup> Cf. MARIZ, Cecília Loreto. *Comunidades de Vida no Espírito Santo, juventude e religião*. Tempo Social. Sociologia. São Paulo: USP, 17(2), novembro de 2005-a. p. 253.

<sup>27</sup> MARIZ, Cecília Loreto. A “Rede Vida”: O catolicismo na TV. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. No 7 (2), edição semestral. Rio de Janeiro, 1998. p. 51.

<sup>28</sup> Cf. GOUVEA, Eliane Hojaij. *Comunidades eletrônicas de consolo*. *Ciências Sociais e Religião*. Ano I, n 1, Porto Alegre, set. 1999. p. 115-129.

comportamento e desenvolvimento merecem toda atenção. A seguir, tentaremos desvendar e analisar como se constrói comunidade no cotidiano cançãoovista.

### **3.2. Comunidade Canção Nova**

Achamos que a Comunidade Canção Nova comporta “esse intento” do qual Bauman fala e mais, pois, com o pesquisado, podemos asseverar que, “nesse intento”, ela tem se saído muito bem. Quando escutamos falar Comunidade Canção Nova não percebemos que, no singular, a terminologia contempla um caudaloso plural. Canção Nova está conformada por vários tipos e jeitos de viver em comunidade. Dentre delas, poderiam ser apontadas categoricamente: a Comunidade de vida, a Comunidade de aliança e a Comunidade Virtual. Observemos o porquê dessa afirmação.

- *Comunidade de vida*: É integrada pelas pessoas membro que passaram pelo longo período de seleção e que nela convivem sob regras estabelecidas, mas não fixas. Pessoas que sentem “um chamado” e optam por entregar sua vida a um serviço e causa comum, a saber: Evangelizar através dos meios de comunicação. Elas teriam a garantia de ter cobertas necessidades básicas dentre as quais: habitação, saúde, alimentação, segurança, trabalho etc. No entanto, vale destacar que as primeiras pessoas que aderiram, as que iniciaram o projeto, não contavam com essas garantias tão explícitas e mesmo assim abraçaram a proposta comunitária. Esse modelo de comunidade, aparentemente, representa o que foi apontado por Bauman quando diz que se ganha em proteção, mas se perde em liberdade (ainda que essa liberdade, ganhada ou perdida, a nosso modo de ver, possa ser muito discutida).
- *Comunidade de Aliança*: É integrada pelas pessoas que têm feito sua inscrição para “sócio” da Comunidade Canção Nova. Mesmo sem participar dos eventos na sede ou nas casas de missão que integrariam mais “o sócio” à “Comunidade”, a pessoa pode experimentar seu pertencimento de varias maneiras: a) pelo fato de receber uma revista mensal com informações da comunidade; b) pela sua contribuição e o retorno que recebe da aplicação do dinheiro; c) pelas mensagens que recebe, via correio eletrônico, em datas comemorativas (dia da mulher, dia das mães, dia dos pais etc.) e outras que alertam para o início ou fechamento de questões como “declaração de Imposto de Renda”. Esses sócio-colaboradores ajudam a manter, com suas contribuições, a Comunidade de vida e os projetos que ela realiza. Ainda que, no caso da Canção Nova, essa não seja a única entrada de

recursos – e a Comunidade de vida procure através dos trabalhos que realiza sua auto-sustentação – constitui, sim, uma soma nada desprezível.

- *Comunidade Virtual*: É integrada por pessoas de qualquer país que podem ser ou não membros ou sócios da Comunidade Canção Nova, que podem ser ou não católicos romanos, que podem ser ou não católicos carismáticos. Permite a interação e discussão sobre diferentes temas através do *Chat*. Tem diversos grupos de oração que estimulam e fazem correntes de oração segundo pedidos dos participantes. A Comunidade é acompanhada virtualmente, desde a sede, por profissionais que desempenham a função de estimular a participação das pessoas uma vez inscritas.

A essas comunidades “mais visíveis”, poderíamos agregar muitas outras e não com menos importância. Como exemplo temos aquelas que se formam ao redor das diferentes casas de missão, tanto no Brasil quanto no exterior, cada uma com sua especificidade, mas compartilhando em comum a atenção aos estrangeiros. O sociólogo Otto Maduro afirma que “as organizações religiosas representam, para muitos imigrantes, a primeira e única esperança de comunidade, depois de ter abandonado ou perdido a que conheciam em seu país de origem”<sup>29</sup>. Manuel Vasquez e Lúcia Ribeiro, em sua pesquisa sobre imigrantes brasileiros em Broward e na Florida, aludem a quatro funções importantes que as organizações religiosas estariam desempenhando.

- 1) Redes de auto-ajuda que oferecem uma variada gama de recursos, que vão desde a disponibilidade de contacto e informação até a ajuda material, 2) Um espaço social de lazer e de apoio emocional, 3) Um espaço para a re-afirmação coletiva da identidade nacional, 4) Marcos interpretativos para viver o processo de migração e para elevar sua auto-estima, na sua relação com o sagrado.<sup>30</sup>

Pelo fato de abraçar essas tarefas e desenvolver um ministério similar, Canção Nova consegue “criar comunidade” nas suas casas de missão. Vale destacar que a casa de missão de Fátima já tem mais de 10 anos de fundação e tem sido ponte que permite estreita relação entre o

---

<sup>29</sup> MADURO, Otto. Notas sobre pentecostalismo y poder entre inmigrantes latinoamericanos en la ciudad de Newark. In: *XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*. Porto Alegre. 27-30 de set. de 2005. p. 8.

<sup>30</sup> VASQUEZ, Manuel A.; RIBEIRO, Lúcia. “A Igreja é como a casa da minha mãe”: Religião e espaço vivido entre brasileiros no condado de Broward. *Ciências Sociais e Religião*. Ano 9, No 9, Setembro de 2007.

trabalho desenvolvido por comunidades da Canção Nova do Brasil e de Portugal.

Encontram-se, também, comportando o universo comunitário cançonovista, aquelas comunidades que estariam sendo constituídas pelas pessoas que não vivem na sede, mas que trabalham diariamente nela e são moradores de Cachoeira Paulista. Essas seriam as “comunidades de trabalhadores” que não possuem um sindicato, mas contam com mecanismos de proteção ao trabalhador segundo as leis trabalhistas brasileiras. Além do mais, o fato de trabalhar na sede lhes oferece, como “comunidade trabalhista”, acesso a usufruírem outros espaços como: creche, escola, posto médico, alimentos da horta etc.

Ainda poderiam ser contabilizadas as comunidades que se formam por setores de trabalho dentro da sede, principalmente rádio, tevê e site. Esses espaços funcionam 24 horas por dia, nos quais sempre podem ser encontradas pessoas trabalhando. São espaços que, por suas características, permitem a vivência comunitária e, ao mesmo tempo, favorecem o intercâmbio das pessoas membros com aquelas que possuem vínculo empregatício e moram na cidade.

Assim, no cotidiano, convivem diversas comunidades com diferentes particularidades e propostas, mas todas se encontram interligadas de alguma forma, todas são Canção Nova! Canção Nova representa um “Novo Jeito de Ser Igreja” em função da dinâmica com que constrói e recria comunidades. O sentido comunitário é reforçado pelo chamado constante para formar “comunidade” e para fazer parte da “família”, a família da Canção Nova. Estaríamos mesmo na presença do que se poderia catalogar como uma família? Que argumentos sustentariam tal afirmação?

#### **4. Novos Jeitos de Família**

##### ***4.1. Sobre o conceito e outras apreciações...***

Novamente nos apoiamos em Johnson para apreender o conceito; desta vez trata-se de Família. Ele argumenta que,

Como instituição social, a família é definida pelas funções sociais que se espera que ela cumpra: reproduzir e socializar os jovens, regular o comportamento social, agir como grande centro de trabalho produtivo, proteger os filhos e proporcionar apoio emocional aos adultos, servindo como origem de *status atribuído*, como etnicidade e raça. Embora a forma das instituições familiares varie muito de uma sociedade ou período histórico a outros, as funções básicas da família parecem ser razoavelmente constantes e quase universais. Há

uma diferença entre a família instituição e as famílias individuais existentes em qualquer dado tempo na sociedade. Como instituição é um modelo abstrato que descreve a sua organização e atividades, (...) Como sistemas sociais, individuais, as famílias variam em suas características estruturais, o que, por seu lado, acarreta grandes variações na vida familiar. [dentre delas temos] a família nuclear, (...) a família composta ou mista, (...) a família de pais solteiros, (...) a família divorciada, (...) família extensa.<sup>31</sup>

Anthony Giddens, por sua vez, ao conceituar Família, indica que

é um grupo de indivíduos vinculados por laços de sangue, matrimônio ou adoção, que formam uma unidade econômica, cujos membros adultos são responsáveis pela criação das crianças. Em todas as sociedades conhecidas, há alguma forma de sistema familiar, mesmo que a natureza das relações familiares varie consideravelmente. Embora que, nas sociedades modernas, a principal estrutura desse tipo seja a família nuclear, amiúde se dá uma grande variedade de relações de famílias extensas.<sup>32</sup>

Aos dois conceitos anteriores, poder-se-ia somar o de Pierre Babin que é construído desde uma posição mais religiosa. Segundo ele, “a família é o berço, a matriz onde nasce a via simbólica na educação religiosa. Para os cristãos ela é o primeiro e mais poderoso despertador da fé. Ela é esta célula comunitária onde a criança pode ouvir pela primeira vez a mensagem de Jesus e o apelo a seu reino”<sup>33</sup>. Babin também explica que nascimento, maternidade, casamento e morte – ritos de passagem – são os grandes momentos que afetam a família em suas relações entre as diferentes gerações<sup>34</sup>. O autor também parece outorgar poder em demasia à família quando deposita sobre ela, no final da década de 1980, a seguinte capacidade e responsabilidade:

Em nossos dias, uma realidade que rivaliza com a família para suscitar novas imagens que afetem as relações mútuas e transformem radicalmente o ambiente da maior parte dos lares, é o audiovisual. (...) As famílias podem influenciar as mídias encorajando seus filhos a procurar uma carreira da televisão. Definitivamente, é a qualidade do pessoal de produção da televisão que garante melhor a influência positiva que ela pode ter (...) é tarefa da família equilibrar as imagens da televisão.<sup>35</sup>

---

<sup>31</sup> JOHNSON, 1997, p. 107s.

<sup>32</sup> GIDDENS, Anthony. *Sociología*. Madrid: Alianza Editorial SA, 2001. p. 735.

<sup>33</sup> BABIN, 1989, p. 203.

<sup>34</sup> Cf. BABIN, 1989, p. 208.

<sup>35</sup> BABIN, 1989, p. 221.

Dessa forma, poder-se-ia dizer que o termo Família denota uma realidade muito complexa, que se mostra cambiante segundo a cultura da sociedade à qual pertence, mas muito similar com relação à necessidade que os seres humanos sentem de fazer parte de alguma delas. Como expressa Valburga Streck, “a família é um fenômeno universal, mas que de época em épocas assume formas diferentes de relacionamento”<sup>36</sup>. A família na atualidade passa por uma série de mudanças que alguns chegam a denominar de crise; no entanto, ela, a semelhança de outras instituições sociais, vai cambiando, se modificando, no intuito de encontrar seu lugar no novo arranjo social.

Bauman, para caracterizar esse novo arranjo social, fala de modernidade líquida, vida líquida, amor líquido, tempos líquidos. Sobre a época recente, ele afirma que

Viver numa multidão de valores, normas e estilos de vida em competição, sem uma garantia firme e confiável de estarmos certos, é perigoso e cobra um alto preço psicológico. Não surpreende que a atração (...) de fugir da escolha responsável, ganhe força. Como diz Julia Kristeva (em Nações sem nacionalismo), “é rara a pessoa que não invoca uma proteção primal para compensar a desordem pessoal”. E todos nós, em alguma medida maior ou menor, às vezes mais e às vezes menos, nos encontramos em Estado de “desordem pessoal”. Vez por outra, sonhamos com “uma grande simplificação”; sem aviso, nos envolvemos em fantasias regressivas cuja principal inspiração são o útero materno e o lar protegido por muros. A busca de um abrigo primal é o “outro” da responsabilidade, exatamente como o desvio e a rebelião eram o “outro” da conformidade. O anseio por um abrigo primal veio hoje a substituir a rebelião, que deixou de ser uma opção razoável.<sup>37</sup>

Nessa realidade, nesse cotidiano, é que se “formam”, “conformam” ou “deformam” as famílias na contemporaneidade. Nas palavras do próprio autor,

Pode-se dizer que esse movimento ecoa a passagem do casamento para o “viver junto”, com todas as atitudes disso decorrente e conseqüências estratégicas, incluindo a suposição da transitoriedade

---

<sup>36</sup> STRECK, Valburga Schmiedt. *Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 23. Para uma maior informação e compreensão em relação às diferentes teorias sobre família, diferentes definições de família e diferentes formas de organização familiar, confira as páginas 20-33. Para uma leitura maior e mais completa sobre o tema família, cf. também STRECK, Valburga Schmiedt; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

<sup>37</sup> BAUMAN, 2001, p. 243s.

da coabitação e da possibilidade de que a associação seja rompida a qualquer momento e por qualquer razão, uma vez desaparecida a necessidade ou o desejo.<sup>38</sup>

Também, Maíra Baumgarten, com relação ao novo arranjo social, assinala que

O indivíduo passa a não ter preocupação alguma com a solidariedade, entrando num processo de descompromisso com o outro, na mesma medida em que cresce seu impulso individual para a busca de prazer e de satisfação de desejos egoísticos. É esse indivíduo sem laços (pois mesmo os laços familiares se atenuam fortemente) que é atraído pela religião. (...) Em uma realidade pós-moderna, a família – antiga *célula mater* da modernidade, enquanto fonte privilegiada de transmissão de valores como trabalho, disciplina, honestidade – debilita-se.<sup>39</sup>

Embora o expressado pela autora constitua quase que uma constante para quem pesquisa sobre o tema, tem quem enxergue a situação de uma outra maneira. Nesse sentido, Erhard Gerstenberger escreve:

a família, por via de regra, ainda tem importantes funções de nutrição física e espiritual, porque a sociedade em geral muitas vezes se mostra desinteressada no destino da pessoa individual. Revela-se fria e estéril quanto aos desejos básicos das pessoas por carinho, atenção, compreensão, conforto. As muitas tentativas feitas na sociedade moderna de criar núcleos de ajuda mútua e de bem-estar humano, grupos de pessoas aflitas e perseguidas, que poderiam providenciar calor humano são bem importantes, mas não conseguiram substituir completamente a família.<sup>40</sup>

Segundo essa afirmação, os diferentes grupos formados como alternativa à função social familiar, de certa forma, tem fracassado no seu empenho. No entanto, essa constatação também seria aplicável a outras experiências como as das Comunidades de Vida?

Mariz tem ressaltado, nos escritos recentes, que as Comunidades de Vida poderiam estar oferecendo alternativas às pessoas que, por uma ou outra razão se sentem impossibilitadas de participar de uma família ou àqueles que estejam insatisfeitas com o modelo conjugal existente. Ao

---

<sup>38</sup> BAUMAN, 2001, p. 171.

<sup>39</sup> BAUMGARTEN, Maíra. Pós-modernidade e sociologia: Notas para debate. In: LAMPERT, Ernâni (org.). *Pós-modernidade e conhecimento: Educação, sociedade, ambiente e comportamento humano*. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 87.

<sup>40</sup> GERSTENBERGER, Erhard S. Casa e casamento no antigo testamento. *Estudos Teológicos*, Ano 42 (1), 2002. p. 87.

mesmo tempo, a autora reconhece que há, nessas comunidades e no discurso dos movimentos de Renovação Carismática, um discurso fortemente em prol da família, crítico em relação à sociedade contemporânea, principalmente, com relação à moralidade sexual e com relação aos valores familiares que julgam em extinção<sup>41</sup>. Analisemos a seguir o lugar e o destaque que a família detêm na Canção Nova.

#### **4.2. Família Canção Nova**

Na Canção Nova o termo família<sup>42</sup> mesmo que recente, se tomamos em conta a data de fundação da comunidade, está sendo muito utilizado. A Comunidade Canção Nova apela, no seu discurso, à “família tradicional” como modelo do que é “certo” e “agradável aos olhos de Deus”. Isso reforça e denota os laços com a igreja-instituição da qual forma parte. No entanto, é do cotidiano da Comunidade de onde emergem outras questões que podem ser apreciadas com relação a este conceito.

A família Comunidade Canção Nova está composta pela Comunidade de Vida na sede que, por sua vez, é composta por mulheres solteiras, homens solteiros, celibatárias, celibatários, mas também por núcleos familiares de casais com filhos ou não. Como membros, eles constituem uma família com a qual têm tido uma experiência de convivência temporária antes de passar a uma convivência “definitiva”, uma família a qual se integraram por opção. Essas pessoas que passam a formar parte da família de membros da Canção Nova não perdem os vínculos familiares com suas famílias de origem, mesmo que estas morem em lugares distantes<sup>43</sup>.

Uma outra família é formada pelas pessoas que vivem nas casas de missão e compartilham um teto comum. Somada a essa família, em certa medida, encontram-se as pessoas que participam como sócios dessas missões, principalmente das casas no exterior. Como já vimos, a atenção e proteção aos migrantes é o alvo do trabalho que realizam. São,

---

<sup>41</sup> Cf. MARIZ, 2005-b, p. 2-8. Para ampliar essa afirmação, cf. OLIVEIRA, Eliane Martins. *O novo canto da Canção Nova*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

<sup>42</sup> Família é uma terminologia fortemente utilizada para fazer referência à Comunidade Canção Nova, principalmente por parte de membros e dirigentes. Frases como: “o associado é considerado membro da grande Família Canção Nova”, “que linda é a nossa família”, “faça parte desta família”, “hoje somos uma grande família” e “somos uma família solidária” aparecem com regularidade no discurso dos diferentes meios de comunicação da Canção Nova. No entanto, constatamos que é uma terminologia de uso recente. Na literatura mais antiga da Comunidade, ela não aparece; é a partir do ano 2000 que começa a ser utilizada com maior frequência.

<sup>43</sup> Esse é o caso de Luiza e sua irmã com quem conversamos durante a pesquisa de campo.

principalmente, as pessoas que migram aquelas que mais necessitam de “uma nova família”, como declarou Otto Maduro. Canção Nova não só proporciona atendimento no lugar que lhes acolhe, senão que mantém, com múltiplas atividades e de variadas formas, a presença do país que, por uma ou outra razão, têm abandonado; um exemplo importante é o próprio uso do português para a comunicação.

Diferentemente das famílias modernas, nas quais fatores sócio-político-econômicos e de outras índoles tendem a fragmentá-la, a família Canção Nova apresenta-se como um modelo distinto e coeso (desde o ângulo que seja avaliado). Para as pessoas membros, o fato de passar a formar parte da família/comunidade de vida significa ter uma educação/profissão, ter trabalho, ter casa, ter lazer, ter segurança, ter bom atendimento médico, ter coberta suas necessidades básicas etc. De maneira que “a fuga do mundo” que alguns pesquisadores assinalam ao se referirem a este tipo de família, pode ser também um “meio de sobrevivência no mundo”<sup>44</sup>. Especificamente, no caso da Comunidade Canção Nova que não é uma comunidade fechada, essa “fuga do mundo” estaria ainda mais descontextualizada.

Embora que, como afirma Antônio Flávio Pierucci, Weber assinala que a religião congregacional se caracteriza pelo rompimento de todos os laços familiares<sup>45</sup>, embora que, como constata Mariz, “a entrada de filhos numa dessas comunidades também significa o abandono de um projeto de ascensão social acalentado pelos pais e até por avós, que se realizaria na geração a seguir”<sup>46</sup>, no caso da Comunidade Canção Nova, por suas características de não estar totalmente ilhada e pelo projeto que tem desenvolvido, esse não parece ter sido um problema; pelo menos isso não apareceu na literatura pesquisada, nem nas observações e conversas da pesquisa de campo.

Canção Nova representa um novo jeito de ser igreja em função da forma com que fomenta e vivencia o convívio familiar. Melhor ainda, Canção Nova “forma, das congregações, famílias”. Os grupos de orações e as congregações de socio-colaboradores que se encontram geograficamente distantes e que quiçá nunca poderão se encontrar fazem parte, por adesão, comunhão e oração, da mesma “família cançãonovista”. De similar maneira, a mensagem transmitida pela Comunidade vai não só

---

<sup>44</sup> Cf. MARIZ, 2005-b. p. 17.

<sup>45</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciências Sociais e Religião: A religião como ruptura. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs). *As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 30.

<sup>46</sup> MARIZ, 2005-b, p. 12.

para membros de uma determinada região do Brasil ou do exterior, mas para todos e todas por igual; isso “equipara” as famílias; isso, quiçá, forma uma identidade que diluí as fronteiras e produz relações interpessoais muito mais sadias<sup>47</sup>.

## 5. Novos Jeitos de Identidade

### 5.1. Sobre o conceito e outras apreciações...

Segundo Johnson, a Identidade

Ou *self*, desde uma perspectiva sociológica, é um conjunto relativamente estável de percepções sobre quem somos em relação a nós mesmos, aos outros e aos sistemas sociais. O *self* é organizado em torno de um *autoconceito*, ou seja, as ideias e sentimentos que temos sobre nós mesmos. (...) Em um nível mais estrutural, o *self* baseia-se também em ideias culturais sobre os status sociais que ocupamos. (...) Este componente do *autoconceito*, que se baseia nos status sociais ocupados pelo indivíduo, é conhecido como *identidade social*. (...) o *self* é socialmente “construído”, no sentido de ser moldado através de interação com outras pessoas e por utilizar materiais sociais sob a forma de imagens e ideias culturais. (...) é claro, o indivíduo não é um participante passivo desse processo, e pode exercer uma influência muito forte sobre a maneira como o processo e suas conseqüências se desenvolvem.<sup>48</sup>

Por sua vez, Giddens vai definir identidade como:

Características que diferenciam o caráter de uma pessoa ou de um grupo. Tanto a identidade individual quanto a de um grupo procedem, principalmente, dos marcadores sociais. Assim o nome é um importante marcador da identidade individual e constitui um elemento crucial da individualidade da pessoa. O nome também é importante para a identidade dos grupos. Por exemplo, a identidade nacional se encontra determinada por ser inglês, francês.<sup>49</sup>

Na teoria social, a questão da *identidade* está sendo hoje amplamente discutida. O argumento para esse fato é explicitado da seguinte maneira por Stuart Hall:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito

---

<sup>47</sup> Cf. NÚÑEZ DE LA PAZ, 2005, p. 149s.

<sup>48</sup> JOHNSON, 1997, p. 204.

<sup>49</sup> GIDDENS, 2001, p. 735.

unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.<sup>50</sup>

Hall afirma que as concepções de identidade vêm sendo transformadas ao longo do processo histórico. Desde o “sujeito do Iluminismo” – entendido como totalmente unificado a partir de seu nascimento, dotado das capacidades de razão, consciência e ação – passando pela ideia mais recente do “sujeito sociológico” – que se forma nas relações com outras pessoas que medeiam seus valores, sentidos e símbolos expressos em uma cultura – e o “sujeito pós-moderno” que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, por estar sujeito a formações e transformações contínuas em relação às formas em que os sistemas culturais o condicionam<sup>51</sup>.

O sujeito pós-moderno é definido historicamente e não mais biologicamente; assume identidades diferentes em diferentes momentos, afetadas tanto pelos processos de socialização quanto de globalização dos meios de comunicação e informação. A sociedade em que vive o sujeito pós-moderno está também sendo constantemente descentrada e deslocada por forças externas<sup>52</sup>.

Para Hall,

as identidades são constituídas no interior de práticas de significação, produzidas em locais históricos e institucionais específicos. Elas emergem no interior de relações específicas de poder e são mais um produto da marcação da diferença do que um signo de uma unidade idêntica. Assim o processo da construção das identidades está sempre envolvido com a diferença, da relação com aquilo que não é, sempre referido ao *outro*: sou o que o outro não é.<sup>53</sup>

No mesmo sentido, Garcia Canclini, na mesma medida em que expressa, alerta:

Se a antropologia, a ciência social que mais estudou a formação das identidades, acha difícil ocupar-se hoje da transnacionalização e da

---

<sup>50</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 7.

<sup>51</sup> Cf. HALL, 1998, p 7.

<sup>52</sup> Cf. HALL, 1998, p. 10-13.

<sup>53</sup> HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Thomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 110.

globalização, é pelo hábito de considerar os membros de uma sociedade como pertencendo a uma só cultura homogênea, tendo portanto uma única identidade distintiva e coerente. Essa visão singular e unificada, que tanto as etnografias clássicas quanto os museus nacionais organizados por antropólogos consagraram, é pouco capaz de captar situações de interculturalidade. (...) Quando a circulação, cada vez mais livre e freqüente de pessoas, capitais e mensagens nos relaciona cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional. O objeto de estudo não deve ser, então, apenas a diferença, mas também a hibridização. Nesta perspectiva, as nações se convertem em cenários multideterminados, onde diversos sistemas culturais se interpenetram e se cruzam. Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas.<sup>54</sup>

De uma ou outra maneira Hall e Garcia Canclini, apontam seus postulados para uma mesma direção. Decorrentes das mudanças produzidas em todas as ordens, a identidade não mais pode ser concebida como *uma* e *coesa*. A essa nova situação, a maioria das pessoas e instituições chega quase sem aviso nem preparação prévia, mas chega porque parece não existir nenhuma outra opção. Maíra Baumgarten assegura que hoje

Assiste-se à transição de uma identidade vinculada a um território nação para a identidade globalizada, na qual a forma de alguém estar no mundo não tem nada a ver com seu país. Um exemplo é a religião da Nova Era – enquanto uma religião reunificada, sem fronteiras, planetária. Não há necessidade de sede, pois tudo é virtual, e as comunicações se fazem via Internet. (...) O agudizamento da tendência de individualização da modernidade conduz a um “processo de personalização”, em que o indivíduo passa a ser depositário cada vez mais absoluto do poder/responsabilidade por sua vida, seu êxito. Na modernidade, o indivíduo é autonomizado das redes comunitárias. No processo de constituição do Estado moderno, o indivíduo é visto sob três ângulos: como trabalhador, como eleitor, como pensador (produtor de conhecimentos), em um crescente processo de autonomização e personalização, processo acompanhado da perda paulatina do sentido de pertencimento e de compromisso coletivo.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> CANCLINI, 2006, p. 131.

<sup>55</sup> BAUMGARTEN, 2005, p. 86.

É em igual sentido que, no livro *O mal-estar da pós-modernidade*, Bauman explicita:

O nascimento da identidade significa que de agora em diante são as habilidades do indivíduo, suas capacidades de julgamento e sabedoria de escolha que decidirão (pelo menos precisam decidir; de qualquer modo, espera-se que decidam) qual das possíveis formas infinitamente numerosas pelas quais a vida pode ser vivida se torna carne (...). Os homens e mulheres pós-modernos realmente precisam do alquimista que possa, ou sustente que possa, transformar a incerteza de base em preciosa auto-segurança, e a autoridade da aprovação (em nome do conhecimento superior ou do acesso à sabedoria fechado aos outros) é a pedra filosofal que os alquimistas se gabam de possuir. A pós-modernidade é a era dos especialistas em “identificar problemas”, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de “auto-afirmação”: é a era do “surto de aconselhamento”. Os homens e mulheres pós-modernos, quer por preferência, quer por necessidade, são *selecionadores*.<sup>56</sup>

O mesmo autor expressa em seu livro *Vida Líquida*:

A busca da identidade é sempre empurrada em duas direções (...). Há um laço duplo em que toda identidade reivindicada ou perseguida (...) está enredada (...) a identidade navega entre as extremidades da individualidade descompromissada e da pertença total. A primeira é inatingível, e a segunda, como um buraco negro, suga e engole qualquer coisa que flutue nas suas proximidades. (...) Por essa razão, a “identidade” reserva perigos potencialmente mortais tanto para a individualidade quanto para a coletividade, embora ambas recorram a ela como instrumento de auto-afirmação. O caminho que leva à identidade é uma batalha em curso e uma luta interminável entre o desejo de liberdade e a necessidade de segurança, assombrada pelo medo da solidão e o pavor da incapacidade.<sup>57</sup>

Já no seu livro *Identidade*, explicita que

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como

---

<sup>56</sup> BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 221.

<sup>57</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 43s.

age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.<sup>58</sup>

Resumindo, pode-se dizer que Bauman, tido como um dos sociólogos mais importantes da contemporaneidade, assinala em todos seus livros, como principal apego humano, a busca incessantemente por não se tornar “um ninguém”. Tal procura colocaria a identidade, a comunidade e, por decorrência, “a família”, na trilha não de um caminho, mas sim de vários caminhos; a não ir somente em uma direção, mas sim ter várias direções simultâneas; a viver uma efemeridade brutal nos espaços que antes representavam âncora, porto, acalanto, aconchego, seguridade, sustento. Esse seria, segundo Bauman, o cotidiano transparente na “aldeia global”. Cotidiano no qual as identidades seriam tão líquidas como a própria vida o é para o autor.

E as mídias? Que lugares ocupariam as mídias nesse cotidiano líquido? Denise Cogo explica:

*As mídias como matrizes configuradoras das identidades culturais em que, mais do que meros dispositivos técnicos, mídias como televisão, o rádio ou a Internet, passam a atuar como instâncias que atribuem visibilidade às ações de outros campos sociais e instituições e propõem e asseguram modos próprios de existência e estruturação de realidades pertinentes a esses campos. (...) As mídias deixam, portanto, de se constituir em meros dispositivos transportadores de sentidos acrescidos às mensagens ou, ainda, em simples espaço de interação entre produtores e receptores, para se converterem, de forma crescente, em um *ethos* (...).*<sup>59</sup>

De semelhante forma, o “novo ethos”, nas reflexões e no pensar de Sodré, como já tínhamos visto no segundo capítulo, é tão líquido e dinâmico quanto à “modernidade líquida” a qual pertence. Um “novo ethos” que oferece espaço para a confluência e convivência das mais diversas identidades que, por sua vez, se sustentam na criação eficiente de novos mitos, construídos com a ajuda de novos símbolos e da prática de novos rituais.

Segundo Severino Croatto, o mito é o relato de um acontecimento originário, no qual atuam deuses e cuja intenção é dar sentido a uma

---

<sup>58</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 15s.

<sup>59</sup> COGO, Denise. *Mídias, Identidades culturais e cidadania: Sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais*. Disponível na Internet: <<http://www.reposcom.portcom.intercom.org.br>>. Acesso em: 02/11/2007. p. 1-15.

realidade significativa<sup>60</sup>. Os ritos aparecem como norma que guia o desenvolvimento de uma ação sacra. É uma prática periódica, de caráter social, submetida a regras precisas<sup>61</sup>. O símbolo, por sua vez, é a representação de uma ausência, é a linguagem básica da experiência religiosa que funda todas as outras. O símbolo faz pensar, diz sempre mais do que diz! É a linguagem do profundo, da intuição, do enigma. O rito, afirma Croatto, participa do símbolo e do mito, é um conjunto de gestos e, nesse sentido, parece-se com o mito que narra uma seqüência de episódios e que, ao mesmo tempo, constitui um manójo de símbolos<sup>62</sup>.

Em que novos mitos, ritos e símbolos estaria sendo sustentada a Identidade Canção Nova? Existiria ela de fato? Que papéis assumiriam os meios de comunicação cançonovistas no desenvolvimento dessas ou de outras identidades?

## **5.2. Identidade Canção Nova**

Em decorrência do argumento apresentado por Hall – e pelos demais autores e autoras – poderíamos fazer referência à Comunidade Canção Nova como detentora de identidade(s) que lhe permitam ser âncora para seus membros e sócios nos dias atuais? Assim como as múltiplas comunidades e as múltiplas famílias convivem cotidianamente na Comunidade Canção Nova, também múltiplas identidades disputam o espaço. No entanto, como no caso da “Comunidade” e da “família” que são apresentadas em singular, também uma identidade singular é apresentada: ser Canção Nova.

Dito de uma outra maneira, a pessoa pode ser católica, protestante, carismática, conservadora, atea, budista... se pertencer à Canção Nova, ela é Cançonovista. Os programas da Tv Canção Nova não carregam, como em outras televisoras, o discurso de um “gaúcho poderoso” e um nordestino “menos agraciado”, de um Brasil “experto” e um Portugal “tonto” etc. Gaúchos, nordestinos, brasileiros e portugueses, com seus acentos diferentes, estão unidos e identificados pela comunidade a qual pertencem. A partir dessa ideia, foi pesquisada a identidade(s) da Canção Nova tanto no cotidiano da sede, na vivência das casas de missão, quanto

---

<sup>60</sup> Cf. CROATTO, Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001. p 209.

<sup>61</sup> Cf. CROATTO, 2001, p. 330s.

<sup>62</sup> Cf. CROATTO, 2001, p. 117s.

nos discursos dos documentos que se editam, nos produtos que confeccionam e vendem<sup>63</sup>.

A Canção Nova, ao ser nomeada e conhecida pelo seu nome, ganha um destaque, uma identidade com relação a outras comunidades de seu tipo; ganha também uma identidade com relação a outras realidades das quais faz parte, dentre elas, a cidade de Cachoeira Paulista, a Renovação Carismática Católica, a Igreja Católica Romana e o próprio Vaticano.

*Com relação à cidade de Cachoeira*, como já vimos, Canção Nova se torna ponto de referência importante, seja pelo turismo religioso e o status que este proporciona à cidade<sup>64</sup>, seja pelos diversos projetos que mantêm e que envolvem pessoas e instituições cachoeirenses. Essa relação oferece à Canção Nova uma identidade inquestionável, ao mesmo tempo em que oferece a quem com ela se vincula uma ancoragem estável de identificação. Dizer, em Cachoeira Paulista, que se é membro ou sócio da Comunidade já é possuir um reconhecimento antecipado.

*Com relação à Igreja Católica Romana*, Canção Nova também possui uma identidade muito bem definida. Uma identidade que tem sido construída na relação estabelecida por mais de 30 anos; algumas vezes uma relação de distanciamento, outras uma relação de aproximação, mas sempre se mantendo vinculada à Igreja da qual faz parte. A Igreja oferece à Canção Nova status, legitimidade, poder. A Canção Nova, nesse jogo

---

<sup>63</sup> Cf. NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette. Comunidade Canção Nova: Um novo jeito de ser igreja a partir do entrecruzamento evangelização-comunicação. In: BOBSIN, Oneide et alli. (orgs.). *Uma religião chamada Brasil: Estudo sobre religião e contexto brasileiro*. São Leopoldo: Oikos, 2008-a. p. 81.

<sup>64</sup> No dia 14 de março de 2008, foi noticiado pelo site da prefeitura de Cachoeira Paulista uma matéria intitulada “*Encontro do Conselho de Circuito Religioso é Realizado*”. Diz a matéria: “A Secretaria de Turismo de Cachoeira Paulista participou na quinta-feira, dia 13 de março, do encontro promovido pelo Conselho que promove o Circuito Religioso do Vale do Paraíba, formado pelas cidades de Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista., que anualmente recebem milhões de fiéis e devotos movidos pela fé cristã, fazendo do circuito um dos mais importantes do Brasil. O encontro foi realizado na sede da Comunidade Canção Nova em Cachoeira Paulista. De acordo com o secretário de Turismo Marcelo Barbosa, está em tramitação, o projeto que transforma a cidade em Estância Turística, o que seria um passo fundamental para o município, que assim poderá receber diversos outros recursos do Estado, bem como investimentos em infra-estrutura, gerando uma melhor qualidade de vida aos municípios e um melhor atendimento aos turistas que visitam a cidade. (...) O Prefeito Fabiano Vieira, afirmou que ‘Cachoeira Paulista possui diversos atrativos turísticos, tem vocação turística, entre eles, a Comunidade Canção Nova, que é responsável pelo maior fluxo de peregrinação à cidade, gerando fonte de renda para a população, e além disso executa diversos projetos que favorecem a cidade e seus visitantes’”. PREFEITURA de Cachoeira Paulista. *Encontro do Conselho de Circuito Religioso é Realizado*. Disponível na Internet: <<http://www.cachoeirapaulista.sp.gov.br>>. Acesso em: 14/03/2008.

identitário, oferece à “velha Igreja” “a imagem do novo”, do renovado, do dinâmico.

*Com relação à Renovação Carismática Católica*, Canção Nova representa a filha rebelde que, não conformada em “ser” igual a sua progenitora, buscou sempre sua própria distinção e seu espaço. Canção Nova foi a adolescente que brigou, sadiamente, desde sua tenra idade para ter sua forma própria, e que hoje, adulta, continua recreando esse seu jeito distintivo, não só em relação à Renovação brasileira e mundial, senão também em relação a outras comunidades de vida e aliança existentes. A Renovação Carismática Católica, além do berço, ofereceu e oferece à Canção Nova uma legitimidade dentro da instituição Igreja, oferece também o poder que a própria organização detêm a nível mundial. Canção Nova representa, para a Renovação, um outro jeito – além dos legitimados Grupos de Oração – que está dando certo. Se, em um passado recente, a vontade de fazer “coisas a mais”, do que aquilo regulamentado pelo Movimento de Renovação, foi um problema entre essas duas realidades, hoje essa característica é enxergada como indicador de saúde e vitalidade do movimento.

*Com relação ao próprio Vaticano*, Canção Nova sempre teve uma relação de cumplicidade e, em igual medida, sempre teve identidade própria muito bem definida. Nos tempos em que Canção Nova era atacada e “incompreendida” pela CNBB, já contava com todo o apoio e “admiração” do então Papa João Paulo II. O Vaticano representava, para a Canção Nova, a luz verde sempre acessa para criar e recriar. Canção Nova representava, para o Vaticano, a reconquista de espaço e de membresia perdida, a materialização da consigna de “sim, se pode recuperar o catolicismo”.

À essa identidade criada e recriada em relação a essas outras instituições também católicas, soma-se uma identidade que brota do próprio cotidiano da Comunidade. Essa identidade que, em nosso modo de ver, representaria a de maior importância, está constituída pelos elementos já apontados no terceiro capítulo: a forma como são trabalhadas as questões de gênero, a liturgia concebida e praticada de maneira diferente, o agir segundo o Espírito Santo. A esses elementos, somam-se a criação de um logotipo próprio da Comunidade, o uso de cores características nos mais variados espaços e documentos e, principalmente, a “habilidade/capacidade” magistral que a Comunidade Canção Nova possui para tornar o “profano” “sagrado”.

O que representaria tornar o profano sagrado? O que seria, afinal, o sagrado na Canção Nova? Ou melhor ainda, algumas das coisas por eles criadas escapariam da conotação de sagrado, segundo a compreensão da Comunidade? Como já temos dito, o fato de que o lugar ocupado pela sede

ganha tamanha relevância não só para crentes católicos e cristãos, senão também para uma população mais ampla, já demonstra essa habilidade/capacidade cançonovista. Há, no entanto, muitas outras questões que comprovam isso. Queremos fazer alusão a algumas delas:

- O fato de estampar o logo nos produtos que confecciona. A Canção Nova produz peças e objetos que “estejam na moda” para serem vendidas no shopping: camisas, bonés, calças, mochilas etc. Todas essas produções saem com o logotipo da Comunidade em tamanho e posição bem visível.
- O fato de colocar o logo em todas as suas propriedades. Canção Nova fixa seu logotipo nos automóveis, na escola, no hospital, na Fundação João Paulo II etc.
- O fato de usar as cores azul e branca como padrão de identificação da Comunidade. Como já foi expresso, essas cores são utilizadas nos uniformes dos trabalhadores, nos uniformes das crianças do instituto, para pintar interna e externamente os prédios, na pintura dos automóveis, na página inicial do site e no próprio logotipo.
- O fato de criar letras e músicas que façam propaganda da Comunidade. Na Canção Nova, podem ser encontrados muitos CDs e DVDs com músicas cujas letras refletem tanto a história quando o cotidiano da Comunidade. Um exemplo disso é o jingle “Ser Canção Nova é Bom D+!”.
- O fato de criar logotipos para a maioria dos projetos lançados. A maioria dos projetos lançados tem seu logo próprio. Alguns deles são recriados a cada aniversário, como é o caso do Clube do Ouvinte. Outros permanecem iguais desde sua criação, ao estilo de Coração Solidário. Os logos oferecem uma “identidade” aos projetos e, por decorrência, ao projeto maior da Comunidade.
- O fato de trabalhar com a imagem das pessoas principais da comunidade. A Canção Nova faz da imagem de seus membros mais importante “um cartão de apresentação e identificação”. Como foi recolhido em depoimentos da pesquisa de campo, muitas pessoas que visitam a sede pela primeira vez já se sentem identificadas com diversos comunitários como Wellington (Eto), Luzia, Salete, Dunga e, especialmente, o padre Jonas.

## **6. A modo de conclusão**

Mesmo não podendo afirmar que a nossa pesquisa, sem a inserção de campo, teria sido totalmente outra, vale destacar que a melhor

compreensão e apreensão do fenômeno estudado se deu pela interação com o cotidiano cançãoovista. De maneira especial, além do já explicitado, desejamos comentar sobre algo que nos causou grande impacto. Trata-se de como são definidos os lugares na sede, de quais as fronteiras estabelecidas, imaginárias ou não, permeáveis ou não. Trata-se do lugar que se lhe outorga ao moral, ao religioso, ao social, e como esses “lugares” interagem, imaginariamente, através das relações. Espaços definidos sem palavras. Fronteiras que demarcam, mas, ao mesmo tempo, se tornam difusas.

Na sede, pelo lado de fora da guarita que marca a entrada, encontra-se a escola, o posto médico e a fundação João Paulo II (encontro com o social). Uma vez ultrapassada essa guarita, encontram-se situadas a rádio, a Tv, a pousada, o refeitório, a lanchonete, o auditório, os sítios de adoração e louvor etc (encontro com o religioso). Uma vez ultrapassada a “grade” de pequenas árvores, situam-se as casas e apartamentos dos comunitários (encontro com o moral). Essa é a única grade, também é o único sítio com entrada limitada. Os outros lugares, aparentemente, possuem uma “arquitetura espacial imaginária”, estabelecendo outras “grades ilusórias” que, por sua vez, também têm o poder de pautar comportamentos. Ainda que sejam as mesmas pessoas as que circulem pelos vários espaços, existe, aparentemente, um código para cada lugar. É como se já estivesse dito de antemão o que pode ser feito ou não em cada um desses lugares. Essa “arquitetura espacial imaginária” se sustenta numa arquitetura real que fala por meio do lugar em que os prédios são construídos e os sítios são definidos. Ao mesmo tempo, oferece, imaginariamente, na própria sede, um lugar “determinado” para a família, para a comunidade e para a identidade, embora que na prática todos eles se misturem.

Procurando uma melhor compreensão de nosso objeto, trabalhamos os novos jeitos de comunidade, os novos jeitos de família e os novos jeitos de identidade em itens separados. Embora eles sejam realidades distintas dentro do fenômeno Canção Nova, sua interligação é muito forte. São quase que inseparáveis na prática cançãoovista. Cada um, por sua vez, estaria re-significando os outros. Esses Novos Jeitos de Comunidade, de Família e de Identidade estariam participando do mesmo universo ritual, simbólico e mítico criado e re-criado pela Canção Nova.

Como pôde ser observado, há vários autores que fazem críticas às “comunidades de vida” e às chamadas “comunidades virtuais”. Com relação às comunidades de vida, as críticas advêm pelo fato de “afastar” seus membros do mundo. Com relação às comunidades virtuais, as críticas seriam porque “o espaço virtual” não permitiria a criação de uma

comunidade com relações “autênticas”, dado o fato de que as pessoas não estariam “cara-a-cara” nos relacionamentos. A Comunidade da Canção Nova, que se ancora no mito de fundação dos 12 que aceitaram o desafio lançado pelo padre Jonas, mostra-se diferente. É uma comunidade de vida, mas não se fecha em si. Não está nem apartada do mundo, nem alheia ao mundo! A Comunidade de Vida Canção Nova deseja estar inserida no mundo e consegue estar inserida no mundo, desde as mais variadas formas e graças aos meios de comunicação. Por outro lado, o fato de não estar “cara-a-cara” não parece ter prejudicado a integração de seus membros na Comunidade Virtual, que também leva seu nome. O número de acessos e a participação nos fóruns de discussão podem dar mostras de uma situação diferente. Imaginamos, também, que, no universo católico romano, o fato de ter uma comunidade virtual não seja algo “exótico” ou “impensável” para quem está acostumado a fazer parte da “Comunhão dos Santos”... comunidade na qual rostos são ainda mais difíceis de enxergar!

Como já foi dito, o discurso da família intensifica-se na Canção Nova a partir do ano 2000. É a partir desse ano que começa ser incrementada, também, a relação/aceitação (num movimento lento de vai-vem) da Canção Nova com relação à CNBB e à Igreja Católica Romana. Esse discurso pró-família não é particular da Canção Nova ou do Catolicismo Romano. Muitas outras denominações “sabem” que apelar à família hoje pode “render admiráveis frutos”, visto que o mito “da família dilacerada que precisa ser recomposta” a cada dia se apresenta com mais força. Na Canção Nova, a particularidade está, também, na pluralidade com que essa “família” é trabalhada e no fato de ter “os meios de comunicação” como suporte oferecendo espaço de interação e crescimento. Eles conseguem criar o sentido de pertença e, tal sentido, traz, por decorrência, a responsabilidade que cada “membro da família” tem com o projeto maior.

Ter uma identidade definida – uma identidade própria (Canção Nova), com relação a outras identidades que lhe são comuns (Carismática, Católica) – tem proporcionado a esse fenômeno erguer-se por si e criar um capital simbólico importante para participar da disputa por fiéis na atualidade<sup>65</sup>. E mais, o fato dessa identidade cançãonovista albergar também a pluralidade, constituir-se de múltiplas “micro-identidades”, lhe proporciona uma melhor “adequação/mobilidade” ao/no mundo líquido de

---

<sup>65</sup> Como explicita Mariz “na sociedade contemporânea, onde ocorre constante contato entre grupos religiosos das mais distintas origens e tradições, (...) Não há grupo que fique imune a essas ‘barganhas cognitivas’ inevitáveis”. MARIZ, Cecília Loreto. *Catolicismo no Brasil contemporâneo: Reavivamento e diversidade*. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 65.

Bauman. Identidades que, ao estarem ancoradas nos meios de comunicação próprios, lhe permite atingir os mais vários públicos e comprometê-los – mesmo que de maneira momentânea ou parcial – com a sua proposta. Por isso, o barco do padre Jonas, por enquanto, consegue ir a todo vapor!

## Considerações Finais

Ao concluir esta tese, faz quase nove anos que estou vivendo no Brasil, integrada a diferentes comunidades, fazendo parte de novas famílias e carregando junto múltiplas identidades. Tudo isso se une àquela bagagem trazida dos 30 anos vividos em Cuba. Assim, com “mala cheia” e, principalmente, “bem misturada” me aproximei e pesquisei o fenômeno religioso contemporâneo Canção Nova. Foram quatro anos intensísimos, tanto pelo que acontecia com a própria pesquisa quanto com aquilo que ia se tecendo na minha vida pessoal. Eu, mulher, estrangeira, cubana, emigrante, teóloga, pesquisadora, anglicano-luterana, esposa, filha, irmã, tia, prima, madrinha, amiga... estudante de uma faculdade protestante, investigando o carismatismo católico! Realmente difícil de explicar... e muito mais de vivenciar!

Fiz minha pesquisa de mestrado sobre o Processo Revolucionário Cubano e ousei catalogá-lo como “anquilosado”. Revelo que, ao concluir, minha tristeza foi profunda. Viajei para Cuba na procura de superar as conclusões as quais tinha chegado com minha dissertação, mas, infelizmente, me deparei com um cotidiano ainda mais sombrio, desolador e áspero. Hoje tem passado quatro anos, novamente estou “concluindo” e devo confessar, não sem sobressaltos, que a sensação desta vez é inversa. Canção Nova deixa-me otimista, repleta de ideias e sonhos.

Se me fizessem a pergunta de qual representação me vem à mente quando penso na Canção Nova como um todo, eu apelaria à imagem do polvo. Esse animal que, aparentemente, é muito lento, mas se mexe o tempo todo. Sua enorme cabeça seria, sem dúvidas, a sede em Cachoeira Paulista, “com os grandes olhos e o cérebro sempre captando e ideando”. Já os tentáculos, que não param quietos um segundo, que pegam, soltam, sobem, descem, se esticam, se encolhem, representariam os diferentes projetos, as casas de missão no Brasil, as casas de missão no exterior, a Tv, a rádio, a página na Internet, a webTv etc.

Essa renovação, essa dinamicidade, essa mudança constante é, talvez, o mais impressionante do meu objeto. Em várias ocasiões, se fez difícil acompanhá-lo; uma, que outra vez, estive tentada a mudar o foco de entrada. Mas é agora que consigo perceber melhor o que essa dinâmica cançonovista produz. Com apenas dois anos de diferença, na minha pesquisa de campo, pude constatar “realidades” que eram inimagináveis quando Elaine Martins de Oliveira pesquisou. Quicá, a essa mesma

velocidade, ou, quem sabe, até num tempo muito menor suceda algo similar com minha tese. Imagino que, hoje, quem inicie uma pesquisa sobre a Canção Nova o fará centrado na “revolução para a qual estão convocando”... Eu rezarei para que tal “revolução” não tenha o “mesmo destino” daquela do Caribe em 1959!

Existem ainda algumas inquietudes e constatações que surgiram no decorrer deste período investigativo e que gostaríamos de arrolá-las de forma mais explícita:

- A Canção Nova oferece, de alguma maneira, tanto para comunitários quanto para a parte carente da população de Cachoeira Paulista, o que o estado de São Paulo e o governo brasileiro não tem conseguido, muitas vezes, oferecer, a saber, “boa escola”, “boa alimentação”, “bom atendimento médico”.
- É importante o fato da Comunidade Canção Nova ter entrado no site “*Second Life*” sem ter abandonado nenhum de seus projetos com a rádio. E mais, sem deixar de inovar e atualizar a tecnologia da sua rádio. Isso denota que há, por detrás do sucesso, um detalhado planejamento. O fato de adquirir a última tecnologia para atingir a mais e mais pessoas não tem sido razão para que a Canção Nova abandone aqueles que ainda não possuem nem se quer uma tevê.
- O dinheiro, segundo o que sempre tem sido declarado, chega à Canção Nova, num primeiro momento, através das contribuições dos sócio-colaboradores. Num segundo momento, entrariam as doações. É lógico que essas doações possam, em um determinado período, superar até a própria cifra de contribuições, chegando a ser a primeira entrada de renda da Comunidade. Desse fato, o mais interessante é a forma como eles dão retorno do dinheiro arrecadado e o destino dado ao mesmo. Um exemplo pode ser a construção do Novo Rincão, para o qual, como já dizemos, se recolheu, em campanha, jóias e ouro; mês após mês a Comunidade informava sobre os materiais que se compravam e, simultaneamente, divulgavam fotos, no site, dos diferentes estágios da construção.
- Somente aquelas pessoas que tenham condições de pagar, poderão participar das viagens, das peregrinações à Terra Santa ou do turismo religioso. Para a “outra parte” dos sócios interessada em viajar, a única opção seria participar dos sorteios que a Comunidade promove. Com este tipo de agir, Canção Nova reproduz a lógica da sociedade na qual se encontra inserida.
- Discordamos da pesquisadora Brenda Carranza quando situa, num mesmo patamar, várias expressões carismáticas católicas. O fato delas

possuírem alguns pontos em comum não é suficiente para tomá-las ou referenciá-las como algo único ou coeso. A Comunidade Canção Nova não é, de nenhuma maneira, o fenômeno padre Marcelo Rossi!

- Passados 30 anos, Canção Nova vivência um câmbio de gerações. Dentre seus membros comunitários, encontram-se tanto àqueles que aderiram a essa vida comunitária por vontade própria quanto àqueles que nasceram “pertencendo a essa proposta, sem ter a opção de decidir”. Uma pesquisa mais direcionada a essa situação poderia desvendar elementos importantes.
- Neste tempo em que muitas igrejas históricas “abandonam” seu clero e manifestam, sorratamente, “salve-se quem puder”, Canção Nova aumenta seus ministérios, aumenta suas vocações e garante, para quem pertence à Comunidade de Vida, a estabilidade e segurança que, na “modernidade líquida” de Bauman, é cada vez mais difícil de encontrar.
- A questão, em Bourdieu, da tensão entre o profetismo (novas experiências) e o sacerdotalismo (manutenção da estrutura) permitiu apreender, de maneira mais completa, a relação que se tem estabelecido entre a Igreja Católica Romana, a Renovação Carismática Católica e a Canção Nova. O fato de fazer parte da Renovação e identificar-se com a sua proposta teológica imprime à Canção Nova uma marca contestatória com relação à igreja tradicional. A Igreja Católica, no olhar da Canção Nova, necessita transformar-se, buscando sintonia com o tempo presente e com o contexto no qual se encontra inserida. A Canção Nova, no olhar da Igreja Católica, representa a subversão da tradição e, talvez, até a indisciplina clerical, mas é tolerada pelo fato de conseguir diminuir o número de leigos que abandonam a igreja<sup>1</sup>.
- O turismo religioso em Cachoeira Paulista representa, simbolicamente, o cumprimento do dito popular “uma mão lava a outra e as duas lavam a cara!”. A parceria entre a prefeitura da cidade e a direção da Comunidade parece estar dando muito certo, a ponto de entrar conjuntamente com o pedido do reconhecimento do município como Estância Turística. Tal reconhecimento proporcionaria à Canção Nova um aumento significativo de seu capital simbólico e tudo o que isso traz como consequência. Já, para a

---

<sup>1</sup> Cf. NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette, LINK, Rogério Sávio. Bourdieu e o fazer teológico. *Protestantismo em Revista*. Sep-Dez de 2007, ano 6, nº 3. Disponível na Internet: <<http://www.est.edu.br/nepp>>. Acesso em 02/03/2008.

prefeitura, como bem expressou o secretário de turismo, representaria poder receber diversos outros recursos do estado para investimento na cidade.

- O global e o local não constituem, na Comunidade Canção Nova, uma relação dicotômica. A Comunidade comporta ambas realidades e produz relações harmoniosas entre elas. O local intervém no global e, ao mesmo tempo, esse global modifica o local. O local vive para o global e o global determina o local!
- Na atualidade, o fenômeno migratório ganha proporções inigualáveis na história da humanidade. São seres humanos deslocados ou sendo deslocados pelas mais diversas razões. A Canção Nova tem assumido o acompanhamento pastoral da pessoa que migra, principalmente fazendo uso dos meios de comunicação para esta tarefa. Parece que as diferentes casas de missão cançonovistas no exterior têm tido, entre as razões para sua fundação, esse acompanhamento.

Decorrente de tudo o que foi trabalhado e dito nesta pesquisa, apostamos na importância do trabalho das igrejas com os meios de comunicação social. As Igrejas, as comunidades eclesiais, os seminários teológicos deveriam dar uma maior atenção ao trabalho com os meios de comunicação, mas, ao mesmo tempo, deveriam se preocupar com a formação na área da linguagem e da comunicação. Como tem manifestado Valle, o que fazer com um bom arcabouço teológico senão se sabe comunicar?<sup>2</sup> É importante que as Igrejas percebam que a “reciclagem periódica” do clero na função de comunicadores é tão significativa quanto a formação teológica. Não é só formação, senão continuidade dessa formação na questão da oratória, da linguagem, do discurso. Há também, por outro lado, a necessidade, desde a teologia, de abraçar esse tipo de pesquisa. Se bem é certo que, desde a Ciências da Comunicação, o tema da *mídia e religião* é muito trabalhado, desde a teologia, pesquisas, nesse sentido, são deficitárias ainda.

O cotidiano, em curto tempo (*cronos*), tem desfeito “prédios” de fortíssima estrutura acadêmica e metodológica. Seria mesmo o Cotidiano? Perece-me que é Deus! Deus com seus dissimiles Nomes! Deus “brinca” com as gerações no tempo (*kairós*), para nos fazer ver que não temos as últimas palavras. Deus nos “desafia”, dando-nos a *liberdade* de escolha e, simultaneamente, deixando sobre nós a *responsabilidade* sobre tais escolhas. Deus, em sua infinita misericórdia, nos “ajuda” a nos distanciar (no *cronos* e no *kairós*) de nossa arrogância humana. Pena que, como

---

<sup>2</sup> Cf. VALLE, 2005, p. 33.

humanidade, pelos séculos do séculos, tenhamos prestado tão pouca atenção à Sua brincadeira, ao Seu desafio e à Sua ajuda.

Conclusivamente, a Comunidade Canção Nova – fenômeno religioso-carismático-midiático – a partir do entrecruzamento que estabelece entre Evangelização e Comunicação, representa um “Novo Jeito de ser Igreja” dentro do catolicismo romano. Os argumentos que denotam, balizam e sustentam tal afirmação são: Os novos jeitos de comunidades, os novos jeitos de famílias e os novos jeitos de identidades que convivem neste fenômeno e que afloraram na pesquisa do cotidiano. Se, para Oneide Bobsin, as religiões afro-brasileiras representariam a “morte morena do protestantismo branco”, para mim, a Canção Nova seria “um tipo de UTI para a velha Igreja Romana”<sup>3</sup>.

Mas, e Deus, existe? [...] Não sei. Mas eu desejo ardentemente que assim seja. E me lanço inteira. Porque é mais belo o risco ao lado da esperança, que a certeza ao lado de um universo frio e sem sentido...<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Cf. BOBSIN, Oneide. A morte morena do protestantismo branco. Contrabando de espíritos nas fronteiras religiosas. In: \_\_\_\_\_. *Correntes Religiosas e Globalização*. São Leopoldo: PPL, CEBI, IEPG, 2002. p. 39-63.

<sup>4</sup> ALVES, Rubem. *O que é Religião?* 6 ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 126.

## Referências

- ABIB, Jonas. *43 Assembléia Geral da CNBB*. <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 18/08/2006.
- \_\_\_\_\_. A rádio do Senhor. *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano iv, n 54, junho 2005..
- \_\_\_\_\_. *Canção Nova: Uma obra de Deus*. 6 Ed. São Paulo: Loyola/Editora Canção Nova, 2006.
- \_\_\_\_\_. Centro de evangelização Dom Hipólito de Moraes: Uma ligação direta que se faz entre o céu e a terra. *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano 4, n 49, janeiro/2005.
- \_\_\_\_\_. *Mensaje*. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 12/04/2005.
- \_\_\_\_\_. Sou fruto da solidariedade, *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano iv, n 47, nov. 2004.
- ALVES, Rubem. *O que é Religião?* 6 ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- ANDRADE, Regis de Castro. Trabalho e Sindicalismo: memória dos 30 anos do movimento de Osasco (entrevista). *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, V. 10, N<sup>o</sup> 2, outubro de 1998.
- ANG, Ien. *Living Room Wars: Rethinking Media Audience for a Postmodern World*. Londres: Routledge, 1996.
- ARIAS, Mortimer. Comunicación, Comunidad y Crecimiento: Reflexiones desde el sillón sobre evangelización. In: *Visiones y Herramientas, Itinerario por la Teología Práctica*. Volumen IV. Buenos Aires: ISEDET, 2006. p. 21-30.
- ARTHUR, Chris. *A globalização das comunicações: Algumas implicações religiosas*. Tradução: Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- ASSUMPÇÃO, Marcio. Mapeamento da Comunicação no Brasil. In: RUSSI, Pedro David; WOITOWICZ, Karina Janz (orgs.). Percepção de cultura e sentidos midiáticos. *Cadernos de Comunicação* 8. São Leopoldo: UNISINOS/PPG Comunicação, 2001.
- BABIN, Pierre. *A era da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMGARTEN, Maíra. Pós-modernidade e sociologia: Notas para debate. In: LAMPERT, Ernâni (org.). *Pós-modernidade e conhecimento: Educação, sociedade, ambiente e comportamento humano*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

BERGER, Christa. *Campos em confronto: A terra e o texto*. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Cf. BRAGA, 1997.

BOBSIN, Oneide. A morte morena do protestantismo branco. Contrabando de espíritos nas fronteiras religiosas. In: \_\_\_\_\_. *Correntes Religiosas e Globalização*. São Leopoldo: PPL, CEBI, IEPG, 2002. p. 39-63.

\_\_\_\_\_. *Correntes Religiosas e Globalização*. São Leopoldo: PPL, CEBI, IEPG, 2002.

BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOLTER, J. P. e GRUSIN, R. *Remediation: Understanding new media*. Cambridge: MIT Press, 1999.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão*. Tradução: Geraldo Korndörfer; Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário Crítico de Sociologia*. Consultoria e Revisão Técnica: Regis de Castro Andrade. São Paulo: Ática, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. São Paulo: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. *Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

BRAGA, Antonio Mendes da Costa. TV Católica Canção Nova: “Providência e compromisso” X “Mercado e Consumismo”. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 24 (1), p. 113-123, 2004.

BRAGA, José Luiz. “Lugar de fala” como conceito metodológico no estudo e produtos culturais e outras falas. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. J. (orgs.) *Mídia e Comunicação*. COMPÓS. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997.

CANÇÃO NOVA: uma obra de Deus: Cachoeira Paulista: Fundação João Paulo II, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRGS, 1996.

\_\_\_\_\_. *Consumidores e Cidadãos*. Tradução: Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CARRANZA, Brenda. “Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências”. In: ANJOS, Marcio Fabri dos (Org.). *Sob o Fogo do Espírito*. São Paulo: SOTER/Paulinas, 1998. p. 39-60.

\_\_\_\_\_. *Renovação carismática: origens, mudanças e tendências*. Aparecida do Norte: Santuários, 2000.

CNBB. *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, 34ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente 94, Brasília, 22 a 25 de novembro de 1994. N 54. São Paulo: Paulinas, 1994.

COGO, Denise. *Mídias, Identidades culturais e cidadania: Sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais*. Disponível na Internet: <<http://www.reposcom.portcom.intercom.org.br>>. Acesso em: 02/11/2007. p. 1-15.

COMBLIN, José. *O caminho*. Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

COMENTÁRIOS de Argumentos contra o Pe. Jonas Abib. Disponível na Internet: <<http://www.montfort.org.br>>. Acesso em: 17/02/2008.

\_\_\_\_\_. Disponível na Internet: <<http://www.montfort.org.br>>. Acesso em: 17/02/2008.

\_\_\_\_\_. Disponível na Internet: <<http://www.montfort.org.br>>. Acesso em: 17/11/2007.

COMISIÓN TEOLÓGICA DEL CLAI. *Desafíos a la Misión de la Iglesia en América Latina Hoy*. Serie Teología en el Camino. Número 6. Quito: CLAI, 2001.

\_\_\_\_\_. *Unidad, Misión y evangelización en América Latina hoy: ¿Qué dicen las Iglesias?*. Serie Teología en el Camino. Número 5. Quito: CLAI, 2000.

CONGRESSO mundial de novas comunidades. Disponível na Internet: <<http://www.pime.org.br>>. Acesso em: 16/12/2006.

Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). <<http://www.celam.org>>. Acesso em: 15/08/2007.

CORREIA, Nelsinho. 40 anos “tudo para todos”. *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano IV, N 48, dezembro 2004. p. 11. Cf. também FUNDADOR. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 12/04/2005.

- CROATTO, Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CRUZ, Otávio Neto. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DE SOUZA, Maria Cecília Minayo (Org.). *Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DECRETO INTER MIRIFICA. Disponível na Internet: <<http://www.gui.uva.es>>. Acesso em: 13/04/2005.
- DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER. *Gênero e teologia: Interpretações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003.
- DEPOIMENTO oferecido por Haroldo Joseph Rahm a participantes do curso de Ecumenismo do CESEP em São Paulo, Junho de 2007.
- DIAS DE CASTRO, Maria Lília. O discurso publicitário: uma proposta de leitura e de interpretação. In: HENN, Ronaldo et. alli. *Mídias e Processos de significação*. São Leopoldo: UNISINOS/PPG, 2000. p. 7.
- DIAS, Maria Odília Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: Uma hermenêutica das diferenças. *Estudos Feministas*. n. 2, Rio de Janeiro, 1994.
- DREHER, Martin. *A igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- DROOGERS, Andrés. Visiones paradógicas sobre uma religião paradógica: modelos explicativos Del pentecostalismo em Brasil y Chile. In: BOUNDEWIJNSE, B.; DROOGERS, A.; KAMSTEEG, F. (Ed.). *Algo más que ópio: una lectura antropológica del pentecostalismo Latinoamericano y caribeño*. San José: DEI, 1991.
- DUSSEL, Enrique. Sistema-Mundo, dominação e exclusão – Apontamentos sobre a história do fenômeno religioso no processo de globalização da América Latina. In: *Historia da Igreja na América Latina e no Caribe 1945-1995: O debate metodológico*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: CEHILA, 1995.
- DUTRA DA SILVEIRA, Delia. “Sobre articulações (e) processos teóricos-conceituais: entrecruzamentos do campo midiático com outros campos sociais”. *Protestantismo em Revista*. Sep-Dez de 2005, ano 04, nº 3. Disponível na Internet: <<http://www3.est.edu.br/nepp>>. Acesso em: 07/04/2007.
- ENCÍCLICA EVANGELII NUNTIANDI. Disponível na Internet: <<http://www.gui.uva.es>>. Acesso em: 13/04/2005.
- ENCÍCLICA REDEMPTORIS MISSIO (1990). Disponível na Internet: <<http://www.gui.uva.es>>, Acesso em: 17/06/2006.
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. “Para entender pós-modernidade”. Sinodal: São Leopoldo, 2007.

- FAMÍLIA. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 04/12/2005.
- FAUSTO NETO, Antônio. A religião do *contato*: estratégias discursivas dos novos “templos midiáticos”. *Comunicação & Informação*. Vol. 7. No 1. p. 13-33, (jan/jun, 2004). Goiânia: UFG, FACOMB.
- FERREIRA, Jairo. Campo Acadêmico e Epistemologia da comunicação. In: LEMOS, André et alli. (orgs.). *XII Compôs-2003: Mídia*. BR.
- FRAGOSO, Suely. “Situação TV”. In: MALDONADO, Alberto Efendy et alli. *Mídias e Processos socioculturais*. São Leopoldo: UNISINOS/PPG Comunicação, 2000.
- GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América latina*. Ciudad de la Habana: Editorial Casa de las Américas. 2000.
- GALLINO, Luciano (org). *Dicionário de Sociologia*. Tradução: Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 540-549.
- GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas conseqüências. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs.). *Epistemologias, Violência e Sexualidade*. Olhares do 2º Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 36.
- \_\_\_\_\_. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Ort. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GERSTENBERGER, Erhard S. Casa e casamento no antigo testamento. *Estudos Teológicos*, Ano 42 (1), 2002.
- GIDDENS, Anthony. *Sociología*. Madrid: Alianza Editorial SA, 2001.
- GOMES, Pedro Gilberto. Decifra-me ou te devoro... sobre a evangelização e a mídia do ponto de vista da comunicação. *Perspectiva Teológica*. Ano XXXIV, No 94, set/dez, Belo Horizonte, MG, 2002. p. 335. Cf. também VALLE, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Tópicos de Teoria da Comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 1995.
- GOUVEA, Eliane Hojaij. Comunidades eletrônicas de consolo. *Ciências Sociais e Religião*. Ano I, n 1, Porto Alegre, p. 115-129, set. 1999.
- GUARESCHI, Neusa Maria de Fátima et alli. Psicologia Social e Estudos Culturais: Rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In: \_\_\_\_\_.; BRUSCHI, Michel Euclides (orgs.). *Psicologia Social nos Estudos Culturais: Perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GUIMARÃES, Almir Ribeiro. *Comunidades de Base no Brasil: Uma nova maneira de ser em Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GUTIERREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes. 1984.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

\_\_\_\_\_. *Da Diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Thomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HAM, Carlos Emilio. *Decenio de la evangelización*, (Entrevista feita por Manuel Quintero). Disponível na Internet: <<http://www.alcnoticias.org>>. Acesso em: 14/09/2006.

HANKE, Michael. A Teoria Crítica: Dilemas e contribuições em relação à mídia e à comunicação. In: LEMOS, André et. alli. (orgs.). *Livro da XII Compós- 2003: Mídia*.BR. Porto Alegre: Sulinas, 2004. p. 96-111.

HEFNER, Philip J. A Igreja (Nono lócus). In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). *Dogmática cristã*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1995.

HERMELINK, Jan. *As Igrejas no Mundo: Um estudo das confissões cristãs*. São Leopoldo: Sinodal, 1981. p. 66.

HERVIEU-LEGER, Daniele. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? In: *Religião e Sociedade*. 18 (1), 1997.

*HISTÓRIA da Renovação Carismática Católica no Brasil*. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrazil.org.br>>. Acesso em: 20/03/2005.

*HISTÓRIA Mundial da Renovação Carismática Católica*. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrazil.org.br>>. Acesso em: 19/03/2005.

IBGE. *Censo demográfico do ano 2000*. Disponível na Internet: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17/07/2005.

\_\_\_\_\_. Disponível na Internet: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21/07/2006.

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). <<http://www.explorevale.com.br>>. Acesso em: 24/11/2004.

JARDIM, Wellington Silva. As metas que realizamos. *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano iv, n 48, p. 6-7, dezembro 2004.

\_\_\_\_\_. Fontes da salvação. *Revista Canção Nova*, São Paulo, ano V, n 53, maio de 2005.

JENSON, Robert W. O Espírito Santo. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (ed.). *Dogmática Cristã*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JOHNSON, Richard. O que é, a final, estudos Culturais? In: SILVA, Thomaz Tadeu da (org.). *O que é, a final, estudos Culturais?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KEHL, Maria Rita. Televisão e Violência do imaginário. In: \_\_\_\_; BUCCI, Eugênio. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_; BUCCI, Eugênio. Introdução: O mito não pára. In: \_\_\_\_\_. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.

LACERDA, Lucelmo. “E os católicos se renderam à Igreja Universal do Reino de Deus – Aproximações dos Carismáticos com o Neopentecostalismo”. *Espaço Acadêmico*. Ano VI. N° 71, abril/2007. Disponível na Internet: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 12/01/2008.

LEAL, Ondina Fachel. A leitura social da Novela das oito. 2 ed. São Paulo: Petrópolis/Vozes. 1990.

LIENEMANN-PERRIN, Christine. *Missão e Diálogo inter-religioso*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2005.

LINK, Rogério Sávio. *Especialistas na Migração: Luteranos na Amazônia, o processo migratório e a formação do Sínodo da Amazônia 1967-1997*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Faculdades EST/PPG, 2008.

\_\_\_\_. *Luteranos em Rondônia: O processo migratório e o acompanhamento da Igreja de Confissão Luterana no Brasil (1967-1987)*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

LÍRIO, Sérgio. “No reino da alma”, especial religião. *Carta Capital*. 23 de junho de 2004. Disponível na Internet: <<http://www.cartacapital.com.br>>. Acesso em: 25/09/2004.

LONGUINI NETO, Luiz. *El nuevo rostro de la misión: los movimientos ecuménicos y evangélicos en el protestantismo latinoamericano*. Traducción: Roselí Schrader Giese. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006.

MADURO, Otto. Notas sobre pentecostalismo y poder entre inmigrantes latinoamericanos en la ciudad de Newark. In: *XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*. Porto Alegre. 27-30 de set. de 2005.

MALDONADO, Alberto Efendy et alli. *Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 10.

OLIVEIRA, Eliane Martins. *O novo canto da Canção Nova*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

MARIZ, Cecília Loreto. “Comunidades de Vida no Espírito Santo: Um novo modelo de família?” In: DUARTE, Luis Fernando et. alli. (org.). *Família e Religião*. Rio de Janeiro, 2005-b.

\_\_\_\_\_. A “Rede Vida”: O catolicismo na TV. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. No 7 (2), edição semestral. Rio de Janeiro, 1998.

MARIZ, Cecília Loreto. A Renovação Carismática Católica. In: Afro-brasileiros, pentecostais e católicos. *Civitas*. p. 169-186. V. 3, N 1, jun. 2003.

\_\_\_\_\_. Catolicismo no Brasil contemporâneo: Reavivamento e diversidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. Comunidades de Vida no Espírito Santo, juventude e religião. *Tempo Social. Sociologia*. São Paulo: USP, 17(2), novembro de 2005-a.

MATA, Maria Cristina. *De la presencia a la exclusión*. La obliteración del conflicto y el poder en la escena mediática. Buenos Aires: Diálogos de la Comunicación, 2001.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_; *O carnaval das imagens: A ficção na televisão*. Tradução Suzana Calazans. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_; NEVEU, Erik. *Los cultural studies*. Hacia una domesticación del pensamiento salvaje. La Plata: EPC, 2002.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Algumas técnicas corporais na Renovação Carismática Católica”. *Ciências Sociais e Religião*. N 2, 2000.

MOREIRA MIGUEL, Antônio César. Semelhanças e Diferenças entre as mídias. In: CIPRIANO RABELO, Desirée (Org.). *Mutirão Brasileiro de Comunicação*. 3 ed. Porto Alegre: PadreReus; São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 37-40.

*MUTIRÃO Brasileiro de Comunicação*. 3 ed. Porto Alegre: Padre Reus; São Leopoldo: Sinodal, 2005.

NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs.). *Epistemologias, Violência e Sexualidade*. Olhares do 2º Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

NISBET, Robert. Comunidade e Sociedade. In: MENCARINI FORACCHI, Marialice; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade: Leituras de Introdução à Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

NOTÍCIAS. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com/noticias>>. Acesso em: 12/04/2005.

NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette, LINK, Rogério Sávio. Bourdieu e o fazer teológico. *Protestantismo em Revista*. Sep-Dez de 2007, ano 6, nº 3.

Disponível na Internet: <<http://www.est.edu.br/nepp>>. Acesso em 02/03/2008.

\_\_\_\_\_. “Por detrás das Câmeras! As relações Interpessoais no fenômeno religioso Canção Nova”. In: *I Seminário Internacional “Enfoques Feministas e o século XXI: Feminismo e Universidade na América Latina”*, Programa e Resumos. REDEFEM, REDOR/NEIM, Salvador – Bahia. 2005.

\_\_\_\_\_. Canção Nova: Um novo jeito de ser Igreja? In: FOLMANN, José Ivo; LOPES, José Rogério (orgs.). *Diversidade Religiosa, Imagens e Identidade*. Porto Alegre: Armazém digital, 2007. p. 309-334.

\_\_\_\_\_. Comunidade Canção Nova: Um novo jeito de ser igreja a partir do entrecruzamento evangelização-comunicação. In: BOBSIN, Oneide et alli. (orgs.). *Uma religião chamada Brasil: Estudo sobre religião e contexto brasileiro*. São Leopoldo: Oikos, 2008-a.

\_\_\_\_\_. Entrecruzando Olhares sobre Comunicação e Violência In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs.). *Epistemologias, Violência e Sexualidade*. Olhares do 2º Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008-b.

OLIVEIRA, Eliane Martins de. “O mergulho no espírito de Deus”: Interfaces entre o catolicismo carismático e a Nova Era. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 24 (1): 2004.

OLIVEIROS, Roberto. Historia de la teologia de la liberación. In: ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon (Ed.). *Mysterium liberationis: conceptos fundamentales de la teologia de la liberación*. V.I. Madrid: Trotta, 1990.

OSTERHAVEN, M. Eugene. Espírito. In: ELWELL, 1992.

OYAMA, Thaís; LIMA, Samarone. O novo catolicismo dos carismáticos. *Veja*. São Paulo: Abril, ano 31, n 14, edição 1541, p. 92-98, abr. 1998.

PIERARD, Richard V. Evangelicalismo. In: ELWELL, 1992.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: As religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 288.

\_\_\_\_\_. Ciências Sociais e Religião: A religião como ruptura. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs). *As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

PREFEITURA de Cachoeira Paulista. *Encontro do Conselho de Circuito Religioso é Realizado*. Disponível na Internet: <<http://www.cachoeirapaulista.sp.gov.br>>. Acesso em: 14/03/2008.

*PROJETO nacional de Evangelização*: “Queremos ver Jesus, caminho, verdade e vida”. Disponível na Internet: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 23/11/2006.

PUNTEL, Joana T (Irmã Paulina). Contribuições e Desafios das Mídias Católicas. In: CIPRIANO RABELO, Desirée (org). *Mutirão Brasileiro de Comunicação*. 3 ed. Porto Alegre: PadreReus; São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 33-36.

QUEM FAZ a notícia? *Cunhary: Rio das Mulheres*. Ano XIV, N° 63, Janeiro/março. São Paulo, 2006.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2da edição. Portugal: Gradiva, 1998.

REIS FILHO, Daniel Aarão. 1968, o curto ano de todos os desejos. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, V. 10, N° 2, p. 25-35, outubro de 1998.

RENOVAÇÃO Carismática Católica. Disponível na Internet: <<http://www.rccbrasil.org.br>>. Acesso em: 20/03/2005.

*RETOS de la Nueva Evangelización*. Colección Vocación y misión. Bogotá: Comunicaciones “sin fronteras”. s/d. p. 7-13.

REYS, Dominique. Rumo a nova evangelização. *Revista Canção Nova*. Ano 4, n 47, novembro de 2004.

RODRIGUES, Adriano D. A gênese do campo dos *media*. In: \_\_\_\_\_. et alli. *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. João Pessoa: Universidade Federal do Piauí / Revan, 2000.

\_\_\_\_\_. *Estratégias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1997.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na América latina e no Caribe, 1945-1995*. Vozes: Petrópolis, São Paulo: CEHILA, 1995. p. 81-131.

SANTIAGO, Luzia. Somos a Fundação João Paulo II queremos ser como o Papa: missionário incansável. *Revista Canção Nova*. São Paulo, ano iv, n 54, junho 2005.

\_\_\_\_\_. Sou serva do Evangelho. In: ABIB, Jonas. *Canção Nova: Uma obra de Deus*. 6 ed. São Paulo: Loyola / Editora Canção Nova, 2006.

SAUNDERS, Frances Stonor. *La CIA y la Guerra Fría Cultural*. Ciudad de la Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2003.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução: Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SCHULTZ, Adilson. Resenha da dissertação de mestrado em antropologia de Valdir Pedde: Carismáticos luteranos e católicos: Uma abordagem

comparativa da performance dos rituais. In: TRENTINI, Ademir et alli. *Movimento de Renovação Espiritual: O Carismatismo na IECLB*. São Leopoldo: EST, 2002.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. A democratização autoritária: do golpe militar à redemocratização 1964/1984. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História geral do Brasil*. 9 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990. p. 363.

SMITH, Wilfred Cantwell. *O sentido e o fim da religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando @ cultura, a comunicação e seus produtos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

STRECK, Valburga Schmiedt. *Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

\_\_\_\_\_; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

STRÖHER, Marga; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (orgs.). *À Flor da Pele: Ensaio sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

\_\_\_\_\_; MUSSKOPF, André (orgs.). *Corporeidade, Etnia e Masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americanos de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TEMPESTA, Dom Orani João. Disponível na Internet: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 27/05/2006.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 4ª Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

VALLE, Carlos. *Comunicación y Misión en el laberinto de la Comunicación*. São Leopoldo: Sinodal; Londres: World Association of Christian Communication; Quito: CLAI, 2002.

\_\_\_\_\_. *Evangelización y Comunicación*. Visiones y Herramientas (itinerario por la teología práctica). Vol III. Buenos Aires: ISEDET, 2005.

VASQUEZ, Manuel A.; RIBEIRO, Lúcia. "A Igreja é como a casa da minha mãe": Religião e espaço vivido entre brasileiros no condado de Broward. *Ciências Sociais e Religião*. Ano 9, No 9, Setembro de 2007.

VERÓN, Eliseo. *Comunicación*. Buenos Aires: Verón & Asociados, 1997.

VILLAR, Evaristo. A los 40 años del Vaticano II. *Revista Signos de Vida*. Quito: CLAI, n 38, diciembre 2005. p. 32-35.

VOLCAN, Marcos. Renovação Carismática Católica: 40 anos de história. Disponível na Internet: <<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 16/02/2007.

VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. II. ASTE. São Paulo, 1986.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo: Em busca da reconstrução do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *O capitalismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 83ss.

WEBER, Timothy P. Evangelização. In: ELWELL, Walter A. (ed.). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Vol. II, E-M. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 121-124.

WESTPHAL, Euler R. As mediações das experiências do Espírito Santo. *Estudos Teológicos*. Ano 40, n 2. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

WILLIAMS, Raymond. The analysis of culture. In: BENNET, Tony et alli. (Orgs.). *Culture, ideology and Social Process – A Reader*. London: The Open University, 1989.

ZWETSCH, Roberto Ervino. *Missão Como Com-Paixão: Por uma Teologia da Missão em Perspectiva Latino-Americana*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2007.

<<http://www.wacc-al.net/quees.html>>. Acesso em: 10/12/2006.

<<http://www.webtvcn.it>>. Acesso em: 10/01/2007.

<<http://www.arquidiocesedesapaulo.org.br>>. Acesso em: 15/08/2007.

<<http://www.paroquiasaofrancisco.com>>. Acesso em: 15/08/2007.

<<http://blog.cancaonova.com>>. Acesso em: 15/01/2008.

<<http://www.cancaonova.com>>. Acesso em: 15/02/2008.

<<http://bomdemais.cancaonova.com>>. Acesso em: 24/02/2008.

ISBN: 978-85-68730-06-5



9 788568 730065

